



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DANIEL COSTA VALENTIM

**“SEMEAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO”: ECONOMIA DO
COMPARTILHAMENTO E DISPERSÃO DE SEMENTES DIGITAIS ATRAVÉS DE
REDES P2P**

FORTALEZA

2017

DANIEL COSTA VALENTIM

**“SEMEAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO”: ECONOMIA DO
COMPARTILHAMENTO E DISPERSÃO DE SEMENTES DIGITAIS ATRAVÉS DE
REDES P2P**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jânia Perla Diógenes de Aquino.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- V252s Valentim, Daniel Costa.
“Semear é preciso, viver não é preciso”: economia do compartilhamento e dispersão de sementes digitais através de redes P2P. / Daniel Costa Valentim. – 2017.
332 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2017.
- Orientação: Profa. Dra. Jânia Perla Diógenes de Aquino.
1 Redes de computadores – Aspectos sociais. 2. Arquitetura peer-to-peer (Redes de computadores) – Aspectos sociais. 3. Compartilhamento de arquivos de computador – Aspectos sociais. 4. Compartilhamento de arquivos de computador – Aspectos econômicos. 5. Compartilhamento de arquivos de computador – Aspectos psicológicos. 6. Arquitetura peer-to-peer (Redes de computadores) – Direito e legislação – Brasil. 7. Mídia Social. I. Título.

DANIEL COSTA VALENTIM

**“SEMEAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO”: ECONOMIA DO
COMPARTILHAMENTO E DISPERSÃO DE SEMENTES DIGITAIS ATRAVÉS DE
REDES P2P**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Aprovada em: 12/05/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Eliane Tânia Martins de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (URFN)

Prof. Dr. Fernando de Mendonça
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para Aaron Swartz (1986-2013),

o menino da internet!

AGRADECIMENTOS

Gratidão à minha mãe, Sandra Valentim! A rainha do meu coração!

Gratidão às minhas avós (Antônia Valentim e Maria de Lurdes). Sem vocês nessa jornada eu certamente não teria chegado até aqui.

Gratidão ao meu querido avô, Aduino Valentim (em memória).

Gratidão ao meu pai, Francisco Valentim!

Gratidão à todas as pessoas da minha família Valentim, especialmente: Estela, Lúcia, Vicente, Graci, Nelson, Eliane, Stênio, Adriana, Elison, Gustavo, Gizele, Lindon, Danieli, Isabelle, Kayo, Márcio, Bruno, Mariana, Gabriele, Larissa, Beatriz, Bianca, Victória, Pedro Lucas, Renan, Ângelo, Gabriel e Miguel.

Gratidão à toda a falange dos encantados, que guiaram meus pés e minhas mãos quando tudo parecia pesado e irremovível. Sou grato por me mostrarem as páginas dos livros...

Gratidão a todos os anjos da Tenda Rei Salomão e Santa Bárbara, especialmente meus mestres ensinados: Mãe Joana e Pai Antônio. Sou também grato aos meus amigos e amigas frutos desta árvore: Auri, Jonas, Rayssa, Conceição, Luciano, Bárbara, Cassinha, Rodrigo, Paola, Ludymylla, Daniel, Lucas e Fabrício.

Gratidão a minha orientadora Jania Perla Diógenes de Aquino, pelas doces palavras e pela confiança depositada, mesmo nos momentos mais escuros!

Gratidão ao meu infinito amigo Gla(irtton). Sou grato por você está sempre presente Além do mais, sou grato por sua ajuda na feitura do “abstract” desta tese. Nossa amizade “resume” a importâncias dos bons amigos em nossas vidas.

Gratidão ao meu irmão Alexandre Machado. Meus agradecimentos pelo ontem e pelo hoje... e pelos “mínimos gestos” (*que ainda semeio*) de amor e poesia...

Gratidão aos meus amigos do projeto Lutas Simbólicas: Wesley Fellipe, Wisley Nunes e Atila Tahim. Sou grato por vocês embarcarem comigo neste sonho!!! E estamos quase lá...

Gratidão à toda a galera dos coletivos de produções artísticas e culturais das periferias de Fortaleza, especialmente o Coletivo Entre Olhos, Descabelo e Conselho de Moradores do Planalto do Pici. Meus agradecimentos à todas as pessoas da residência artística Casa das Fadas, especialmente Adileh Aryan, Samara Sampaio, Italo Aquino e Misa Moura. Agradeço também à galera da residência artística “Comuna” (em Mossoró), especialmente ao meu amigo pirata Mateus Nobre.

Gratidão aos meus amigos e amigas, figuras resistentes das humanidades, especialmente Edgar Braga, Érika Meneses, Gustavo Fernandes, Ricardo Gadelha, Ércilio Langa, David Moreno, Fernando Cavalcante, Juliano Gadelha, Paulo Rogers e Ítalo Lima.

Meus sinceros e especiais agradecimentos aos membros que (de forma muito gentil e solícita) aceitaram o convite para participar (de corpo e presença) da banca examinadora desta tese, são eles: Tania Freitas, Fernando Mendonça, Alba Pinho e Glória Diógenes. Eu agradeço cada palavra, dica, crítica e comentário realizado durante a defesa. Vou um momento incrível!

Gratidão a Glória Diógenes e ao Leonardo Sá, pelos comentários e dicas compartilhadas durante a banca de qualificação desta tese. Meus agradecimentos também aos professores e professoras do departamento de sociologia da Universidade Federal do Ceará, especialmente: Domingos Abreu, Isabelle Braz, Alba Pinho, Cristian Paiva, Luiz Fábio, Danyelle Nilin, André Haguette, Andrea Leão, Fabio Gentile, César Barreira e Neyara Araújo. Gratidão por demonstrarem na prática que a sociologia é feita de amor e paixões... Os brilhos e as chamas de suas aulas ainda me queimam, mesmo meses após nossos encontros.

Gratidão aos meus amigos professores, pessoas demais importantes em minha trajetória acadêmica, especialmente Roberto Lima, Kadma Marques, Max Maranhão, Gil Jacó, Rosemary Almeida, José Jorge de Carvalho, Eduardo Viveiros de Castro, Gustavo Lins Ribeiro e Laura Graziela Gomes.

Gratidão aos amigos e amigas que participaram da “Semana de Antropologia da UFRN” (realizada em maio de 2016), especialmente Tania Freitas (novamente), Marcelo Castañeda, Arthur Coelho e Barbara Copque.

Gratidão aos meus amigos e amigas “pessoas-fortaleza”, especialmente Clay Castelo, Kêmilly Meneses, Bemfica Bemfica, Savyo Enrico, Lucas Moreira, Dalvânio Ócio, Maria Micinete, Ermando e Armando Alencar.

Gratidão a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) pela concessão da bolsa de estudos.

Gratidão aos piratas anônimos dos bancos de dados digitais, especialmente aquelas pessoas que atuam para manterem vivas bibliotecas “ilegais”, especialmente “Library Genesis” (LibGen), “SciHub” e “BooksOs”. Meus agradecimentos por libertarem a ciência e o conhecimento das mãos das editoras corporativistas e do grande negócio do capital intelectual... #CompartilhePDF

Gratidão a todos que acreditam nas curas pelas plantas de poder e às buscam com humildade para seus crescimentos pessoais. Gratidão aos sopros no ouvido que me ajudaram a acordar e levantar da rede, quando tu parecia escuro e perdido: “Te segura aí irmão!”... “Lindo, indescritível e inacreditável...”.

Por fim, gratidão a todas as pessoas que acreditam nas sementes digitais e na cultura livre, especialmente aos membros da comunidade Oásis! Agradeço a vocês sem restrições, sem distinções de grupos. Agradeço a cada membro, a cada perfil. “Os membros do [Oásis] tem cara”, tem alma e tem coração. Vocês sabem que vocês são. Nós nos conhecemos. E vocês me conhecem. Ou não. Gratidão, do fundo do coração, pelos momentos que passamos juntos ao longo destes anos e pelos preciosos presentes recebidos...

“Nada aqui é representativo. Tudo é vida e vivido [...]”

(Deleuze & Guattari).

RESUMO

A presente tese versa sobre compartilhamento de arquivos na era da internet. Analisaremos aspectos da socialidade em uma comunidade online especializada na arte do cultivo, sementeio, preservação e disseminação de arquivos digitais (compreendidos enquanto “sementes digitais”). As sementes digitais são basicamente qualquer arquivo de computador digitalizado (por exemplo, um filme, uma música, um livro, um *software* etc.) que necessita ser semeado virtualmente até que floresça e possa ser compartilhado através da internet via redes P2P (*peer-to-peer*). Nesse sentido, esta tese é uma narrativa sobre uma experiência relacional que vivenciamos (de 2008 a 2017) em uma comunidade de “cyberagricultores” denominada *Oásis* (nome fictício). O *Oásis* é uma comunidade fechada que possui cerca de 60 mil membros registrados (até início de 2017). Nossa perspectiva metodológica nos levou a seguir linhas erráticas dos traçados digitais que compõem as dinâmicas singulares que constituem aquilo que denominamos de “economia do compartilhamento”. Deste modo, tentamos elucidar o movimento das sementes digitais através dos sentidos de moralidades creditados pelos “semeadores de arquivos” que frequentam esta comunidade em particular. Com efeito, relatamos nesta tese práticas e vivências que compõem aquilo que identificamos como “ética do compartilhar”, espécie de “espírito do compartilhamento” que atua (através de uma alquimia simbólica) na transformação de arquivos ou mercadorias digitais em presentes, dádivas e honrarias prontas para serem dispersadas através de redes cooperativas e descentralizadas de compartilhamento. Dito de outro modo, uma semente digital pode ser melhor apresentada sob a forma de uma “coisa viva”, isto é, como uma semente de vida carregada de riquezas, dignidades e esperanças, exatamente por estabelecer o entendimento de que produções culturais são artefatos produzidos para serem dispersados livremente como um “bem comum”. Por fim, ressaltamos de que forma esta cyberecologia se apresenta como um projeto que pretende garantir a implantação de uma rede de proteção de sementes digitais ameaçadas pelo esquecimento e pelo descaso.

Palavras-chave: Cyberecologia. Sementes Digitais. Internet. Socialidade. Economia do Compartilhamento. Redes P2P

ABSTRACT

The present thesis deals with file sharing in the age of the Internet. We will analyze aspects of sociality in a file sharing community specialized in the art of cultivating, sowing, preserving of digital files (described as “digital seeds”). Digital seeds are basically any digitized computer file (for example, a movie, a song, a book, a software etc.) that needs to be virtually planted until it blooms and can be shared over the internet by P2P (peer-to-peer) networks. In this sense, this thesis is a narrative about a relational experience that we experienced (from 2008 to 2017) in a community of cyber seeders named Oasis (fictitious name). Oasis is a closed community that has about 60,000 registered members (until early 2017). Our methodological perspective led us to follow erratic digital paths that make up the unique dynamic that constitutes what we call "sharing economy". In this way, we try to elucidate the movement of digital seeds through the senses of morality credited by the "file sharers" who particularly attend that community. Indeed, in this thesis we report practices and experiences that make up what we identify as "ethics of sharing", a sort of "spirit of sharing" that acts (through a symbolic alchemy) in the transformation of digital files or goods into gifts and honors ready to be dispersed through cooperative and decentralized sharing networks. In other words, a digital seed can best be presented in the form of a "living thing"; that is, as a seed of life laden with riches, dignities and hopes, exactly for establishing the understanding that cultural productions are artifacts produced to be freely dispersed as a "common good." Finally, we highlight how this cyber ecology presents itself as a project that intends to ensure the implementation of a protection network of digital seeds threatened by forgetfulness and neglect.

Key words: Cyber ecology. Digital seeds. Internet. Sociality. Sharing economy. P2P networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01	Detalhe de um dos elementos da página inicial da comunidade Oásis.....	20
FIGURA 02	Informações públicas de meu perfil na comunidade Oásis.....	53
FIGURA 03	Avatar não-personalizado de um membro da comunidade Oásis.....	69
FIGURA 04	Polícia Federal em parceria com a Interpol derruba sites “piratas” no Brasil.....	120
FIGURA 05	Imagem que simboliza o troféu Merde D’Or.....	182
FIGURA 06	<i>Emoticon</i> utilizado para expressar afetividades e emoções na comunidade Oásis.....	222
FIGURA 07	Sistema de informações de arquivos do sistema operacional Windows exibe propriedades de um “arquivo torrent”.....	241
FIGURA 08	Interface do <i>software</i> uTorrent para Windows.....	242
FIGURA 09	Detalhe da interface do <i>software</i> uTorrent. Aba “Pesquisa”.....	243
FIGURA 10	Detalhe da interface do <i>software</i> uTorrent. Aba “Semeação”.....	245
FIGURA 11	Detalhe da interface do <i>software</i> uTorrent. Aba “Transferências”..	245
FIGURA 12	Detalhe da interface do <i>software</i> uTorrent. Aba “Geral”.....	246
FIGURA 13	Mensagem no Oásis sugere cooperação entre pares.....	247
FIGURA 14	Estatísticas de uso demonstram membros sanguessugas.....	266

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Títulos dos membros das pessoas mais ativas no Oásis.....	63
QUADRO 02	Visão geral de alguns aspectos dos grupos da comunidade Oásis.....	77
QUADRO 03	Data da criação dos grupos do Oásis.....	83
QUADRO 04	Quantidade de postagens dos dez membros mais participativos do Oásis e seus respectivos grupos.....	88
QUADRO 05	Divisão por quantidades dos três tipos de sementes.....	147
QUADRO 06	Comparativo entre as quantidades das sementes presentes e as sementes recomendadas mais baixadas no fórum.....	172
QUADRO 07	Guia de emoticons disponíveis na comunidade Oásis.....	223

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Percentual da quantidade de postagem realizadas pelo autor na comunidade Oásis, de acordo com os dois momentos da pesquisa.....	96
GRÁFICO 02	Porcentagem referentes aos grupos no qual estão inseridas as pessoas que realizaram recomendações de sementes no fórum.....	163
GRÁFICO 03	Ano de referência das datas oficiais de lançamentos das sementes recomendadas no Oásis.....	170
GRÁFICO 04	Demarcações continentais de onde provém as sementes recomendadas mais baixadas no Oásis.....	174
GRÁFICO 05	Locais de onde provém as sementes banidas do Oásis.....	186
GRÁFICO 06	Idiomas nas quais são expressas as sementes banidas do Oásis.....	187
GRÁFICO 07	Ano de lançamento oficial das sementes banidas no Oásis.....	189

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: UMA PESQUISA EM TEMPOS DE GUERRA.....	17
1.1	Relatos de guerra.....	30
1.2	Questões de pesquisa.....	35
2	TRAÇADOS DIGITAIS NO OÁSIS: PISTAS, CAMINHOS E ACESSOS ETNOGRÁFICOS.....	44
2.1	Os perfis dos membros do Oásis.....	50
2.1.1	O nick (nome de perfil).....	53
2.1.2	O título do membro.....	59
2.1.3	O avatar (ou foto de perfil).....	65
2.1.4	Os grupos.....	74
2.2	Em busca dos “encontros éticos”: desafios e percalços desta experiência relacional.....	110
3	SOBRE AS SEMENTES DIGITAIS: TRAÇADOS E PERSPECTIVAS NA BUSCA VIVA E ATIVA POR TAIS ESTRANHOS ARTEFATOS.....	125
3.1	Abrindo a caixa-preta das sementes digitais.....	130
3.2	Arquivos digitais enquanto presentes (ou sementes).....	137
3.2.1	Sementes presentes.....	148
3.2.2	Sementes recomendadas.....	158
3.2.3	Sementes banidas.....	178
4	SOBRE A DISPERSÃO DAS SEMENTES DIGITAIS: ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO E ESTRATÉGIAS DE SEMEAÇÃO ONLINE.....	197
4.1	A vida germinal das economias: o capital-semente, o capital-germe e o capital-cotilédone.....	200
4.2	A economia dos interesses apaixonados: sementes digitais, paixões e compartilhamento online.....	214
4.3	“Manual de Sobrevivência no [Oásis]”: tutorial para entrar no “mundo torrent”.....	229

4.4	A sementeação online: torrentes de dados e dispersão de sementes.....	236
4.5	A regra de ouro: “Semeie duas vezes aquilo que você baixar”	247
4.6	As “caixas de sementes” (<i>seedboxes</i>).....	252
4.7	“Semeie sempre. Comente sempre”: sobre os dois “espíritos”	257
4.8	Vampiros e sanguessugas: a negação da cooperação e a participação limitada.....	262
4.9	O fechamento das portas e o corte dos 40.000 membros.....	270
5	CYBERECOLOGIA ONLINE E LUTAS POLÍTICAS: AS SEMENTES DIGITAIS ENQUANTO BENS COMUNS DO CONHECIMENTO.....	283
5.1	O compartilhamento dos comuns e a clausura da propriedade intelectual...	288
5.2	As sementes digitais e a perspectiva dos bens comuns do conhecimento...	294
5.3	“Mutirão [Oásis]”: Os guardiões das sementes digitais.....	302
5.4	“O direito de olhar, de narrar e de imaginar o mundo”: conhecimento, diversidade e proteção das sementes digitais ameaçadas.....	308
6	CONCLUSÃO: “SEMEAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO”.....	316
	REFERÊNCIAS.....	322

1 INTRODUÇÃO: UMA PESQUISA EM TEMPOS DE GUERRA

[...] as pessoas estão divididas, não tanto pelo que possuem, mas pelo que fazem com suas posses e atributos no que diz respeito aos outros (STRATHERN, 2014, p. 409).

Nós sonhamos com outras coisas, mais clandestinas e mais alegres. Não faremos mais concessão alguma, já que necessitamos menos delas. E sempre encontraremos aliados que queiramos ou que nos queiram (DELEUZE, 1992, p. 18).

Em meados de julho de 2008, um querido amigo¹ avisou-me sobre uma novidade avassaladora. Estávamos (provavelmente) sentados nos bancos de concreto no pátio do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) – enquanto ainda cursávamos a graduação em Ciências Sociais – quando ouvi falar pela primeira vez sobre a **comunidade inconfessável**² que constituiu o *locus* onde foram realizadas as principais experimentações de campo que conduziram esta pesquisa. A comunidade em questão apenas pode ser acessada on-line, mas dificilmente se assemelha à maioria das páginas, *sites* e *blogs* que existem por aí.

Em um sentido estrito, pude perceber que no instante fugaz de uma conversa habitual emergiu a possibilidade de construção de um destino insólito – refiro-me às conhecidas “conversas de almoço”, que se estendiam ao longo de todos os “meios-dias letivos” nos pátios do “CH da UECE”). Em uma dessas conversas, a

¹ Reitero meus agradecimentos ao meu amigo Bruno Sampaio pelas passageiras e despreziosas conversas compartilhadas.

² Nos termos expressos por Maurice Blanchot (2013), a ideia de uma “comunidade inconfessável” nasce através de um movimento de tentativa de “desconstrução do sistema de comunhão” que assombra e se impõe nas diversas articulações teóricas e políticas que submergiram no debate sobre as possibilidades (e impossibilidades) da existência (e da ausência) das comunidades. Nesse sentido, a crítica do autor se aprofunda na tentativa de desarticulação de um plano de fundo nebuloso e inapropriado que ele denomina de “exigência comunitária”, na qual impõe definições e articulações sobre a “vida comunitária” embebida em um certo grau de uma “imanência absoluta”, de uma “humanidade imanente”. Nas palavras do autor: “A comunidade ocupa, portanto, esse lugar singular: ela assume a impossibilidade de sua própria imanência, a impossibilidade de um ser comunitário como sujeito. A comunidade assume e inscreve de alguma maneira a impossibilidade da comunidade...” (BLANCHOT, 2013, p. 23). Partir da discussão sobre o conceito de “comunidade” é considerado algo relevante nesta pesquisa porque esta ideia está presente no núcleo central das aspirações dos membros que fazem parte do “agrupamento coletivo” onde foram realizadas as principais experimentações empíricas desta tese. Assim, salientamos que a definição “comunidade” (ao nos referirmos ao *locus* empírico desta tese) terá sempre como horizonte categórico o conceito de “comunidade inconfessável”, principalmente no aspecto que tange a possibilidade da existência da comunidade afastada da ideia de “fusão comunal”.

novidade avassaladora: a descoberta da comunidade online “Oásis”, na qual tinha como fator aglutinador a busca pelo compartilhamento irrestrito de certas “preciosidades”: coisas que nos interessavam, coisas que nos aglutinavam, coisas que nos moviam. Lembro-me de conversarmos entusiasmados sobre essa comunidade por horas. Naquela conversa emerge a possibilidade do “ciberacontecimento”³: a descoberta de uma potente “máquina de guerra”⁴.

O fórum online em questão tinha um nome bem peculiar, mas devido a razões que serão debatidas em outros tópicos desta tese a chamaremos apenas por um nome fictício: comunidade “Oásis”. Certa vez, um dos membros do “Oásis” postou a seguinte mensagem que contém (em nossa perspectiva) diversos elementos que resumem algumas características definidoras desta comunidade. Neste comentário tal membro afirmava para ele a importância desse fórum, ressaltando a característica de que lá “o compartilhamento é fantástico” (dessas “preciosidades” de que falamos a pouco), e torcia para que os “membros atuais” continuassem o movimento solidário

³ De acordo do Jungblut (2015, p. 18-19), o ciberacontecimento pode ser compreendido enquanto eventos que acontecem no ciberespaço, mas que nem por isso não deixam de vincular as pessoas envolvidas em processos complexos de toda sorte de engajamentos. Falar de ciberacontecimentos é falar de momentos irruptivos, que eclodem e transformam de forma pungente as pessoas envolvidas. “Frequentes dramatizações de acontecimentos como estes ocorrem no ciberespaço porque muitos de seus habitantes para ali afluem cotidianamente em busca de episódios que quebrem com a monotonia do ordinário e façam jorrar torrencialmente consequências imprevistas e mobilizadoras de atenção. Quando desencadeados, esse tipo de acontecimento-circuito se retroalimenta pelos efeitos por ele produzidos, como no mundo *on-line* como no *off-line*.” A partir destas observações, percebo que a minha descoberta da comunidade Oásis pode ser entendida enquanto um ciberacontecimento em minha vida.

⁴ “Pra mim o [Oásis] é uma máquina de guerra”, essa declaração foi uma das articulações conceituais na qual um dos membros da comunidade manipulou para definir tal experiência associativa. Em diversos momentos desta pesquisa percebemos situações que interligavam o “discurso do antropólogo” e o “discurso do nativo” em uma única caixa de ressonância. Neste caso específico, o conceito “máquina de guerra” (como exposto nos termos de Gilles Deleuze e Félix Guattari) é manobrado e articulado pelo próprio “nativo”. Ao tentar construir uma crítica a respeito da vantagem epistemológica do discurso do antropólogo sobre o discurso do nativo, Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 115, grifos nossos) sublinha um aspecto sombrio e inoculante a respeito das regras de um estranho “jogo de linguagem” presente no modo de produção do conhecimento antropológico, que define cada personagem designada nesta relação social (no caso, o antropólogo e o nativo) a partir de uma usual vantagem estratégica do discurso do primeiro sobre o discurso do segundo. “O antropólogo tem usualmente uma vantagem epistemológica sobre o nativo. O discurso do primeiro não se acha situado no mesmo plano que o discurso do segundo: o sentido que o antropólogo estabelece depende do sentido nativo, mas é ele quem detém o sentido desse sentido – ele quem explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido. [...] O discurso do nativo não detém o sentido de seu próprio sentido”. Nesse sentido, julgamos oportuno salientar que em diversos momentos seguimos traçados filosóficos e pistas conceituais lançados pelos próprios nativos como uma tentativa de garantir a “continuidade epistêmica” do discurso do nativo, dentro do discurso do antropólogo. O efeito de conhecimento resultante deste exercício possui um significado político e epistemológico, pois ele reivindica uma “igualdade ativa” entre os ambos os discursos.

de democratização de conhecimentos proporcionado pela circulação livre e irrestrita de determinadas “coisas”.

É importante notar que o [Oásis] é um movimento, que pelo que foi dito, ao longo dos anos arrasta pessoas com a sua força... Comigo foi assim, está sendo assim, foi inclusive no movimento [semente] livre que eu tomei contato com a existência disso aqui... [...] E eu pensando no choque e na rapidez com que tudo aconteceu, como isso existia e eu não sabia, ninguém que eu conhecia tinha notícias, foi um choque [...]. A diferença é que aqui ficou tudo mais fácil, o compartilhamento é fantástico, me dá forças pra buscar [arquivos] que não [existem] por [aí], aprendo com os comentários e indicações dos monstros [...]. Que agora [...] o [Oásis] adquira uma outra velocidade, que os membros atuais imprimam força, solidariedade e continuem democratizando conhecimentos... Pra mim o [Oásis] é uma máquina de guerra, lutando contra a mediocridade, lutando a favor da vida, do enriquecimento das nossas mentes... Vida longa ao [Oásis], sempre!!! (Grupo: Projetores / julho de 2008 / grifos nossos).

Além desta instigante mensagem de apoio ao fórum, podemos notar nas palavras dessa pessoa um “espanto inicial” (concebido como um “choque”) ocasionado pela descoberta dessa “máquina de guerra”. “Como isso existia e eu não sabia?”, foi exatamente o mesmo questionamento que me fiz ao tomar conhecimento da existência deste fórum. Além de tudo, também notamos que para tais pessoas, a comunidade Oásis não poderia ser compreendida apenas enquanto uma “rede social online” genérica, criada para pessoas poderem fazer amigos e enviarem mensagens umas às outras. Longe desta perspectiva, logo notamos que esta comunidade possui objetivos mais complexos, e que tais objetivos (ou missões) vinculam as experiências dos membros em contextos específicos de lutas políticas. É por esta razão que tal pessoa entende que o Oásis “é um movimento” – isto é, se preferirmos usar uma expressão mais conhecida do linguajar das ciências sociais, um “movimento social”. Mas como era possível fazer parte desta comunidade? Como acessá-la? “E eu pensando no choque e na rapidez com que tudo aconteceu...”.

Ao chegar por lá pela primeira vez, percebi que as portas não estavam assim tão abertas, mas não foi difícil conseguir as “chaves de acesso” que me garantiram a entrada nesta comunidade. Ao excluir a falta de acesso aos equipamentos tecnológicos necessários para realizarmos uma conexão com a internet através de qualquer dispositivo, podemos identificar duas principais barreiras que me impediram de adentrar (mais cedo, ou seja, antes de julho de 2008) nessa comunidade.

A primeira barreira se esvaneceu logo no instante em que descobri o endereço da *homepage*, espécie de signo linguístico mágico que me levava aos portões de acesso da comunidade (mas não a ela totalmente). Lembro-me que confiei em minha memória e guardei na mente as tais “palavras mágicas” que começava com o famoso “www” e terminava com o domínio “.org”⁵. Essa era a barreira do desconhecimento, que foi vencida logo no instante em que a comunidade me foi anunciada por meu amigo nessa primordial “conversa de almoço”. A segunda barreira se apresentou quando fui informado que apenas membros registrados podiam ter acesso ao conteúdo da comunidade. Sem essa credencial, não era possível visualizar qualquer tipo de conteúdo do grupo. “O administrador requer que todos efetuem *login*”, é a frase em destaque que nos deparamos ao chegarmos às portas do Oásis.

Na página inicial do *site*, não há muita coisa para se ler ou para se ver além de duas colunas em branco – local onde os membros devem digitar suas credenciais (FIGURA 1). Sem um “nome de usuário” devidamente registrado, que deve ser acompanhado de uma senha pessoal, não é possível dar qualquer passo. Apenas após a confirmação desses dados você está de fato “dentro da comunidade”.

FIGURA 1 – Detalhe de um dos elementos da página inicial da comunidade Oásis.

A imagem mostra uma interface de usuário para login. No topo, há um cabeçalho escuro com o texto "Entrar" em branco. Abaixo dele, um subtítulo indica "Informe seu nome de usuário e senha". O formulário contém dois campos de entrada: o primeiro é rotulado "Nome de usuário ou e-mail:" e o segundo é rotulado "Senha". Entre os campos, há um link que diz "Precisa de uma conta? Cadastre-se agora!". Abaixo do campo de senha, há um link que diz "Esqueci minha senha".

Fonte: Arquivo pessoal do autor (março de 2015).

⁵ Em princípio, podemos salientar que a associação da comunidade Oásis ao “nome genérico de domínio” (*generic top level domain* ou gTLD) “.org” pode nos revelar algo importante sobre este agrupamento coletivo. De acordo com Mounier (2006, p. 10), um gTLD é constituído por um conjunto de “poucas letras que finalizam o endereço de um *site* da Internet”. Os principais e mais básicos “nomes genéricos de domínio” que existem na internet são os seguintes: “.com” (para comércio), “.org” (para associações), e “.net” (para passarelas de rede). Neste sentido, vale observar que nossa comunidade assegura através de seu nome de domínio um espaço simbólico que a compreende como uma “organização”. Tendo como base a complexa economia do sistema de nomes que garantem o acesso das pessoas às páginas existentes na internet, podemos ressaltar que talvez uma das consequências mais expressiva desta demarcação simbólica seja a criação de uma fronteira que assegura uma zona anti-comercial, ou mesmo anti-econômica da comunidade Oásis.

Existem duas formas de alguém se tornar um “membro registrado”. O modo mais usual consiste no recebimento de um “convite eletrônico” que precisa ser enviado por *e-mail* por algum outro membro do fórum. O modo mais incomum (e foi exatamente essa a minha forma de ingresso) consiste na entrada em determinados momentos na qual os administradores deixam as “portas abertas”, livres para quem quiser chegar e criar um perfil. Esses momentos especiais costumam acontecer no mês de julho (data que marca o mês de aniversário do fórum) e durante os festejos de fim de ano.

E foi exatamente no dia 19 de julho de 2008 que eu comecei oficialmente a fazer parte desta experiência comunitária. Assim como qualquer pessoa, eu tive que preencher alguns dados, sendo que nenhum deles eram obrigatórios (exceto o endereço de *e-mail* e um nome de usuário). Entretanto, resolvi deixar público em meu perfil (denominado apenas “valentim”) algumas informações que considerei relevantes: data de nascimento (22 de julho de 1985), minha cidade (Fortaleza), meus interesses (Compartilhar!). Além disso, em uma sessão do perfil denominada “Quem sou eu”, escrevi as seguintes frases: “Interesses em cinema, música, games (eletrônicos ou não), livros etc. Interesses em pessoas que curtam cinema, música, games (eletrônicos ou não), livros etc”. A partir desse instante, eu já era um membro oficial e já estava apto a conversar e navegar pela maior parte dos conteúdos.

Aparentemente essa comunidade não parece diferir de qualquer experiência gregária em redes sociais online que se avolumam por aí. Um usuário recebe uma “chave de acesso”, cria um perfil, preenche alguns dados, e a partir desse momento está apto a criar mensagens, visualizar discussões, compartilhar coisas, trocar ideias etc. Qual seria então a “novidade avassaladora” que ocasionou em mim tanto interesse e curiosidade? O aspecto central dessa grande novidade está formalizado naquilo que unifica os desejos em que cada membro deste agrupamento coletivo está radicalmente atrelado ao aderir aos ideais e modos de vida deste grupo. O desejo deste “movimento” (que se apresenta antes de tudo como uma “missão”) consiste na criação de um complexo fórum online que têm por objetivo garantir – através de um amplo sistema tecnológico, linguístico, ritual, econômico e performático – o acesso mais amplo e irrestrito possível a determinados (e específicos) tipos de **bens culturais digitalizados** considerados legítimos por esses indivíduos. Ou seja, o Oásis é uma comunidade online de compartilhamento de arquivos digitais.

Mas o Oásis guarda outra grande peculiaridade, que para esta pesquisa talvez seja aquela característica que melhor definiu os rumos deste empreendimento intelectual. Associado a um movimento global constituído após o lançamento (em meados de 2001) de uma específica tecnologia de redes de computadores “P2P” (“*peer-to-peer*” [parceiro à parceiro]) denominada nesta tese como “sistema torrente”, os membros do Oásis embarcaram em uma grande novidade: o lançamento de uma tecnologia extremamente resiliente, cooperativa, anônima e descentralizada que prometia o compartilhamento eficiente de arquivos de computadores entre pares. Mesmo arquivos considerados “grandes”, com tamanhos especificados em *gigabytes* ou mesmo em *terabytes*, poderiam agora ser compartilhados entre pares (*byte* por *byte*). Para tanto, uma certa “filosofia ecológica” entraria em ação: isso porque o sistema torrente se baseia em uma concepção um tanto particular de seu método de distribuição dos arquivos. E sua principal inovação consiste no entendimento de que arquivos de computadores seriam melhor dispersados ao serem transformados em “sementes digitais” e as pessoas envolvidas neste sistema de distribuição em cyberagricultoras. Assim, estava formulado o entendimento de que arquivos de computadores não seriam apenas “baixados”, mas sim “semeados”. Esta é a base geral da cyberecologia fundada através do ato de sementeação de sementes digitais.

Como se pode ver, a comunidade Oásis pode ser descrita como um fórum na qual um número determinado de pessoas⁶ se enlaçam em diversas *redes sociotécnicas*⁷ com o objetivo de criar rotas mais abertas e acessíveis para o consumo destes arquivos. Contudo, muitos desses bens compartilhados são considerados “propriedades intelectuais” de indivíduos ou de corporações. E é exatamente neste ponto em que esta pesquisa se encontra entrincheirada em um **campo de guerra**, assolada por um potente conflito (invisível e silencioso, na grande maioria das vezes, mas não menos brutal) que consiste em uma luta, na qual o que está em jogo

⁶ Pouco mais de 60.000 (em março de 2017), mas não é possível quantificar com clareza, haja vista que este número varia consideravelmente devido a dinamicidade dos encontros.

⁷ O conceito de “redes sociotécnicas” se apresenta como uma revisão epistemológica e metodológica do quadro conceitual utilizado pelos cientistas sociais para compreender a relação entre o binômio tecnologia e sociedade. De acordo com Callon (2010), cada inovação é, antes de tudo, o resultado de uma complexa trama de negociações em que agentes (humanos e não-humanos) definem, elaboram e adaptam suas características peculiares. De fato, a emergência de novas formas de sociabilidades impulsionadas por específicas ferramentas tecnológicas de ponta nos sugerem que é imprescindível lançarmos um olhar sensível sobre a relação dos seres humanos com os diversos artefatos técnicos (VALENTIM, 2012).

perpassa a própria continuidade da existência desse peculiar “modelo de dispersão”⁸ das sementes digitais que florescem nos jardins da comunidade Oásis. Esse modelo desafia e põe em questão certos limites jurídicos estabelecidos pela ordem hegemônica e isso conduz a um rescaldo avassalador que termina por envolver (em potência) cada indivíduo inserido nestas experiências associativas.

Em um sentido geral, podemos tentar resumir esta luta a partir da seguinte perspectiva: de um lado desta contenda encontramos aqueles agentes que tentam consolidar as experiências de consumo de bens culturais na internet tendo como reflexo e modelo as regras e códigos estabelecidos pelas leis do mercado de consumo neoliberais. Esse caminho é pavimentado por rotas comerciais consideradas legítimas, oficiais, reguladas por contratos e termos de uso. Essas rotas são aquelas tuteladas pelo Estado, onde fluem os impostos e os fluxos monetários mais intensos. É o espaço onde o “cartão de crédito internacional” é a chave de acesso por excelência de todas as portas.

Por outro lado, diretamente dos “ateliês comunais de autoprodução [...] interconectados em escala global” (GORZ, 2010), presenciamos o nascer de uma nova era (ou melhor, uma “nova economia”) na qual agentes encaram a missão de libertar esses bens das catracas excludentes e seletivas da economia capitalista – esta missão se assemelha à “tarefa de Sísifo” descrita por Walter Benjamin (1991, p. 38), que consiste em “retirar das coisas o seu caráter de mercadorias”⁹. Nas palavras

⁸ A tentativa de descrição de padrões dominantes de dispersão das sementes foi o que motivou o escritor naturalista Henry David Thoreau a elaborar (entre os anos 1856 e 1861) um tratado poético-analítico inacabado chamado “*Faith in a seed*” (Fé na semente). Sua preocupação era tentar explicar as consequências da dispersão e do movimento das sementes no mundo natural. Fortemente influenciado pela então nascente e ainda desconhecida teoria da seleção natural de Charles Darwin, o livro de Thoreau não pretende ser um rígido tratado taxonômico sobre a fauna e a flora da América do Norte. Ao contrário disso, como observa Gary Nabhan (1993, p. xvii, tradução nossa), a grande contribuição desta obra (quase esquecida, já que sua primeira publicação aconteceu mais de cento e quarenta anos após sua morte, em 1862) está alicerçada em sua incrível “capacidade de garantir atenção prolongada às dinâmicas do espaço e seu talento considerável para pensar metaforicamente. As mais amáveis passagens de seu tratado sobre as sementes são aquelas na qual seu imenso reservatório de conhecimento literário brota em sua ciência. Nela nós experimentamos a precisão e a graça com a qual ele encontra a terra”. Partindo destas inspirações, evocamos que nossa busca pela disseminação das “sementes digitais” que florescem nos campos férteis da comunidade Oásis serão compreendidas metaforicamente a partir da apreensão conceitual que perpassa os usos de diversos “*insights* ecológicos”, numa tentativa de adaptação de uma específica e rica “linguagem da floresta” manipulada pelos “compartilhadores de arquivos” através da internet.

⁹ Por ser um lugar íntimo (como uma residência) onde pessoas armazenam coisas, veremos que o Oásis pode ser também visto enquanto um banco de sementes e seus usuários enquanto colecionadores. Mas a característica mais importante dos colecionadores que frequentam o Oásis talvez tenha sido melhor descrita por Benjamin (1991, p. 38), principalmente quando este autor enxerga

de um dos membros da comunidade, este dilema pode ser resumido no conflito entre *copyright* x *copyleft*: ou seja, um sistema mais restrito de propriedade intelectual (que valoriza a propriedade privada e os direitos exclusivos dos autores) contra um sistema mais aberto e flexível (que reconhece e valoriza o livre compartilhamento e a existência dos bens comuns do conhecimento). Nos dois exemplos destacados abaixo, um dos membros reconhece a importância da “socialização dos produtos” e que o dinheiro não seja um impeditivo ao acesso das pessoas aos bens culturais; na mesma linha de pensamento, outra pessoa se resume a classificar esta ação enquanto “uma questão de cidadania”.

Mais uma vez, o que se defende com a idéia do *copyleft* não é que os artistas, autores, etc., não devem receber dinheiro algum pelo que produzem, visto que, em uma sociedade capitalista, ele se faz necessário a qualquer um, artista ou não; o que se defende, sim, é que o não pagamento seja um impeditivo à socialização desse "produtos", que ninguém deixe de ler livros, assistir a filmes, escutar música, etc., por não possuir dinheiro para tanto (Grupo: Tradutores / janeiro de 2013).

É uma questão de cidadania... (Grupo: Membros / junho de 2007).

Neste sentido, a comunidade Oásis se apresenta como um *locus* na qual a criação de rotas sólidas que garantam a socialização de certos “produtos” emerge como fator aglutinador dos desejos de seus membros. De todo modo, toda essa ação acontece de forma silenciosa, escondida. Quem ousa se aventurar por essas rotas (consideradas ilegítimas, piratas, subterrâneas, criminosas), precisa se desviar de forma cautelosa dos olhares vigilantes dos “senhores da lei”. Para alguns núcleos poderosos nessas zonas de conflitos, os membros que frequentam o Oásis não passam de criminosos (ou melhor, cibercriminosos) por desafiarem as leis de propriedade intelectual ao compartilharem conteúdos protegidos por direitos autorais.

Mas ao adentrarmos no refúgio deste “oásis digital”, veremos que a realidade destoa desta imagem de pensamento criada por “senhores das leis”. Ao invés de cibercriminosos, enxergamos tais pessoas manipulando uma complexa

a possibilidade da quebra do feitiço da mercadoria ocasionada pela desarticulação da imposição do princípio de utilidade das coisas: “O interior da residência é o refúgio da arte. O colecionador é o verdadeiro habitante desse interior. Assume o papel de transfigurador das coisas. Recai-lhe a tarefa de Sísifo de, pela sua posse, retirar das coisas o seu caráter de mercadorias. No lugar do valor de uso, empresta-lhe tão-somente um valor afetivo. O colecionador sonha não só estar num mundo longínquo ou pretérito, mas também num mundo melhor, em que os homens estejam tão despojados daquilo que necessitam quanto no cotidiano, estando as coisas, contudo, liberadas da obrigação de serem úteis”.

economia: denominamos nesta tese estas experiências de trocas de “economia do compartilhamento”. Essa “nova economia” é manipulada por específicos códigos de ética e regras morais, e possuem como núcleo central de suas experiências a generosidade e a gratidão. É o reino das conversas íntimas, das trocas gratuitas, das sensibilidades e das amabilidades. Na linha de frente dessas experiências estão aqueles agentes que são reconhecidos pela dedicação intensiva à prática da troca desinteressada. Denominamos nesta tese esses agentes de compartilhadores ou semeadores; ou, se preferirmos um neologismo, “cyberagricultores”.

Em termos práticos, o exercício da troca desinteressada se exerce através de um arranjo que mobiliza a circulação e a dispersão de certas “coisas” através de um sistema histórico novo. Esse sistema se conjuga através de uma lei geral que garante a isonomia da “moral desinteressada” e parte da negação da lógica do interesse monetário. Isso significa dizer que nenhuma cópia compartilhada no Oásis será objeto passível de gerar qualquer tipo de lucro financeiro para qualquer um dos membros deste coletivo. Isto é considerado algo tão importante, que chega a ser deselegante ou moralmente reprovável (poderíamos dizer até mesmo “proibido”) falar de dinheiro ou de “grana” nesta comunidade. Como podemos ver nos comentários realizados por um dos membros do Conselho do fórum, o “propósito [do Oásis] é divulgar a cultura”.

[...] Nosso propósito é divulgar a cultura. Se entrar grana, a coisa muda de figura. Até rimou, o que não era minha intenção (Grupo: Conselheiros / novembro de 2012).

[...] mas já sabendo da política: não se fala em dinheiro aqui [...] tudo que a gente faz, é "di grátis". Tradução, [...] manutenção do fórum, a gente usufrui de tudo e não paga nada (Grupo: Conselheiros / março de 2013).

Pierre Bourdieu (1996, p. 148, grifos nossos) analisa que as rotas dos processos de autonomização do campo artístico constituíram como lei fundamental deste espaço social uma específica *lógica do interesse* que culminou na recusa dos objetivos comerciais, na negação da “economia econômica”.

O processo, que se inicia na Renascença e que chega a seu termo na segunda metade do século XIX, com o que chamamos de arte pela arte, redundou em uma dissociação completa entre os objetivos lucrativos e os objetivos específicos do universo – com a oposição, por exemplo, entre a arte comercial e a arte pura. A arte pura, única forma de arte verdadeira de acordo com as normas específicas do campo autônomo, recusa objetivos comerciais,

isto é, a subordinação do artista, e principalmente de sua produção, a demandas externas e às sanções dessa demanda, que são sanções econômicas. Ele se constitui sobre a base de uma lei fundamental que é a negação (ou a recusa) da economia: a de que não entra aqui quem tiver interesses comerciais.

Em uma espécie de radicalização da lógica do desinteresse econômico no campo artístico (no que concerne o fluxo contínuo, aberto e irrestrito de bens culturais através da internet), os semeadores de arquivos que frequentam a comunidade Oásis salvaguardam esta característica crucial ao demarcar este interdito através de normalizações expressas de forma explícita e através de injuções tácitas. O entendimento comum compartilhado entre os membros desta comunidade parte deste acordo nada improvável: “não entra aqui quem tiver interesses comerciais”. Nesta perspectiva, as formas de condutas valorizadas neste agrupamento perpassam a constituição de canais e de vias de acesso que garantam o “compartilhamento gratuito” e irrestrito dos arquivos (ou melhor, das sementes digitais).

Neste sentido, presenciamos o aparecimento deste tipo específico de agentes que carregam a missão de transmutar e reconfigurar os signos das coisas que florescem na complexa economia dos bens culturais em nossa sociedade de consumo. Através de um delicado processo alquímico, os semeadores podem ser entendidos como aqueles agentes responsáveis por transformar arquivos digitais, mercadorias ou signos informacionais em presentes, honrarias ou dádivas prontas para serem disponibilizadas de forma livre e gratuita na internet.

[...] Sinto-me como Borges que "recebia presentes e pensava que não passava de um menino e que não havia feito nada, absolutamente nada, para merecê-los." Assim, deixo registrado a minha sincera gratidão por esse belo presente ao nosso querido amigo [...] que vem ao longo das suas postagens nos brindando com [sementes] que retratam a obra de Fiódor Dostoiévski (Grupo: Membros / julho de 2011 / grifos nossos).

Amiga [...], esta postagem segue como um presente especialmente dedicado a você, pois no caso de se faltar a palavra certa, podemos contar com a [semente] certa... (Grupo: Tradutores / julho de 2014 / grifos nossos).

[Uma das minhas sementes preferidas]. De uma força avassaladora. De uma beleza sublime. Foi realmente um presente [...]. [Esta semente] traduz em imagens TODO o espírito do [Oásis]. Lançamento perfeito. Emocionante, até. (Grupo: Visitantes / junho de 2008).

O fator aglutinador das experiências associativas dos “compartilhadores de arquivos” (nos termos desta tese, dos “semeadores de sementes digitais”) que frequentam a comunidade Oásis consiste na tentativa de solidificação de rotas abertas para que determinadas obras artísticas (referenciadas como “verdadeiras”, “puras”, “legítimas”) fluam através do “sistema torrente”. O objetivo central dessas pessoas é fazer com que essas “coisas” sejam consumidas, transferidas, vistas, apreciadas, analisadas, sentidas etc. Assim, a centralidade da comunidade consiste em garantir o movimento intenso e livre dessas “coisas”; o objetivo é oferecer e receber. Denominamos nesta tese estas coisas de singularidades computacionais ou, simplesmente, **sementes digitais**.

Por fim, a chamada “comunidade online” é o local na qual as experiências e os encontros acontecem e fluem de forma contínua. Em um sentido estrito, já comentamos que não poderíamos afirmar de forma insidiosa que o objetivo deste coletivo seja compartilhar ilegalmente “mercadorias digitais piratas”. Essa é apenas uma versão da história mais comumente contada deste conflito. Na verdade, antes de qualquer discurso ideológico asséptico ou generalizante, pudemos observar que as “singularidades digitais” compartilhadas pelos membros deste agrupamento sofrem o potente efeito de uma espécie de culto. Isso decorre em razão de um fato importante que precisa ser explicitado de antemão: os presentes compartilhados são delicadamente coletados, selecionados e semeados porque são compreendidos como esplêndidas “imagens-vivas”, ou mesmo como “monumentos digitais” que “merecem viver e durar”. E é exatamente dentro deste místico, íntimo e denso espaço social (na qual podemos identificar uma mutante geografia), onde ocorrem a maior parte dos entrelaçamentos sociais que depuram a arte do culto e da dispersão dessas “imagens-vivas”, ou seja: a circulação intensa e contínua dessas preciosas sementes.

Apoiado. Nesse deserto de homens e idéias, o [Oásis] é um oásis (plagiado de algum lugar). Tenho muita honra de pertencer à comunidade (Grupo: Membros / março de 2009).

Não deixo de dizer que o [Oásis] sempre, em todos os momentos de 2010 foi um oásis em minha vida!! 😊 Não só pelo motivo principal que nos trouxe aqui e com o qual nos esbaldamos todos os dias, mas por todas as brincadeiras, pelas amizades virtuais ou não, que fiz nesse tempo aqui!!! E que possamos construir um 2011 bemmmm melhor que 2010!!!! Um beijo enorme no coração de todos companheiros [semeadores]!!!!!! 😊 (Grupo: Membros / dezembro de 2010 / grifos nossos).

Duas salvas de tiro de canhão para o [Oásis]! 😊 Com certeza, foi minha melhor descoberta de 2007. E é a minha melhor descoberta a cada dia. Vida eterna ao nosso querido oásis! (Grupo: Conselheiros / julho de 2008 / grifos nossos).

[...] Parabéns aos postadores e ao[s] semeadores [...]. Parabéns aos membros em geral! Parabéns a todos nós! [...] Que todos nós consigamos dar continuidade a este fórum, um oásis dentro da internet, um oásis dentro da banalidade que temos aí por fora! Grande abraço e parabéns! (Grupo: Projetores / julho de 2008 / grifos nossos).

Em um sentido específico, vale ressaltar que a mobilização deste arcabouço categórico (cyberagricultores, cyberecologia e sementes digitais) são (antes de tudo) reflexões de algumas das principais categorias nativas auscultadas através de nossas vivências empíricas. Com efeito, tal categorização perpassa também uma tentativa de ocultamento de detalhes precisos da realidade das experiências desta comunidade, mas (como veremos) sem nenhum prejuízo à possibilidade de entendimento de nossa questão central de pesquisa, qual seja: **como se dá o compartilhamento online de arquivos digitais entre os usuários de redes P2P?**

E esse ocultamento se impõe por uma razão muito simples. O corpo performático na qual são tecidas as experiências que constituem as bases da socialidade entre os compartilhadores de arquivos (no caso específico desta tese, entre os “compartilhadores de sementes”) é alvo constante de uma agressiva e séria campanha de desmobilização e destruição dessas experiências. De um lado, a desumana exploração financeira contamina um dos mais sensíveis e complexos mercados humanos: o dos bens culturais. Nessa mesma esteira, semeadores de arquivos (em uma luta prática contra essa desumanização) “libertam” esses bens das amarras do mercado financeiro e os circunscrevem em um modelo-outro, que pensa esses bens inseridos em uma **economia colaborativa do bem comum**. É uma guerra aberta, declarada, na qual os agentes já estão posicionados e equipados cada um com suas específicas caixas de ferramentas. E algumas vozes da comunidade Oásis continuam a sugerir algo importante: aquilo que se faz pelo Oásis e pela “cultura do

compartilhamento” se faz por “amor à camisa”, em uma tentativa prática de fortalecimento e reprodução das “disposições generosas”¹⁰.

E tudo que se faz no [Oásis], se faz por amor à camisa, tá? Por querer ver o fórum sempre como o melhor. Há um empenho legal nisso e, sem falsa modéstia, eu diria que o caminho é vestir a camisa meeeeeesmo, pois o

[Oásis] melhora a cada dia que passa 🥰. Dá trabalho, mas compensa! 😊 (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

Não consigo imaginar a vida hoje em dia sem poder baixar/compartilhar arquivos! (Grupo: Membros / abril de 2012).

Venho endossar o entusiasmo pelo [Oásis], ele já me proporcionou horas incontáveis de diversão... [...] Fantástico. Não participo ativamente publicando, mas sim baixando e semeando, embora já tenha feito algumas contribuições. Desejo e espero vida longa ao [Oásis]!! Pudessemos ter e usava uma camiseta!! Saudações a todos! (Grupo: Membros / novembro de 2008).

Na aurora deste mais novo dia que nasce (no início de março de 2017), o cenário dificilmente poderia ser visto de outra forma: uma luta política cotidiana na qual cada *byte* transferido fora das rotas legítimas são vigiados e contabilizados em um jogo de perdas e ganhos, de prejuízos e lucros. A luta em questão é seríssima porque, como já nos referimos anteriormente, o que está em jogo é a centralização ou a descentralização da produção e da distribuição de bens culturais. De certo modo, o centro do embate que constitui essa disputa está relacionado à própria definição da essência (ou mesmo da natureza) dos bens culturais. Antes de mercadorias ou bens de consumo, apenas “imagens-vivas”, coisas feitas para serem provadas, movimentadas, experimentadas de forma livre entre todos e todas. Em resumo, o que vemos é o embate e a disputa por dois modelos de sociedades: de um lado, está o reino das mercadorias (com seus feitiços e mistérios); de outro está o reino dos presentes e das sementes. E, como veremos ao longo desta tese, mercadorias são proibidas na comunidade Oásis. Por lá, apenas sementes podem circular!

¹⁰ Ao seguirmos pelas trilhas conceituais propostas por Pierre Bourdieu (1996, p. 152-153, grifos nossos), podemos perceber que a generosidade (pensada como uma possibilidade virtuosa) pode ser melhor compreendida ao “ser remetida à questão das condições sociais de possibilidade em universos nos quais disposições duradouras de desinteresse podem se constituir e, uma vez constituídas, encontrar condições objetivas de reforço constante, tornado-se o fundamento de uma prática permanente da virtude [...]”. Deste modo, podemos destacar que um dos principais objetivos desta tese consiste na tentativa de sublinhar o fortalecimento de normas explícitas ou injunções tácitas que garantem a constituição do “*habitus* generoso” entre os compartilhadores de arquivos que frequentam a comunidade Oásis, principalmente através da normalização que explicita a proibição da busca pelo lucro econômico.

1.1 Relatos de guerra

Escrever sob a pressão da guerra não é escrever sobre a guerra, mas em seu horizonte, como se ela fosse a companheira com a qual alguém compartilha seu leito (admitindo que ela nos deixe um lugar, uma margem de liberdade) (BLANCHOT, 2013, p. 15).

Neste momento, gostaríamos de fazer uma rápida análise de dois discursos contrapostos que resumem o momento do conflito em questão. O primeiro discurso é um trecho de um documento elaborado pelo Ministério da Justiça brasileiro, feito em parceria com o Conselho Nacional de Combate à Pirataria (CNCP)¹¹. Esse documento é um relatório institucional chamado “Brasil Original: compre essa atitude” e consiste em um memorando das atividades feitas por esse Conselho durante todo o ano de 2011. O que nos chama atenção é exatamente a “declaração de guerra” do Estado brasileiro (junto com grandes corporações privadas) contra o que eles denominam de “distribuição de conteúdo pirata na internet”:

Começando com o projeto “Parcerias e Cooperação com Provedores de Internet”, a cargo da gerência do Ministério da Cultura, foram desenvolvidas várias reuniões com a participação não só de representantes dos provedores de Internet de acesso, serviço e conteúdo, como também representantes das empresas de telefonia móvel e de setores afetados por uploads como os de músicas, filmes e softwares. Como consequência das discussões e propostas de mecanismos na prevenção da distribuição de conteúdo pirata na Internet, houve a necessidade da avaliação dessas ações sob a ótica da legalidade. Assim sendo, foram solicitados pareceres da Procuradoria-Geral da República e do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor do Ministério da Justiça. Isto foi necessário para que houvesse harmonização de entendimentos quanto aos mecanismos para a prevenção na distribuição desses conteúdos na rede (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2011, p. 11, grifos nossos).

Em outro ponto do relatório, o CNCP detalhe como funciona a vigilância e a proteção contra os crimes de violação de direitos autorais na internet no Brasil.

A pirataria também é combatida na Internet, por meio de um departamento específico da APCM [Associação Antipirataria de Cinema e Música] que faz o monitoramento de sites onde se oferece conteúdo sem proteção à propriedade intelectual. De janeiro a novembro de 2010 foram enviadas 10.699 notificações para remoção de conteúdos musicais e audiovisuais ilegais distribuídos na rede, notificações estas que resultaram na remoção de 949.163 links com conteúdo ilegal, 244.196 de páginas de blogs e sites, 2.047

¹¹ Desatualizado em meados de 2015 pelo próprio governo federal.

anúncios de venda de produtos ilegais em sites de leilões e 49.982 postagens em fóruns e redes sociais que continham conteúdo ilegal disponível para download (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2011, p. 74, grifos nossos).

Em um breve olhar sobre o problema, pudemos perceber que inicialmente ações contra a “pirataria virtual” no Brasil miravam suas estratégias em processos não criminalizantes. Entretanto, esse cenário mudou radicalmente nos últimos anos. Apenas para citarmos alguns casos: em outubro de 2016, uma operação da Polícia Federal resultou na prisão de cinco administradores de “sites piratas” em quatro estados do país¹²; em maio de 2012, a Polícia Civil de Santa Catarina deflagrou a “Operação Pirataria.com” que resultou na prisão em flagrante de “uma quadrilha especializada em pirataria virtual”¹³; em 2010, uma investigação resultou na prisão de um casal em São Paulo que disponibilizavam conteúdos piratas em um site da internet. Tendo como base esses exemplos, podemos constatar que há uma mudança nas estratégias da justiça brasileira na forma de punir e vigiar esse tipo de “crime” em nosso país. Ao invés de apenas “derrubar os sites”, o objetivo passa ser então “caçar e derrubar” os administradores dos fóruns. Mas o que pensam as pessoas que estão do outro lado desta guerra?

Um documento intitulado “Guerilla Open Access Manifesto” (Manifesto Guerrilheiro do Acesso Livre), escrito pelo ativista Aaron Swartz (a quem esta tese é dedicada)¹⁴, sugere em resumo as bases morais que tornam o ato de compartilhar “informação” (e não mais “bens culturais”) um “imperativo moral”. Além disso, a linguagem bélica e conflituosa que permeia o “Manifesto Guerrilheiro” confirmam os liames que sugerem o grau de dissociação e desintendimento entre as partes inseridas nesta contenda.

¹² Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/pirataria/110521-casa-caiu-operacao-barba-negra-pf-derruba-tres-sites-pirataria.htm> (Acesso em março de 2017).

¹³ http://www.policiacivil.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4007:policia-civil-apresenta-resultados-de-trabalhos-realizados-pela-deic-neste-ano&catid=85:destaque&Itemid=131 (Acesso em março de 2017).

¹⁴ Aaron Swartz (1986-2013) se tornou uma importante figura pública nesses conflitos após cometer suicídio (em janeiro de 2013) em decorrência de uma ação penal contra ele protelada pelo Ministério Público dos Estados Unidos. Aaron estava sendo acusado de ciberterrorismo e de violação massiva de direitos de propriedade de editoras que editam periódicos científicos nesses países. Se fosse condenado, sua pena poderia chegar a até trinta anos de prisão, além de multas de até um milhão de dólares. Aaron se enforcou em sua residência, mas sua morte mobilizou milhões de pessoas em todo o mundo que passaram a discutir publicamente sobre a importância da cultura livre na era da internet.

Informação é poder. E como toda forma de poder, existem aqueles que querem guardá-lo para si mesmo. [...] Enquanto isso, aqueles que foram bloqueados não estão em pé de braços cruzados. Eles estão se esgueirando através de buracos e pulando cercas, libertando as informações trancadas pelos editores e compartilhando-as com os seus amigos. Mas toda essa ação se passa no escuro, escondida no subsolo. É denominada roubo ou pirataria, como se compartilhar uma riqueza de conhecimentos fosse o equivalente moral de saquear um navio e assassinar sua tripulação. Mas compartilhar não é imoral – é um imperativo moral. Apenas aqueles cegos pela ganância se recusam a deixar um amigo fazer uma cópia. [...] Grandes corporações, é claro, estão cegas pela ganância. As leis sob as quais elas operam exigem isso – seus acionistas iriam se revoltar por muito pouco. E os políticos vendidos aprovam leis dando-lhes o poder exclusivo de decidir quem pode fazer cópias. Não há justiça em seguir leis injustas. É hora de irmos para a luz e, na grande tradição da desobediência civil, declarar nossa oposição a este roubo privado da cultura pública. Nós precisamos pegar a informação, onde quer que ela esteja armazenada, fazer nossas cópias e compartilhá-las com o mundo. Nós precisamos pegar as coisas em domínio público e guardá-las em arquivos. Nós precisamos comprar bases de dados secretas e colocá-las na *web* (SWARTZ, 2008, tradução e grifos nossos).

Como podemos observar, o relatório de atividades institucionais do CNCP explora a cultura do compartilhamento na era da internet como um mal a ser combatido. Com efeito, esse conflito analisado sob a “ótica da legalidade” coloca o Estado na linha de frente desta ousada e violenta tentativa de destruição da experiência comutativa, no que tange a constituição dos canais de trocas gratuitas de presentes na era da internet. Em nome da proteção dos direitos de propriedade intelectual, instituições públicas e privadas se uniram em uma violenta campanha de desarticulação dessas redes consideradas criminosas, ilegais, piratas.

Por outro lado, os compartilhadores parecem estar dispostos a continuar a realizar (mesmo que isso os transformem em criminosos pelos mais importantes tribunais judiciais) as transferências virtuais de dados, informações, bens culturais, presentes etc. Seus arqueodutos – complexos e potentes canais onde fluem os “bytes libertos” através das redes online cooperativas e descentralizadas – podem ser entendidos (ao contrário da “ótica legalista”) como “redes de esperanças”, na qual se movimentam preciosas “singularidades digitais”. Esses arquivos (ao contrário de “mercadorias roubadas” ou “bens ilícitos”) são melhor compreendidos enquanto sementes diariamente ensopadas com os signos de dignidade que constituem o corpo performático das experiências comunitárias dessas pessoas. Como podemos notar neste trecho de um debate público estabelecido entre mim e um outro membro da comunidade Oásis:

Pessoa A - Alguém aqui se sente um criminoso ao compartilharem [arquivos, isto é, sementes]? (Membro: valentim / Grupo: Agitadores / abril de 2011).

[...]

Pessoa B - Respondendo a pergunta do criador do tópico, não me sinto um criminoso, mas sei que o que fazemos é ilegal. Por que não me sinto um criminoso se tenho consciência da ilegalidade? Porque não acho que a lei seja justa. Ao meu ver, esse tipo de propriedade [intelectual] é extremamente exacerbada[a]. Não há necessidade de haver tantos entraves para sua utilização, assim como não há necessidade de seus proprietários ganharem tanto dinheiro com eles. Além do preço elevado de [um arquivo ou semente], [...] ainda há a precariedade na distribuição dessas obras. Muit[a]s [das sementes] compartilhada[s] aqui não poderiam ser comprada[s] mesmo que nós quiséssemos, porque el[a]s não são vendida[s] no Brasil (Grupo: Membros / abril de 2011 / grifos nossos).

Nos termos expostos pelo “Manifesto Guerrilheiro”, o ato de compartilhar “informação” (que pode ser melhor melhor definido enquanto “riqueza de conhecimentos” ou “cultura pública”) assume uma característica crucial no que tange a radicalização da justiça e do acesso descentralizado ao poder (“informação é poder”). Mas por quais razões o ato de compartilhar “conhecimentos” passa a ser entendido como um “imperativo moral”? E por quais razões se multiplicam nos corações dos compartilhadores a difusão desse entendimento em comum?

Uma mensagem deixada no Oásis (provavelmente escrita por alguma pessoa da equipe de moderação), datada no dia 9 de junho de 2007 (próximo de seu primeiro ano de existência)¹⁵, exatamente às 08:30 da noite, afirma de forma categórica as razões que impelem esses agentes nessa missão sagrada. Esta missão é descrita como a “essência do P2P” e pode ser resumida na tentativa de libertar os bens culturais do reino das mercadorias. A postagem aparece sob o título “Colabore com o [Oásis]” e ela começa com uma imagem que representa a “semente” (objeto de culto que unifica os desejos dos compartilhadores desta comunidade). Na imagem, um homem e uma mulher sob uma ponte se olham de forma entrecruzada. A imagem é em preto-e-branco e eles estão ligeiramente afastados. Podemos ler a seguinte mensagem: “Então vá! Estou no fim do caminho, entende?”. Abaixo desta imagem podemos ler a mensagem (escrita em fontes na cor roxa e levemente maiores do que as fontes usadas em outros textos): “Cenas como essa merecem viver e durar! Mas isso é com vocês!”. A mensagem continua:

¹⁵ A comunidade Oásis foi criada no dia 24 de julho de 2006.

Na contramão das tendências que a maioria dos sites de compartilhamento de arquivos tem seguido, o [Oásis] é um fórum sem sistema de controle de ratio, sem propagandas, sem pop-ups, sem pedidos de votação para concursos, sem pedidos de doações etc. É um fórum que preza pela qualidade e continua fiel à essência do p2p [...] O [Oásis] é nosso! (Grupo: Controller / junho de 2007 / grifos nossos).

Como pudemos notar, a comunidade Oásis existe conjugada através desse desafio explícito que consiste em fazer com que certas imagens “vivam e durem”. Além do mais, a comunidade (que se julga na “contramão das tendências”) nasce com essa perspectiva de ser “fiel à essência do P2P”¹⁶. Mas o que significa P2P e o que caracteriza sua essência? Quais as razões dos compartilhadores atuarem no subterrâneo, no escuro, escondidos no subsolo? E porque os compartilhadores decidiram sair das trevas para a “luz” – mesmo que isso acarretasse a estrita e direta desobediência civil?

Para avançarmos nesses problemas e sermos capazes de apresentarmos nossas questões de pesquisa, precisamos retornar o debate que iniciamos no começo deste capítulo: **a guerra**. É muito difícil resumir com clareza o conflito em torno do controle da informação na era da internet. Entretanto, precisamos nos apressar em afirmar que essa guerra foi o principal óbice que nos obrigou a trabalhar de modo incógnito, através de uma comunicação noturna que pretende ao máximo aplacar os danos sofridos pela inevitável “exposição pública” de segredos, intimidades, amabilidades e conflitos que (sem muitas dúvidas) nunca foram escritos para serem expostos nesta significância. Neste sentido, a comunidade “**Oásis**” não existe em lugar algum, mas será expressa nesta pesquisa como um esboço borrado de uma pintura sobre uma “comunidade real” na qual pessoas adentram diariamente; do mesmo modo, a mobilização do conceito “**semente digital**” nos ajuda a tentar garantir o caráter impreciso dos presentes e das honrarias que são compartilhadas, pois a manipulação dessas coisas através desses canais “ilegítimos” transforma qualquer membro desta comunidade em potentes indivíduos criminosos, perseguidos; por fim,

¹⁶ A arquitetura P2P consiste em um sistema de protocolo descentralizado em que cada “peer” (ou seja, cada usuário) conectado nos servidores desta rede desempenham uma função no sistema. A arquitetura P2P possui funções e utilidades diversas na internet; mas, para efeitos desta pesquisa, focaremos apenas naquela que consideramos sua mais relevante contribuição: ou seja, a distribuição eficiente de arquivos e de conteúdos através da cooperação entre pares (KONRATH, 2007). Deste modo, nas trilhas destas complexas “redes sociotécnicas” (CALLON, 2010; LATOUR, 1991; LAW, 1991), constituímos um campo de análise que pretende compreender em que medida esta tecnologia impulsionou e sedimentou as bases para a realização do que chamamos de “ética do compartilhar”.

sugerimos que ao classificarmos as pessoas que frequentam o Oásis enquanto “**cyberagricultoras**”, tal ato possui apenas em aparência um contexto generalizante, haja vista que o nosso objetivo é apenas demonstrar que a cyberecologia de sementes digitais online se fundamenta através de determinadas práticas e regras morais bastante precisas. Enfim, são aqueles agentes que se dizem fieis à “essência do P2P” que nos interessam, isto é, os verdadeiros semeadores das verdadeiras sementes. E a “essência do P2P” está no mesmo caldo simbólico que constitui a própria “essência da cultura do compartilhamento”.

Pessoal, o [Oásis] é um fórum p2p, não vamos perder isso de vista. Motivos práticos fazem com que o fórum precise se manter fechado, mas a ideia principal ainda é o compartilhamento. E a cultura p2p é por princípio contrária a esse espírito de "clube" ou de "privilégio perdido". Trata-se justamente de ampliação do acesso [à arte] non-mainstream, e não da manutenção de um grupo privado de privilegiados (Grupo: Veteranos / março de 2013, grifos nossos).

1. 2 Questões de pesquisa

Dessa forma, quando o escritor escolhe (digamos) estilo “científico” ou “literário”, ele assina o tipo de ficção que faz; não se pode fazer a escolha de evitar completamente a ficção (STRATHERN, 2013, p. 45).

Nos últimos anos, a expansão global das redes informáticas provocou algumas mudanças importantes no que tange o comércio (mais especificamente, a produção e a distribuição) dos bens culturais. Uma dessas transformações está relacionada com o processo de digitalização desses conteúdos e sua incorporação nas complexas transações realizadas através do comércio virtual (RIFKIN, 2001). Em termos objetivos, Gorham e Singh (GORHAM; SINGH, 2009, p. 10, traduções e grifos nossos) compreendem essas transformações tendo como horizonte metafórico a mudança de perspectiva do que caracterizam do “chão” (ou seja, do espaço físico do estabelecimento comercial) para a “tela” (entendida aqui como o espaço virtual). Nesse sentido, o comércio na era da internet possibilitou um rearranjo profundo da forma como consumimos mercadorias e serviços em vários aspectos.

As inovações na tecnologia dos computadores tiveram um impacto profundo e duradouro sobre o mundo. Esta tecnologia deu origem à Era da Informação, na qual criou indústrias inteiras que processam dados ao invés de bens

físicos. De antigos *mainframes* [computadores de grande porte] que ocupavam toda uma sala a minúsculos computadores embutidos em cartões de crédito, a informática tornou-se rapidamente menor, mais barata e mais poderosa. Os computadores têm sido por décadas usados para armazenar e processar grandes quantidades de dados. Isso eliminou a ineficiência de armazenar e processar manualmente informações em papel. Os resultados são obtidos rapidamente e automaticamente, com menos erros.

Apesar dos autores ressaltarem a eficiência do uso da computação nesse processo (“com poucos erros”), parece que para algumas pessoas algo não saiu como planejado no comércio virtual. Isto fica evidente quando olhamos um pouco para o novo cenário, isto é, para novas e velhas possibilidades de consumo em correlação. Quando afirmamos que “algo pode ter dado errado”, estamos apenas demarcando esse cenário conflituoso na qual consumidores, corporações e criadores estão travando sérias batalhas judiciais em torno do modo legítimo de distribuição dessas “mercadorias” na “Era da Informação”. Partindo de uma “concepção legalista”, essas novas possibilidades de consumo se desdobraram em dois distintos mercados: o legal e o ilegal. Obviamente que esse processo em nada difere do momento anterior, mas uma novidade interessante se apresenta nesta nova dinâmica.

Neste momento, salientamos uma característica crucial desse fenômeno que se desvela na esteira de um novo processo de ampliação, renovação e complexificação dos modos tradicionais de funcionamento dos mercados de bens culturais. Vale destacar que essa reestruturação se apresenta através de violentas e perpétuas lutas simbólicas, na qual se sucede cada vez mais a possibilidade de abertura dos “espaços dos possíveis”, que pode ser entendido como a abertura de um espaço de liberdade pela inserção “de possíveis mais ou menos improváveis, utopia, projeto, programa ou plano, que a pura lógica das probabilidades tenderia a considerar como praticamente excluídos” (BOURDIEU, 2001, p. 287).

A “convulsão tecnológica” garantiu que algo mudasse nos mercados de consumo de bens culturais. “O campo do poder continua, mas o jogo está mudando. Novos *players* estão entrando em campo, velhos e novos estão competindo por posição e as regras estão sendo redefinidas” (THOMPSON, 2013, p. 441). E qual foi essa lógica improvável que mudou o cenário do consumo dos bens culturais? Estamos falando de milhões de agentes e de suas potentes ferramentas que dão acesso à incontáveis canais abertos ou “*free*” (no sentido econômico da palavra) para a distribuição de bens culturais digitalizados. O problema é que essas rotas estão passando por um violento e controverso processo de criminalização.

Nesse sentido, a comunidade Oásis se apresenta nesse campo social como a parte possuidora do elemento da “novidade por excelência”, representado no plano dos “espaços possíveis”. “Tudo mudou”, é o que diz um trecho da canção “Pipoca Moderna”, escrita por Caetano Veloso. Ainda em 2006, pouco antes do nascimento da comunidade Oásis, uma discussão via *e-mail* aponta que o título da canção de Caetano havia sido cogitado como um dos “possíveis nomes” para esta nova “comunidade possível” que estava nascendo.

PESSOA A – O grupo estudando qual nome escolher...

[...]

PESSOA B - Em um outro extremo temos, baseado em sugestões [...], o nome de uma música do Caetano Veloso que acho interessante: "Pipoca Moderna".

“Pipoca ali, aqui, pipoca além

Desanoitece a manhã

Tudo mudou”.

(Grupo: Veteranos / julho de 2012 e s/d).

Outras sugestões de nomes descartados: “OffRoad ou “Grupo Contramão”. Vale destacar um detalhe: é sugerido que os “possíveis nomes” da comunidade estejam em consonância (em seus termos sonoros) com a palavra “Grupo”. O objetivo da associação destas duas palavras é tentar garantir num título a fortaleza do “senso comunitário” que nasce juntamente com as experiências performáticas que circunscreve a prática do compartilhamento de arquivos na era da internet.

Acho ainda interessante o "OffRoad" que surgiu hoje na conversa [...]. "Grupo Contramão" seria um outro nome paralelo?!?!? [...] OBS: Para se ter a noção mais precisa do significado e da sonoridade do nome sempre junte ao nome a palavra GRUPO. veja como ganha um novo sentido, talvez mais forte e tal... (s/d).

De fato, o título “Grupo Oásis” (nossa sugestão para um “possível nome”) é apenas mais uma tentativa de garantir a força desse “novo sentido” em um nome próprio. E por mais distante que nossa sugestão esteja do sentido original proposto pelos criadores da comunidade, vale perceber que esse Oásis foi originalmente pensado como um ecossistema cyberecológico de um “grupo na contramão”, daqueles que estão “fora da estrada”, em um ambiente onde “tudo mudou”. Mas será mesmo que tudo mudou?

O curioso é perceber que, apesar de todas as transformações e mudanças ocorridas nos mercados de consumo de bens culturais, os “grandes *players* corporativos” continuam na busca por alavancar seus mercados em uma tentativa

desesperada de fazer com que velhos métodos garantam novos e ambiciosos lucros. Tudo acontece em uma espécie de “suave espiral descendente” que deságua naquilo que John B. Thompson denominou de “dança macabra”, que pode terminar por garantir a própria ruína desta classe.

Não há aqui qualquer sinal de uma mudança fundamental de atitude ou abordagem por parte dos grandes *players* corporativos, uma crença de que os velhos métodos de fazer as coisas são essencialmente falhos e necessitam de uma vistoria geral. Os negócios estão como sempre foram, com as tendências inerentes à lógica do campo simplesmente exarcebadas pela recessão, para benefício daqueles que já se beneficiaram mais dela e em detrimento de todos os outros (THOMPSON, 2013, p. 439-440, grifos nossos).

Tendo como base essas observações, podemos analisar que os efeitos das mudanças nas estruturas tecnológicas combinado à criação de um novo sistema especializado de regulação e gestão do mercado de bens culturais na “era da internet” possibilitou que novos arranjos e algumas situações inusitadas ganhassem a cena do debate político internacional. Brynjolfsson e Saunders (2010, p. 100) sugerem que uma dessas situações no comércio digital talvez seja o avanço da “cópia generalizada”.

Por um lado, a internet torna possível para os criadores de conteúdos produzirem um valor potencial extremamente alto para milhões de consumidores, porque permite aos criadores chegarem em muitas pessoas facilmente. Por outro lado, se os preços caírem para zero como resultado da cópia generalizada, a receita também vai cair para zero, independentemente do volume. Que efeito será mais poderoso?

Como podemos ver, no centro desse debate está a questão da distribuição de cópias não autorizadas de conteúdos digitais e os conflitos daí resultantes perpassam a questão da propriedade intelectual. Nesse sentido, no que tange o consumo de bens culturais digitalizados, a internet possibilitou a constituição de um cenário inédito na qual conteúdos copiados e originais são mobilizados e articulados em uma zona de inflexão que permeia o mercado legal e o ilegal, a economia do dom e a economia econômica, a cultura livre e o mercado neoliberal.

Em um sentido restrito, esse conflito permeia um dilema inédito por duas razões: em primeiro lugar, a facilidade e a eficiência das redes ilegais de distribuição de arquivos e mídias digitais através da internet fez que com que esse sistema fosse a opção predileta (e, por vezes, a única) de alguns milhares de usuários que rotineiramente fazem uso desse ecossistema cibernético para o consumo dessas

“mercadorias”; em segundo lugar, a tentativa dos “mercadores de cultura” (empresários, artistas, investidores etc.) de regular esse mercado fez com que uma “classe” específica de agentes fossem diretamente associados ao crime e à contravenção, principalmente no que tange um aspecto central dessa “cultura pirata” nos tempos atuais, ou seja: o fenômeno do compartilhamento de arquivos através da internet, conjugada à sua crescente disseminação e criminalização.

Partindo dessas observações, esta tese tem por objetivo descrever uma **experiência relacional sobre a prática do compartilhamento de bens culturais na era internet**. Para tanto, essa pesquisa pretende analisar de que forma a internet provocou uma mudança estrutural nas formas como os agentes produzem, consomem e distribuem bens e mercadorias na era do “capitalismo digital”. Dito de outro modo, teremos como base de reflexão os seguintes questionamentos: Que nova ética movem essas pessoas? Que tipos de bens e economias são manipulados por esses agentes em suas experiências práticas cotidianas? Quais as alterações que as “modernas tecnologias” configuram na gestão e na produção desta “outra economia”? Em que consiste essa economia?

Nestes termos, esta pesquisa pretende compreender de que forma o consumo de determinadas “mercadorias digitais” através de rotas consideradas ilegais (principalmente em fóruns, *sites* ou comunidades virtuais na internet) se estabelece e ganha contornos particulares com o advento e a expansão de determinados artefatos tecnológicos. Entretanto, a solidificação desta “nova ética” (fruto destas novas dinâmicas econômicas, tecnológicas e políticas) é demarcada não somente através do estabelecimento dos novos artefatos tecnológicos (sejam eles *softwares* ou *hardwares*). O computador e a moral, o *software* e a ética, a internet e o capitalismo, o mercado e dádiva, fazem parte de um todo complexo e as aplicações das máquinas nos coletivos humanos serão compreendidas como híbridos capazes de suscitar aspectos relevantes das “tramas sociotécnicas”; ou seja, o que nos interessa é, antes de tudo, os “desdobramentos das redes”, e o estudo empírico dessas mudanças (ou revoluções, se preferirem um termo mais chocante) serão analisadas de modo simétrico. “Olhem em volta”, sugere Bruno Latour em um ensaio “Jamais fomos modernos” (1994, p. 65), “os objetos científicos circulam simultaneamente enquanto sujeitos, objetos e discurso. As redes estão preenchidas pelo ser. E as máquinas estão carregadas de sujeitos e coletivos”, conclui.

Em virtude desse debate, podemos nos indagar as razões do motivo na qual a cópia (pensada como um novo tipo especial de “coisa” que instaura novas relações sociais) conquista uma posição central no debate político e teórico contemporâneo. Nessa linha de análise, concordamos com Ribeiro (2013) quando este afirma que são as lutas travadas em torno do controle da distribuição de “cópias não autorizadas” (pensadas como potentes forças subversivas) na qual reverberam os mais acirrados conflitos neste campo social. Mas é ao apontar as potencialidades revolucionárias da “cultura da cópia” no mundo contemporâneo que Ribeiro (2013, p. 36, tração e grifos nossos) percebe a importância política dessa ação humana.

[A cópia] é uma atividade que tem implicações econômicas, sociológicas, psicológicas, culturais, artísticas, científicas, legais, acadêmicas e políticas. De fato, mimetismo é uma qualidade fundamental da vida humana em todos os sentidos. Como a cópia sempre foi central para a vida social, cultural e econômica, e é cada vez mais assim, é difícil não concluir que estamos à beira de uma grande mudança na forma como percebemos e reagimos ao papel da cópia na produção e na reprodução de nossas vidas.

Para sermos um pouco mais precisos, adentraremos nas particularidades desse fenômeno tendo como fio condutor da análise desse processo aquilo que Mason (2008, p. 240, tradução nossa) denomina de “dilema pirata”; ou seja, as formas nas quais “os experimentos sociais que são criados na tentativa de descobrir novas maneiras de compartilhar, remixar e produzir cultura” entram em conflito com formas comerciais ortodoxas e dinâmicas jurídicas tradicionais de regulação do mercado de bens culturais.

O que vale ser ressaltado neste momento é o caráter complexo na qual são travadas essas lutas. Em um sentido analítico, McCourt e Burkart (2003) sugerem que na linha de frente desse conflito três classes de sujeitos assumem a ofensiva desse combate, são eles: as corporações, os criadores e os consumidores. Mesmo que os agentes inseridos nestas classes de sujeitos se posicionem em articulações políticas diversas (muitas vezes antagônicas), faremos uso destas abreviações da realidade na medida em que compreendemos que há certos consensos de posições na qual cada um dos sujeitos articulam suas práticas e representações sobre esse conflito. Neste sentido, as “consequências dessa colisão” entre as corporações, os criadores e os consumidores se expressam nas perdas e ganhos na qual cada um desses agentes obtém nessa *batalha pela imposição do modo ideal de distribuição dos bens culturais através da internet*.

Vera da Silva Telles (2007, p. 14) postula que para compreendermos o mundo social (com suas clivagens, mutações e desencaixes) é necessário mobilizarmos “parâmetros críticos” e “parâmetros descritivos”. Para tanto, é de fundamental importância que os pesquisadores estejam extremamente atentos e sensíveis às “transformações que, nas últimas décadas, afetaram Estado, economia e sociedade”. Em outras palavras, para darmos conta das novas questões resultantes do reordenamento político e social das sociedades serão necessárias algumas estratégias de análise. Assim, a autora sugere que esse mundo redefinido e redesenhado necessita ser, antes de tudo, “auscultado” pelo pesquisador. Deste modo, pretendemos neste momento trazer algumas vozes que retratam (de forma breve) algumas das principais mudanças ou mesmo alguns aspectos mais gerais desta “outra economia” que ousamos denominar “economia do compartilhamento”. Com efeito, pensando essas revoluções situadas em contextos, traremos neste momento alguns ruídos “auscultados” do mundo dos “ateliês comunais de autoprodução interconectados em escala global”, como bem caracterizou Gorz (2010, p. 26). Esses ateliês se fundamentam neste momento como os locais privilegiados na qual os agentes se dispõem para constituir algumas estratégias de vivências simbólicas e práticas das experiências cotidianas de ritualização e perpetuação dessa “nova ética” de consumo, produção e distribuição de dádivas

Dada a pluralidade e a complexidade das experiências de compartilhamento online através da internet, escolhemos como fio condutor de nossas análises apenas uma comunidade em particular: o fórum Oásis. E faremos isso por uma razão especial. É na comunidade Oásis que vislumbramos a busca pela “essência da cultura P2P”, que pode ser resumida enquanto uma ação efetiva de promoção do compartilhamento livre de conteúdos digitais através do uso de específicas tecnologias. E, como já enfocamos anteriormente, a grande novidade destas experiências cooperativas podem ser definidas a partir da projeção de um modo especial de ação, que vincula ciberespaço e práticas ecológicas para garantir um modo efetivo de compartilhamento dos dados entre pares a partir da perspectiva da sementeação de sementes digitais. Como veremos ao longo desta tese, na comunidade Oásis assistimos ao desempenho particular dessas vivências cybercológicas, que apresenta uma formulação prática que torna expressivo os modos de existências da cyberagricultura.

Dessa forma, após esta breve introdução, esta tese prosseguirá com mais quatro capítulos.

No segundo capítulo, descreveremos algumas características gerais que compõem este fórum. Daremos uma especial atenção aos mecanismos de expressões das “identidades” dos membros, principalmente através de seus perfis online. Identificamos e descrevemos a importância das divisões grupais específicas deste fórum, além de diversos elementos expressivos de formulações da “pessoa” no fórum (mais especificamente, *nick*, avatar e título de membro). Discutiremos também neste capítulo algumas características essenciais da “traceabilidade digital” (nos modos expressos por Bruno Latour) enquanto uma das nossas estratégias metodológicas de referência que guiaram o nosso modo de olhar e de caminhar pelo Oásis. Além disso, finalizamos esse capítulo com um tópico que se propõe a realizar uma reflexão sobre nossas estratégias de negociações desta pesquisa.

No terceiro capítulo, nos propomos a refletir sobre a natureza e a essência das sementes digitais. Esses “estranhos artefatos” (objetos de culto e unificador dos desejos dos membros) se apresentam enquanto “híbridos” que demonstram o caráter inventivo da cyberecologia. Se a vinculação entra e cultura informática e cultura ecológica foi estabelecida, isso acontece em razão da existência desses artefatos. Para tanto, este capítulo está basicamente dividido em duas partes: em um primeiro momento, tentamos “abrir a caixa-preta” desta tecnologia, para isso situamos a sua produção e a sua difusão em uma zona específica de espaço e tempo, além disso tentamos identificar os principais agentes envolvidos nas tramas sócio-técnicas que compõem esta rede; em um segundo momento, exploramos a ideia geral que vislumbra o entendimento de que as sementes digitais são (antes de tudo) melhor compreendidas enquanto “presentes”, na qual o seu acesso está mediado por um específico sistema de prestações e contraprestações semelhantes aos descritos pelas “antropologias das dádivas” inspiradas na célebre pesquisa de Marcel Mauss.

No quarto capítulo, o nosso objetivo foi demonstrar (na prática) como se fundamenta o *modus operandi* da sementeação das sementes digitais online. Para isso, necessariamente tivemos de mergulhar profundamente nos modos de produção da “economia do compartilhamento”, já entendida neste momento enquanto uma “economia dos interesses apaixonados”, tendo como referência algumas formulações

propostas por Gabriel Tarde. A partir de inspirações conduzidas por este autor, nos propomos a debater novas formulações e conceitos em torno da economia política, especialmente através da identificação do capital-semente enquanto uma formalização bastante precisa da economia do compartilhamento (referenciada a partir dos modos de funcionamento desta economia entre os compartilhadores de sementes digitais no Oásis). Nesse sentido, se compreendemos a “dispersão de sementes digitais” através das redes online colaborativas enquanto uma “economia”, é a partir de inovações conceituais propostas pela “economia dos interesses apaixonados” que formulamos tais discussões teóricas. Por fim, exploramos neste capítulo de que forma as técnicas e os *softwares* utilizados para a prática da sementeação se conjugam de forma latente com aquilo que denominamos de “ética do compartilhar” (espécie de regras morais implícitas e explícitas que pretendem formalizar e guiar as experiências do compartilhamento através das redes P2P).

Por último, exploramos no quinto capítulo algumas características gerais daquilo que denominamos como cyberecologia. Assim, em um primeiro momento, buscamos a realização de uma genealogia deste conceito, para com isso justificar e conceituar de uma forma mais apurada quais as expressões mais importantes da vinculação entre a cultura informática e a cultura ecológica. No que tange a essa questão, projetamos esse debate tendo como referência o quadro conflituoso que atua como o cenário onde ocorrem esses embates. E, a nosso ver, os embates que fundamentam esses conflitos estão resumidos nas discussões em torno daquilo que Vandana Shiva entende como “sementes da vida”. Com efeito, perspectivamos uma proposta conceitual de compreende as sementes digitais enquanto “Sementes do Conhecimento” inseridas em um modelo de distribuição colaborativo que visa a perpetuação dos bens comuns do conhecimento. Assim, discutimos de que forma certos dilemas em torno dos abusos das leis de propriedade intelectual podem prejudicar o avanço das sementes digitais (já entendidas enquanto “sementes da vida”) e do projeto coletivo que visa garantir a democratização do acesso à cultura em nossa sociedade contemporânea. Por fim, finalizamos com uma discussão que pretende demonstrar a importância do projeto político que visa a valorização e a preservação de “bens culturais” (muitas vezes ameaçados pela censura, pelo descaso e pelo esquecimento) que promovam uma “descolonização da mente” e uma crítica aos produtos culturais enquanto “mercadorias”.

2 TRAÇADOS DIGITAIS NO OÁSIS: PISTAS, CAMINHOS E ACESSOS ETNOGRÁFICOS

Nós mesmos devimos imperceptíveis e clandestinos em uma viagem imóvel. Nada mais pode acontecer nem mesmo ter acontecido. Ninguém mais pode nada por mim nem contra mim. Meus territórios estão fora de alcance, e não porque sejam imaginários; ao contrário, porque eu os estou traçando (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 79).

Assim como em diversos fóruns online, quase tudo o que foi dito (geralmente escrito) e compartilhado de forma pública na comunidade Oásis pode ser, de alguma forma, acessado, recuperado, traçado¹⁷. Quase a totalidade geral dessa extensa escritura pode ser recuperada através de acessos que se dão em cliques de determinados *links*, na qual a maior parte se compõe de informações públicas que podem ser vistas por todos os membros. O ato de enunciação comunicativo realizado pelos membros na comunidade Oásis é chamado de “postagem”. Cada postagem é realizada em um determinado fórum (ou sub-fórum) e o acesso a todo esse vasto conteúdo se dá através de interações realizada em cada tópico. Denominamos, a partir de inspirações metodológicas propostas por Bruno Latour (2010), **traceabilidade digital** esse movimento contínuo de perpetuação do acesso aos tópicos na comunidade Oásis: seja para recuperá-lo discretamente como um meio de conseguir algum tipo de informação; seja para continuar o debate e a conversa, através da realização de uma nova postagem em um tópico já existente; ou, por fim, seja para criar novos tópicos e garantir com isso uma interação real e prática.

Neste capítulo, tentaremos elaborar uma análise conceitual daquilo que denominamos de **passeio apaixonado pelos jardins virtuais da comunidade Oásis**. Vale ressaltar que esse passeio se assemelha ao modelo proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari em “O Anti-Édipo” (2010, p. 15) quando se referem ao “passeio do esquizofrênico”. Em nosso entendimento tal passeio se apresenta através

¹⁷ Em março de 2017, existiam cerca de 60.000 membros registrados na comunidade, sendo que tais pessoas haviam produzido (até esta data) algo em torno de 930.000 postagens públicas desde a criação da comunidade. Obviamente que nossa traceabilidade nos permitiu consultar um número bastante reduzido e limitado de postagens (principalmente quando pensamos no volume massivo e abrangente de conteúdos existentes). Em termos gerais, quase nenhuma mensagem postada no fórum é apagada, mas existem alguns tópicos que são deletadas e tal debate fica perdido.

de uma complexa interposição de máquinas-desejantes, porque se permite “tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros”.

Na esquizofrenia é como no amor: não há especificidade alguma e nem entidade esquizofrênica; a esquizofrenia é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como “realidade essencial do homem e da natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16).

O “passeio apaixonado” e o “passeio do esquizo” se confundem como quando estreitamos as relações entre o amor e a esquizofrenia, na qual o próprio percurso/processo já se apresenta como uma “minuciosa máquina desejante”. Para tanto, seguiremos nesta pesquisa um traçado de linhas erráticas que se propõem a delinear *experiências de vida* que serão inscritas a partir dos *sentidos da participação* de minhas vivências compartilhadas com outros membros que frequentam a comunidade Oásis. Uma reflexão sobre o percurso/processo ao ar livre, onde nenhuma forma de vida será incapaz de se acoplar, de formar novas conexões.

Dentro deste passeio, navegadores (*browsers*) de internet se abrem como imensos portais que nos transmitem os graciosos e frutíferos jardins da comunidade Oásis. Um passeio por terras férteis e vales frutuosos, onde cyberagricultores preparam e organizam um fecundo lar para as “verdadeiras sementes digitais”, um templo onde tais sementes serão catalogadas, apresentadas, agraciadas, comentadas, semeadas, compartilhadas. Tudo isso acontece sem qualquer metáfora e sem o apoio de nenhum dos “grandes divisores” (GOLDMAN; LIMA, 1999). Nesse sentido, são apenas os efeitos de máquinas que nos interessam neste mudo e imóvel “passeio apaixonado”.

Não é o neurótico deitado no divã que nos fala do amor, da sua potência e dos seus desesperos, mas o mudo passeio do esquizo, o percurso de Lenz nas montanhas e sob as estrelas, a imóvel viagem em intensidades sobre o corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 285, grifos nossos).

Uma viagem imóvel, um passeio por intensidades, um percurso amoroso (banhados em seus desesperos) por uma grande comunidade envolta por preciosos jardins plantados para ser compartilhados por quem conhece seus caminhos, acessos e mistérios. Um oásis fortificado em meio aos desertos e paisagens desoladas, mas que se destaca como um local de cultivo, preservação e dispersão de preciosas

“sementes da vida” em um tempo no qual o futuro se torna cada vez mais belicoso e mortífero. Como bem observa Raymond Willians (2011, p. 386):

Há ideias e modos de pensar que têm neles as sementes da vida, e há outros, talvez na profundidade de nossas mentes, que têm as sementes de uma morte geral. A medida de nosso sucesso em reconhecer esses dois tipos e em dar-lhes um nome, possibilitando assim seu reconhecimento coletivo, pode literalmente ser a medida de nosso futuro.

Entendemos como *sentidos da participação* algumas formas distintas de apreensão de nossa experiência associativa no fórum; mas, sobretudo pensamos na forma como participamos em termos reais, práticos: como usamos a comunidade e como fomos usados por ela¹⁸. Privilegiamos a ação e o movimento que foi traçado durante nove anos de contato com a comunidade, e, como veremos, esse passeio será apresentado através de mapas de percepções de gestos e ações erráticas a partir de uma viagem de volta.

O caminho será circunscrito por hiatos e ausências de informações, onde trajetórias se confundem e serão apresentadas a partir de diferentes perspectivas. Portanto, o próprio discurso do pesquisador dentro da comunidade se mostra posicionado em linhas erráticas, já que podemos identificar diferentes “sentidos da participação” que foram construídos ao longo dos nove anos de minha participação na comunidade. Podemos identificar basicamente dois momentos: primeiro, uma trajetória que intercala os anos 2008 a 2012, e que pode ser caracterizado como o momento “pré-pesquisa”; segundo, uma trajetória que segue um novo e imprevisto direcionamento e se inicia em meados de 2012 após a aprovação deste projeto junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E é exatamente o fato da comunidade Oásis ser basicamente uma *comunidade de escrita* que permite e potencializa a construção deste traçado e nos dá as bases tecnológicas para um possível retorno. Como postulamos no início deste capítulo, quase tudo o que foi dito e compartilhado publicamente na comunidade Oásis

¹⁸ Em um sentido específico, poderíamos afirmar que nossas vivências neste fórum consolidaram uma zona bastante indefinida de ações e práticas que não visaram somente um plano metodológico para obtermos dados para tal pesquisa. Ao contrário, nossas ações visaram uma interação real e plena, com todos os indizíveis interesses e intenções destilados em cada ato ou movimento performedo.

pode ser recuperado, traçado. Mas o que a comunidade expõe através de extensos murais virtuais (onde estão inscritas cerca de 930.00 postagens) nos revela algo importante sobre a importância da palavra entre os membros desta comunidade.

Aliás, como já postulou Blanchot (2013, p. 25), ao observar os limites da escritura, a múltipla “palavra sem partilha” evoca as comunidades em seus próprios destinos a partir de suas ausências e de seus fracassos. “Assim presente-se que a comunidade, no seu fracasso mesmo, tem parte ligada com uma certa espécie de escritura, aquela que não tem nada além a buscar do que as palavras últimas”. Palavras escritas em panfletos que voam sem deixar rastros, palavras escritas em tópicos e murais online como frágeis e densos saberes.

A comunidade, enquanto rege para cada um, para mim e para ela um fora-de-si (sua ausência) que é seu destino, dá lugar a uma palavra sem partilha e, no entanto, necessariamente múltipla, de tal sorte que ela não possa se desenvolver em palavras: sempre já perdida, sem uso e sem obra e não se magnificando nessa perda mesma. Assim, dom de palavra, dom de “pura” perda que não saberia assegurar a certeza de ser jamais acolhido pelo outro, ainda que outrem torne só possível, senão a palavra, ao menos a suplicação a falar que carrega com ela o risco de ser rejeitada ou extraviada ou não recebida (BLANCHOT, 2013, p. 24-25, grifos nossos).

Nestes termos, a incompletude da palavra reascende as marcas dos limites da exigência comunitária ou mesmo da “impossibilidade do Dizer”, pois o único conteúdo deste não-saber está alicerçado no fato de serem intransmissíveis. Talvez seja esse o sentido do silêncio para Blanchot, assim como o sentido daquilo que apenas brevemente denomina de “comunicação noturna”. Ainda sobre a relação da escritura (neste momento nos atrevemos a denominar “inconveniência literária”) com as comunidades, Blanchot (BLANCHOT, 2013, p. 33-34, grifos nossos) escreve que:

[...] a comunidade [...] só se mantém como o lugar – o não-lugar – onde não há nada a deter, secreta por não ter nenhum segredo, obrando apenas no desdobramento que atravessa a escritura mesma ou que, em toda troca pública ou privada de palavra, faz ressoar o silêncio final onde, entretanto, não é jamais seguro que tudo enfim termina. Não há fim lá onde reina a finitude.

É a partir deste atravessado silêncio ressoado que tentamos matizar os sentidos de nossa participação na comunidade Oásis. Na aurora de diversas noites e dias, sem horário para começar nem para terminar, seguimos traços, fizemos fruir

caminhos (muitas vezes por vias improváveis ou mesmo deselegantes) em uma comunidade sem horário para fechar, nem para abrir. E foram nos rastros dessas complexas redes sociotécnicas que tentamos empreender a traceabilidade digital que nos ajudasse a capturar as marcas singulares deste novo tipo de acesso e visualização dos “modos de existência” (LATOURE, 2013).

A digitalização de conteúdos e seu acesso contínuo através de bancos de dados digitais estruturam as bases tecnológicas desta mudança. Mas o que nos chama atenção parece ser a confirmação de que Bruno Latour (2010, p. 149, tradução nossa) esteja no caminho certo ao reivindicar novos modelos e novos instrumentos de captura de dados etnográficos que possam assimilar aquilo que Gabriel Tarde denomina de “fisiologia da percepção”.

Vamos tentar achar uma melhor forma mais sensível e, acima de tudo, mais *traçável* de fazer ciência social. E ela existe: aqueles que cometem crimes imitam um ao outro. Eles devem aprender um com o outro, *modus operandi* por *modus operandi*, crime por crime, truque por truque. [...] Seguir os “raios imitativos” vai tornar o social mais traçável do início ao fim sem nos limitar nos indivíduos, ou forçar um salto para algum tipo de estrutura.

Plantar sementes digitais e compartilhá-las através de redes online exige complexos conhecimentos, equipamentos, saberes, modos de fazer etc. Mas todo esse *modus operandi*, que constitui as principais experiências que definem a bases da “economia do compartilhamento”, se apresenta de forma traçável na comunidade Oásis como um dado que pode ser recuperado. Essa talvez seja uma leitura válida, mas podemos ir mais fundo ao percebermos que o dado etnográfico na era do mundo digital permite novos agenciamentos ao nunca se apresentar somente enquanto dado a ser “recuperado”, fruto de um arquivo empoeirado. Assim, o conceito de traceabilidade digital proposto por Latour se apresenta como a forma na qual traçamos nossos caminhos e acessos etnográficos na comunidade Oásis, principalmente ao definí-lo como aquele que se dá por tarefa “traçar caminhos na qual mônadas individuais conspiram uma com a outra sem nunca produzir uma estrutura (LATOURE, 2010, p. 149, tradução nossa).

A importância dos segmentos dessas trajetórias pode ser percebida através de um ininterrupto conjunto de traços, pistas, truques, dicas e caminhos que contrariam qualquer indício de deficiências, falta de dados ou de informações. Neste

momento reforçamos a nossa ideia de pensar o “mundo digital” a partir da descrição da complexa ecologia que caracteriza esses grupos ou comunidades online em seus modos mais singulares e específicos. O que nos remeteria a nos afastar de qualquer tentativa de reforço da “exigência comunitária” ou de qualquer semblante estruturalista (muitas vezes inexpressivos e ruidosos) que deslizam ao empreender discursos homogeneizantes sobre agenciamentos bem particulares de um determinado grupo de pessoas.

Em resumo, seguimos o acesso do *modus operandi* de cyberagricultores através de expressivos rastros silenciosos e enunciativos que denominamos traceabilidade digital. Tal traçado perpassa momentos singulares que evocam diferentes “sentidos da participação” da ação do pesquisador na comunidade. Em um sentido restrito, podemos analisar que as narrativas aqui condesadas são expressas em um contexto de “observação da participação”, nos termos expostos por Barbara Tedlock (1991, p. 72, tradução nossa):

Por que a antropologia é ao mesmo tempo processo e produto, nossas vidas enquanto etnógrafos estão incorporadas às nossas experiências de campo de tal forma que todas as nossas interações envolvem escolhas [...]. O que nós vemos ou falhamos em ver, relatando um particular mal-entendido ou embaraço, ou ignorando, tudo envolve escolhas. Nós estamos fazendo escolhas quando nos deixamos de lado do produto etnográfico final.

Assim, partiremos neste momento a um mergulho neste “passeio esquizo” pela comunidade Oásis e seguiremos inicialmente a partir do ponto mais pessoal, perceptível e relevante do substrato das conexões potenciais que emergem no contexto da economia do compartilhamento através das redes sociais digitais online: o perfil de um membro do fórum. Por diversas razões que serão aprofundadas mais a diante, optamos por não identificar (sob nenhuma hipótese) perfis de pessoas que frequentam a comunidade Oásis. A única exceção será o perfil do próprio pesquisador. Mesmo que tal postura possa soar exagerada ou paranoica, nós entendemos que o risco maior que corremos reside na possibilidade de quebrarmos acordos e compromissos publicamente assumidos com membros deste fórum¹⁹.

¹⁹ Debatermos com mais profundidade sobre tais acordos e compromissos no último tópico deste capítulo.

Neste sentido, as configurações relacionais que se esboçam neste contorno apontam um borramento das fronteiras do que usualmente costumamos pensar como sendo formulações das definições de “antropólogo” e “nativo” nas tradições antropológicas clássicas. Isto nos leva também a reformular definições do estatuto da objetividade antropológica que teima em encaixar concepções fechadas (outros tipos de “ficções teóricas”) sob o regime de apreensão do conhecimento antropológico. Como percebe Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 123): “não se trata de imaginar uma experiência, mas de experimentar uma imaginação. [...] Ou seja, a ficção é antropológica, mas sua antropologia não é fictícia”. Assim, nossa relação de inteligibilidade da construção narrativa desta “ficção controlada” perpassa uma nova relação de entendimento do divisor “antropólogo” e “nativo”.

2.1 Os perfis dos membros do Oásis

Começaremos nosso passeio pelo Oásis a partir de um importante ponto de conexão e difusão da socialidade dominante na comunidade. Como veremos, cada ato de enunciação comunicativo realizado dentro do fórum está atrelado (de alguma forma) a uma pessoa, no qual se desdobra todos os atos simbólicos e práticos de reconhecimentos de diferenças, classificações e julgamentos. E é a partir destas “conexões parciais”²⁰ (STRATHERN, 2004) que as heterogeneidades se desdobram e novos agenciamentos entram em cena. Não será difícil pensarmos nestes termos se tivermos em mente o conceito de “ontologia fractal” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 99), principalmente quando este concebe as redes a partir da negação da distinção entre “parte” e “todo”. Além disso, a “ontologia fractal” percebe que o todo é apenas uma parte ao lado das partes. Em outras palavras, o todo não totaliza as partes, nem as unifica, o todo apenas se acrescenta às partes. Mas uma das grandezas teóricas da “ontologia fractal” pode ser concebida quando analisamos o seu efeito no derretimento dos “mega-conceitos emblemáticos” da antropologia (mais notadamente os conceitos “Cultura” e “Sociedade”).

A multiplicidade é o quase-objeto que vem substituir aquelas totalidades orgânicas (“românticas”) e aquelas associações atômicas (“iluministas”) que

²⁰ Para não falarmos em “verdades parciais”, como sugere James Clifford (1991).

pareciam esgotar as possibilidades à disposição dos antropólogos; com isso, ele sugere uma interpretação completamente diferente dos mega-conceitos emblemáticos da disciplina, a Cultura ou a Sociedade, a ponto de torná-los, em um sentido não trivial, “teoricamente obsoletos”.

Nessa linha de pensamento, reagimos contra a obsessão pelas totalidades orgânicas quando concebemos uma antropologia a partir de uma filosofia da relação. O que nos interessa antes são as implicações destas relações. E nosso principal caminho metodológico se baseou em uma tentativa de construir rotas de acessos à essas implicações, através de uma delicada costura desta traceabilidade digital pela comunidade. Cada ato de enunciação comunicativo, cada postagem pública ou privada realizada por mim no Oásis (ou fora dele, mas com seus membros por perto flanando por outras redes digitais), cada linha básica de relacionalidade que se abriu nestes caminhos rizomáticos nos insere nessa modalidade relacional que chamamos “devir” ou “síntese disjuntiva”.

Assim, nossa “terapia de desobsessão” começa quando compreendemos que a alternativa que nos leva a abolir a distinção entre “o todo e a parte” é a “ontologia fractal”. E para isso foi preciso romper com algumas noções sagradas que temos sobre o que é uma pessoa, uma relação, uma rede, uma sociedade, uma comunidade etc. Caminhos rizomáticos movidos por paixões e intensidades. Caminhos que foram vividos (experimentados), antes do que mapeados ou coletados. Uma pesquisa que foi constituída a partir de um pequeno ponto (o perfil do pesquisador na comunidade), tendo sobre ele a possibilidade de nos conectamos às multiplicidades mais intensas. E assim expandir as chaves de entendimento sobre a comunidade Oásis mirando como ponto de chegada uma “síntese disjuntiva” (ao invés das românticas totalidades orgânicas).

Faz-se necessário uma terapia de desobsessão. Comparar multiplicidades é outra coisa que fazer convergir particularidades em torno de generalidades, como no caso usual das análises antropológicas que buscam semelhanças substanciais por baixo de diferenças acidentais: “em toda sociedade humana...”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 100).

Assim, como não temos por objetivo construir uma teoria geral da economia do compartilhamento na era da internet (por exemplo, a partir de expressões generalistas como “em todo fórum online...”), nosso horizonte se distancia de qualquer

modalidade que não tenha como substrato as implicações mais particulares resultantes da experiência empírica que culminaram nesta pesquisa. Dito de outro modo, o que colocamos em perspectiva são as implicações das relações na constituição desta socialidade agrícola digital, na qual pessoas plantam sementes digitais e trabalham com estima para que tais estranhos artefatos possam se reproduzir indefinidamente, *bytes por bytes*, gerando cópias e mais cópias de arquivos digitais que (através de determinadas redes cibernéticas) são compartilhados entre pares. Nossas rotas implicam a constituição de uma narrativa a partir da rastreabilidade digital de caminhos rizomáticos, no qual o que está sempre em jogo é o movimento da diferença. “Diferença positiva antes que opositiva, indiscernibilidade de heterogêneos antes que conciliação de contrários [...]” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 100).

Nesta linha de reflexão, a quebra da obsessão começa quando reagimos contra esse esquema generalista que teima em enquadrar multiplicidades, diferenças positivas ou rizomas em definições excludentes e generalistas, como “sociedade”, “natureza”, “cultura”, “tecnologia”, “economia”, “dádiva”²¹. A nossa linguagem tem por destaque “uma linha de fuga à alternativa entre o um e o múltiplo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 100), pois é a partir destes detonadores de diferenças que absorvemos a ideia da “ontologia fractal” como um modo de quebrar as barreiras existentes na separação ontológica entre “o todo e as partes”.

Toda essa discussão se evidencia de importância quando apresentamos alguns elementos da produção desejante de como uma “pessoa”, ou um “indivíduo” pode ser atestada na comunidade Oásis. Analisaremos alguns elementos-chaves desta apresentação constituindo uma reflexão a respeito das particularidades de como “ser uma pessoa” no Oásis. Olhemos com bastante atenção a FIGURA 02, que expõe alguns detalhes de meu perfil na comunidade. Esta imagem consiste em um destaque modificado do meu perfil no fórum e apresenta algumas informações públicas entre os membros. É possível notar meu “nick” ou apelido (“valentim”); um “título de membro” ou uma frase livre (“Compartilhar é preciso!”); minha foto de

²¹ Não estamos com isso afirmando que tais conceitos sejam irrelevantes ou mesmo que tais classificações sejam inúteis. O que estamos a sugerir neste momento perpassa apenas uma tentativa de reforçar o entendimento pressuposto de que os conceitos e as classificações nativas (da antropologia, e não dos agentes desta pesquisa) precisam estar dispostas “em contexto”.

exibição do perfil (avatar); o grupo o qual pertencço (“Agitadores”); a quantidade de postagens realizadas ao longo de minha participação no fórum (1,207); e a minha data de ingresso na comunidade (19 de julho de 2007). Analisaremos com cuidado cada um desses elementos a seguir.

FIGURA 02 – Informações públicas de meu perfil na comunidade Oásis.



FONTE: Arquivo pessoal do autor (setembro de 2015).

2.1.1 O nick (nome de perfil)

Observemos de antemão que o perfil de qualquer membro da comunidade Oásis é algo carregado por extensos significados expressivos que escorrem e transbordam sensações não muito claras. Dentro do “Boteco [Oásis]”²², alguns tópicos

²² O “Boteco [Oásis]” é o subfórum mais badalado da comunidade, com quase 250.000 postagens realizadas (até agosto de 2015). Uma breve descrição sobre esse espaço no Oásis diz o seguinte: “Aqui se fala de qualquer coisa”. O “Boteco Oásis” também abriga as mais importantes e acessadas listas de discussões da comunidade e são divididos em quase 5.000 tópicos. Os mais acessados levantam discussões sobre futebol, sobre os últimos livros lidos e filmes vistos, sobre diversos assuntos regionais de pessoas de cidades como Salvador, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, além de um grande e íntimo diário público denominado “Diário [Oásis]”.

de discussões estimulam os membros a refletirem sobre o significado, especialmente de seus “nicks” (apelidos ou nomes de usuários) e “avatars” (imagens de exibição no perfil). Um tópico criado em outubro de 2006 (apenas três meses após a criação do fórum) faz a seguinte afirmação: “Explique seu Nick”. Perto de 250 postagens foram realizadas neste tópico, o que gerou um extenso debate principalmente através de comentários das histórias e explicações dos mais diversos “nicks” ou apelidos.

Uma das coisa[s] que eu acho mais engraçadas nestes fórum são os Nick's (NickName) que alguns usuários escolhem para serem identificados. Alguns usam as iniciais do seu verdadeiro nome, outros usam um apelido de infância, ou uma personagem ficcional de algum filme ou livro e por ai vai... Tenho muita curiosidade de saber o que leva o individuo a escolher seu nick, por este motivo criei este tópico... quero que as pessoas expliquem o "porquê" do seu nick, e vou começar por mim [...] (Grupo: Veteranos / Outubro de 2006).

Vejamos que por uma razão muito simples optamos por não revelar nenhum nick usado por qualquer membro do fórum (exceto o do próprio pesquisador). Nomes civis, registrados em cartório, podem ser iguais, e muitas vezes o são. Mas no mundo da comunidade Oásis não pode existir duas pessoas com o mesmo nick, o que garante um extremo grau de variância de nomes, já que por definição não podem existir dois iguais. Isso resulta em uma compilação de nomes totalmente singulares e sua simples enunciação poderia imediatamente identificar e revelar a identidade de algum usuário do fórum.

É preciso também perceber que optar por não identificar nomes e “nicks” extremamente singulares é deixar de lado um rico e precioso material de pesquisa. Assim, o modo de enunciação desses nomes se constituiu um desafio nesta tese, principalmente quando assumimos o compromisso público de nunca identificar membros da comunidade durante a exposição desta pesquisa. Entretanto, podemos talvez sem nenhum prejuízo analisar (seguindo o tópico citado anteriormente) as razões e os significados de alguns nicks de membros da comunidade.

Os relatos que apresentaremos a seguir fazem a própria constituição desta narrativa uma demarcação expressiva da possibilidade de permanência da vitalidade da produção desejante no ato de “nomear-se” ou de “apresentar-se” no Oásis, mesmo quando nossos relatos apenas nos alcançam por ecos, muitas vezes estilhaçados e silenciados (por que não censurados?). Tal censura nos liga mais uma vez ao debate introduzido no início desta tese de que estaríamos “sob uma guerra” aberta, no qual o

que estaria em jogo seria o modo de existência das **socialidades dos cyberagricultores compartilhadores de sementes virtuais**. É uma censura através de um ato de autoimposição, uma censura negociada, uma tática de guerrilha.

Assim, mesmo tendo que abafar e suprimir da tese qualquer identificação de nicks de qualquer pessoa (os verdadeiros “nomes reais” dos membros na comunidade, as identificações na qual as pessoas são corriqueiramente referidas), observamos que os relatos apresentados nesta tese (todos, de alguma forma, suprimidos e modificados) ajudam a apresentar “a pessoa” na comunidade Oásis (“algo da ordem de um sujeito”) como esse “corpo sem imagem”, mas ao mesmo tempo “máquinas desejantes produtoras e reprodutoras” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16) assentadas na produção desejante. Deste modo, prestemos atenção nesses “estranhos sujeitos” situados em suas disjunções que de repente se deixam assinalar, esses “sujeitos sem identidades fixas” que em seus mínimos gestos espalham seus rastros, marcas e pegadas.

É que, na superfície de inscrição, algo da ordem de um *sujeito* se deixa assinalar. É um estranho sujeito, sem identidade fixa, errando sobre o corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejantes, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir ou de um avatar, nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 30).

Seguiremos em nossas narrativas sobre os efeitos das nossas relações com esses “estranhos sujeitos” que habitam a comunidade Oásis. Para tanto, observaremos com atenção as marcas expressivas que se verificam nos atos de nomeação desses “corpos sem órgãos”, onde fluem potentes faixas de intensidades escorridas pelos mais mais diversos agenciamentos. Observemos estas postagens onde membros tentam explicar o significado de seus nicks:

[Cita seu nick] é um personagem de um livro de Umberto Eco [...] (Grupo: Veterano / outubro de 2006).

[Cita seu nick] é um nome de elfo. Grande Bosta (Grupo: Membros / fevereiro de 2007).

Meu nick era para ser um apelo: [Cita seu nick] Doem Sangue! Mas não coube no espaço do Orkut. Então ele foi encolhido. [...] Mas eu gosto do meu nick. Muita gente se lembra de fazer a doação quando me lê. E eu escrevo paca. (Grupo: Conselheiros / outubro de 2010).

[Cita seu nick] está em uma canção do Bob Dylan :) (Grupo: Membros / Agosto de 2009).

Um disco [...] do Soundgarden. Boa época aquela!! (Grupo: Agitadores / outubro de 2010).

Algumas pessoas chegam a anunciar que usam nicks exclusivos no Oásis:

Bom meu nick [Cita seu nick] é exclusivo do [Oásis]. Resolvi utilizar este aqui, porque meu namorado me chama assim e como foi ele que me mostrou este site, então achei que seria legal! E como meu nome é muito convencional "Carolina", acaba que todos os nicks que eu tento relacionado ao meu nome, sempre tem alguém usando! Adorei este tópico para explicar os nicks, tem uns apelidos que realmente me deixam intrigada! hehehehe (Grupo: Membros / setembro de 2007).

[Cita seu nick] é o nome de um álbum - e de uma música - do David Bowie. Não é meu álbum favorito, mas gosto bastante. Além, é minha persona favorita do Bowie - embora a maioria prefira o Tin White Duke. Apesar disso, esse é um nick que utilizo apenas aqui no [Oásis] (Grupo: Membros / janeiro de 2008).

Sempre tento usar um nick diferente em cada fórum. Um pouco antes de me cadastrar no [Oásis] eu falei para meu irmão, do nada: "Se eu fosse um luchador mexicano de luta livre, meu nome seria [Cita seu nick]". Nem sei pq pensei nisso, mas gostei da sonoridade da palavra e acabei usando (Grupo: Projetores / setembro de 2015).

Mas alguns optam por nomes sem significados extremamente relevantes ou sem muitas "historinhas":

Meu nick é totalmente banal e sem história legal alguma... É apenas meu apelido normal, haha. Que frustrante :S (Grupo: Membros / fevereiro de 2008).

Bem... Meu nick também não tem historinha não.... :{ Just my name. :) (Grupo: Tradutores / fevereiro de 2008).

O meu eu não lembro o que é... (Grupo: Visitantes / agosto de 2009).

Nestes redemoinhos de sujeitos descentrados, podemos ver emergir diversas "zonas de intensidades" que manifestam traços os mais complexos e os mais divergentes possíveis. Estas características são expressas naquilo que é mais particular, delicado e denso no ato de constituição e de emergência do "sujeito" no Oásis. Dito de outro modo, o nick de uma pessoa no fórum objetivamente funciona como uma "máquina de inscrição" e produção de "energia de diferença".

Lembremos que todas as pessoas necessitam nomear-se ao increver-se pela primeira vez na comunidade. Portanto, a comunidade veda o anonimato. Todos

e todas necessitam dar-se um nome e, como veremos com mais detalhes a seguir, podem completar essa profusão de significados mostrando através de um avatar uma outra extensão de si. É exatamente nessa ordem de inscrição que vemos emergir esse “estranho sujeito”. Todos únicos! Todas únicas! Ao menos no nome, se não em todos os seus esconderijos ou bueiros onde os sujeitos escorrem. Sempre através de expressões extremamente singulares, desde o elemento mais básico na constituição desse sujeito que está sempre “na borda, sem identidade fixa, sempre descentrado [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 35).

Além de tudo, vale destacar a regra 11.2 do “Manual de Regras” que expressa a proibição de “contas duplicadas” para usuários. Isso significa dizer que uma pessoa não pode (sob pena de banimento da comunidade) apresentar-se por duas contas ou dois nomes de usuários. Cada perfil ou conta é pessoal e intrasferível. Portanto, mesmo que esses estranhos sujeitos estejam sendo produzidos enquanto resíduos (em um plano de intensidade totalmente diferente dos “sujeitos civis”), jamais podemos perder de vista essa dimensão de inscrição de um sujeito. Assim, o elemento chave de inscrição desta narrativa deriva deste sujeito residual; ou seja, de uma traceabilidade digital por bordas ou zonas de intensidades (“caminhos rizomáticos”) na qual fluem sujeitos ou pessoas fragmentadas, desterritorializadas.

Nossos caminhos teórico-metodológicos nos exaltavam a seguir essas “pessoas fractais”, mas que a todo instante teimavam em constituir-se enquanto sujeitos extremamente singulares (por seu extremo grau de variância). Tais caminhos foram percorridos por zonas de intensidades, onde fluíram ecos e máquinas desejantes foram acopladas. Como propõem Deleuze e Guattari (2010, p. 37): “Não se identificar com pessoas, mas identificar os nomes da história com zonas de intensidades sobre o corpo sem órgãos; e a cada vez o sujeito grita: ‘Sou eu, então sou eu’”. Sigamos em nossos relatos sobre a constituição dos nomes desses estranhos sujeitos que existem na comunidade Oásis. Neste momento, uma definição bem particular se expressa nesses dois discursos, pois apresentam duas pessoas que optaram por nomear-se através de seus nomes próprios (ou ao menos parte deles), ao invés daquilo que uma dessas pessoas denomina de “nicks doidos”:

Gente, kiloucura, cada história tão emocionante. Meu nick é meu nome e as iniciais dos sobrenomes: [cita seu nome completo]. Eu gosto do meu nome + Gosto de mostrar quem eu sou = Ponho meu nome nas coisas. Não consigo

usar nicks doidos por muito tempo. Preciso ser eu. Deve ter alguma explicação inconsciente. (Grupo: Membros / agosto de 2009).

Meu nick é um dos meus nomes! Mas eu me chamo Daniel Costa Valentim! E aqui nesse lugar "valentim" significa aquele que se amansa, que tenta seguir na calma, que faz um apelo ao prologamento do amor, do perdão, e da importância da gratidão em tempos de guerra! (Membro: valentim / Grupo: Agitadores / setembro de 2015).

“Preciso ser eu”, exclama uma das pessoas na comunidade Oásis que optou por não esconder sua alma por trás de perfis ou nomes “fakes”, mas que nem por isso deixam de constituir-se em um *socius* desterritorializado. Pois tais definições e explicações de seus nicks apenas surgem quando essas pessoas se debruçam em um tópico especial no “Boteco Oásis”. No primeiro caso, a pessoa afirma que curte pôr seus nomes nas coisas, porque gosta de seu nome, gosta de mostrar quem ela é; no segundo caso, o autor desta tese reafirma essa tendência ao expor seu nome completo, e ao explicar o significado de seu nick “valentim” (assim mesmo, com letras minúsculas). “Sou eu, então sou eu”.

Em resumo, o ato de “definir-se em um nome” estabelece uma convergência de fluxos de devires extremamente expressivos, principalmente em seus aspectos de constituição da construção de um “sujeito”, ou de uma “pessoa” na comunidade Oásis. De toda forma, essa “pessoa fractal” que emerge passa ao largo dos “sujeitos civis”, aqueles cidadãos e cidadinas imaginados por planejadores estatais dominantes (com estado civil, gênero, grau de instrução etc. bastante definidos). Mesmo ao lembrarmos que objetivamente sempre há uma pessoa por trás destes perfis e nicks, o grande desafio de garantir o acesso a esses “sujeitos civis” se desdobra em uma quimera sem possibilidade de ser derrotada. Isso porque na comunidade Oásis, os sujeitos residuais emergem primeiramente (vale destacar que ainda estamos na superfície, mas as coisas ficarão mais complicadas adiante) a partir de alguns elementos básicos, na qual a definição de um nick e de um avatar assume um lugar de destaque por permitir aberturas poéticas para suporte de relações e distribuição de agentes. Vale lembrar que é sempre a partir de um pequeno ponto (um perfil de uma pessoa) que cada ato de enunciação comunicativo toma corpo na comunidade.

Assim, o ato de “nomear-se” pode ser entendido como uma das peças desta pulsante máquina desejante, mas os acessos etnográficos a esses ricos

universos apenas foram deliberados a nós de forma entrecortada, ambígua, vacilante e ruidosa. O nosso “passeio do esquizo” consistiu em tentar garantir a existência e a perpetuação desses “corpos sem órgãos”, mas sem perdermos de vista a vitalidade expressiva desses “estranhos sujeitos” que habitam esse oásis fortificado no deserto.

Quanto ao esquizo, com o seu passo vacilante, que não para de migrar, de errar, de escorregar, embrenha-se cada vez mais longe na desterritorialização sobre o seu próprio corpo sem órgãos, até o infinito da decomposição do *socius*, e talvez o passeio do esquizo seja o seu modo particular de reencontrar a terra (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 54, grifos nossos).

Por fim, nosso desafio foi tentar compreender dentro da comunidade Oásis de que forma essas pessoas dão seus passos distanciando-se da carga objetiva, superficial e generalista que carregam suas “identidades civis”. Isso talvez em decorrência de dois principais motivos: primeiro, e quiçá o mais importante, porque assim o desejam; segundo, como uma tática de guerra, como uma forma de se esconder e se esquivar dos holofotes dos senhores das leis. De todo modo, os membros da comunidade Oásis (esses “agentes da produtividade real do desejo”) não contam apenas com um “nick” ou nome de usuário para garantir suas comunicações aberrantes. Aprofundaremos este debate a seguir.

2.1.2 O título do membro

O jargão linguístico no qual fluem diversas linhas de intensidades que constituem as emergências de sujeitos residuais no Oásis se torna mais complexo a medida em que esses agentes produzem *excessos expressivos* de constituição de seus corpos sem órgãos. Nesse momento analisaremos as faixas de intensidades latentes nos “títulos dos membros”. Chamamos esses itens de excessos expressivos pelo fato desses elementos intensivos não serem necessariamente obrigatórios no processo de preenchimento de um perfil, mas nem por isso deixam de ser importantes marcas identitárias na emergência de construção dos sujeitos na comunidade. Na realidade, arriscaríamos o palpite (já que consideramos muito difícil determinar com clareza essa quantidade) de que a grande maioria dos membros da comunidade não

utilizam essa ferramenta do fórum como uma possibilidade de ampliação da emergência dos sujeitos. Entretanto, muitos membros percebem esses registros de uma outra forma, e estão sempre produzindo uma nova energia diferenciante a partir desses excessos expressivos.

Voltemos à FIGURA 02, na qual podemos perceber (a partir de um *screenshot* modificado de meu perfil na comunidade) a seguinte frase: “Compartilhar é preciso!”. A frase fica exposta logo abaixo de meu nome de usuário (“valentim”), e logo acima de meu avatar (discutiremos sobre ele no próximo tópico). Essa frase é denominada de “título dos membros” e consiste em uma pequena frase livre de mais ou menos 50 caracteres (com espaços). Se não for editada, é gerado uma frase ou título automático que basicamente expõe o nível de participação desses membros a partir do número de postagens realizadas por essas pessoas na comunidade. São elas: Novatos; Membros; Membro Avançado; Super Membro; Membro Super Ativo. Observemos esse questionamento realizado por um membro novato na comunidade:

[...] Quero saber só por CURIOSIDADE. [...] Em cima das fotos dos usuários, muitas vezes tem: MEMBRO, SUPER MEMBRO, MEMBRO SUPER ATIVO, MEMBRO AVANÇADO e outros não tem nada escrito. Qual a diferença entre AVANÇADO e SUPER MEMBRO? Porque alguns não tem nada escrito e outros têm frases personalizadas ou apelidos? Como eu disse, é só curiosidade, na verdade eu não ligo para as categorizações. É que, quando entrei no [Oásis] e tentava entender como tudo funcionava, eu ficava observando isso tudo (Grupo: Membros / junho de 2011).

Apesar dessa pessoa afirmar explicitamente que não se importa com “categorizações”, vale destacar a importância que ela vislumbra aos títulos dos membros (mesmo sem saber como as coisas realmente funcionam). Por algum motivo, essas categorizações fazem transbordar produções de significados e perspectivas. Elas são percebidas, discutidas e geram longos debates em torno de seus significados. Isso fica um pouco mais evidente quando analisamos um tópico criado em maio de 2013 intitulado “Novata, eu?!”. Nessa discussão, uma pessoa questiona as razões de ainda permanecer sob o título de usuário “Novatos”, mesmo já possuindo um longo tempo de cadastro no fórum.

Só não entendo por que ainda sou "chamada" de novata aqui se já participo do [Oásis] há 5 Anos, 4 Meses e 3 Dias. Lálálá (Grupo: Agitadores / maio de 2013).

Algumas respostas a essa reflexão foram depositadas no mesmo tópico:

talvez porque em 5 anos voce só tenha feito 66 posts (Grupo: Projetores / maio de 2013).

É exatamente por fazer essa pergunta que você é novata. 😊 (Grupo: Projetores / maio de 2013).

5 anos 4 meses e 3 dias. *Em breve nos cinemas.* Que triste a falta de participação, isso me deixa triste, só não me deixa mais triste do que pessoas que vão no seu perfil e não tem a capacidade de falar um oi. Ficadica. Ps:

Não sou bonzinho. 🙄 (Grupo: Conselheiros / maio de 2013 / negrito e itálico no original).

Na esteira dessa reflexão, outras pessoas começaram a indagar e refletir sobre os seus (e outros) “títulos de membros”, o que termina por sinalizar dentro da comunidade Oásis um quadro bem marcante de expressividade desses elementos excessivos de emergências de sujeitos residuais. Como poderemos ver, estar necessariamente alocado em uma dessas categorias (“Novatos”, “Membros”, “Membro Avançado”, “Super Membro” e “Membro Super Ativo”) apresenta superfícies bem firmes de produção de desejo e de perspectivas latentes. Muitas vezes são expressos relatos de memória das pessoas sobre o tempo em que permaneceram em uma determinada categoria.

Ah, e eu também fui novato durante quase 4 anos, mas eu sabia muito bem porque. 😊 (Grupo: Moderadores / maio de 2013).

Eu fui novata por uns 4 anos, mas eu também sabia exatamente o motivo. :3 (Grupo: Agitadores / maio de 2013).

[...] Membro Avançado e Super Membro sempre mexeram com minha imaginação... não sei porquê essa agonia toda, hehe. Foi engraçado quando eu era Membro Avançado... [...] (Grupo: Conselheiros / maio de 2013).

Já não me sinto tão novato como isso. Por vezes, até me sinto um bocado velhaco. Mas continuo membro super ativo. Quer dizer, faz-se o que se pode... 😞😞😞 (Grupo: Membros / maio de 2013).

Claramente, há uma ampliação da possibilidade de “expressão de si” através desses elementos, que terminam se expondo através de “multiplicidades mínimas”, ou mesmo “triviais”, “desimportantes”. Assim, o que chama atenção é perceber como alguns membros do fórum (incluise moderadores e veteranos) desdenham e desafiam a própria relevância das questões levantadas pela pessoa

novata, principalmente ao sugerirem que não deve dar muita atenção e relevância a essas categorizações.

[...] Esse tópico virou uma espécie de programa humorístico, sinceramente nem levei muito a sério [...] (Grupo: Conselheiros / maio de 2013).

Hahahahahah, confesso que achei esse tópico também com um teor humorístico. 😊 (Grupo: Agitadores / maio de 2013).

Mano, que papo surreal esse aqui!!! Li a parada toda, impagável. Eu, como pinto agitador, ri muito. (Grupo: Agitadores / maio de 2013).

[...] não leve muito a sério o que se fala por aqui, é pura diversão, é melhor ser novato do que ser velhato ou "velhaco". No boteco é só amizade. _De novata para novata, beijinho.Flô. (Grupo: Membros / maio de 2013).

Em um momento da conversa, um membro veterano chega para explicitar como funcionam os critérios objetivos de demarcação dos “títulos dos membros”. Vale destacar que o preâmbulo de seu comentário começa com a observação de como as pessoas perdiam tempo com “coisas irrelevantes”. Lembremos como alguns membros perceberam esse debate como algo risível (“espécie de programa humorístico”), ou mesmo como um “papo surreal”.

Impressionante como se perde tempo com coisas irrelevantes e como tem gente que gosta de palpar sobre assuntos que desconhece. O critério atual, que pode ser mudado a qualquer hora, é baseado no número de posts do membro caso este não tenha alterado a sua classificação por uma de escolha própria (isso também pode ser alterado). Atualmente é:

Novato - até 75 posts

Membro - de 76 a 150

Membro Avançado - de 151 a 300

Super Membro - de 301 a 500

Membro Super Ativo - Acima de 500.

(Grupo: Veteranos / Maio de 2013).

Em algum dia de novembro de 2012, eu me tornei um “Membro Super Ativo” na comunidade Oásis, exatamente por ter completado as mais de 500 postagens (posts) desde meu ingresso no fórum. Mas foi exatamente nesse período que testei um prolongamento dessa “busca pela expressão de si” ao decidir alterar o meu “título de membro” para uma frase livre: “Compartilhar é preciso” (o título parcial desta tese).

Em meu modo de ver, a utilização deste recurso possibilitou o alargamento da possibilidade de ampliação de uma potência enunciativa extremamente relevante (especialmente quando minha postura de “pesquisador” muitas vezes me colocava sob suspeita). Assim, tentar expor em meu “título de membro” uma frase livre se apresenta como uma tentativa de qualificar a importância da “cultura do compartilhamento” em minha vida. Isso também me servia como um importante instrumento que me possibilitava dizer algo a todo instante que ia além de uma “irrelevante” categoria automática (“Novatos”, “Membros”, “Membro Avançado”, “Super Membro” e “Membro Super Ativo”).

Vejamos agora como outros membros que também optaram por um “título de membro” livre (não automático) se expressam através deste importante (e por isso mesmo irrelevante) excessos expressivos. Alguns “títulos de membros” canalizam fortes esquemas expressivos que possibilitam uma continuidade dos procedimentos de “marcações de si”, de prolongamento das emergências dos sujeitos residuais, mesmo que esse marcador de diferença seja expresso em apenas 150 caracteres (com espaços). Observamos o QUADRO 01 que expõe como os dez membros mais ativos da comunidade utilizam esse instrumento para “expressão de si”.

QUADRO 01: Títulos dos membros das pessoas mais ativas no Oásis

	Grupo da pessoa	Tipo de título (Automático ou Personalizado)	Título de membro
#1	Conselheiros	Personalizado	Doe Sangue! ♥
#2	Veteranos	Automático	Membro Super Ativo
#3	Veteranos	Personalizado	The Pirate Boy
#4	Tradutores	Automático	Membro Super Ativo
#5	Tradutores	Personalizado	soundcloud.com/[seu endereço]
#6	Agitadores	Automático	Membro Super Ativo
#7	Veteranos	Personalizado	stulti docti
#8	Projetores	[Não há]	[Não há]
#9	Projetores	Automático	Membro Super Ativo
#10	Moderadores	Personalizado	[Seu nome próprio]
#88	Agitadores (o próprio pesquisador)	Personalizado	Compartilhar é preciso

Fonte: Comunidade Oásis. Data da consulta: Outubro/2015.

Como podemos ver, cinco dos dez membros mais participativos no Oásis (em termos de quantidade de postagens) apresentam títulos dos membros personalizados; quatro membros utilizam como título uma categorização automática (nesse caso, todas as pessoas entram na categoria “Membro Super Ativo”, por terem realizado mais de 500 postagens no fórum) e apenas uma optou por não silenciar e não declarar nada. Longe de seguirmos por uma explicação estatística, vale observar nesse quadro comparativo um relativo equilíbrio entre as pessoas que usam os “títulos de membros” personalizados e aquelas que optam por usarem categorizações automáticas do sistema.

Em um sentido restrito, observamos que os títulos personalizados (as mensagens livres) remetem a significados extramente particulares impossíveis de serem resumidos e quantificados. E é exatamente por serem “mensagens livres” que elas podem englobar qualquer coisa, explicar qualquer tipo de ideia e desafiar as categorizações “irrelevantes” do sistema, baseadas apenas em critérios quantitativos relativo ao número de postagem realizada por tais pessoas no fórum. Como já foi observado, qualquer pessoa com mais de 500 postagens na comunidade automaticamente já se torna um “Membro Super Ativo”. Assim, ao optarem por usarem títulos de membros personalizados, essas pessoas desafiam os caminhos linguísticos que levariam a todos e todas ao mesmo “lugar comum”.

Como veremos no decorrer desta tese, ao compartilharem preciosas e selecionadas sementes digitais, os cyberagricultores que cultivam os jardins da comunidade Oásis terminam por possibilitarem uma extrema emergência de seus “sujeitos residuais” perante todo o grupo. Assim, esses corpos sem órgãos não ficam isentos de acumularem capital simbólico e carregarem os mais diversos títulos de nobreza e posições de prestígio relevantes nessa socialidade digital. Nesse sentido, cada ato de enunciação público trará (atrelado por vinculação) uma correspondência direta às ideias expostas nos títulos dos membros. Observemos com atenção o título de perfil (personalizado) da pessoa mais participativa no Oásis. Essa pessoa (do grupo “Conselheiros”) levou a mensagem exposta em seu título de membro (Doe Sangue! ♥) em todas as suas quase 15,000 postagens feitas ao longo de sua participação no fórum virtual.

Nesse sentido, observamos que o uso de “títulos de membros” pelos usuários dos membros do Oásis funciona como um extensivo e importante marcador de diferença. Mesmo portando limites expressivos (apenas letras podem ser usadas e a mensagem não pode conter mais do que 150 caracteres), pudemos notar que os títulos dos membros (sejam eles mensagens automáticas ou personalizadas) quase sempre acabam assumindo um lugar de destaque na apresentação de um perfil de um membro. Como pudemos observar na FIGURA 02 (imagem projetada como plano de referência, tendo como modelo o perfil do autor desta tese), o título dos membros aparece logo abaixo do nome de usuário do perfil (item que debatemos no tópico anterior). Portanto, isto evidencia que essa ferramenta se apresenta como um poderoso instrumento de emergência dos “sujeitos residuais” que se encontram no Oásis. Mas, como veremos no próximo tópico, os membros da comunidade Oásis utilizam outras estratégias de emergências e construções de si.

2.1.3. O avatar (ou foto de perfil)

Em mais uma forma de extensão da expressão dos estranhos sujeitos que caminham pela comunidade Oásis, podemos perceber outro importante elemento utilizado por muitos membros que evoluem em uma trajetória de uso recorrente do fórum. Assim como o “título dos membros” (debatido anteriormente), essa ferramenta que agora discutiremos com mais profundidade também não consiste em um item de preenchimento obrigatório no processo de elaboração de um perfil de usuário. Trata-se, portanto, de mais um *excesso expressivo* utilizado como um procedimento que deságua em um recurso enunciativo manipulado por milhares de pessoas nesta peculiar configuração relacional. Nós estamos nos referindo ao “avatar” (ou foto de perfil). Vejamos como essa ferramenta alarga essa possibilidade de ampliação da expressão e da emergência destes “sujeitos residuais” na comunidade Oásis. Dito de outro modo, tentaremos conceber de que forma essa importante (e por isso mesmo trivial) *ferramenta de expressão de si* torna possível a construção de “mundos relacionais” improváveis e fascinantes.

No dia 20 de outubro de 2006, três meses após a criação da comunidade, um dos membros do grupo “Conselheiros” (analisaremos sobre a importância dos grupos na própria seção) criou um tópico no “Boteco [Oásis]” com a seguinte exclamação: “Explique seu Avatar...” (de modo bem semelhante como foi feito uma semana antes no tópico “Explique seu Nick”). Ao todo, este tópico rendeu até a presente data (outubro de 2015) algo perto de 400 respostas. Vejamos o primeiro comentário realizado pelo autor do tópico:

Já que o [cita o nome da pessoa] propos explicarmos nossos nicks, proponho agora fazer o mesmo com os avatares, afinal eles também são peça importante em nossa personalidade virtual. Eu escolhi o [cita o nome do personagem de um filme infantil] porque temos muito incomum... o jeito nervoso... sempre estamos no lugar errado na hora errada... parece que tudo o que acontece é nossa culpa... o azar também é comum.. heheheh. Já ia me esquecendo do lado obsessivo, quando cismo com minhas "sementes" (ou seja lá o que for aquilo) sai de perto. Mas apesar de tudo, fazer os outros rirem faz parte de nossa personalidade... (Grupo: Conselheiros / outubro de 2006, grifos nossos).

Após alguns anos (mais precisamente em setembro de 2011), uma pessoa abre novamente no “Boteco [Oásis]” um novo tópico com a seguinte pergunta: “O Que Significa O Seu Avatar?”. Em suas palavras:

Eu já reparei em vários avatares aqui. Às vezes parece um personagem de um filme, às vezes outra coisa. O que é essa imagem do seu avatar? É de algum filme grandioso? Ou foi escolhido ao acaso? (Grupo: Membros / setembro de 2011).

Ao compararmos esses dois discursos, é possível perceber que (no primeiro caso) essa pessoa reafirma esse traço peculiar a respeito da importância do uso dos avatares pelos membros da comunidade Oásis, principalmente no aspecto daquilo que denomina de expressão de nossa “personalidade virtual”. O avatar também pode ser o reflexo do “estado de espírito” de alguma pessoa em um determinado instante.

O meu [avatar] está sempre a mudar e não obedece a nenhuma ordem de ideias específica, é o que me dá vontade. Por vezes, é o reflexo do meu estado de espírito ou somente algo que me chamou à atenção. Gosto de qualquer coisa que dê para ler nas entrelinhas. E o nome é o meu mesmo...falta de originalidade.... :P Agora uso a imagem da doce e sui generis Chan Marshall. (Grupo: Projetores / setembro de 2011, grifos nossos).

Eu uso vários, que vão transmitindo o meu estado de espírito [...] (Grupo: Membros / outubro de 2013, grifos nossos).

Meu avatar mostra como eu me sinto com esse dia a dia, presa em uma rotina, mas sem drama [...] (Grupo: Agitadores / outubro de 2013).

Quando voltamos ao debate projetado a respeito do significado da emergência dos avatares como algo significativo ou banal, podemos perceber uma expressão significativa das duas vertentes. No primeiro caso, uma pessoa descreve o seu avatar como uma homenagem a um filme grandioso, e expõe também sua posição política ao comentar seu avatar que usou por muito tempo.

O meu [avatar] - sem dúvida alguma, né? - é de um filme grandioso [...] Mas por muito tempo usei de avatar um desenho do Carlos Latuff que remetia à causa palestina (Grupo: Agitadores / setembro de 2011).

Já neste segundo caso, um comentário bastante esquivo encerra a questão ao afirmar que não há nada especial em seu avatar:

O meu [avatar] não tem qualquer significado.  (Grupo: Membros / setembro de 2011).

Antes de avançarmos nesse debate, resta percebermos alguns detalhes peculiares sobre as implicações desta ferramenta expressiva nesta configuração relacional. Sua grande particularidade em relação aos nicks pode ser percebida quando observamos o caráter editável da foto de perfil, ao contrário dos nomes de usuários que são inalteráveis; ou seja, qualquer pessoa pode editar sua foto de perfil em qualquer momento.

Isso trás algumas implicações importantes para esta pesquisa, principalmente quando refletimos e reafirmamos o caráter intermitente, fluído e fragmentado desta ferramenta expressiva. No primeiro comentário abaixo, um dos membros salienta algumas histórias que o levaram a mudar de avatar várias vezes; enquanto que no segundo comentário um membro comenta sobre a estreia de seu mais “novo avatar temporário”.

Já mudei algumas vezes de Avatar, já fui Harpo Marx, Ringo Starr, Richard Pryor. Num dia estava mexendo nos meus velhos vinis e achei o Dr Jongo Maravilha, na capa do disco do Moreira da Silva, "A volta do Malandro". E deu

Kid Morengueira na cabeça de área, lançando um charme pro broto de bigodinho maravilha, chapéu de palha pra ir pra Maracangalha, com toda a malemolência e o escambau. Muita Paz (Grupo: Membros / novembro de 2008, grifos nossos).

passsei aqui só para estrear meu novo avatar temporário, que adicionei por uma intensa inveja do [cita nick de um membro], que está com avatar novo satirizando o mesmo fato, e me hipnotizando, de tão massa que é (muito melhor do que esse meu. [...]) claro que daqui meses com a troca de avatares que fizermos, quem ler este post, não entenderá o que escrevo agora [Grupo: Agitadores / dezembro de 2008, grifos nossos).

Outra característica singular dos avatares é que não há impedimento de duas pessoas usarem fotos exatamente iguais ou semelhantes (como no caso dos nicks). Em alguns momentos essa questão emerge e transforma-se em um “problema” (no sentido de uma questão de interesse, de construção de diferenças e expansão de debates e diálogos na comunidade). Nos comentários abaixo, primeiramente uma pessoa comenta sobre o seu avatar (o personagem Tony Montana do filme *Scarface*, interpretado por Al Pacino). Quase um ano depois, uma pessoa se desculpa por usar o mesmo personagem em seu avatar. Vale observar que no momento deste registro etnográfico (outubro de 2015), nenhum dos dois usuários carregavam a imagem do personagem Tony Montana em seus perfis.

Escolhi o Al Pacino no filme Scarface (1983), o personagem Tony Montana se revela bem Chulo e Al Pacino é sem comentários! (Grupo: Membros / outubro de 2006).

Espero que nao se importe... escolhi o mesmo personagem. Tony Montana é o cara! "The World is Yours". Quem sabe nao muda para Don Vito Corleone - O Poderoso Chefão! Abcs (Grupo: Membros / agosto de 2007).

Todos os membros que optam por não editarem sua foto de perfil são representados da mesma forma, através de um “avatar padrão” (FIGURA 03). No Oásis, o avatar consiste em uma pequena foto personalizada. “Recomendado uma imagem de 200px ou maior” (ela precisa ser “pititica”), diz uma mensagem de instrução no fórum.

Daniel, a imagem precisa ser pititica. Vc vai em "meu perfil", mudar avatar, e na janelinha que tem lá, vc coloca o endereço da imagem que quiser, clica em atualizar e pronto. A mesma coisa para a foto do perfil, tá? (Grupo: Conselheiros / setembro de 2011).

Nenhuma outra regra ou recomendação do uso desta ferramenta pode ser vista na lista das “Regras do Fórum”. Não foi possível nesta pesquisa determinar com clareza a quantidade exata de pessoas que alteram suas imagens de perfis. Mas um pequeno sobrevoo comparativo sobre o uso dos avatares entre as dez pessoas com o maior número de postagens na comunidade, nos revela que apenas um único membro não usa um avatar personalizado em seu perfil. Portanto, 90% das dez pessoas com o maior número de postagens no fórum usam fotos próprias em seus perfis.

Como poderemos analisar, após editada e personalizada, cada foto de exibição pública do perfil pode ser vista como uma importante marcação de diferenças entre esses “sujeitos outrem”. E através desta ferramenta podemos nos aprofundar na compreensão do “o que pode ser um sujeito” para os membros da comunidade Oásis.

O problema não está, portanto, em ver o nativo como objeto, e a solução não reside em pô-lo como sujeito. Que o nativo seja um sujeito, não há a menor dúvida; mas o que pode ser um sujeito, eis precisamente o que o nativo obriga o antropólogo a pôr em dúvida (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 118-119, grifos nossos).

Mas o que significa ter (ou não ter) personalidade virtual no Oásis? Como um avatar ajuda a constituir esses expressivos (e bifurcados) caminhos na afirmação deste *mundo possível*? Como o uso de avatares amplia de forma bem particular a variação relacional entre esses sujeitos estranhos, residuais, outrem? Analisemos a FIGURA 03 que expõe como o avatar não-personalizado de uma pessoa se apresenta no fórum.

FIGURA 03: Avatar não-personalizado de um membro da comunidade Oásis.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (setembro de 2015).

Como podemos observar, um “avatar padrão” de um membro se apresenta apenas como uma sombra branca destacada sobre um fundo cinza. Não há mesmo muito o que dizer ou perspectivar (comparar) a respeito dos avatares não-personalizados ou automáticos do sistema. Talvez nesse momento consigamos reforçar mais uma justificativa para nossa insistência em pensar os sujeitos da comunidade Oásis como “residuais”, inseridos em diversos quebra-cabeças destoantes, impossíveis de resumir em um denominador comum. Nas palavras de alguns membros, seus avatares “não tem explicação”, “transcendem a mera compreensão humana”, servem para “causar mistério”. Então, por esta razão, nos esquivamos de tentar articular qualquer discurso generalizante sobre algo que reconhecidamente está nas “linhas dos mistérios”.

Não tem explicação compreensível ao ser humano... [diz um dos membros do Oásis ao tentar explicar o seu avatar] (Grupo: Projetores / julho de 2008).

o meu tbm transcende a mera compreensão humana.. aiai, o metafísico tangível... :P [outra pessoa comenta logo em seguida] (Grupo: Membros / julho de 2008).

bem, o avatar é pra causar mistério mesmo. :P (Grupo: Membros / julho de 2008).

Então, o lance de descobrir o que significa seu avatar, eu vou deixar para os filósofos de plantão (ou Platão), pois de filosofia a única coisa que sei é "não penso, logo não existo. :D (Grupo: Conselheiros / setembro de 2011).

[...] Não vou nem tentar explicar meu avatar porque vivo mudando mesmo (Grupo: Agitadores / agosto de 2014).

De todo modo, temos que tentar perceber que mesmo a imagem de perfil mais óbvia e repetida na comunidade (“o avatar dos que não têm avatar”; a “sombra branca sobre o fundo cinza”) termina por nos dizer algo. Vejamos esse comentário de um membro “sem avatar” explicando o que significa não ter um avatar:

Nenhuma imagem: é para representar a busca pela extinção do ser (brincadeira, ainda não pensei em nenhum) (Grupo: Agitadores / maio de 2008).

Em outras palavras, o substrato invariante dos “sujeitos sem avatar” no Oásis talvez esteja relacionado com essa recusa de imaginar-se enquanto um “sujeito civil”, no sentido de “civilizado à força” por diversos tipos de violentos arbitrários culturais (um sujeito bem definido por seu registro civil, seu gênero, sua classe social,

seu grau de instrução, sua ocupação etc.). Do mesmo modo, alguns membros com avatares personalizados seguem nesta recusa ao imaginarem-se através de “nicks” e “avatares” ridículos com o objetivo explícito de não serem levados à sério.

Não tinha notado o padrão até o momento, mas percebi que sempre me cadastro em fóruns com pseudônimos e avatares um pouco ridículos. Acho que é uma forma de dizer: *Não me levem a sério!* Auto-análise agora não, preciso urgentemente conseguir dormir nas madrugadas 😊 (Grupo: Projetores / outubro de 2013).

Ao seguir nas linhas que nos direcionavam a reconhecer os problemas particulares dentro desta socialidade específica, percebi a importância de lançar algumas ideias de como penso e reflito sobre essas questões. Diante disso, decidi escrever um pequeno comentário sobre o significado de meu avatar, tendo como objetivo realizar um reforço através de uma mensagem pública na comunidade sobre meus entendimentos a respeito da “economia do compartilhamento na era da internet”.

Para tanto, peço que busquemos reencontrar a FIGURA 02 (exposta no início deste capítulo), que apresenta algumas informações públicas de meu perfil na comunidade Oásis. Nela podemos ter uma ideia de como um avatar é exibido junto com outras informações do perfil. E foi junto com os membros do Oásis que resolvi debater o significado de minha imagem de perfil ao realizar uma postagem no tópico “Explique seu Avatar”.

Bom! O meu avatar é uma logo de uma campanha publicitária lançada em 1980 chamada “Home Tape Is Killing Music”. Tal campanha foi encomendada por grandes corporações da indústria da música inglesa, que estavam apreensivos com a disseminação de fitas cassetes usados para gravar e reproduzir conteúdo musical. Vinte anos depois, toda uma geração de pessoas se viram diante do mesmo dilema (mas em um contexto sociotécnico diferente). Alarmados pelo “tsunami da novidade”, a indústria musical se desespera ao proclamar mais uma vez o fim da música, da cultura, da arte. Mas desta vez (ao invés da fita cassete), os inimigos são outros: é o computador, é o MP3, são as redes de compartilhamento de arquivos. Atualmente, piratas virtuais do mundo inteiro usam a logo da campanha “Home Tape Is Killing Music” para satirizar as campanhas apocalípticas e alarmistas promovidas pelas “mega indústrias do capital cultural”. Assim, a fita cassete e os ossos embalam bandeiras piratas para nos lembrar que o fim ou a reestruturação de modelos de negócios (como no caso do uso da fita cassete na década de 80, ou do uso do MP3 hoje em dia) não significa necessariamente o fim da música, da arte ou mesmo da cultura. PS: Eu curto tanto meu avatar que imprimo até na camisa! É um jeito de levar esse oásis e toda a economia do compartilhamento sempre comigo!



(Membro: valentim / Grupo: Agitadores / outubro de 2015).

Na mesma direção daqueles que pensam a “política dos avatares” como uma forma de expressar nosso “estado de espírito”, nossa “personalidade virtual” e nossa posição política, sigo na batalha diária através de dispersas e fragmentárias comunicações aberrantes no Oásis. Em cada movimento desta pesquisa, em todos os meus atos mais sutis (desde a simples entrada no “Portal dos Amigos”²³), floresce sempre a possibilidade de reafirmação de uma posição, de uma “tomada de partido” nesses complexos espaços sociais. Como afirmamos no início deste capítulo, optar pelo silêncio nessa comunidade é sempre uma postura muito perigosa. Então, nossas trilhas metodológicas nos impeliram a buscar esse “mundo possível” a partir das implicações das variações relacionais que construímos ao longo dos nove anos de participação no fórum.

Isso significa dizer que a dimensão da “sociologia carnal” (WACQUANT, 2002, p. 11) nos permitiu nesta pesquisa realizar uma experimentação científica, na qual pudéssemos ser capazes de transmitir não apenas dados etnográficos, mas “o sabor e a dor da ação”. Em termos práticos, podemos dizer que na apreensão (e não

²³ “Portal dos Amigos” é a denominação da página principal da comunidade Oásis. É lá onde todas as pessoas que visitam a comunidade são direcionadas logo após efetuarem *login* de registro.

na explicação) da “epidemiologia de ideias” que constituem o *modus operandi* dos cyberagricultores membros do Oásis, **emerge a possibilidade de refletirmos através das sinergias presentes no conteúdo relacional desta experimentação.** Antes de quaisquer metáforas explicativas e generalizantes, optamos pela verdade da relação, “a verdade do relativo é a relação” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 129).

Dito de outro modo, viver as virtualidades mais particulares dos modos de pensar e agir no Oásis é conceber que este tipo de conteúdo só pode ser acessado através deste contato íntimo, sutil e generoso (sempre na linha perspectivista, da relação, do relacionalismo). Daí eu sigo, escolhendo com cuidado meu avatar, tentando imaginar que tipo de “comunicação aberrante” está escondida nessas “misteriosas mensagens” (ou sinais) daquelas pessoas que (contrariando a tendência efêmera e vulgar do uso dos avatares) nunca se atravessaram a modificar o seu (seja para deixar intacto o “avatar padrão”; seja para manter a firmeza de seu “avatar definitivo”); ou, do mesmo modo, tentando sempre ficar atento a todo tipo de expressão singular que emerge das configurações relacionais no ato de uma pessoa mudar constantemente seu avatar.

Através da busca pelo entendimento do que seja a constituição da relação social entre os cyberagricultores da comunidade Oásis, pudemos seguir as proposições que afirmam a respeito do caráter essencial dos avatares para esses agentes. Na “política dos avatares”, não ter um avatar já pode ser entendido como um “ato político”, pois pode tratar-se de “uma busca pela extinção do ser” (como disse um dos membros “sem avatar”) ou de uma recusa (ou desdém) a essas trivialidades. Do mesmo modo, experimentar novos agenciamentos enunciativos através de fotografias “pitíticas” (pequenas), é aceitar o importante tema da antropologia perspectivista que trata da “variação relacional” nas socialidades humanas.

O objeto da antropologia, assim, seria a variação das relações sociais. Não das relações sociais tomadas como uma província ontológica distinta, mas de todos os fenômenos possíveis enquanto relações sociais, enquanto implicam relações sociais: de todas as relações como sociais. Mas isso de uma perspectiva que não seja totalmente dominada pela doutrina ocidental das relações sociais; uma perspectiva, portanto, pronta a admitir que o tratamento de todas as relações como sociais pode levar a uma reconceitualização radical do que seja 'o social'. Digamos então que a antropologia se distinga dos outros discursos sobre a socialidade humana não por dispor de uma doutrina particularmente sólida sobre a natureza das relações sociais, mas, ao contrário, por ter apenas uma *vaga idéia inicial* do que seja uma relação. Pois seu problema característico consiste menos em determinar quais são as relações sociais que constituem seu objeto, e muito

mais em se perguntar o que seu objeto constitui como relação social, o que é uma relação social nos termos de seu objeto, ou melhor, nos termos formuláveis pela relação (social, naturalmente, e constitutiva) entre o 'antropólogo' e o 'nativo' (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 122, *itálicos no original*).

Assim, nossos caminhos rizomáticos traçados na comunidade nos conduziam a uma busca cuidadosa pelos preciosos “avatares”, pois entendemos que eles são fontes importantes de expressão dos sujeitos na comunidade Oásis. Sem muitas dúvidas, qualquer visitante desavisado pode facilmente perceber que “sujeitos residuais” emergem no Oásis a partir de seus avatares. E a “política dos avatares” está no centro do movimento dessa “reconceituação radical” do que seja uma relação social, um sujeito, uma comunidade. Quando percebemos que o corpo não pode mais ser entendido como o último avatar da alma, somos obrigados a trilhar novos caminhos longe dos impérios analíticos mais famosos e conhecidos. Assim, seguiremos na descrição de mais uma máquina de produção desses sujeitos residuais.

1.2.4. Os Grupos

Entraremos agora em uma das características mais importantes e singulares que atuam no sentido de produção de diferenças entre os membros da comunidade Oásis. Em seus termos mais abrangentes, estamos em um plano de produção simbólica de marcas distintivas que mais se assemelham com as complexas e violentas zonas de produção de hierarquias e de signos de nobreza. Já discutimos anteriormente a respeito da importância do “título de membro” como uma máquina de produção de subjetividades, mas agora iremos debater uma característica de referência da produção desses “sujeitos residuais” que contém em seu núcleo associativo marcadores privilegiados de síntese dessas diferenças e expressão dos graus de distinções e hierarquias entre os membros. Referimo-nos aos “grupos dos membros”.

Antes de mais nada, vale destacar que cada ato comunicativo de qualquer pessoa dentro do Oásis está invariavelmente inserido em um estranho e peculiar *jogo*

de *avaliação*, na qual os “membros da alta patente” costumam ditar suas fluídas e imperceptíveis regras. E o que está em jogo é a constituição de um importante e complexo modelo de produção de hierarquias e nobrezas sociais, que se constitui através da definição do *status* hierárquico dos membros da comunidade. Em termos práticos, observamos que os “grupos dos membros” funcionam através da *avaliação da participação* de cada pessoa na comunidade. A partir desta avaliação, pessoas são alocadas e convidadas a constituírem determinados grupos com diferentes funções e inscrições nessas socialidades específicas. Tudo se passa como um ato de promoção ou reconhecimento público da participação de determinados agentes. Entretanto, é preciso afirmar que a ideia de *promoção* é relativizada por um dos membros da alta patente da comunidade (do grupo “Veteranos”, de acordo com as classificações nativas), que melhor define esse ato como uma forma de alocar as pessoas “conforme suas performances”.

Não é bem promover, essa palavra é corporativa demais para esse espaço.
Digamos que as pessoas são alocadas conforme suas performances... 🤔
(Grupo: Veteranos / dezembro de 2014).

Na inscrição desses registros expressivos, cada postagem realizada por qualquer membro canaliza uma potente força expressiva que atua como suporte de constituição de relações e distribuição dos agentes em um complexo e variante “espaço social”. E o que conduz a elaboração dessas classificações é exatamente o reconhecimento público das condutas consideradas legítimas na “arte do cultivo das preciosas e raras sementes digitais”. Entretanto, vale destacar que estamos no terreno na qual tais “agentes não são pessoas, assim como essas relações não são intersubjetivas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 67). E dizermos que tais agentes não são “pessoas”, significa pensar que eles não estão inseridos nas caixinhas metafísicas das cosmologias ditas “modernas”.

Não se trata de negar que esses agentes possuam uma inscrição civil condizente com as expressões recorrentes do estado moderno (por exemplo, gênero, estado civil, grau de escolaridade, grupos étnicos, classe social etc.), já que negar isso seria um absurdo e uma falácia. Basta abrir os olhos e usar a imaginação e será possível perceber salpicado expressões do que poderíamos considerar como inscrições dos “sujeitos civis” do mundo contemporâneo. E essas expressões

escorrem em cada ato comunicativo de qualquer membro do fórum ao realizar trocas de mensagens públicas e privadas na comunidade. E é por meio da análise das performances dos membros no Oásis que se inicia todo esse complexo jogo que culmina na constituição dos julgamentos que separam os membros da comunidade em “grupos”.

De antemão, postulamos que essa discussão será repleta de hiatos e fragmentações, pois não tivemos acesso a uma parte considerável do *modus operandi* que constitui a produção e distribuição dessas hierarquias e graus de nobreza. Muitos elementos dessas histórias são coisas que dizem respeito apenas aos cyberagricultores pertencentes a algum determinado grupo. De todo modo, é perceptível como a afirmação dos grupos como “marcas distintivas” elaboram zonas expressivas bastante singulares em termos de produção do desejo e marcadores de diferenças dentro da comunidade. Na mesma linha de raciocínio, também podemos dissertar a respeito dos “lucros simbólicos” auferidos aos membros que são “promovidos” após terem suas *performances* avaliadas.

Todos os membros, ex-membros e quase-membros estão associados a algum grupo na comunidade. Cada agente que cria uma conta no Oásis está necessariamente alocado em algum desses onze grupos, são eles: Controller, Veteranos, Conselheiros, Moderadores, Tradutores, Projetores, Agitadores, Membros, Banidos, Visitantes e Em Validação. Cada grupo é determinado por uma cor específica e o sentido de expressão dessa “caixa de lápis de cor” determina, muitas vezes, o reconhecimento e a identificação do núcleo das autoridades simbólicas que emanam de cada um desses grupos.

Já que entramos na caixa de lápis de cor, vamos falar dos diferentes grupos coloridos. Por que cores diferentes? Para organizar melhor o [Oásis] (Grupo: Conselheiros; abril de 2011).

Observemos o QUADRO 02, na qual é possível ter uma visão mais geral de alguns aspectos particulares subjacentes aos “grupos coloridos” na comunidade Oásis. A primeira observação pertinente que podemos auferir ao observarmos este quadro está relacionada com o índice de raridade de acesso a esses grupos, pois apenas uma pequena minoria dos 60.000 membros da comunidade vivencia algum tipo de “promoção” e acesso diferenciado a determinados grupos diferentes da

categoria padrão mais abundante, ou seja, o grupo “Membros”. Dito de outro modo, cerca de 99% das pessoas registradas na comunidade Oásis nunca experimentaram o movimento de classificações e mudanças de posições que está na base deste jogo surpreendente.

QUADRO 02: Visão geral de alguns aspectos dos grupos da comunidade Oásis.

Grupo	Quantidade de membros	Cor representativa	Data de registro do membro mais antigo
Controller	1	Preto	24/07/2006
Veteranos	9	Verde	25/07/2006
Moderadores	10	Vermelho Vivo	01/04/2007
Conselheiros	11	Azul Royal	16/08/2006
Tradutores	42	Azul Turquesa	05/08/2006
Projetores	83	Dourado	05/08/2006
Agitadores	195	Roxo	19/08/2006
Membros	≈53.000	Marrom	27/07/2006
Em Validação	25	Cinza	26/07/2007
Visitantes	Não determinado	Azul	Não se aplica
Banidos	Não determinado	Rosa	Não se aplica

Fonte: Pesquisa direta do autor. Novembro de 2015.

Como podemos observar, o processo de diferenciação social dentro da comunidade Oásis faz parte de um jogo delicado, na qual a quantidade de membros em cada grupo reflete, em certa medida, o índice de raridade constitutivo de suas manifestações hierárquicas. No topo deste mecanismo encontramos o grupo “Controller”, representado por apenas um membro onde sua entrada na comunidade marca o início de toda a história do Oásis²⁴. Dado o alto grau de raridade e distinção dessa categoria, o grupo “Controller” passa muitas vezes despercebido como um grupo. Suas distâncias e silenciamentos alimentam tal grau de invisibilidade, já que apenas em raras ocasiões podemos ver suas manifestações públicas no fórum²⁵.

²⁴ Vale lembrar que o dia de registro do único membro do grupo “Controller” (24 de julho de 2006) marca a data oficial na qual é celebrado o aniversário da comunidade.

²⁵ Apesar de ser o membro mais antigo do fórum, o membro que faz parte do grupo “Controller” realizou apenas cerca de 50 postagens ao longo de toda a existência do fórum (o que caracteriza uma média de apenas cinco postagens por ano). Uma postagem do grupo “Controller” se destaca por compor uma importante zona simbólica de autoridade, e talvez isso esteja demarcado no entendimento de que quando o “Controller” posta é a própria comunidade que fala.

Entretanto, uma visão geral do perfil deste “membro” bastante especial que carrega em seu nome de usuário o título da comunidade (“Oásis”) sugere que este “membro” é, na verdade, a composição social de toda a alta cúpula de administração do fórum.

Um passeio mais detalhado por este perfil nos sugere que o primeiro membro da comunidade Oásis, o “administrador”, o “user=1,” o “controller”, é, na verdade, a expressão peculiar da unificação de toda a equipe de moderação do fórum. Assim, este raro e silencioso membro autodenominado do gênero masculino, sem avatar e sem amigos na comunidade, engloba em seus aspectos mais gerais a perpetuação das condições de produção dos graus de hierarquias e privilégios de distribuição e existências de outros grupos na comunidade. Ao final de tudo, é ele quem nomeia, quem dispõe a criação e a perpetuação da existência dos “grupos” e todas as outras incontáveis ferramentas do fórum. Em suma, o grupo “Controller” manifesta sua potência enunciativa através da unificação das propriedades fundamentais de outros grupos igualmente distintos na comunidade, mas mais participativos e menos invisíveis no fórum.

Ainda de acordo com o QUADRO 02, é possível observarmos três grupos especiais (logo abaixo do “Controller”), integrados por trinta pessoas, são eles: nove veteranos, dez moderadores e onze conselheiros. Optamos neste momento por apresentarmos estes grupos de maneira unificada, apesar de termos em mente que cada um deles resguarda características especiais distintas. Ainda seguindo a força expressiva da “caixa de lápis de cor”, vamos nos referir a esses grupos a partir de suas cores específicas: os verdinhos (Veteranos); os vermelhinhos (Moderadores) e o os azulinhos “Royal” (Conselheiros). De acordo com uma elogiada definição dada por um dos membros do fórum:

[...] os moderadores organizam a bagunça toda, os veteranos organizam a bagunça dos moderadores e os conselheiros são oráculos que descem à Terra com mensagens para a Humanidade (Grupo: Tradutores / dezembro de 2010).

Mais uma vez, ressoa a ideia da existência dos grupos como uma melhor forma de garantir a “organização da bagunça” da comunidade. Mas é preciso ressaltarmos que essa organização se assenta através de um sistema de hierarquias pré-definido de antemão, ou seja, ela não ocorre de forma aleatória. E o resumo que

acabamos de citar sobre o modo de atuação de cada um desses grupos no gerenciamento e na organização dessa bagunça, está em coadunação com o nosso argumento de que quanto mais rara for a posição, maiores são os poderes e privilégios atribuídos a cada membro inserido nestes determinados grupos, assim como as responsabilidades inerentes.

Nesse caso, tudo se passa como se os onze Conselheiros (azulzinhos Royal) mandassem as mensagens “do Olimpo”, mas são os dez Moderadores (vermelhinhos) os responsáveis por organizar toda a bagunça da comunidade. Contudo, como nós estamos em uma comunidade de plantadores e de semeadores, são os “verdinhos” (Veteranos) aqueles que realmente controlam todo o Oásis, eles são os verdadeiros “bambambãs” da comunidade.

E os verdes são os Veteranos. Ou, no popular, os bambambãs (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

[Cita nick da pessoa] foi quem disse que Conselheiros eram oráculos, que ficavam tocando harpa no Olimpo. Acho que foi isso mesmo que ele disse. Em minha imaginação, eu os promovi a anjos, sentados nas nuvens, olhando o pessoal do [Oásis], alinhavando relações (Grupo: Conselheiros / agosto de 2011).

Até onde entendo, os "veteranos" (verdes) são os administradores, os proprietários do fórum. Os [vermelhos] são moderadores, com acesso a uma série de privilégios como controlar os tópicos, escolher capas, fechar tópicos, editar posts, etc; não têm o mesmo poder dos verdes, mas creio que trabalham muito próximos a eles. Os [conselheiros] (azuis) [Royal] são moderadores com acesso a uma quantidade menor de privilégios. (Grupo: Moderadores / outubro de 2008).

Um dos membros do grupo Moderadores definiu com um pouco mais de detalhes as atividades inerentes de cada um desses grupos, reiterando o papel dos Veteranos como àqueles encarregados de tomar as decisões mais importantes do fórum. E, além disso, tais membros são apontados como os verdadeiros “administradores” do Oásis. Em seguida, tal pessoa tenta definir a função dos Moderadores e dos Conselheiros, mas evidencia essa linha de separação a partir de suas marcas e diferenças sutis. De acordo com esse ponto de vista, a eles cabem a moderação do fórum:

Deixa eu tentar responder, a partir do pouco que sei. Há três grandes níveis: administração, moderação e o resto. A administração é exercida pelo[s] veteranos. Algumas decisões mais importantes sobre o fórum cabem somente a eles. O que parece justo, já que eles arcam com a manutenção do fórum. A moderação é exercida por moderadores e conselheiros. Participam

de muitas decisões importantes [...] e têm poderes para editar ou ocultar postagens, trancar e fixar tópicos, etc. Ao que parece, a diferença entre moderadores e conselheiros é sutil. Até onde se percebe, moderadores fazem o trabalho "pesado": conferir as postagens, verificar se as regras estão sendo cumpridas, editar e ocultar postagens. Os conselheiros, pelo visto, são moderadores que não pegam no pesado, pelo menos no que se refere ao trabalho específico de moderação... ;) É justo, pois são membros que se destacaram por um bom volume de postagens de [sementes] (Grupo: Moderadores / janeiro de 2010).

De forma bastante clara, considerar a existência desses grupos é defini-los através de suas demandas de responsabilidades, assim como da produção de seus sistemas de privilégios. Como podemos reparar, os Veteranos são apontados como os verdadeiros donos e proprietários do fórum. Em alguns momentos, valendo-se de suas zonas hierárquicas de autoridades, os Veteranos podem executar suas competências administrativas e impor as regras do jogo do modo que acharem convenientes. Entretanto, vale destacar que os nove membros “verdinhos” não estão sozinhos nesta missão, já que bem próximos a eles existe um grupo com dez membros “vermelhinhos” na qual lhes é incubada a missão de moderar o fórum, principalmente através do controle de cada postagem realizada por qualquer pessoa na comunidade. E, por fim, para finalizamos esse breve comentário sobre a “alta cúpula de administração do fórum”, temos os onze membros Conselheiros que, como anjos do alto do Olimpo, mandam suas mensagens com o objetivo de “alinhar as relações” que são tecidas sob o seio desta comunidade (apesar de suas reconhecidas quantidades menores de privilégios). Além do mais, os Conselheiros são membros que se destacam e recebem essa honraria pelo “bom volume de postagens de sementes”.

Ao avançarmos em nosso debate a respeito do papel e da “função” de cada grupo na comunidade Oásis, passemos agora a analisarmos um pouco mais detidamente três grupos que – mesmo longe de possuírem os privilégios e as demandas de responsabilidades exigidas pela “alta cúpula administrativa do fórum” – estabelecem (cada um a seu modo) frequências legítimas de signos de diferenciações e marcas distintivas asseguradas como relevantes nesta comunidade. Estamos nos referindo aos grupos “Tradutores” (azulinhos Turquesa), “Projetores” (douradinhos) e “Agitadores” (roxinhos).

A existência de tais grupos perpassa assumidamente a avaliação da participação dos membros da comunidade, especialmente (mas não somente) alguns aspectos que dizem respeito à “arte do compartilhamento” das preciosas e raras sementes digitais. Ao observamos o QUADRO 02, podemos notar que exatamente 320 membros compõem esses grupos, sendo eles distribuídos da seguinte forma: 42 tradutores, 83 projetores e 195 agitadores. Mais uma vez, podemos nos deter um pouco nas definições realizadas por alguns membros do fórum. Inicialmente, um membro da equipe administrativa explica em detalhes as razões que os levaram a criar o grupo Tradutores (em meados de junho de 2009).

[...] O [Oásis] só vai evoluir mais se puder contar com uma boa base de [traduções]. Grande parte [das sementes mais antigas não são traduzidas] em português, e parece não haver por parte da indústria vontade firme de reviver [essas importantes sementes]. [...] Para contornarmos essa dificuldade resolvemos criar um grupo único de [tradutores], recrutado dentre os membros que se destacaram na confecção de [traduções], e que terá status diferenciado, com fórum próprio diretamente ligado à administração e com direito a postagens no portal. Não há regras definidas para o funcionamento do grupo e nem obrigações a serem cumpridas; é mais um reconhecimento pelo que fizeram no passado e a expectativa que venham continuar fazendo o mesmo no futuro. O convite para pertencer ao novo grupo será feito pela administração do fórum, inicialmente a um grupo seletivo de membros, e futuramente serão discutidos os critérios para novas admissões. O nome do grupo será Tradutores, muito embora a confecção de uma boa [tradução] seja muito mais que o simples ato de passar palavras e frases de outra língua para o português; pois a capacidade de escrever bem em nossa língua é essencial. Saudações, Equipe [Oásis] (Grupo: Veteranos / junho de 2009).

É possível observarmos nesse comunicado oficial da moderação alguns detalhes importantes sobre os membros Tradutores. Inicialmente, vale destacar que o trabalho de “traduções das sementes” plantadas na comunidade está diretamente relacionado com a arte do cultivo e semeio das preciosas sementes digitais. Apenas poderemos entrar em mais detalhes sobre essas características após nos determos um pouco mais sobre algumas características definidoras da composição das sementes. De todo modo, consideramos válido anteciparmos que todas as sementes plantadas no Oásis que possuem alguma inscrição linguística que não seja em português precisam (obrigatoriamente) serem traduzidas.

Assim, alguns membros que se destacaram no processo de tradução e dispersão dessas sementes (desde o início do fórum em julho de 2006), receberam (em junho de 2009) esse “*status diferenciado*”. Tais membros foram recrutados e

receberam o convite para participar deste grupo como um reconhecimento “pelo o que fizeram no passado” e como uma “expectativa que venham continuar fazendo o mesmo no futuro”. Mesmo que não haja “regras definidas para o funcionamento do grupo e nem obrigações a serem cumpridas”, fazer parte da equipe de Tradutores exige certas responsabilidades e compromissos. Isto se torna mais claro ao nos determos em outro comentário que tenta definir os Tradutores como membros “no meio do caminho”. Isto pode ser melhor compreendido quando salientamos que tais membros possuem “fórum próprio diretamente ligado à administração e com direito a postagens no portal” e que rotineiramente “são convidados a participar de algumas discussões internas”. Nesse sentido, o tal “meio do caminho” pode ser interpretado como os passos ao acesso aos grupos que compõem a alta cúpula administrativa da comunidade.

Tradutores estão ali no meio do caminho. De vez em quando são convidados a participar de algumas discussões internas. Sem querer puxar a brasa pra nossa sardinha, também é justo, pois traduzir dá um trabalho danado. (Grupo: Moderadores [Tradutores à época] / janeiro de 2010).

Logo abaixo dos Tradutores, podemos notar outra categoria especial de membros: são os chamados “Projetores”. Tais membros são reconhecidos por uma cor que é denominada bege, dourado, laranja ou “cor de Balthazar quando foge”. Destacamos que – assim como no caso dos grupos Conselheiros, Tradutores e Agitadores – os Projetores se constitui como um grupo criado posteriormente à criação do fórum (em julho de 2006), sendo o grupo Conselheiros o mais recente a ser criado (em agosto de 2009). De acordo com o QUADRO 03, podemos reparar como esses grupos citados possuem essa importante característica em comum: eles são grupos que possuem uma influência de consagração na comunidade, já que foram criados após o surgimento do fórum para estimular a participação de membros baseados nas performatividades de cada pessoa. Isso diferencia tais grupos de outros que já existiam desde o início do fórum (como Controller, Veteranos, Moderadores e Membros). Assim, ao observamos os grupos em relação às suas datas de criações, nós veremos claramente como tais marcadores de privilégios seguem uma específica lógica de performatividades que demarcam momentos específicos de usos do fórum Oásis.

QUADRO 03: Data da criação dos grupos do Oásis

Grupo	Data de criação do grupo
Controller	Julho de 2006
Veteranos	Julho de 2006
Moderadores	Julho de 2006
Conselheiros	Agosto de 2009
Tradutores	Junho de 2009
Projetores	Agosto de 2008
Agitadores	Julho de 2008
Membros	Julho de 2006
Visitantes	Julho de 2006
Banidos	Julho de 2006
Em Validação	Julho de 2006

Fonte: Pesquisa direta do autor. Outubro de 2015.

Um dos membros Projetores faz uma breve descrição das características de seu grupo, criado em agosto de 2008 (dois anos após a criação do Oásis).

O grupo Projetores será criado para os membros mais ativos do fórum, com relação à postagem de [sementes]. Critérios para fazer parte do grupo Projetores:

- Postar torrents exclusivos
- Postar [traduções] exclusivas
- Qualidade das [traduções]
- Qualidade das postagens, com base no tutorial: Como Criar Um Post Organizado
- Ter um número razoável de postagens

(Grupo: Projetores / agosto de 2008).

Como vimos no início deste capítulo, qualquer ato de enunciação comunicativo (público ou privado) feito na comunidade é chamado “postagem” e o resultado desse ato de expressão é chamado “post”. As postagens públicas realizadas no fórum são contabilizadas e seu conteúdo analisado pela equipe administrativa. As postagens podem incluir as ações mais diversas, já que literalmente qualquer ato comunicativo é chamado de postagem. Nesse sentido, quando uma pessoa agradece

uma semente recebida, ou quando comenta no “Tópico Futebolístico” as últimas notícias do “Campeonato Brasileiro de Futebol”, ou quando compartilha uma preciosa e rara semente com a comunidade, ela está realizando uma “postagem” e criando um post. Cada postagem é essencialmente atrelada a um membro, já que a comunidade veda o anonimato. Não há limites de caracteres para resumir uma postagem, já que ela pode ser muita coisa: uma única palavra (ou uma única letra), um emoticon, um GIF, uma imagem; ou, seguindo nas mesmas direções, uma postagem pode englobar os mais diversos signos sensoriais, pois ela pode conter arquivos anexados, conteúdo sonoro (ou mesmo audiovisual), além das valiosas sementes digitais.

Nesse momento, não será possível entrarmos em maiores detalhes sobre as características essenciais das diferenças que singularizam cada postagem, mas julgamos necessário estarmos cientes de que a “qualidade das postagens” realizadas pelos membros é expressa através dos conteúdos que essas postagens carregam. E no topo hierárquico dessas classificações encontramos as preciosas “sementes digitais”. Assim, os membros dos grupos Projetores e Tradutores são pessoas que conquistaram tais posições de prestígio como uma forma de reconhecimento pelas sementes plantadas no Oásis. Como pudemos notar no comentário anterior, membros do grupo “Projetores” se destacaram, em suma, por “projetar” (no sentido de compartilhar, apresentar, divulgar, oferecer) na comunidade as tais sementes. Como é possível observar, o grupo Projetores foi criado como uma forma de distinguir “os membros mais ativos do fórum, com relação à postagem de [sementes]”.

É notório que, no Oásis, aqueles que carregam as preciosas sementes se tornam membros distintos, honrados, através de um jogo complexo de constituição das diferenças e perpetuação dos graus de hierarquias em tais “sujeitos residuais”. Como vimos, aquilo que sobra dessas identidades borradas se insere em um aberrante e obscuro jogo de hierarquizações simbólicas (que apenas teremos condições de mergulhar mais à frente). De todo modo, toda essa discussão pode se tornar mais clara ao nos adentrarmos com um pouco mais de atenção nos discursos desses membros ao serem “promovidos” ao seleto grupo Projetores²⁶:

Estou viajando (passeando) e recebi no meu email alertas no Novas Mensagens no [Oásis]. Entrei na fila do computador daqui do Hotel, e acessando o [Oásis], para minha surpresa, vi que fora promovido a Projetor.

²⁶ Apenas 83 pessoas, na última consulta realizada pelo autor em meados de novembro de 2015.

Bom, fiquei sabendo que me tornei membro do grupo de projetores pelo comentário da [cita nick da pessoa], no meu perfil. Em seguida, recebi uma MP [mensagem pessoal] do [Veterano], confirmando. Confesso que fiquei muitíssimo surpreso e contente, e entendo a escolha não apenas como um reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, como uma responsabilidade! Enfim, agradeço muito a todos e espero poder seguir contribuindo com esta casa! [...] (Grupo: Tradutores [Projetores à época] / fevereiro de 2011 / grifos nossos).

E as responsabilidades estão estritamente associada com a “dívida de gratidão” que possuem com o Oásis. Em outras palavras, essa “promoção” se apresenta como um “incentivo” para que tais membros continuem suas jornadas de contribuições de postagens que visem o compartilhamento das “boas sementes” (entendidas como preciosas joias). Reparemos nessa troca de mensagens públicas de dois membros. No ponto de vista de um deles, o seu “maior prazer é encontrar [sementes] em outros lugares” e compartilhar no Oásis, apesar do “trabalhão que geralmente dá” (como pode ser observado no segundo comentário logo abaixo). E é exatamente essa a característica principal que singulariza um membro do grupo Projetores: sua capacidade refinada de oferecer (de forma adequada) aquilo que a comunidade mais preza. E o oferecimento de tais sementes não pode ser de qualquer forma, mas baseado em um “Manual de Regras” que explica em detalhes como criar um post organizado. Lembremos que os critérios elencados anteriormente para fazer parte deste grupo perpassam a capacidade dessas pessoas de realizar um bom volume de postagens, assim como são levadas em conta a qualidades dessas postagens.

PESSOA A: Estou até com vergonha.. Os demais colegas projetores agradeceram a honraria concedida com belos e articulados discursos enquanto eu limitei-me a um singelo e prosaico "valeu!" Foi mal, aê! Tentando remediar o irremediável, gostaria de agradecer à equipe [Oásis] pelo voto de confiança e pelo reconhecimento. E dizer que a maior contribuição deste fórum - pelo menos para mim - não é tanto a de propiciar o acesso a tantas preciosidades [...], mas, sobretudo, a de nos ensinar o prazer de compartilhar. no começo, o grande prazer era descobrir que [aquela semente] que procurava há séculos estava aqui, tão perto. Hoje, o maior prazer é encontrar [sementes] em outros lugares e trazer pra cá. Valeu! (Grupo: Moderadores [Projetores à época] / agosto de 2008 / grifos nossos).

PESSOA B: [...] E o prazer de trazer pra cá uma coisa que nos é especial ultrapassa em muito o trabalhão que geralmente dá. Meus parabéns aos escolhidos do novo grupo. Mais e melhores jóias para o nosso oásis (Grupo: Tradutores / agosto de 2008).

Nos termos relacionados à concessão de “poderes especiais” ou à criação de uma zona de privilégios, os Projetores estão diversos passos atrás dos membros da “alta cúpula administrativa” do fórum. Mais isso não significa que tais membros não sejam valorizados ou que tal grau de distinção seja desprezado. Ao contrário, fazer parte do grupo Projetores é descrito como uma grande e importante honraria. Indo mais além, uma pessoa chega a classificar os Projetores como “os pilares principais do [Oásis]”.

[...] Os "projetoires" [dourados] são membros sem nenhum tipo de poder especial, apenas se destacaram [pelas sementes postadas] e receberam esta "honraria" (Grupo: Moderadores / outubro de 2008).

Acho muito justa a criação do novo grupo Projetoires. Parabens aos escolhidos e saibam que são os pilares principais do [Oásis]. Embora todos tenham relativa importancia na estrutura do fórum, ele não seria o mesmo sem a cor da novidade presente sempre. Quando eu crescer tambem quero fazer parte desse grupo (Grupo: Agitadores /agosto de 2008 / grifos nossos).

Por fim, observamos que, apesar de não haver nenhum termo de compromisso ou uma definição prescrita das “funções do cargo”, ser um membro “Projetoire” significa estar em uma zona de responsabilidades baseadas em uma autoimposição alicerçada nessa “dívida de gratidão” que tais membros possuem com a comunidade. E tal dívida se paga rotineiramente, através da busca por preciosas, raras ou mesmo desconhecidas sementes digitais, nas quais tais sementes serão selecionadas, catalogadas, traduzidas, projetadas e, por fim, compartilhadas.

Em nossa tentativa de melhor definirmos os grupos que compõem as estruturas de classificações dos membros da comunidade Oásis, passaremos agora a tentarmos entender um pouco mais sobre o que está em jogo nas definições do grupo Agitadores, ou simplesmente “roxinhos”. Aparentemente, tal categoria pode ser pensada como um grupo que surgiu com o objetivo de tornar um pouco mais distinto alguns membros mais participativos. Como podemos reparar na mensagem que inaugura esse grupo na comunidade, em julho de 2008 (quase dois anos após o surgimento do fórum):

Acaba de ser criado o mais novo grupo do [Oásis]: os Agitadores. São as pessoas que mais participam do fórum com comentários, [sementes], tópicos no Boteco,... enfim, aqueles que movimentam isso aqui diariamente. Eu ia colocar a lista de todos os Agitadores neste tópico, mas acho mais divertido eles irem sendo descobertos aos poucos. A qualquer momento, vc poderá topor com um Agitador! (Grupo: Agitadores / julho de 2008).

Os membros Agitadores se destacam principalmente pelo volume de postagem que realizam na comunidade, mas dificilmente chegam a se aproximar do acúmulo de posts de membros de outros grupos (especialmente da equipe de moderação). O QUADRO 04 deixa clara esta observação, pois nele é possível concluirmos que há apenas um membro pertencente ao grupo Agitadores entra as dez pessoas com as maiores quantidades de postagens. E uma análise mais detida nos revelará que os grupos da “alta cúpula administrativa” (Veteranos, Moderadores e Conselheiros) correspondem aos membros com as maiores quantidades de posts. Destacamos também a participação intensa e eloquente da Conselheira²⁷ mais comunicativa do fórum que – com um índice de mais ou menos 14,600 postagens – tornou-se a pessoa com o maior número de posts da história do Oásis.

QUADRO 04: Quantidade de postagens dos dez membros mais participativos do Oásis e seus respectivos grupos

Ranking	Grupo da pessoa	Postagens realizadas (aproximado)
#1	Conselheiros	14,600
#2	Veteranos	11,300
#3	Veteranos	9,400
#4	Tradutores	7,900
#5	Tradutores	5,100
#6	Agitadores	5,000
#7	Veteranos	4,900
#8	Projetores	4,700
#9	Projetores	4,600
#10	Moderadores	4,100
#88	Agitadores (o próprio pesquisador)	1,200

Fonte: Comunidade Oásis. Data da consulta: Setembro/2015.

²⁷ Nesse caso específico, estamos falando da pessoa que talvez seja a mais conhecida na comunidade. Minhas trocas relacionais me permitiram saber algumas coisas sobre esta pessoa, porque chegamos a nos tornar amigos. Nos adicionamos em outras redes sociais online (especialmente o Facebook), e pude perceber certas características ocultadas ou simplesmente omitidas de seu perfil no Oásis, mas que ficavam mais evidentes nessas outras redes sociais online. Aliás, uma visita à sua cidade natal em setembro de 2013 fez com que quase nos conhecêssemos pessoalmente. De todo modo, essa é uma característica para muitos outros membros da comunidade. O que antes não passava (para mim) de perfis vazios e desconectados, foram ganhando corpos e assumindo contornos e formas cada vez mais claras e definidas. Aos poucos, na medida em que tais relações sociais eram aprofundadas, novos ecos enunciativos destilavam o tempo todo novas informações sobre algumas pessoas da comunidade, por exemplo: suas cidades, seus graus de instruções e profissões, suas preferências sexuais e políticas etc. Entretanto, tentamos não nos valer de nenhuma dessas informações que chegaram a nós fora do Oásis. Entraremos em mais detalhes sobre esta discussão em outro momento desta tese.

Nesse sentido, não é possível percebermos o caráter singular dos membros Agitadores apenas a partir da constatação de que “são as pessoas que mais participam do fórum”. Esta observação é basicamente verdadeira, mas ao pensarmos sobre isso devemos sempre ter em mente que o grupo Agitadores é (geralmente) uma importante “categoria de passagem”. Dito de outro modo, muitos dos membros que hoje somam em seus escores os recordes de quantidades de postagens no fórum, já fizeram parte da “equipe dos roxinhos” no passado. Entretanto, devido a intensa e efusiva participação no fórum, tais membros acabam alçando novos postos e “sobem na hierarquia”. Na postagem destacada abaixo, um dos “verdinhos” relembra com ternura sua época de “agitador”, pois eram tempos de “menos cobrança” e “mais diversão”:

E sinto falta do meu tempo de agitador. Menos cobrança, mais diversão...aproveita bastante que essa fase da vida passa rápido... (Grupo: Veteranos / agosto de 2008).

No entanto, a indagação que abrimos sobre os Agitadores ainda segue em curso. Se constatamos que não é apenas o fato de contabilizarem uma grande quantidade de postagens que melhor define essa categoria, que tipos de efeitos especiais carregam os membros inseridos neste grupo específico? Que tipo de participação é exigido de um membro para que ele se torne um Agitador? Essa mesma dúvida ressoa nas preocupações de uma pessoa no fórum, que indaga o precisa fazer para se tornar um “agitador com diploma”.

Eu comento [todas as sementes que eu vejo] e por vezes vou no boteco e nem sei o que digo só para agitar a coisa! Que preciso fazer para ser um agitador com diploma? (Grupo: Membros / agosto de 2008).

Alguns anos mais tarde, um outro membro observa que “todos nascemos agitadores”, e que no Oásis recebemos apenas o certificado. Mas o que é preciso fazer para receber esse certificado? Como se tornar um “agitador com diploma”?

É uma honra muito grande está vivo, quando a gente nasce, já passa a ser um AGITADOR, aqui apenas recebemos o certificado. Obrigado aos que fazem esse Fórum agitado (Grupo: Agitadores / agosto de 2010).

Certamente não existe apenas uma única resposta para essas indagações. De todo modo, entendemos que os membros Agitadores são pessoas que se destacam pela participação no fórum, mas que ainda não galgaram a confiança da alta cúpula administrativa do fórum para assumir novas e mais complexas responsabilidades na comunidade. Nesse sentido, se observarmos que os “verdinhos” (Veteranos) estão no topo da estrutura dos legítimos graus de importância dos grupos no Oásis; e que, como pontuamos anteriormente, os membros Tradutores estão no “meio do caminho”; podemos finalizar concluindo que os Agitadores são aqueles membros que deram o primeiro nessa jornada em direção ao “lado colorido do [Oásis]”.

essa galera ta agitando mesmo e já tem sobra de agitantes pra entrar pra próxima lista hein. bem-vindos ao lado colorido do [Oásis]! (Grupo: Tradutores / outubro de 2012 / grifos nossos).

Embora não tenham nenhuma função estritamente especial na comunidade (já que todos os membros de todos os grupos necessariamente agitam o fórum ao realizar qualquer ato enunciativo), os Agitadores se destacam por serem pessoas na qual suas participações estão interpenetradas por um certo grau de “anarquia”, “caos”, “loucura” e “liberdade”. Em um comentário postado publicamente no fórum, os roxinhos são denominados como o “grupo da bagunça”. No mesmo sentido, uma pessoa que foi promovida a agitador indaga publicamente: “[Estou] fazendo tanta bagunça assim?”. Em outro, as pessoas deste mesmo grupo são classificadas como “tumultuadores” (no bom sentido da palavra, vale destacar). Por último, um membro parabeniza sua amiga pela conquista do posto de agitadora, denominando-a como uma “maloqueira virtual”.

[...] amei fazer parte do "grupo da bagunça" (Grupo: Agitadores / agosto de 2014 / grifos nossos).

Obrigado pela parabenização! Por essa não esperava! Fiquei até sem jeito. To fazendo tanta bagunça assim?? (Grupos: Agitadores / fevereiro de 2010 / grifos nossos).

Vocês [Agitadores] tumultuam tanto que eu fico meio desmemoriado. 😂😂 (Grupo: Veteranos / julho de 2012 / grifos nossos).

Hahahahahahahahaha. Praticamente, uma 'maloqueira' virtual. ô muié pra botar uma pilha da porra! Parabéns aos mais novos 'roxinhos' do [Oásis] (Grupo: Membros / março de 2009 / grifos nossos).

De fato, comentários destacados abaixo observam que os membros Agitadores alcançam tais posições de prestígio porque tiveram um destaque devido às suas participações na comunidade (ainda que modestas). Um deles ainda ressalta a capacidade dos Agitadores em animar discussões (“tagarelice”); enquanto o outro destaca que os Agitadores são como os Conselheiros, só que “muito menos equilibrados”. Por fim, um dos membros utiliza até mesmo uma imagem de um jovem pronto para enfrentar a polícia (em algo que parece uma manifestação de rua), e logo acima é possível notarmos a inscrição “Agitador se preparando para agitar”.

O agitador, não é um veterano, não é um conselheiro, não é um moderador, não é um projetor, nem mesmo um tradutor - todos agitam, mas o agitador não faz nada do q as categorias anteriores fazem. Sinto informar, mas eles agitam, mesmo, seja nos tópicos, seja ajudando com revisão de [traduções], são membros super ativos, mesmo q não ativem de+, mas mostram q estão por aqui pra fazer algo mais do q baixar, semear, agradecer ou dizer q estão baixando. Se destacam por sua participação, mesmo q modesta. Alguns - como eu - agitam por trazerem questões polêmicas ou pontos de vista diferentes dos postados. [...] (Grupos: Agitadores / março de 2013 / grifos nossos).

Os "agitadores" (roxos) são como os projetores, apenas se destacaram por outro motivo, a tagarelice, digo, a capacidade de animar as discussões... (hehehe!) (Grupo: Moderadores / outubro de 2008 / grifos nossos).

Os conselhos que os agitadores dão são muito menos equilibrados mas por outro lado são mais emocionantes do que o conselho de um conselheiro. [...] Agitador se preparando para agitar:



(Grupos: Agitadores / agosto de 2009 / grifos nossos).

Uma outra mensagem, fruto de uma conversa pública realizada no Oásis em 2011, uma pessoa do conselho [agitadora à época] nos revela algumas vantagens de ser um agitador. Em suas palavras, ser um roxinho “dá um trabalho da muléstia”,

mas “é o tipo do trabalho que a gente ganha para se divertir. Não ganha dinheiro, ganha moral, ganha amigos [...]”.

Ó Valentim, não tô querendo puxar a brasa pra minha sardinha. Repare nos benefícios de ser Agitador:

* vc pode extravasar toda sua loucura e terá desconto, pois é roxo;

* pode meter o nariz em qualquer canto, sem ser escorraçado, pois sua intenção é agitar;

* vc morre de rir e ainda ganha a simpatia dos outros. É o tipo do trabalho que a gente ganha para se divertir. Não ganha dinheiro, ganha moral, ganha amigos, agrega e a única responsabilidade é participar do Mutirão (mentira, não é obrigatório, mas ganha pontos com os bambambãs); [...]

* só consigo pensar nestas vantagens, mas o resto dá um trabalho da muléstia. Acredite, manter o [Oásis] nos trinques é um troço trabalhoso que a gente não imagina, até começar a se envolver em outros campos. Aí, a gente passa a ter um respeito danado por quem deixa o [Oásis] desta maneira. É isso. Ninguém pede o impossível aqui. Só que não matem [as sementes], isto é, não saiam do torrent antes de dobrar o ratio, e participem dos fóruns, o que é superlegal. No mais (e vem lição de moral) é lembrar que não é só porque ganhamos a casa podemos deixá-la despencar. Vamos fazer a nossa parte. O resto vem naturalmente (Grupo: Conselheiros [Agitadores à época] / abril de 2011).

Dentre essas diversas características apontadas, duas definições que singularizam o grupo Agitadores nos chamaram atenção: primeiro, a ideia de que o Agitador “pode extravasar toda sua loucura e terá desconto, pois é roxo”; segundo, a ideia de que um roxinho “pode meter o nariz em qualquer canto, sem ser escorraçado, pois sua intenção é agitar”. Em termos de profusão dos fluxos de composição do nosso “passeio esquizo” pelos jardins da comunidade Oásis, ficou claro para nós que a posição ocupada pelos membros Agitadores centraliza “efeitos de máquinas” extremamente importantes na expressão da “litania das disjunções” dos modos de marcações que lhes são próprios. Conforme nosso entendimento sobre as formas de inscrições deste grupo na comunidade foram se aprofundando, imaginamos que (de alguma forma) emanava dos roxinhos uma forte energia caótica e libertadora, na qual se legitimava as zonas de intensidades anárquicas, desequilibradas e imprevisíveis comentadas anteriormente. Não é à toa que o principal cantinho dos Agitadores no fórum seja um local denominado “Boteco [Oásis]”.

Senhores candidatos ao posto de Agitador, dirijam-se ao Boteco [Oásis] mais próximo de vocês. [...] é só chegar chegando. Participando, interagindo, etc. No Boteco tem vários tópicos legais pro pessoal ir se familiarizando e se

enturmado com a galera (Grupo: Tradutores / dezembro de 2010 / grifos nossos).

Quanto à mudança de categoria, palavra, é mudança, não é promoção, é só se adequar a algum perfil. Ai, eu tô falando e parece que estou soando rude, mas outra vez, palavra, não sou. Para ser agitador, é preciso agitar. Dar pitaco em tudo quanto é canto, especialmente no Boteco, opinar sobre [as sementes que baixou]. Mas, se isto não condiz com seu jeito, não se preocupe. Continue baixando e semeando [as sementes], que estará agitando mode silente on. Um abraço! (Grupo: Conselheiros / março de 2014 / grifos nossos).

Nesse sentido, as formas de expressões dos estados intensivos que emanam dos Agitadores convergem em uma grande onda de flutuações subversivas, caóticas ou mesmo inomináveis. Os roxinhos são aqueles reconhecidos por terem legitimidade para realizar “toda a bagunça”, “subverter a ordem” ou mesmo “planejar uma Agitação Revolucionária”. Nos destaques abaixo, um dos Veteranos dá boas-vindas ao novo batalhão de Agitadores nomeados pela equipe administrativa do fórum para “bagunçar a casa”; em seguida, um membro recém-chegado ao grupo dos roxinhos comemora a nomeação com uma singela ameaça: “Me aguentem...”; posteriormente, uma pessoa recém nomeada roxinha comenta sobre suas falas mais parecerem “encrencas” do que “agitação”; por fim, um dos membros do grupo “Membros” celebra a chegada de mais membros Agitadores ao Oásis e finaliza planejando uma “agitação revolucionária” no fórum.

Mais um batalhão para bagunçar a casa (Grupo: Veteranos / abril de 2015 / grifos nossos).

hehehe! Agora também sou um agitador! Me aguentem, vou subverter a ordem [de] todos os posts! Rsrtrs Abraços, galera, eu adoro isso aqui! (Grupo: Projetores [Agitadores à época] / julho de 2008 / grifos nossos).

Bem, acho q posso agradecer pelo reconhecimento de minhas poucas falas q, muitas vezes mais parecem encrencas do q agitação - aliás, fico tão 'agitada' quando 'brigam' comigo, vai ver q é isso... 😊 (Grupo: Agitadores / outubro de 2011 / grifos nossos).

Parabéns!!!!!!!!!!!!!! Vamos ter agitadores suficientes para planejar uma Agitação Revolucionária... (Grupo: Membros / outubro de 2012 / grifos nossos).

Nesse sentido, ao restituirmos essa “dimensão carnal da existência” (WACQUANT, 2002), nos valem da possibilidade de *realização de uma autoanálise da minha (ou nossa) participação na comunidade Oásis*, tendo como limite condutor

dessa análise aqueles elementos que me conduziram à “mudança de categoria”; ou seja, quando (exatamente seis anos após meu cadastro no fórum) deixei o grupo “Membros” e passei a fazer parte do grupo Agitadores. E quando nos referimos aos “aspectos carnis da existência”, é porque queremos salientar nossa estratégia metodológica de ação de pesquisa, que consistiu em nossa (ou melhor, “minha”) “conversão moral e sensual” aos modos de vida dos agentes desta pesquisa. Assim, a experimentação científica que emerge desta pesquisa perpassa uma tentativa de nos submetermos ao “fogo da ação *in situ*”. Em outras palavras, quando mais adentrávamos nas particularidades do *modus operandi* dos cyberagricultores que frequentam a comunidade Oásis, mais nos dávamos conta da necessidade dessa “conversão moral e sensual ao cosmo considerado” como a única estratégia metodológica de ação possível que nos permitisse “transmitir e capturar o sabor e a dor da ação” que mobilizam esses agentes em suas práticas cotidianas.

Para tanto, nada como a imersão iniciática e mesmo a *conversão moral e sensual ao cosmo considerado como técnica de observação e de análise* que, com a condição expressa de que ela seja, teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação cotidiana aqueles que o habitam. Se é verdade, como afirma Pierre Bourdieu, que nós “aprendemos pelo corpo”, e que “a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço para a afetividade”, então impõe-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação *in situ*, que ele coloque, em toda a medida do possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar, que ele se arvore a adquirir as apetências e as competências que tornam o agente diligente no universo considerado, para melhor penetrar até o âmago dessa “relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto estão postos como tal”, e que, no entanto, os define, aos dois, como tais, e ata-os com mil laços de cumplicidade, mais fortes ainda porque são invisíveis (WACQUANT, 2002, p. 11-12, itálicos no original / grifos nossos).

No começo deste capítulo, nos referimos a dois momentos distintos, no que tange alguns aspectos centrais dos sentidos de minha participação no Oásis: primeiro, aquilo que denominamos de momento “pré-pesquisa” (que intercalam os anos 2008 a 2012); segundo, o momento que teve início em dezembro 2012 e segue até o presente, que se inicia quando resolvemos anunciar publicamente na comunidade algumas intenções desta pesquisa. Iremos abordar com mais cuidado esses dois momentos no próximo tópico deste capítulo. De todo modo, consideramos válido compreendermos que essa minha “conversão iniciática” (ainda que tardia) a alguns

modelos específicos que compõem os “esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos” das formas de socialidades no Oásis se consituíram como uma grande e importante ferramenta analítica.

Assim, postulamos que a partir do momento em que decidi assumir uma postura mais ativa na comunidade (principalmente através do aumento da quantidade de postagens realizadas por mim semanalmente no fórum), pudemos perceber uma ampliação das possibilidades narrativas. E a principal consequência desta mudança de atitude perante a comunidade não pode jamais ser caracterizada apenas como uma estratégia de pesquisa com intenções sombrias que perpassam o ato investigativo de apenas coletar dados etnográficos. Longe deste esquema científico, a adoção de uma postura mais ativa dentro da comunidade se desdobra por um mar de indizíveis, porque foram ações criadas por linhas rizomáticas do desejo.

Em outras palavras, gostaríamos de salientar uma importante dimensão do trabalho de campo, especialmente aquela que trata dos afetos e dos desejos e suas implicações para a pesquisa antropológica. Assim, ao invés de negarmos os efeitos do trabalho de campo na experiência humana, optamos por garantir centralidade aos “efeitos dos afetos” longe da lógica da representação e de seus construtos essencialmente “culturais”. Assim, o que buscávamos nas relações cotidianas tecidas nesta comunidade era o “ser afetado” pelas zonas de sensibilidades marcantes que englobam a “ética do compartilhar” sementes digitais através da internet. E, como observa Jeanne Favret-Saada (2005, p. 158), “aceitar ‘participar’ e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia [...]”.

De todo modo, ao observarmos o GRÁFICO 01 é possível percebermos com clareza dados objetivos que tornam mais intelegíveis os argumentos que estamos mobilizando neste momento. O referido gráfico aponta a taxa percentual de minha participação na comunidade Oásis, de acordo com dois momentos distintos: primeiro, o momento “pré-pesquisa” (2008-2012); segundo, o momento “pesquisa” (2013-2017). O momento da “pré-pesquisa” se caracteriza pelo meu discreto envolvimento com o fórum (apenas 300 postagens em quatro anos de participação). E esse tom discreto foi radicalmente mudado no momento que se configura após a oficialização da pesquisa (em dezembro de 2012).

no fórum! Vou lá, dar meu abraço pessoalmente (Grupo: Conselheiros / julho de 2015 / grifos nossos).

E, como afirmamos anteriormente, a principal consequência do aumento desta participação pôde ser experimentada quando recebi a honra e a distinção de ser considerado um membro pertencente ao grupo Agitadores (em meados de julho de 2014). Vale destacar que ao optar pelo aumento da participação, minha ideia era desafiar essa postura *voyeur* ou mesmo “espiã” – posturas que poderiam facilitar a pesquisa, mas que dificultaria (ou mesmo impediria) **o entendimento das expressões relacionais** que escorrem através dos mínimos gestos em cada tópico, conversa ou discussão que a qualquer instante se inicia na comunidade Oásis. Nos últimos tempos, os sentidos de minha participação se embaralhavam a todo instante, pois cada passo dado na comunidade carregava divesas expressões relacionais distintas. Com uma participação em torno de 100 postagens na comunidade, um membro do grupo “Membros” autodenomina-se “espiador”, enquanto projeta o dia em que poderia vir a tornar-se um agitador. Na mesma direção, um membro vermelhinho (roxinho à época), relembra o seu tempo de *voyeur*, quando ficava apenas “espiando” ou “assistindo”.

Por enquanto sou apenas um espiador... Quem sabe, um dia, não me torno um agitador? [...] (Grupo: Membros / julho de 2008 / grifos nossos).

antes eu era um voyeur, só ficando espiando. hoje? hoje eu sou um agitador e posso fazer bagunça ao invés de ficar assistindo. venha você também ser um agitador! (Grupo: Moderadores / [Agitadores à época] / julho de 2008 / grifos nossos).

Por fim, constatamos que a “nova etiqueta” que me consagrou um dos 182 Agitadores do fórum demarcou um momento liminar na pesquisa, pois tal movimento apenas confirmou uma “relativa bem-sucedida” tentativa de ampliação da minha condição de pesquisador que minimizasse as distâncias entre o “observador e o observado”. Deste modo, os efeitos das relações que provocaram cada uma das cerca de 1,200 postagens realizadas por mim na comunidade (cada uma a seu modo, seguindo linhas e caminhos imprevisíveis) foram *traçadas* e criaram as diversas imagens do pensamento que conduziram a elaboração desta tese. Com efeito, longe da posição do “espião”, optei por construir um efeito de narrativa que me ajudasse a

expandir e expôr minha voz (mesmo que isso levasse a subverter ou mesmo bagunçar a casa). Meu objetivo era desafiar esta postura *voyeur*, e a consagração desta nova “etiqueta” que me promoveu a agitador serviu como um importante estímulo à continuidade do exercício desta experimentação relacional. Como pudemos notar, não é incomum observarmos membros imaginarem tal “promoção” como um singelo elogio da moderação às suas participações e aos seus desempenhos na comunidade.

[...] vou registrar aqui meu agradecimento ao moderador que ontem, me promoveu Agitador. E mesmo que fazer parte ou não deste grupo seja uma apenas etiqueta aqui no fórum, considero a promoção como elogio à minha modesta atividade. Sou membro desde 2008, mas tenho uma participação discreta quando comparada a membros com 1000, 2000, 3000 posts. Quem chega a esse volume realmente dedica boa parte de seu tempo a este maravilhoso espaço; e acho que no fundo essa nova etiqueta para mim, servirá como estímulo a continuar escrevendo o que penso sobre [as sementes] que gosto ou não! obrigado povo do [Oásis]! (Grupo: Agitadores / abril de 2015 / grifos nossos).

Esta discussão nos permite abrir um pequeno e rápido debate sobre os membros do grupo “Membros” e “Em Validação”. Como podemos notar no QUADRO 02, as pessoas que fazem parte deste grupo são representadas pela cor marrom. Em termos quantitativos, o grupo Membros engloba a extensa maioria das pessoas registradas no Oásis (algo em torno de 60.000 pessoas). Como explanamos brevemente na introdução desta tese, o Oásis é uma comunidade fechada que exige das pessoas uma autenticação de usuário para a visualização de qualquer conteúdo no fórum. Também comentamos que existem basicamente duas formas de alguém se tornar um membro: receber (em seus endereços de *e-mail*) um convite virtual enviado por algum outro membro do grupo (que se torna padrinho ou madrinha da pessoa); ou adentrar quando a comunidade decide “abrir suas portas” (em algumas datas não tão precisas do ano) e permiti o cadastro livre de qualquer pessoa (nesse caso, o membro fica sem padrinho ou madrinha)²⁸.

Após o cadastro, (que se confirma depois da validação do endereço pessoal de e-mail do membro) todas as pessoas são inseridas no grupo Membros. Os membros que não confirmam o seu endereço de e-mail, fazem parte um pequeno grupo chamado “Em Validação”, representado pela cor cinza e constituído por apenas 25 pessoas até meados de novembro 2005 (QUADRO 02). Para a realização da

²⁸ O padrinho ou madrinha são como são conhecidas as pessoas que oferecem convites para outras.

validação de usuário é necessário que todos as pessoas acessem suas contas pessoais de endereço eletrônico e cliquem em uma mensagem que confirma a conta de e-mail do usuário, que fica atrelado ao fórum e pode ser usado em diversas situações (por exemplo, recebimento de mensagem de recuperação de senha, notificações e atualizações realizadas no portal).

Há um período de tempo predefinido para que os usuários possam realizar essa validação. Após esse período (algo em torno de sete dias), o convite perde sua validade e o usuário fica impedido de realizar sua verificação e aderir automaticamente ao grupo “Membros”. De todo modo, tais membros não ficam impedidos de navegar pela comunidade da forma que desejarem, mas sempre estarão nessa espécie rara de grupo chamado “Em Validação”. Nas palavras de um dos Moderados do Oásis.

me parece que os membros que estão de cinza, são os que não validaram.. eu tinha enviado um convite para um amigo meu a um tempo atras, expliquei que tinha que validar, não me lembro se ele verificou (acredito que não), mas ele tava cinza e depois perdeu o cadastro. Então acredito que tem limite e não há como validar depois (Grupo: Moderadores / março de 2013).

Segue-se que, após a validação de usuário, todos as pessoas no Oásis são automaticamente alocadas no grupo “Membros”. Nesse sentido, tal grupo abriga obrigatoriamente todos os novatos da comunidade (mas não somente). Não é muito fácil definir as características deste grupo (dado o seu grau de aparente obviedade), mas podemos sempre ter em mente que os membros do grupo Membros são pessoas cadastradas na comunidade, mas que (por algumas razões) ainda não foram inseridas no “jogo da mudança de cor”, que define alguns princípios hierárquicos no Oásis (como viemos comentando ao longo deste capítulo).

Como sugerimos no tópico anterior, para algumas pessoas esse jogo apenas se inicia quando os membros são inseridos no grupo dos roxinhos (Agitadores) e alcança seu ponto de maior prestígio (o topo desse sistema hierárquico) com os membros do grupo Veteranos (verdinhos). O que estamos sugerindo é o sentido de invisibilidade do grupo Membros enquanto um grupo como tal. Isso pode ser observado na fala de uma pessoa novata que explicita o desejo de querer “entrar em algum grupo”. O que podemos ler (a contrapelo) nesse seu comentário é o fato desse membro não considerar o grupo Membros enquanto um grupo de fato, já que

fazer parte de um grupo é estar inserido em algum espaço de reconhecimento legítimo gerado através do “jogo da mudança de cor”.

Ahh eu também quero entrar em algum grupo!!! (Grupo: Agitadores [Membros à época] / agosto de 2009).

Chegamos, assim, na observação de que esse “jogo” consiste na avaliação permanente da participação de todos os membros no fórum. Nas trilhas deste raciocínio, os membros “mudam de cor”, dependendo do seu “potencial diferente para ajudar em determinada tarefa” dentro da comunidade.

Há casos de mudança de cor, não por promoção, a palavra é meio pretensiosa, mas porque descobriram que determinado membro tem um potencial diferente para ajudar em determinada tarefa. Aí, ele muda de cor. Colocam-no no lugar onde tal potencial é mais bem aproveitado (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

Cada mudança de cor aqui dentro é feita **a partir de crit[é]rios objetivos, de tempos em tempos** (mais ou menos a cada dois ou três meses), para os projetores e agitadores. Para veteranos, moderadores, tradutores e conselheiros, depende de decisões da equipe de veteranos. Se houver dissenso relativo a algum nome, a equipe decide no voto. Eu agarantcho e cabou-se! 😊 (Grupo: Veteranos / outubro de 2010 / negrito no original).

Não existem regras para mudança de grupo. Segundo o desempenho do membro ele pode ser convidado a fazer parte de um grupo (membros que postam [muitas sementes] de qualidade podem se tornar Projetores, membros que participam bastante de debates viram Agitadores, membros que fazem [muitas traduções] de qualidade são convidados para Tradutores). Eventualmente, pode-se tornar parte da Equipe (Veteranos, Moderadores e Conselheiros). Eu até poderia te contar como e porque entrar para um desses grupos. Mas eu teria que te matar (Grupo: Projetores [Moderadores à época] / abril de 2011).

Comentaremos com mais propriedade no próximo capítulo algumas exigências, obrigações ou tarefas cobradas de todos os membros do fórum (independente do grupo no qual estejam inseridos). Na realidade, o grau de desempenho dos membros na realização dessas tarefas é o que vai definir a sua cor representativa, em suma, o seu grupo. Tal desempenho é avaliado a partir das postagens realizadas por todos os membros. E o que está em jogo, em última instância, é a qualidade e a regularidades destes “posts”.

[...] não custa nada lembrar que ninguém vai virar Agitador porque fez 300 posts em 2 dias ou Projetor porque postou 10 [sementes] em uma semana. existem dois fatores essenciais: **qualidade e regularidade** (Grupo: Membros / agosto de 2009 / negritos no original).

Entretanto, mesmo que não seja uma desrazão percebermos que todos os membros (e ex-membros) “tenham uma relativa importância na estrutura do fórum”, tal índice de valoração objetivado no sistema de “mudança de cor” garante um extenso investimento afetivo e econômico das pessoas envolvidas nesse complexo jogo de aplicações dos investimentos culturais, emocionais, sensoriais, materiais e libidinais dos agentes envolvidos. Nas palavras desta pessoa destacada abaixo, o sistema de hierarquia das patentes é importante ao Oásis porque ele garante a presença constante da “cor da novidade” no fórum.

Embora todos tenham relativa importancia na estrutura do fórum, ele não seria o mesmo sem a cor da novidade presente sempre (Grupo: Agitadores / agosto de 2008).

Esse de senso de aplicação é, muitas vezes, caracterizado de forma tão clara e aberta, que não raro observamos membros (especialmente as pessoas que ainda ocupam o grupo Membros) anunciarem publicamente o seu desejo de “mudar de cor” e começar uma “carreira” na comunidade. Em fevereiro de 2011, um dos membros destaca algumas dificuldades que enfrentou no processo de postagem de uma nova semente no Oásis. Por fim, ele revela que esse seu esforço de “fazer tudo certinho” se vale da “tentativa de iniciar uma nova ‘carreira’” no fórum.

Oxalá eu tenha conseguido fazer tudo certinho... quebrei a cabeça lá no Pirate Bay, aparecia sempre "filename error", até que uma hora apareceu uma mensagem dizendo que já havia o torrent... Vamos ver, aqui o meu torrent tá azulzinho, o que é bom sinal. Não encontrei boas críticas na rede, mas também estive mais envolvido na tradução e nos outros procedimentos para postá-lo aqui. Enfim... essa é a tentativa de iniciar uma nova "carreira" por aqui! 😊 (Grupo: Agitadores / fevereiro de 2011 / grifos nossos).

Dando prosseguimento em nossas trilhas narrativas, podemos pensar que inseridos no grupo “Membros” estão as pessoas novatas, usuários do fórum que não costumam “logar” na comunidade com frequência, ou ainda os membros mais tímidos, discretos ou mesmo silenciosos (que contabilizam pequenos índices de postagens na comunidade). Como vimos ao longo de todo esse capítulo, de acordo com a participação de cada pessoa elas podem ser realocadas em “grupos especiais” e uma das principais atividades necessárias para que isso aconteça é o ato da escrita.

Escrever é uma das chaves da participação na comunidade Oásis. Quanto mais você escreve, mais você participa e mais chances possui de ser notado e distinguido. E tudo acontece através de um complexo e não tão aparente jogo performático, na qual suas regras (embora aparentemente nítidas e objetivas) não são muitas vezes acessíveis, pois dizem respeito apenas aos membros da cúpula administrativa do fórum (aqueles que verdadeiramente possuem o poder simbólico de nomear e de serem nomeados). Observemos a postagem abaixo, na qual um dos Veteranos explica que para alguém entrar no grupo dos Projetores é preciso ser assim com os “verdes”, isto é, exige-se intimidade com os “Veteranos”.

Parabéns. Eu sei que o sonho de todos é chegar a projetor, mas para isso é preciso ser assim com os verdes. Vocês chegam lá. Abraços!!! (Grupo: Veteranos / março de 2009).

Dito de outro modo, quanto mais você escreve, mais você se compartilha e mais chances terá de ser notado e percebido, de “aparecer”, de “ser afetado” e de afetar. Observemos agora um desabafo de uma pessoa novata do grupo Membros. Sua mensagem um pouco angustiada advém de alguém que parece não entender como fazer para “ser ouvida” nesse espaço. Ela busca ajuda para fazer o *download* de uma semente, mas não sabe como pedir e nem a quem se reportar. Tudo acontece como se ela reivindicasse um espaço de voz, uma zona de enunciação de seu ato comunicativo.

Olá a todos do [Oásis]! Gostaria de saber, por gentileza, se os novatos - como eu - possuem/tiveram uma boa receptividade, por parte dos "veteranos". Há algum quesito para ser "ouvida"? Ainda não fui atendida ao postar que gostaria de ajuda para baixar [uma semente]. Mas percebo e posso estar enganada, que é preciso muita postagem - é preciso aparecer/ se sobressair - para que, em um momento, se tenha alguma resposta. Há grupos e grupos "criados e batizados": agitadores, avançados, super membro. E, novatos. Espero, se possível e por gentileza, que alguém exponha sua opinião a respeito de meu "desabafo". Que os novatos escrevam, se achar pertinente. Abraços (Grupo: Membros / setembro de 2015).

Obviamente que não adianta apenas escrever de forma contínua para se alcançar um “lugar especial” em quaisquer desses grupos, visto que existem as postagens deselegantes ou dignas de alguma forma de reprovação. Entretanto, o silêncio é sempre uma opção perigosa no Oásis (especialmente quando se é novato). Quanto mais você posta, mais chances você tem de ver visto e de ser notado. E uma

das principais características da comunidade Oásis consiste nessa exposição pública da definição precisa (em termos quantitativos) das experiências relacionais de um membro no fórum.

Em maio de 2012, enquanto eu ainda fazia parte do grupo “Membros”, adentrei em um debate no fórum que discutia sobre o processo de migração e mudança das pessoas de um grupo para outro. Apesar dessa história ter sido (para nós) carregada de mistérios e hiatos – pois ela engloba questões que dizem respeito apenas à moderação ou aos “irmãos de cor” de cada grupo específico – foi possível traçarmos alguns ecos sobre como ocorre esse processo. Em certo momento desse debate, um dos membros Conselheiros afirma que “ninguém se candidata” a assumir o posto de algum grupo, já que tudo acontece de forma “meio natural”. Por fim, finaliza afirmando que “tudo que acontece no fórum, de bom e de ruim, é urubuservado”. Em outras palavras, como já havíamos comentado anteriormente, todas as postagens realizadas na comunidade são “observadas” pela moderação e é a partir dessas observações que as performances dos membros são avaliadas.

Valentim, ninguém se candidata. O trem é meio natural. Quando uma pessoa aparece, ela é percebida, pois tá sempre nos tópicos, com seus pitacos. Tudo que acontece no fórum, de bom e de ruim, é urubuservado (Grupo: Conselheiros / maio de 2012 / grifos nossos).

Como viemos afirmando, cada ato de ação comunicativo realizado na comunidade Oásis é expresso de forma quantificável e esse número acompanha a pessoa em basicamente todas as suas apresentações públicas. E membros com grandes quantidades de postagens muitas vezes assumem posições de destaque: seja por adentrarem em grupos carregados de evidentes zonas de prestígio e reconhecimento social; seja pela expressão objetivamente demarcada de seus altos índices de participações no fórum. Em tal sentido, membros que ingressam no “jogo da mudança de cor” são demarcados (cada um a seu modo) a partir do grau de reconhecimento que recebem por participarem ativamente do fórum.

Antes de tudo, não se trata de hierarquia, mas de um reconhecimento aos membros que se dedicam ao fórum. Os membros dos grupos diferenciados não têm mais poder de voz que os demais. Eles apenas participam ativamente ao fórum, seja postando [sementes], no caso dos projetores, seja comentando e debatendo, no caso dos agitadores, e merecem algum reconhecimento por isso. E para participar de qualquer dos grupos, basta o membro agir de acordo com o perfil, que acabará sendo notado. Em segundo

lugar, se o que você chama de "manter o sistema" é fortalecer cada vez mais a grande comunidade que é o [Oásis], estou certo que ninguém aqui se incomoda de trabalhar a favor DESSE status quo. abraço! (Grupo: Veteranos / setembro de 2008).

Deste modo, cada vez que você escreve ou publica qualquer coisa na comunidade, sabe-se (através de um resumo do seu perfil de usuário que acompanha a postagem) quatro informações importantes sobre você (FIGURA 03): o nick, apelido ou nome de usuário (no meu caso, "valentim"); o grupo inserido (no meu caso, "Agitadores"); a quantidade de postagens realizada na comunidade (no meu caso, em torno de 1.200); a data de ingresso na comunidade (no meu caso, 19 de julho de 2008). Essas são as informações básicas, que não podem ser ocultadas e que fazem parte da composição do perfil de cada membro registrado na comunidade. Mas que outras composições (menos óbvias e mais sutis) podem fazer parte desta dimensão geral e ajudar a constituir aquilo que Veena Das (2012) chama de "ética ordinária" dos membros do Oásis? Dito de outro modo, o que é necessário para uma pessoa ser um membro deste fórum?

Mais uma vez, ao pensarmos juntos com Maurice Blanchot (2013 p. 22), adentramos na complexa discussão sobre os sentidos de uma comunidade e, conseqüentemente, de seus membros. "De fato, 'membro' remete a uma unidade suficiente (o indivíduo) que se associaria segundo um contrato, ou então, pela necessidade das carências, ou ainda, pelo reconhecimento de um parentesco de sangue ou de raça, até mesmo de etnia". E, como afirmamos na introdução desta tese, ao insistirmos na evocação do termo "comunidade" para nos referirmos à experiência gregária chamada Oásis é porque, de alguma forma, vemos ressoar por todos os lados essa expressão de "unidade suficiente" chamada "membro" ou "indivíduo" (residual, nesse caso, não porque seja incompleto, mas porque estilhaçado e despedaçado). Em outras palavras, antes de uma totalidade autônoma e genérica (pensamos aqui no malfadado sentido de "fusão comunal"), o Oásis engloba uma totalidade viva e plural de membros inseridos em uma conversa infinita de "comunicações aberrantes" (ou mesmo "insensatas"), na qual ressoa "o Nada" como a unidade mais potente de interpretação dessas relações paradoxais.

Cada membro da comunidade não é somente toda a comunidade, mas a encarnação violenta, díspar, estilhaçada, impotente, do conjunto dos seres que, tendendo a existir integralmente, têm por corolário o Nada onde eles já

de antemão caíram. Cada membro forma grupo apenas pelo absoluto da separação que tem necessidade de se firmar para se romper até vir a ser relação, relação paradoxal, até mesmo insensata [...] (BLANCHOT, 2013, p. 26, grifos nossos).

Por fim, encerramos essa discussão tendo como ponto limite desse debate uma articulação bem particular das pessoas do grupo Membros. Nos referimos ao fato de que nessa categoria estão algumas pessoas que desafiaram a importância e a validade simbólica de todo o “jogo da mudança de cor”. Em um dos casos, tal membro do grupo Agitadores pede para ser devolvido ao grupo Membros. Ele afirma, ainda, não querer fazer parte daquilo que denomina como “sistema meritocrático torto e verticalizante”. Mas termina por reafirmar a importância do fórum ao explanar abertamente seu apreço por ele “como poucas coisas”.

E essa história de mérito por trabalho me soa um tanto imbecil, falando pessoalmente. Eu sempre imaginei que quem traduz [uma semente ou a traz] para o fórum o faz porque realmente se identificou com aquilo, [aquela semente] de certa forma o comoveu, ou o fez por consideração de alguém que o pediu. Do mesmo modo, eu imagino que aqueles que cuidam do trabalho técnico e organizacional o fazem porque adoram esse espaço aqui. Parece que o contrário é uma corrida por status dentro de um espaço virtual, onde as pessoas querem se afirmar [...] Não quero participar desse sistema meritocrático torto e verticalizante, mas quero continuar sendo membro desse fórum, pois gosto dele como poucas coisas. Então se a moderação puder, por favor me devolva ao grupo de Membros. Por favor, me despromovam (Grupo: Membros [Agitadores à época] / março de 2013 / grifos nossos).

E tal senso de desafio à essa lógica hierárquica (encarnado numa crítica, sátira ou deboche) não emana somente de membros do grupo Membros. Em um dos casos, é um dos Conselheiros que convida um de seus amigos no fórum a fazer do grupo mais insignificante, que ele denomina “o grupo dos Jack Nobody” e têm como corzinha representativa a cor “cocozim” (em referência às fezes). Em outro momento, uma pessoa clama pela criação do grupo da “cor transparente”, o grupo da “cor nenhuma” que seria exclusivo para os invisíveis que não costumam participar.

[Cita nick da pessoa], eu já fundei o grupo dos Jack Nobody. Se quiser participar, está convidado. O único problema é que o grupo é tão insignificante que o título nem aparece embaixo do avatar. E a corzinha é essa de sempre, cocozim (Grupo: Conselheiros / agosto de 2009).

Está faltando aquela cor transparente, a cor nenhuma que é dos membros que nunca aparecem online, não comentam, não semeiam, jamais contribuem e parecem nem gostar de [semente] (Grupo: Agitadores / julho de 2009).

Em resumo, os membros do grupo Membros compõem a extensa maioria dos usuários do fórum. Em um sentido analítico, as pessoas inseridas em tal grupo estão definidas a partir do ponto mais elementar do sistema que compõe a estrutura hierárquica na qual as pessoas estão atreladas no Oásis. Discutimos brevemente sobre a importância das cores e sobre algumas funções e características particulares desses grupos. Também demos um rápido destaque sobre o processo de mudança de grupo (que chamamos de “jogo da mudança de cor”). Por fim, observamos que o grupo dos membros “descoloridos”, os membros do grupo Membros, possuem acesso amplo e total (assim como todos os membros) daquilo que é considerado o maior privilégio de todos os usuários (sem restrições por divisões hierárquicas): o acesso irrestrito de todas a extensa coleção das “belíssimas sementes”. E que cabem a esses membros, assim como a todos e todas, realizar a tarefa mais importante, que consiste no ato de semear as preciosas sementes digitais. Como podemos ver no comentário abaixo:

[...] Quanto aos membros, há que se lembrar que o privilégio maior, poder baixar [belíssimas sementes] aqui, é de todos. E o trabalho mais importante por aqui também cabe a todos e é invisível: o semeio. E, pra colocar os membros pra cima de vez (eeeeepa!), há grandes figuras aqui que são "apenas" membros: [cita o nick de dez pessoas]... Xi, a lista é interminável (Grupo: Moderadores / janeiro de 2010).

Também gostaríamos (ainda neste tópico) de falarmos a respeito dos membros (ou melhor, “ex-membros”) inseridos no grupo rosa (ou seja, o grupo dos “Banidos”). Tal grupo caracteriza uma composição limite, principalmente quando nos damos conta de que a essência deste grupo deixa explícito a negação da relação. Ou seja, é também a partir da exclusão (expressa muitas vezes como um ato punitivo) que poderemos vislumbrar um dos aspectos centrais das experiências comunitárias dos compartilhadores de arquivos em fóruns na internet. Em termos práticos, quando um membro é banido do Oásis todas as suas postagens e seus rastros permanecem acessíveis no fórum. Contudo, tal pessoa não poderá mais logar e nem ao menos retornar a este espaço com outra conta (já que as regras do fórum vedam o envio de novos convites a membros que já foram banidos alguma vez). Como observa um dos Veteranos:

[...] NUNCA convidem membros que já foram banidos. Dá o maior trabalho físico e mental banir alguém. 😊 (Grupo: Veteranos / maio de 2011).

Não poderemos neste momento adentrarmos nas características centrais que perpassam o banimento de algum membro do fórum. Haja vista que tais histórias englobam segredos, mistérios e particularidades que tornam tais dados difíceis de serem relatados. Isso porque o ato do banimento de membros talvez possa ser expresso enquanto um dos assuntos mais delicados dentro da comunidade Oásis. Assim, nos fóruns, não se costuma falar abertamente sobre este assunto sem causar algum tipo de mal-estar. Em um tópico criado no “Boteco [Oásis]”, algumas pessoas tentaram resgatar histórias de membros que foram banidos. O objetivo era tentar compreender o motivo de suas expulsões e, assim, concluir em que medida pessoas podem vir a serem punidas com a “pena máxima”. Contudo, logo tal tópico criou uma espécie de mal-estar entre alguns membros (especialmente da equipe de moderação). Uma dessas pessoas chegou a caracterizar o interesse nessas histórias como um “prazer sádico”; outro membro classificou tal ato enquanto “fofoca”; por fim, um membro apenas pede que as pessoas “parem de chutar cachorro morto”.

Isso aqui está virando caça às bruxas ao melhor estilo McCartiano. Percebo certo prazer sádico na busca pelo banido da vez... (Grupo: Tradutores / julho de 2009).

Esse tópico vai virar uma fofoca só (Grupo: Membros / julho de 2009).

parem de chutar cachorro morto! (Grupo: Membros / julho de 2009).

Como vimos, o banimento de membros do fórum é uma questão extremamente delicada, e suas histórias não são facilmente recuperadas exatamente por tais ações englobarem conflitos e oposições que tais pessoas (especialmente membros da moderação, ou seja, aquelas pessoas responsáveis pelo banimento) preferem não lembrar. Com uma certa insistência, é possível realizarmos considerações fragmentadas a respeito de algumas histórias que envolveram expulsões, mas a grande maioria desses relatos tomam facilmente a forma de “fofocas” (o que poderia causar sérios prejuízos à imagem pública de tal pessoa que insiste nessas histórias, haja vista que “fofocas” são atos que não são bem quistos por membros do Oásis). Falar de membros banidos é relembrar “cachorros mortos”, o que nos leva a entender que a impertinência de tais histórias possui uma relação direta com o desagrado impregnado na essência da existência dos próprios membros banidos (especialmente a partir de suas ações); ou seja, são as suas existências e seus atos medíocres que não interessam e que precisam ser esquecidos.

É nesse sentido que um dos membros Agitadores afirma que irá “estragar” uma conversa no fórum, ao trazer o relato de um caso de banimento. De acordo com tal pessoa, tal ato sempre acontece devido à uma postagem realizada “sem muita educação” e que tais “posts que geram o motivo do banimento, obviamente, são apagados” (o que dificultaria ainda mais a recuperação desses conflitos). Este comentário confirma o interesse que alguns membros possuem em tais “histórias de banimento”, mas ao mesmo tempo ele torna claro o cuidado que devemos ter ao tentarmos recuperar os eventos e as circunstâncias que ocasionaram e expulsão dos membros infratores.

Estragando a conversa de vcs sobre... bem... sobre? sobre?? Enfim, estragando a conversa de vcs... Os casos de banimento q eu tive conhecimento, o motivo sempre girou em torno de esculhambar algum membro do fórum, ou aquela eterna questão (que a moderação resolve muito bem) de quais [arquivos] podem ou não serem postados no fórum, e que o futuro banido discute sem muita educação... E os posts que geram o motivo do banimento, obviamente, são apagados. E [cita nick de um membro] é um grande mala! Um arrependido, por isso que saiu e pediu p/ voltar! Descobriu que uma vez no [Oásis], fica difícil viver sem! (Grupo: Agitadores / julho de 2009).

Assim, os membros que correspondem à cor “rosa claro” fazem parte do grupo de pessoas banidas ou expulsas, principalmente enquanto uma espécie de punição. E, como afirma uma pessoa do grupo “Conselheiros”, ninguém precisa necessariamente saber o motivo.

[...] Há membros rosa claro, que significa que a pessoa foi banida. O que ela postou no fórum, fica *ad eternum*. Mas ocorreu um banimento e ninguém precisa saber o porquê, mas houve motivo. [...] (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

Entrementes, também é comum observamos no Oásis um grupo importante de “ex-membros”, que são aquelas que espontaneamente pedem para sair. Com isso, suas credencias de acesso ao fórum são interrompidas, mas todas as postagens realizadas por tais pessoas ainda permanecem ativas no fórum. Quando uma pessoa de livre e espontânea vontade pede para ser excluída do Oásis, ela passa a fazer parte do grupo “Visitantes”.

[...] Há casos de pessoas que pedem para sair. A conta é eliminada, mas, outra vez, o que ela postou permanece no fórum. Ficam em preto como Visitante + nick. [...] (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

Vale destacar que tanto as pessoas do grupo “Banidos” quanto as pessoas do grupo “Visitantes” se tornam “ex-membros” (ou seja, suas credenciais de acesso são revogadas), mas ainda é possível recuperar e ter acesso a algumas informações sobre seus perfis na comunidade, além de suas postagens e comentários realizados no fórum. Contudo, a eliminação total de um perfil (incluindo cada um de seus rastros digitais existentes) exige um processo mais específico e especial por parte da equipe de moderação. Em suma, quando uma conta é eliminada do Oásis, isso equivale (em termos práticos) na supressão completa de todas as postagens realizadas por determinada pessoa no fórum. Tal ato faz eco com aquilo que muitos especialistas denominam de “direito ao esquecimento”²⁹ (algo na maioria das vezes negado aos indivíduos quando nos referimos às experiências das pessoas nas comunidades virtuais online).

Uma vez, alguém me explicou que as contas só são eliminadas quando as pessoas pedem e em caso de morte. Aí, eu fiquei pensando... "há não sei quantos mil membros no fórum, se a pessoa não for muito conhecida e aqui ela nem é conhecida, o nick é que é, como será que eles descobrem quem morreu?" 🤔🤔 (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

Em um certo sentido, as discussões sobre expulsões e banimentos nos atingiam de forma especial. Isso devido a um detalhe relevante que será debatido no próximo tópico deste capítulo: durante as nossas estratégias de negociações das possibilidades de realização desta pesquisa, em alguns momentos estivemos sob a iminência de uma possível expulsão diante da negação (por parte de alguns membros) desta pesquisa. Nossas estratégias de negociações aconteceram de forma pública em um tópico específico para esse fim. Mas o que queremos relatar no próximo tópico versa a respeito das dificuldades que a pesquisa social em comunidades ou fóruns virtuais acarreta, principalmente quando pensamos sobre as responsabilidades em torno daquilo que entendemos enquanto “encontros éticos” (LAMBEK, 2015). Assim, as sombras de uma possível expulsão ou banimento que nos atingiram nos momentos iniciais deste experimento relacional nos serviram para reforçar a importância das negociações e limites diante de um quadro de ação aparentemente pleno. No Oásis existem regras, e essas regras também se aplicam aos pesquisadores.

²⁹ Sobre o “direito ao esquecimento”, ver Jones (2016).

3 Em busca dos “encontros éticos”: desafios e percalços desta experiência relacional

No dia 5 de dezembro de 2012 (exatamente às 02:49 da manhã) um tópico no “Boteco [Oásis]” intitulado “Tese De Doutorado Sobre o [Oásis]” foi criado por mim. Meu objetivo com este tópico era o de expor publicamente as ideias gerais desta pesquisa, além de motivações e orientações metodológicas. O objetivo geral da pesquisa foi apresentado enquanto “uma tentativa de apreender as lógicas e as práticas inerentes nessa forma bem particular de consumo de bens culturais impulsionadas pela ampliação das redes colaborativas virtuais”; enquanto que as “duas frentes estratégicas de ação” metodológicas foram apresentadas como “catalogação de conteúdos escritos publicados” e “entrevistas e conversas com membros fora do ambiente virtual”.

Olá a todos e todas. Venho através desta mensagem tornar público aos membros do [Oásis] que estou oficialmente realizando uma pesquisa de doutorado em sociologia sobre generosidade, compartilhamento e consumo cultural na era da internet, tendo o [Oásis] como estudo de caso. Essa pesquisa consiste em uma tentativa de apreender as lógicas e as práticas inerentes nessa forma bem particular de consumo de bens culturais impulsionadas pela ampliação das redes colaborativas virtuais. Meu objetivo é demonstrar que essas redes possuem uma ética de consumo e trocas bastante específicas que passam ao largo de interpretações que sugerem que o compartilhamento de conteúdos virtuais estão submersas em atividades essencialmente criminosas ou mesmo caóticas. Em termos metodológicos, essa pesquisa apresenta duas frentes estratégicas de ação:

- 1) catalogação de conteúdos escritos publicados pelos membros que versam sobre assuntos de nosso interesse;
- 2) entrevistas e conversas com membros fora do ambiente virtual.

Nesses termos, gostaria de ouvir dos membros recomendações a respeito dessa pesquisa. Por exemplo:

- 1) É possível identificar o fórum?
- 2) É necessário resguardar nomes, nicknames ou avatares dos membros?
- 3) Em que medida a realização dessa pesquisa poderá causar algum constrangimento aos seus membros?

Essa pesquisa está sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Cordialmente,

Daniel C. Valentim

(Membro: valentim / Grupo: Agitadores / dezembro de 2012).

Imediatamente após a publicação, este tópico motivou um relativo longo debate público que vem se estendendo até os dias atuais³⁰. Reações diversas foram observadas diante da possibilidade de realização desta pesquisa. Alguns membros ressaltaram felicitações, além de demarcarem a importância desta pesquisa para o fórum através de adesões adjetivadas por expressões como “Muito bom” ou mesmo “Sensacional”.

Muito bom, Valentim! 😊 (Grupo: Projetores / dezembro de 2012).

Sensacional. (Grupo: Membros / dezembro de 2012).

Em uma mensagem um pouco mais pessoal, um membro do grupo “Tradutores” (que tive o prazer de encontrar uma única vez em Fortaleza) deseja “boa sorte com o trabalho”. Tal pessoa comenta ainda sobre nossa conversa em nosso último encontro, na qual havia ressaltado o desejo de realizar um projeto de pesquisa que versasse sobre economia do compartilhamento e trocas de arquivos através da internet, tendo o Oásis como estudo de caso. Ressaltamos que apesar das felicitações e estimas de boa sorte com o projeto de pesquisa, tal pessoa avisa que visitará Fortaleza, mas logo trata de expor que “não será possível agendar um encontro” naquele momento.

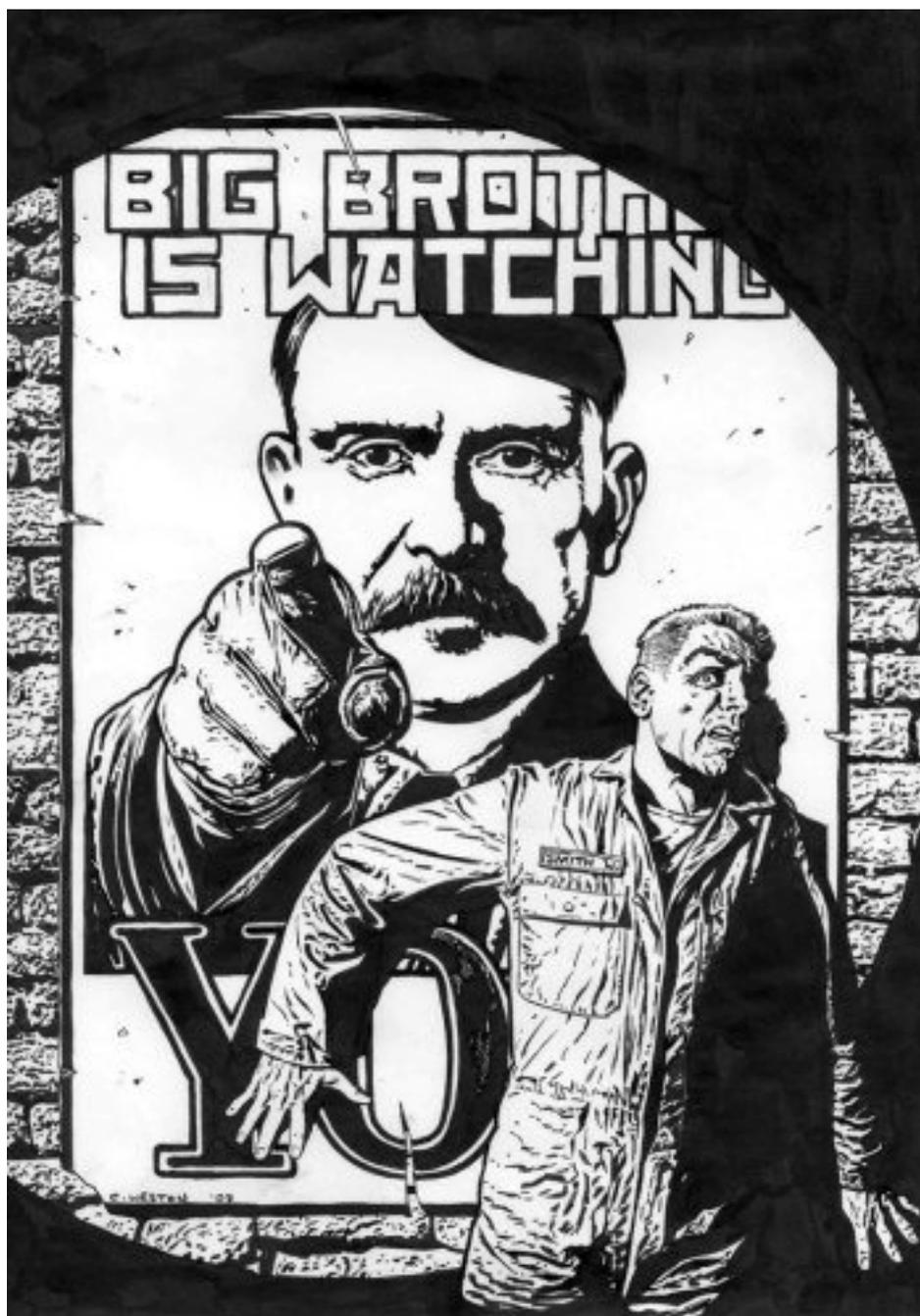
Legal que a ideia que tinhas comentado no último encontro que estive em Fortaleza está em prática. Parabéns! E em falando em Fortaleza darei uma passada meteórica por ai, mas infelizmente, não será possível agendar um encontro. Quem sabe na próxima. 😊 Forte abraço e boa sorte com o trabalho! (Grupo: Tradutores / dezembro de 2012).

Por outro lado, outras mensagens depositadas no fórum seguiam uma linha que articulava uma certa preocupação diante da possibilidade da realização desta pesquisa. Uma dessas mensagens veio a partir de uma imagem que faz referência ao livro “1984” (do escritor George Orwell)³¹. Nesta imagem podemos ver uma pessoa

³⁰ Entre dezembro de 2012 e dezembro de 2016 foram publicados ao todo 35 comentários e respostas em torno desta questão.

³¹ Lançado originalmente em 1949, o romance do escritor britânico George Orwell (pseudônimo de Eric Arthur Blair) trata a respeito de um futuro distópico na qual um suposto regime totalitário consegue controlar cada movimento das pessoas, principalmente através de sistemas de segurança e de controle altamente sofisticados. Por razões que serão debatidas a seguir, tal livro adentrou na cena política contemporânea exatamente por trazer à tona esse ambiente retratado por Orwell em seu romance.

acossada contra uma parede. Ela está visivelmente assustada, enquanto grandes holofotes parecem denunciar a sua presença. Atrás dela, o cartaz de um possível ditador com o dedo em riste ameaça, enquanto podemos ler a inscrição em um cartaz pregado na parede: “BIG BROTHER IS WATCHING YOU” (GRANDE IRMÃO ESTÁ VENDENDO VOCÊ). Vejamos:



(Grupo: Membros / dezembro de 2012).

Contudo, podemos destacar que a vigilância exercida através das comunidades online sugere que a distopia orwelliana já esteja em atuação diante de nós.

Em um sentido específico, tal ilustração nos faz pensar que devemos levar em conta uma possível imagem de pensamento que vislumbra uma conexão direta entre o ato de pesquisar com o ato de “acossar contra a parede”, ou mesmo com o ato de investigação que vislumbra uma possível perseguição através do uso de holofotes. É óbvio que tal ilustração demonstrava (antes de tudo) uma denúncia ou mesmo um possível alerta. Também é óbvio que esta imagem de pensamento nos colocava (enquanto realizadores desta pesquisa) em uma posição desagradável diante de todos no fórum. E se esta perspectiva fosse a dominante? E se a maioria das pessoas vislumbrassem uma pesquisa sobre o Oásis enquanto uma possível ameaça?

A fim de determinar uma precisão interpretativa que evitasse possíveis erros de leituras diante da imagem compartilhada, resolvi indagar ao postador da imagem: “O que poderia supor a respeito desta imagem?”. Sua resposta (postada logo em seguida) supõe uma preocupação com “uma certa ‘preservação’” do fórum. E este ato é compreendido enquanto um “valor” caro à esta pessoa.

O que poderia supor a respeito desta imagem? (Membro: valentim / Grupo: Agitadores / dezembro de 2012).

Quando vi o tópico, pensei logo que uma certa "preservação" era um valor que me era caro. Daí à imagem, foi um pequeno salto. Mas isto é só a minha impressão genérica e pessoal... 😊😊😊 (Grupo: Membros / dezembro de 2012).

Esta pessoa vincula “uma certa ‘preservação’” do fórum enquanto um “valor” caro que deve ser levado em consideração na pesquisa e demarca tal opinião enquanto uma “impressão genérica e pessoal”. De todo modo, pudemos constatar através de diversos outros comentários que tal “valor” não era apenas uma simples opinião pessoal de um membro, haja vista que tal preocupação se objetiva enquanto uma opinião central de diversos outros membros (inclusive de pessoas da equipe de moderação). Tal índice de preservação apareceria enquanto uma justificativa plausível para a adoção de um nome fictício para o fórum, assim como para a preservação dos *nicks* e das identidades virtuais dos membros presentes na comunidade. Um desses membros chega a postular que a criação de um “nome fictício” não iria comprometer a veracidade da pesquisa, já que (em suas palavras) tal ação poderia ser justificada em uma nota de explicativa.

Daniel, como membro da equipe, peço a você que mantenha o nome e endereço do fórum em sigilo, crie um nome fictício. Quanto aos nicks e avatares, penso que isso cabe a cada membro que você entrevistar, mas o nome do fórum deve permanecer sigiloso, por questões de segurança. (Grupo: Veteranos / dezembro de 2012).

Olá Daniel, penso que poderias escolher e utilizar um nome fictício, preservando assim o fórum. Acredito que em nada isso afete a veracidade de tua pesquisa, podes referenciar numa nota, por exemplo, que tal nome que utilizas é fictício, e que com ele vais te referir ao ambiente. Boa sorte aí. (Grupo: Agitadores / dezembro de 2012).

Dois anos e cinco meses após a abertura deste tópico destinado a debater questões pertinentes à produção desta pesquisa, retorno ao fórum e ao tópico com uma nova postagem. Naquele momento, pretendia demonstrar alguns andamentos da pesquisa, especialmente impactos dos acordos e negociações realizados alguns meses antes. Tais acordos teriam três impactos na pesquisa, especialmente no tange aspectos que visavam ocultar dados em razão da segurança da comunidade e se seus membros: primeiro, o nome verdadeiro do fórum não seria revelado (para isso optamos por denominá-lo a partir de um nome fictício, ou seja, “Oásis”); segundo, nomes reais e *nicknames* de pessoas foram ocultados (mas preservamos nas citações diretas apenas os grupos nos quais tais pessoas estão vinculadas); terceiro, nenhuma referência aos títulos e nomes dos arquivos compartilhados seriam revelados, o que nos levaria a uma estratégia de ocultação desses dados que consistia em substituir nomes de arquivos por palavras genéricas como “arquivos”, “sementes” ou simplesmente “presentes”.

Pra ressuscitar esse tópico antigo, gostaria de dizer algumas palavras sobre a pesquisa. Seguimos a orientação [...] e o nome do fórum foi mantido em sigilo. Também optamos pela criação de um nome fictício: comunidade “Oásis”. Também optamos pela não identificação de nenhum avatar ou nickname associado a qualquer postagem de qualquer membro do fórum. Isto por uma razão muito simples: nicks [...] são nomes muito mais singulares do que nomes próprios genéricos como Daniel ou Maria. Entretanto, consideramos relevantes demarcar falas usadas na tese a partir dos grupos em que cada membro está atrelado. Assim, identificamos apenas o grupo que cada pessoa representa no instante em que ocasionou aquela interação social (já que a mobilidade das pessoas nos grupos acontece de tempos em tempos, como pude perceber). Outra característica. Também não identificamos nenhum [título de arquivo] ou obra compartilhada na comunidade, a não ser obras que claramente não infrinjam direitos autorais. No mais das vezes, nos referimos às obras compartilhadas apenas como “sementes”, “imagens-vivas”, “presentes” ou “sensibilidades”.... Espero muito poder compartilhar mais informações com vocês sobre o andamento desta experiência relacional, antes de científica ou mesmo literária. [...] Abraços e saudações piratas! (Membro: valentim / Grupo: Agitadores / maio de 2015).

Alguns meses depois da elaboração deste último comentário, retorno mais uma vez a este tópico no fórum (em 15 de setembro de 2016) e compartilho um relatório parcial desta tese. Para minha surpresa, desta vez consigo captar alguns bons sinais de que finalmente os objetivos desta pesquisa e suas estratégias metodológicas tenham sido aceitas por tais pessoas. Tais ecos foram sentidos a partir de alguns comentários positivos de membros (apesar do enorme silêncio da maioria) que se disponibilizaram a ler trechos do relatório parcial divulgado no fórum. De acordo com um desses comentários, elaborados por uma pessoa do grupo “Veteranos”, tal pessoa considerou tal relatório enquanto um “fantástico trabalho”, além de “algo digno de muitíssimo orgulho para todos”. Além do mais, tal pessoa consegue identificar uma citação sua no relatório parcial e postula: “Uma honra ser citado aí”.

Em primeiro lugar devo parabenizá-lo pelo fantástico trabalho. Já são quase 4 anos fazendo uma pesquisa bastante substancial, eu aqui peguei uma horinha para ler trechos pesquisando por palavras-chave, olhando os quadros, e em especial li bastante citações. Fiquei muito surpreso em identificar uma fala minha entre as citações, li com uma pulga na orelha imaginando ser algo que eu falaria, pesquisei e encontrei o comentário, é meu mesmo. Uma honra ser citado aí. Aliás, uma honra para todos nós do fórum, e não estou falando do meu grupo em particular, ou de quem foi ou não citado, mas de todos mesmo, tendo reconhecimento acadêmico quanto ao trabalho que desempenhamos aqui em maior ou menor grau (desde administrar o site a semear um único [arquivo]), é algo digno de muitíssimo orgulho para todos nós. Ainda vou empenhar mais algum tempo dando uma "leitura dinâmica", em tópicos da sua tese parcial, mas fico no aguardo do trabalho concluído para ler integralmente, se possível. Abraço, parabéns e obrigado! (Grupo: Veteranos / setembro de 2016).

Em um sentido específico, podemos observar os movimentos de negociações das estratégias metodológicas que compõem esta pesquisa como ações bem-sucedidas. Em um primeiro momento, observamos a existência de um extenso e incrível material de pesquisa (objetivado em milhares de postagens) dispostos não apenas ao pesquisador, mas a todos os membros que souber fazer uso das ferramentas do fórum. Entretanto, logo vimos que tais dados não poderiam somente ser “usados” sem antes nos propormos uma negociação de seus acessos e de seus métodos de exposições neste relatório de pesquisa. Mas se “o nome do fórum deve permanecer em sigilo, por questões de segurança” (como afirmou um dos membros Veteranos), qual a razão deste fato? E por quais motivos a distopia orwelliana (exposta no romance “1984”) do “indivíduo sob controle” (PAVLOSKI, 2005) é acionada enquanto um contexto de atuação dos semeadores de arquivos?

Neste momento, observemos que tal contexto expõe uma tensão e no cento deste debate emerge aquele sentimento que Morozov (2011) denomina de “desilusão da internet”, ou simplesmente “o lado sombrio da internet”. O compartilhamento de arquivos através de redes descentralizadas está no centro de uma importante luta política e é exatamente este combate que demonstra o poder e as estratégias de ações daqueles que tentam criminalizar e impedir que os *bytes* fluam por vias consideradas “ilegais”, “piratas” ou “criminosas”. Nesta perspectiva, semeadores de arquivos tentam atuar a partir de lampejos. Tais agentes podem ser compreendidos enquanto os vaga-lumes descritos por George Didi-Huberman (2011), na qual a extrema fragilidade de seus lampejos de vida são cotidianamente ameaçados pelas luzes dos grandes holofotes que a todo instante pretendem identificá-los, para com isso cacá-los e destruí-los. E assim esta “sociedade do controle” (filha direta das redes cibernéticas e da “sociedade da informação”) reforça na prática a distopia de Orwell.

Antes de mais nada, vale salientar que a “cultura do controle” mobiliza como principal articulador de suas práticas um potente sistema de gestão da vida cotidiana, que “é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado” (DELEUZE, 1992, p. 224). Os recentes debates políticos em torno dos usos das redes informáticas como mecanismo de vigilância sugerem que a “sociedade do controle” já está em operação e agindo de forma globalizada. Como aponta Bamford (2008), a Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos é uma das maiores e mais sofisticadas organizações de vigilância do mundo. Neste momento do conflito, os controladores das redes se utilizam de máquinas colossais equipadas com poderosos *softwares* que permitem o acesso minucioso e detalhado de bilhões de dados informacionais de praticamente qualquer indivíduo em qualquer lugar do planeta. São esses os grandes holofotes destinados a cotidianamente e incessantemente caçar os vaga-lumes.

Composta por dezenas de milhares de pessoas, por mais de cinquenta edifícios, por dezenas de antenas receptoras e pelos supercomputadores mais poderosos do mundo, ela [NSA] tinha um objetivo primordial: o acesso. Acesso a bilhões de conversas telefônicas privadas de linha fixa, celular e redes sem fio; textos, e-mails e mensagens instantâneas da internet; históricos de acesso a páginas da web, faxes, e discos rígidos de computadores. Acesso a qualquer sinal ou dispositivo que possa conter informações de qualquer forma, independentemente da proteção - firewalls, criptografia ou senhas. Nunca antes na história houve uma única pessoa controlando tanto poder secreto para esquadrihar em tantas vidas privadas (BAMFORD, 2008, p. 13, tradução e grifos nossos).

Uma das prováveis causas dessa ampliação dos mecanismos de controle está relacionada com nossa adesão tácita ao padrão comunicacional que permite o registro de nossas ações no ciberespaço em bancos de dados de grandes corporações. Nesse sentido, nossa “sujeição à comunicação cibernética são prováveis expressões de uma sociedade de controle à qual se referia Deleuze” (SILVEIRA, 2010, p. 81). Nessa linha argumentativa, Assange (2012, p. 22, tradução nossa) compreende que a internet hoje se apresenta como uma ameaça, já que “essas novas formas de comunicações, que antes eram consideradas privadas, estão sendo interceptadas em massa”.

Contudo, o que nos interessa neste momento é o uso articulado desse aparato tecnológico com o propósito de controlar o fluxo informacional dos conteúdos que trafegam pelos cabos das redes. Em um sentido restrito, analisamos que os principais mecanismos de controle da proliferação dos conteúdos protegidos por direitos autorais na internet adotam as seguintes estratégias: primeiro, remoção do acesso aos conteúdos (com ou sem notificação judicial); segundo, abertura de processo criminal contra os usuários.

Por um lado, a primeira estratégia se baseia no princípio de que os provedores de conteúdo são responsáveis pelas ações dos indivíduos na rede. Este entendimento afirma que se algum usuário disponibiliza qualquer tipo de material “pirateado” utilizando os serviços de alguma empresa (por exemplo, Google ou Facebook), essas empresas se tornam responsáveis por esses conteúdos. Deste modo, os defensores do regime de *copyright* hegemônico afirmam que as empresas devem operacionalizar sistemas eficientes de controle e remoção de conteúdo ilegal na internet disponibilizados pelos seus usuários.

Atualmente, a empresa Google trabalha com “sistemas robôs” que de forma automática identificam e eliminam de sua base dados qualquer conteúdo “suspeito”. Apenas para termos uma rápida dimensão do problema, a Google ocultou de seus servidores cerca de 100 milhões de *links* que direcionam às páginas que distribuem conteúdos ilegais, isso apenas durante os seis primeiros meses de 2013. Os números impressionam porque ele equivale ao dobro de remoções realizadas durante todo o ano de 2012³².

³² Esses dados estão disponíveis em um relatório de atividades da empresa e pode ser consultado neste endereço: <http://www.google.com/transparencyreport/removals/copyright/?hl=pt-BR>.

Esse sistema é criticado por diversas instituições que atuam na defesa dos direitos dos usuários de internet no Brasil. Em meados de 2009, o Comitê Gestor da Internet (CGI) elaborou uma cartilha com os dez princípios básicos para embasar e orientar ações e decisões dos agentes responsáveis por regular esse setor. O sétimo princípio sugere aquilo que essa instituição denomina de “inimputabilidade da rede”. De acordo com o documento: “O combate a ilícitos na rede deve atingir os responsáveis finais e não os meios de acesso e transporte, sempre preservando os princípios maiores de defesa da liberdade, da privacidade e do respeito aos direitos humanos”³³. Nesse sentido, fica claro que o sistema de remoção automático de conteúdos (também denominado de *notice and takedown* [notificar e derrubar]) está sendo largamente utilizado por grandes corporações em escala global, apesar das inúmeras críticas elaboradas por especialistas³⁴.

Por outro lado, a segunda estratégia de controle da chamada “pirataria virtual” consiste em um método bem mais sistemático, dispendioso, racional e brutal. Essa estratégia consiste na elaboração de processos judiciais contra os usuários que disponibilizam e distribuem esses conteúdos através das redes. No entendimento da justiça brasileira, os compartilhadores de arquivos cometem geralmente duas gravíssimas infrações: violação de direito autoral (no geral, busca-se provas de que o infrator obtém lucros financeiros com a divulgação do conteúdo) e formação de quadrilha (já que as comunidades e *sites* de trocas de arquivos são administradas e gerenciadas por diversas pessoas). De acordo com o Código Penal brasileiro, as penalidades em conjunto para para esses crimes podem chegar a nove anos de prisão, além de multa.

Em 2006, foram iniciados processos contra vinte usuários de redes P2P (peer-to-peer) como um teste de receptividade de tribunais brasileiros para litígios em massa contra compartilhadores de arquivos. Este esforço tem sido malsucedido até agora, principalmente devido às preocupações de que os pedidos de identificações dos usuários violariam as proteções de privacidade. Quando um juiz ordenou que os ISPs (fornecedores de serviços de internet) atendessem aos pedidos de informação da IFPI [Federação Internacional da Indústria Fonográfica], o processo também enfrentou a falta de requisitos de retenção de dados na legislação brasileira, o que tornou as identificações dos usuários impossíveis (MIZUKAMI, 2011, p. 231, tradução nossa).

³³ O documento completo contendo pode ser acessado no seguinte endereço: <http://www.cgi.br/regulamentacao/pdf/resolucao-2009-003.pdf>.

³⁴ No Brasil, o sistema “notificar e derrubar” está sendo amplamente utilizado, isso em razão deste sistema prescindir decisões judiciais. Assim, basta uma simples denúncia de violação de direitos autorais para que uma página possa ser “derrubada”. Este sistema também está sendo condenado por especialistas devido às suas possibilidades de reforço da censura e seus prejuízos causados à liberdade de expressão na internet.

Em resumo, analisamos de que modo o surgimento dessas imensas e silenciosas redes de controle do ciberespaço demarcam um novo momento do processo de militarização da vida cotidiana e, conseqüentemente, das experiências dos agentes no espaço virtual (VIRILIO, 2005). Deibert e Rohozinski (2010) postulam que esse processo deve ser entendido sob a perspectiva de uma mudança de paradigma radical, na qual o caráter disperso, difuso e aparentemente incontrolável da internet cedeu lugar a um novo momento no qual o ciberespaço se tornou o lugar de potentes formas de controle. Nesse sentido, Jordan (1999, p. 209, tradução nossa) argumenta que a guerra travada em torno do controle da rede sugere que “uma elite baseada na perícia ou no controle da perícia domina cada vez mais o tecido do ciberespaço e dos fluxos no espaço informacional”.

Assim, as redes cibernéticas utilizadas pelos agentes para cometer “ações desviantes” no mundo virtual (no caso em questão, compartilhar bens culturais considerados ilegais), representam o ponto de partida na qual administradores hegemônicos da rede assumem suas principais estratégias de controle e punição dessas ações, com o objetivo claro de defender seus interesses corporativos e financeiros. Com isso, uma das conseqüências futuras desse processo que pretende a eliminação dos bens culturais “piratas” da internet está relacionado com aquilo que Miller (2008, p. 157, tradução nossa) denomina de “esterilização do ciberespaço”, já que “as tendências crescentes em torno da esterilização [...] alarga o âmbito dessa vigilância, criando as bases para o bloqueio do espaço na internet”.

E é neste ambiente caótico na qual se encena a guerra fria entre compartilhadores de arquivos e aqueles que se julgam os “donos dos arquivos”. Como já citamos anteriormente, o que está em jogo nesta contenda não são apenas agentes praticando crimes através da troca de “mercadorias ilegais”; mas sim a manutenção, o aperfeiçoamento e a existência de um sistema extremamente complexo. Tal sistema pode até mesmo ser entendido enquanto que uma verdadeira economia (denominada nesta tese “economia do compartilhamento”). E é através das lutas diárias de resistências que se reforçam os significados da “ética do compartilhar” (espécie de “alfa e ômega” que singulariza as ações e as regras morais que compõem esta economia). E é por este motivo que os compartilhadores de arquivos “se transformam em vaga-lumes fugidios tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais” (DIDI-HUBERMAN, p. 17, 2011).

Nesse sentido, se o “caminho da justiça” (emparelhada pelo Estado e por seus diversos dispositivos de controle) consiste em essencialmente “notificar e derrubar” *sites*, para assim “punir e criminalizar” aqueles que compartilham arquivos através da internet, parece-nos assim evidentes os motivos que levam tais agentes a se fazerem “tão discretos quanto possível”. Em um sentido metafórico, as luzes vigilantes (conduzidas através dos holofotes) penalizam e maltratam os brilhos sensíveis e diminutos emitidos pelos vaga-lumes – ou *lucioles*, na expressão italiana apresentada na metáfora conduzida por Didi-Huberman (2011) ao apreender os “vaga-lumes” como os signos mais expressivos da resistência na Itália sob o domínio fascista. De todo modo, se podemos afirmar que as cortes brasileiras ainda não experimentaram litígios em massa contra compartilhadores, o mesmo não podemos falar a respeito quando pensamos sobre as ações que levam ao fechamento de domínios na internet acusados de “violação de direitos autorais”. Observemos a FIGURA 04 que demonstra um domínio de internet sob custódia, resultado de uma ação da Polícia Federal de Sorocaba (em parceria com a organização internacional Interpol)³⁵ – ação esta que resultou no fechamento de três *sites* acusados de promover o acesso às mídias digitais piratas no Brasil.

FIGURA 04: Polícia Federal em parceria com a Interpol derruba *sites* “piratas” no Brasil.



FONTE: <https://www.tecmundo.com.br/pirataria/110521-casa-caiu-operacao-barba-negra-pf-derruba-tres-sites-pirataria.htm> (Acesso em 10 de novembro de 2016).

³⁵ Esta operação (denominada “Barba Negra”) consistiu em uma segunda etapa de uma operação que se iniciou em 2015. Além de fechar os domínios, várias pessoas foram indiciadas criminalmente. A operação contou ainda com mandados de busca e apreensão em cinco estados do país.

A partir destas observações, postulamos que pesquisadores que se aventurem nos ciberespaços precisam levar em conta tais zonas interativas enquanto *locus* privilegiados de vigilância e controle, assim como de restrições e punições (YAR, 2006). Atualmente, o ciberespaço é um palco onde se encenam potentes disputas e conflitos simbólicos e é preciso ficarmos atentos a tal contexto ao realizarmos nossas pesquisas, especialmente quando tais comunidades virtuais enfrentam perseguições e criminalizações advindas de agentes repressivos e de controle estatais. Nesse sentido, não seria nenhuma impertinência levar à sério as preocupações advindas desta “turma [...] discreta”, especialmente quando o que está em jogo é a possibilidade de eliminação de seus modos de existências, o que acarretaria um profundo “desperdício da experiência” (SANTOS, 2002). Nesse caso, a “experiência desperdiçada” estaria representada através da ação de organismos estatais repressivos, que em nome da lei e da justiça é responsável por uma guerra cotidiana pela eliminação de *sites*, fóruns ou comunidades online destinadas a compartilhar bens culturais digitalizados considerados “ilegais”.

[...] Já viu como a turma é discreta? Não se coloca nem o nome, o que dirá de nome completo, endereço e e-mail? [...] (Grupo: Conselheiros / dezembro de 2012).

A perspectiva da discrição estaria em coadunação com a possibilidade de existência de uma comunicação anônima através de redes cibernéticas. Mesmo que o “Estado” e o “Mercado” tenham declarado guerra à privacidade online (especialmente em nome do controle e da segurança), não podemos deixar de perceber que o Oásis atua por uma via diferenciada ao se estruturar enquanto uma “tecnologia de anonimato”. Dito de outro modo, privacidade, autonomia, e não intrusão são valores que são caros aos ciberagricultores de arquivos reunidos em fóruns online.

O controle é avesso ao anônimo, ao incerto e ao nômade. Enquanto combates contra o anonimato são travados no terreno da definição dos códigos e protocolos, como também no plano dos Estados, onde parlamentos ensaiam legislações de controle da rede, o Mercado prepara a agradável destruição da privacidade. O conforto, as facilidades, as tecnologias amigáveis vão se tornando importantes constituintes da sociedade do controle. Acima da privacidade e do não-controle de nossos fluxos está o ideal do conforto, da velocidade de atualização do virtual, da extrema funcionalidade e amigabilidade. Esses termos vão assumindo a mesma importância social que os direitos ao íntimo, a autonomia e a não intrusão em nossa comunicação cotidiana (SILVEIRA, 2009, p. 130-131).

Na verdade, as negociações e os acordos de pesquisa se constituem enquanto a única forma de realização de uma pesquisa tendo como paradigma aquilo que classificamos enquanto “encontros éticos” (LAMBEK, 2015). E apesar desta pesquisa ter sido realizada sem a utilização de estratégias metodológicas comumente utilizadas (por exemplo, entrevistas estruturas ou semi-estruturadas, grupos focais, questionários etc.), não devemos nem por um segundo deixarmos de vislumbrar que a nossa estratégia metodológica (denominada “traceabilidade digital”) prescindia de qualquer movimento que tenha por objetivo refletir a respeito da importância da condução ética dos encontros em uma pesquisa antropológica. Assim, concordamos com Wilson e Peterson (2002, p. 461, tradução nossa) quando estes afirmam que a “a antropologia *on-line* é substancialmente a mesma que qualquer outro tipo de pesquisa antropológica”, isso quando refletimos sobre as responsabilidades éticas e sobre os compromissos metodológicos que garantam o respeito e a dignidade dos grupos pesquisados.

Até a presente redação, a American Anthropological Association não oferece protocolos éticos ou padrões específicos para interações online em seu Código de Ética (AAA, 1998). Para alguns pesquisadores, as declarações feitas em fóruns de discussão publicamente acessíveis ou em outros espaços de comunicação são de domínio público e, portanto, podem ser livremente utilizados pelos pesquisadores. Para outros, esta é uma forma de espionagem eletrônica que viola a expectativa de privacidade do orador. Nosso sentimento, de acordo com a visão de que a antropologia *on-line* é substancialmente a mesma que qualquer outro tipo de pesquisa antropológica, é que embora o Código de Ética da AAA não aborde diretamente a comunicação eletrônica, seus princípios éticos – de mostrar respeito pelas pessoas em estudo, de proteger a sua dignidade e os melhores interesses, de proteger o anonimato ou de dar o devido crédito e de obter o consentimento informado – são aplicados *on-line*, bem como em contextos face a face.

Quando pensamos sobre o código de ética proposta pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA)³⁶, tal documento deixa explícito em sete pontos algumas diretrizes que “constituem direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos antropólogos e antropólogas”. Este documento precisa de forma objetiva direitos e normas éticas que pretendem balizar as experiências de socialidade de pesquisadores em campo. Vejamos:

³⁶ Fonte: <http://www.portal.abant.org.br/index.php/institucional/codigo-de-etica>. (Acesso em 20 de janeiro de 2017).

Constituem direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos antropólogos e antropólogas:

1. Direito de ser informadas sobre a natureza da pesquisa.
2. Direito de recusar-se a participar de uma pesquisa.
3. Direito de preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais.
4. Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado.
5. Direito de acesso aos resultados da investigação.
6. Direito de autoria e co-autoria das populações sobre sua própria produção cultural.
7. Direito de ter seus códigos culturais respeitados e serem informadas, através de várias formas sobre o significado do consentimento informado em pesquisas realizadas no campo da saúde.

Relataremos como nossa traceabilidade digital levou em consideração os direitos das populações pesquisadas proposto pela ABA: 1) explanamos, desde dezembro de 2012, informações públicas no Oásis com o objetivo de informar aos membros deste fórum a natureza e os objetivos desta pesquisa, assim como de suas principais estratégias metodológicas; 2) e 3) consideramos o direito à recusa da participação e a garantia da intimidade através da opção pela não divulgação de nenhum nome, *nick*, avatar, gênero, idade, cidade, profissão ou qualquer outra informação pessoal que pudesse identificar qualquer um dos membros que tiveram suas postagens citadas neste relatório; 4) garantimos a proteção e a inviolabilidade da segurança da comunidade através da aceitação da recomendação que exigia a não divulgação do nome real do fórum onde realizamos nossas investigações; 5) viabilizamos o direito do acesso aos resultados da pesquisa ao compartilharmos publicamente (em um tópico específico para esse fim) relatórios parciais, além de possíveis alterações de objetivos e mudanças de perspectivas; 6) projetamos a possibilidade de viabilização de co-autoriais e da participação através da busca por membros deste fórum com doutorado que pudesse avaliar e participar da banca examinadora desta tese; 7) por fim, apesar deste ponto se referir especificamente às pesquisas na área da saúde, concluímos que viabilizamos o máximo respeito aos códigos culturais dos agentes pesquisados, especialmente ao nos esforçarmos em realizarmos “encontros éticos” em cada movimento de nossa “traceabilidade”.

A partir desta perspectiva, consideramos inválido ou mesmo desrespeitoso o entendimento que consideraria viável o uso irrestrito de mensagens públicas de pessoas em fóruns ou comunidades online, sem antes uma negociação pública com tais agentes a respeito das possibilidades de uso de tais mensagens em pesquisas científicas. Além de antiético, tal ação poderia ser extremamente desastrosa para a antropologia (enquanto um empreendimento não apenas científico, mas também filosófico, estético e cultural). Isso em decorrência desta disciplina privilegiar não apenas o recolhimento e a apresentação dos “dados”, mas sim a relação social e todas as possíveis implicações em torno desta. Neste momento, lembremos do valioso ensinamento proposto por Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 129, *itálicos no original*): “[...] *a verdade do relativo é a relação*”. E é por esta razão que consideramos que a força da antropologia das comunidades online está na verdadeira efetivação do “relacionalismo” enquanto um paradigma teórico e metodológico.

3. SOBRE AS SEMENTES DIGITAIS: TRAÇADOS E PERSPECTIVAS NA BUSCA VIVA E ATIVA POR TAIS ESTRANHOS ARTEFATOS

A própria terra em si mesma é um celeiro. (Henry D. Thoreau)

Chuva fina / Chuva boa / Pouco a pouco / Molha o chão / Fazendo a pequena semente / Brotar sua grande intenção. (Neyara Araújo)

[...] Em tempos de transe, o caos construtivo / que das sementes brotem arvoredos híbridos [...]. (Rodrigo Sossego)

Este capítulo terá como objeto central de discussão uma tentativa de caracterizar, em seus amplos e inusitados aspectos, algumas observações sobre o conceito “sementes digitais”. Antes de tudo, assinalamos que tal conceito emerge através de uma “experiência de pensamento”³⁷, que se constituiu a partir de um exercício narrativo de “ficção antropológica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), a respeito do **universo dos cyberagricultores frequentadores da comunidade online Oásis**. Como observamos até o momento, dentro desta comunidade tais indivíduos se especializaram na arte do cultivo e do semeio de selecionadas sementes digitais. Mas é preciso observarmos um importante detalhe antes de seguirmos: se a denominação *cyberagricultores* pode ser compreendida como um neologismo, fruto de um exercício retórico por nós inventado³⁸, o mesmo não pode ser entendido quando refletimos sobre o conceito “sementes digitais”, pois nesta tese este termo

³⁷ Queremos enfatizar a dimensão essencial da *experiência relacional* como um dos grandes aportes metodológicos desta tese e tal ideia segue expressa a partir dos modos de percepção do que Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 123, grifos nossos) entende como “perspectivismo”. Em suas palavras: “O que fiz em meu artigo sobre o perspectivismo foi uma experiência de pensamento e um exercício de ficção antropológica. A expressão ‘experiência de pensamento’ não tem aqui o sentido usual de entrada imaginária na experiência pelo (próprio) pensamento, mas o de entrada no (outro) pensamento pela experiência real: não se trata de imaginar uma experiência, mas de experimentar uma imaginação. A experiência, no caso, é a minha própria, como etnógrafo e como leitor da bibliografia etnológica sobre a Amazônia indígena, e o experimento, uma ficção controlada por essa experiência. Ou seja, a ficção é antropológica, mas sua antropologia não é fictícia”. Aprofundaremos com mais atenção essa ideia ao longo deste capítulo.

³⁸ O termo nativo mais apropriado seria “semeadores”. De todo modo, gostaríamos de salientar que não encontramos nenhuma recorrência ao termo “cyberagricultores” no Oásis, além de nossas próprias tentativas de inserções conceituais deste termo neste espaço. Contudo, os efeitos simbólicos e práticos de tal termo nas lutas essencialmente conceituais em nenhum momento foram postos em questão pelos membros de tal grupo. Isso nos sugere uma *relativa* (ou mesmo *passiva*) aceitação dessa expressão enquanto um conceito válido para definirmos tais agentes neste espaço. Assim, nesta tese a expressão *cyberagricultores* emerge enquanto um sinônimo simetricamente válido para definições mais usuais e conhecidas como “semeadores” ou “semeadoras”. Tal reflexão também pode ser observada quando pensamos a respeito do conceito “sementes digitais”. Entraremos em mais detalhes sobre esta questão ao longo deste capítulo.

está de fato embebido por uma intenção conceitual e analítica de extrema relevância para esta “ficção antropológica”.

Ao salientarmos a importância deste *traço conceitual* presente no termo “sementes digitais” em nosso experimento, estamos sugerindo que este conceito projeta cosmologias deste mundo possível. Como veremos, pensar em termos de sementes digitais é operar em um pressuposto imaginado (e não imaginário) por diversos agentes que, munidos por uma extensa *filosofia ecológica*, conseguiram articular a existência de um sistema de compartilhamento de arquivos digitais que se baseia na tática de transformar qualquer arquivo de computador em uma “semente” que poderá ser compartilhada através de um sistema cyberagrícola denominado “torrente”.

Em breves palavras, podemos afirmar que o “sistema torrente” pode ser entendido como um modo mais complexo, imaginativo e cooperativo para a realização de compartilhamento de arquivos através da internet, sejam eles de qualquer tamanho, tipo ou extensão. Basicamente qualquer arquivo de computador pode se tornar uma semente digital, e a partir disso ser plantada nos canais do sistema torrente, para que possa ser semeada e se transformar em uma outra semente basicamente igual à original. Mas o que são essas sementes digitais? Como podemos descrevê-las? Como elas são constituídas? Qual a sua importância para as pessoas que frequentam o Oásis? Quais os desejos e as expectativas que esses estranhos artefatos causam nas pessoas que se encarregam de semeá-los?

Entendemos cada membro desta “comunidade inconfessável” como cyberagricultores que lutam para aprimorar suas técnicas de cultivo e dispersão de tais singularidades digitais. Diariamente e de forma ininterrupta, milhões de *bytes* fluem por canais conhecidos como “torrentes”. E é neste sistema (ou *software*) onde ocorre o plantio e a maturação das sementes digitais. Cada uma dessas sementes é única e o seu correto cultivo irá gerar uma nova semente basicamente igual à outra. Esse é o processo que pode ser compreendido enquanto “cópia”.

Apenas para termos uma vaga ideia do volume de dados que são transferidos através das “redes torrentes”, uma das empresas (BitTorrent) que oferece o *software* necessário para a realização do semeio das sementes digitais afirma possuir uma rede de 45 milhões de pessoas ativas diariamente, e cerca 170 milhões

de pessoas ativas mensais³⁹. Dados desta mesma empresa ainda apontam que 40% de todo o tráfego de dados mundial da internet seja provenientes de redes torrentes, e que cerca de 15% dos computadores do mundo possuem instalado o *software* que eles oferecem para o semeio das sementes digitais⁴⁰. Vale notar que esses *softwares* são (em geral) distribuídos gratuitamente, pois o seu criador concebeu o código fonte desta tecnologia como licenciamento livre ou código aberto⁴¹ (*open source*).

Para começarmos o debate, devemos nos deter em uma característica crucial (talvez o seu elemento mais basilar) que singulariza qualquer semente digital. Longe desta intenção conceitual proposta, podemos entender que uma semente digital é simplesmente um arquivo de computador, ou seja, uma sequência lógica de números, composta por diferentes atributos e valores. Contudo, como tentaremos deixar mais claro ao longo deste capítulo, um arquivo de computador pode adentrar em em uma nova dinâmica configuracional (ou seja, em uma nova economia) ao ser plantado, cultivado e semeado através do sistema torrente. Mas o que leva alguém a querer transformar um arquivo de computador qualquer em uma semente digital? E, além do mais, o que leva alguém a dedicar seu tempo, dinheiro e *expertise* na realização do cultivo e semeio de tais sementes? Talvez essas sejam as grandes questões que norteiam esta tese, e será a partir delas que continuamos nosso debate que se seguirá neste e nos próximos capítulos.

De todo modo, avançaremos um breve comentário sobre essas questões com o objetivo de tornar mais clara nossas descrições sobre algumas características fundamentais que compõem as sementes digitais enquanto conceitos nativos. Basicamente, o ato de “plantar um arquivo” de computador serve para facilitar seu movimento, sua dispersão. Neste momento, estamos fazendo referências às questões

³⁹ Fonte: <http://www.bittorrent.com/lang/pt/advertise> (Acesso em 28/05/2016).

⁴⁰ Fonte: <http://www.bittorrent.com/lang/pt/company/about/jobs> (Acesso em 28/05/2016).

⁴¹ Uma boa reflexão sobre a importância dos projetos de *softwares* com códigos abertos pode ser encontrada em Shirky (2005, p. 485, tradução nossa), principalmente quando este afirma que tais programadores podem utilizar a “linguagem relativamente inequívoca dos códigos” para comunicar suas intenções para um grupo como um todo. Tal comunicação perpassa a busca pela criação de uma ferramenta que irá atuar na resolução efetiva de algum problema (ou uma compilação deles). Além do mais, os projetos constituídos em código aberto qualificam uma série de contribuições e testes voluntários que visam a melhoria e o aperfeiçoamento dos códigos fontes originais. Deste modo, o lançamento da tecnologia denominada “torrent” marcou o início da experiência do compartilhamento de arquivos através da técnica do cultivo e semeio das sementes digitais e (como veremos mais à frente) o fato de tais tecnologias terem sido estruturadas através de “códigos abertos” possibilitou uma ampliação de suas potencialidades universalizantes. Isso devido ao fato de tais *softwares* serem (em última instância) produzidos, modificados e distribuídos de forma livre através da internet.

de método, operacionalizações práticas ou mesmo táticas de guerrilha. Nosso objetivo é tentar descrever como essas coisas funcionam, e quais as particularidades e as singularidades desse sistema cyberagrícola. Vale destacar que existem diversas formas de se realizar transferências de dados através da internet. De todo modo, quando a comunidade Oásis foi criada (em julho de 2006) a equipe de moderação deste fórum decidiu adotar o “sistema torrente” como o método oficial de transferências dos arquivos compartilhados entre os membros⁴².

E é imbricada nesta tecnologia que está alicerçada toda esta filosofia ecológica que fundamenta os princípios operacionais básicos da cyberagricultura. Nesse sentido, podemos assinalar que o mundo vivido rotineiramente pelas pessoas que frequentam a comunidade Oásis incorpora valorações práticas e morais que fundamentam esquemas particulares de entendimentos sobre o que seja uma semente, e como ela deve ser conservada, reproduzida e consumida. Dito de outro modo, o que está sob perspectiva não é apenas a transmutação de arquivos de computador em sementes digitais – mesmo que este fato sozinho já seja de extrema relevância para os caminhos desta pesquisa; mas a criação de uma nova ética performática em torno desses novos agenciamentos maquínicos relacionados com diversos agentes humanos e não-humanos, técnicos e orgânicos, individuais e coletivos.

Neste momento, estamos pensando junto com Veena Das (2012) e seu conceito “ética ordinária”⁴³. Ao seguimos suas inspirações conceituais, podemos vislumbrar a possibilidade de pensar a questão da ética não apenas a partir de um vocabulário de regras formuladas explicitamente, mas sob a perspectiva de mínimos gestos performados em práticas e hábitos cotidianos encenados nos fluxos ordinários da vida. E é a partir deste ponto de vista que a autora nos sugere que o acesso a esse repertório performático possa ser vislumbrado através de uma “descida ao ordinário”, ou seja, ao “cotidiano sensível” da vida de pessoas reais, através de frágeis e complexas modalidades comunicativas.

A delicadeza da comunicação é preservada não apenas em ações performadas publicamente em encontros e trocas de presentes, mas também no minucioso intercâmbio de palavras e tons. Contudo, os acordos que eu

⁴² Iremos debater as razões que levaram a essa escolha no próximo capítulo.

⁴³ A respeito desta discussão e suas repercussões para a antropologia, ver a coletânea de textos editada por Michael Lambek (2010).

comento aqui não são nem acordos contratuais nem acordos de opiniões – eles crescem nas formas de vida (VEENA DAS, 2012, p. 136-137, tradução nossa).

Como será possível observar ao longo deste capítulo, identificamos que as sementes digitais compartilhadas na comunidade Oásis são objetos que carregam códigos morais bastante expressivos. Tal entendimento moral se expressa através de *habitus* e condutas particulares que singularizam práticas normativas da vida cotidiana entre tais cyberagricultores – principalmente através do processo de manejo das sementes digitais. Nesta linha imaginativa, nos atrevemos a afirmar que esse entendimento geral sobre o que seja uma semente digital não se circunscreve apenas às lógicas práticas desta comunidade específica. Como veremos, uma análise própria da gênese da criação desta tecnologia deixará um pouco mais evidente a importância desta “filosofia ecológica” exposta entre os primeiros cyberagricultores. Tais implicações podem ser observadas não apenas naquilo que denominamos de “linguagem da floresta”⁴⁴ (ou seja, em um específico repertório linguístico e nominativo), mas também em um conjunto de práticas que circunscrevem o empreendimento que visa garantir a dispersão viva e ativa das sementes digitais.

Antes de seguirmos, é preciso de antemão deixarmos bem claro a seguinte observação. O que aqui classificamos como “semente digital” pode ser entendido além do seu significado estritamente metafórico (ou mesmo poético). Em um sentido restrito, as primeiras pessoas que se referiram aos arquivos de computador enquanto “sementes” foram engenheiros e engenheiras que colaboraram na criação desta nova invenção no mundo da internet (que ficou conhecida como redes P2P, “torrente” ou “BitTorrent”). Entendido isso, seguiremos no próximo tópico deste capítulo elaborando uma tentativa de abertura da caixa-preta desta tecnologia, na esperança de que essa descrição possa tornar mais observáveis algumas características basilares que compõem as sementes digitais.

⁴⁴ Entendemos como “linguagem da floresta” os usos e apreensões de um específico vocabulário que está associado ao *software* criado com o objetivo de garantir o modo correto de dispersão de conteúdos digitais através da internet. Como veremos, tal léxico codifica uma totalidade abrangente de práticas que fazem valer ações e responsabilidades éticas que regulam o modo como cyberagricultores manipulam suas sementes digitais. Assim, expressões e verbos antes alheios ao universo da informática (por exemplo, semear, cultivar, plantar etc.) se tornam lugares comuns no linguajar cotidiano de diversos agentes engajados nessas vivências em torno desses estranhos objetos.

3.1 Abrindo a caixa-preta das sementes digitais

Incerteza, trabalho, decisões, concorrência, controvérsias, é isso o que vemos quando fazemos um *flashback* das caixas-pretas certinhas, frias, indubitáveis para o seu passado recente (LATOURE, 2000, p. 16).

Ao pensarmos a respeito da vasta e complexa história da internet⁴⁵, podemos imaginar a evolução do processo de constituição dos diversos métodos de “trocas de arquivos” como um capítulo bem especial dentro dessas narrativas. E se ainda nos debruçarmos sobre um subcapítulo desta história, podemos perceber que um dos momentos mais singulares destes acontecimentos irrompeu (em meados de 2001) durante o desenvolvimento e lançamento do protocolo BitTorrent, o primeiro *software* lançado na internet em código aberto com o “sistema cyberagrícola torrente”⁴⁶ – denominação proposta por nós, mas próximo da ideia original concebida pelo seu criador, o norte-americano Bram Cohen⁴⁷ – capaz de transformar qualquer arquivo de computador em sementes que poderão ser compartilhadas online. Como veremos ao longo deste capítulo, a criação da tecnologia torrente não apenas permitiu a criação de um dos sistemas mais eficientes de transferência de dados através da internet, como também foi responsável por desencadear a criação daquilo que Kent (2012, p. 88, tradução e grifos nossos) denominou de inúmeras “comunidades transitórias”.

Muitas palavras descrevem “comunidade”. Uma delas é compartilhamento. [...] Eu estou interessado em como pessoas letradas digitalmente usam a internet para compartilhar informação online. Muitas das informações

⁴⁵ Consultar Banks (2008) e Ryan (2010) para um bom apanhado a respeito deste tema específico, principalmente cronologias e personagens centrais. Um bom entendimento a respeito da história da internet no Brasil pode ser observado em Carvalho (2006).

⁴⁶ Em inglês denomina-se *torrent*. Pedimos atenção para uma pequena observação a respeito da tradução destes termos que poderiam vir a provocar uma dificuldade de entendimento. Nesta tese, optamos pela tradução do termo “torrent” (daqui em diante, apenas “torrente”) quando nos referirmos à tecnologia, ao sistema ou ao método de realização dos *downloads* e *uploads* (por mais que tenhamos a certeza de que a opção por esta tradução não seja muito comum na comunidade Oásis, ou fora dela). Entretanto, quando nos referirmos aos aplicativos (ou às empresas) que fornecem os *softwares* necessários para a realização destas transferências usaremos sempre seus nomes reais, sem tradução. Isso precisa ser explicitado pelo fato de muitas empresas que oferecem os aplicativos que permitem o acesso às redes P2P possuírem a palavra *torrent* em seus nomes, por exemplo: BitTorrent, µTorrent, qBittorrent, WeTorrent etc.

⁴⁷ Nascido em outubro de 1975, Bram Cohen aprendeu a programar aos cinco anos de idade. Filho de pais professores em Manhattan (Nova Iorque), Cohen largou a faculdade para se dedicar à escrita de códigos para pequenas empresas e em meados de 2001 lançou em uma conferência denominada “CodeCon” aquilo que mais tarde ficaria conhecido como “protocolo BitTorrent”. Ainda hoje a conferência de Cohen é classificada com a “apresentação mais famosa” do evento. Mais informações: https://en.wikipedia.org/wiki/Bram_Cohen (Acesso em 25 de maio de 2016).

trocadas são violações de propriedade intelectual. Devido ao fato dos piratas online terem se tornado mais perseguidos pelos controladores da propriedade intelectual da indústria musical e das produtoras de cinema, o processo de compartilhamento de informação online evoluiu de uma forma que culminou na criação de uma identidade minimalista dentro de uma comunidade transitória. Enquanto sites e serviços que facilitaram o compartilhamento de arquivos estavam sendo fechados (como o Napster), outros com uma relação mais complexa e mediada com a transferência de informação através do uso do compartilhamento de arquivos Bit Torrent se levantaram em seu lugar.

O BitTorrent é um dos *softwares* mais conhecidos para a realização dos meios de arquivos online – talvez por ter sido o primeiro e por ter apresentado uma novidade um tanto radical –, mas rapidamente diversos outros programas apareceram e ajudaram a difundir ainda mais essa nova invenção. Em linhas gerais, tais *softwares* se encarregam de realizar um mesmo objetivo, que consiste em permitir uma comunicação direta entre duas ou mais pessoas que possuam arquivos para compartilhar. Assim, a grande importância desta tecnologia talvez possa ser expressa no fato de que, pela primeira vez na história da informática, “arquivos” (denominados agora “sementes”) podiam ser compartilhados através da internet de forma descentralizada. As trocas agora se davam diretamente através dos computadores dos próprios usuários, de um risco rígido a outro, parceiro à parceiro (P2P).

Deste momento em diante, o compartilhamento de arquivos pela internet poderia ser realizado através de um método com grandes inspirações ecológicas que consiste na dispersão (através do semente) de sementes digitais (qualquer arquivo de computador que fosse deliberadamente plantado na plataforma “torrente”). Tudo isso acontecia diretamente entre os próprios usuários, sem intermediários nas relações, através de um sistema que ficou conhecido como *peer-to-peer* (parceiro à parceiro) ou P2P. Dito de outro modo, o método consiste na transferência dos arquivos através de uma comunicação direta entre os usuários destas redes específicas, na qual todos as pessoas desempenham ao mesmo tempo o papel de *downloader* (qualquer pessoa que esteja baixando uma semente) e de *uploader* (qualquer pessoa que possua uma semente completa, ou alguma parte dela baixada na plataforma). Nesse sentido, o que temos que reter na mente neste momento é a ideia de *que neste sistema todas as pessoas são semeadoras*, e que o ato de semear significa transferir ou “upar” as sementes.

A grande novidade do “sistema torrente” reside no fato de que os arquivos não mais são transferidos através de uma única fonte (por exemplo, o servidor central de uma empresa de banco de dados online que realmente hospeda as informações de seus clientes em seus servidores). Após virarem sementes, os arquivos digitais podem ser transferidos através de um *sistema descentralizado*, na qual os computadores domésticos de cada usuário passam a atuar como “servidores centrais” de distribuição desses arquivos. Entretanto, é neste momento que temos que atentar para um detalhe crucial nesta complexa rede sócio-técnica. Já que os computadores pessoais de cada uma dessas pessoas interligados por uma ou mais sementes digitais atuam como servidores domésticos de distribuição das unidades informacionais desses arquivos, será preciso que esses servidores disponibilizem capacidade de transmissão (ou seja, largura de banda⁴⁸) suficientes para permitir a transferência dos dados.

Nesse sentido, quando pensamos sobre a importância da largura de banda nas transferências online de sementes digitais, não podemos supor que isso caracteriza um mero detalhe técnico. De fato, quanto maior for a capacidade de largura de banda de um servidor, maior será sua capacidade de transmissão ou de recebimento das sementes. Assim, altos índices de largura de banda podem permitir que pessoas dispersem e recebam sementes em altíssimas velocidades. Ao pensarmos juntos com Gilder (2000, p. 2, tradução e grifos nossos), podemos inferir que largura de banda também pode ser entendida como “poder de comunicação”, mais importante ainda do que o poder dos próprios computadores.

A era do computador está decaindo diante daquela força tecnológica que poderia ultrapassar em impacto a habilidade do computador de processar e criar informação. Essa seria a comunicação, que chega a ser mais importante para a nossa humanidade do que a informática. [...] Na indústria, a palavra mais comumente usada para o poder das comunicações é largura de banda [bandwidth]. Na nova economia, a largura de banda substitui o poder do computador como a força impulsionadora do avanço tecnológico.

Diante destes elementos, nós temos um fascinante e complexo cenário tecno-político de difícil apreensão. Mas o desafio se torna paulatinamente mais solucionável na medida em que esclarecemos que o objetivo deste tópico se resume

⁴⁸ O termo largura de banda aqui é entendido como a capacidade de transmissão de dados entre os computadores. https://pt.wikipedia.org/wiki/Largura_de_barramento. (Acesso em 26 de maio de 2016)

à elaboração de uma breve reflexão – à luz daquilo que Latour (2000) denominou de *flashback* – da gênese do conceito das “sementes digitais”. Além disso, tentaremos compor uma abertura da caixa-preta desta tecnologia, tendo em vista os limites e as possibilidades de construção de uma breve narrativa a respeito de um grande problema. Diante destas observações, não nos arriscamos a dizer que estamos diante de uma “descrição sócio-histórica” desta tecnologia de distribuição de arquivos online. O que estamos mais interessados em fazer é tentar delimitar o exato momento em que os agenciamentos das tecnologias que compõem as sementes digitais convergiram e possibilitaram a difusão deste novo modelo bem particular de transferência de dados através da internet.

Ao refletir sobre a marcação de fases no processo de desenvolvimento de uma ideia, inovação ou invenção, Latour (2000, p. 176) postula que “o primeiro lampejo de intuição poderia não estar com uma mente apenas, mas em muitas.” Tal pensamento se confirma quando refletimos a respeito do surgimento das tecnologias de semeio através da internet. Entretanto, a primeira pessoa a de fato configurar esse entendimento e transcrever isso em uma *linguagem informática* – no caso, de que arquivos de computadores podem ser dispersos de forma mais eficiente se transformados em “sementes” – foi Bram Cohen, o criador do protocolo ou *software* BitTorrent.

A “distribuição colaborativa de conteúdos” é examinada de um modo um pouco mais detalhada na “*Encyclopedia of Algorithms*” (MALKHI, 2008, p. 614, tradução nossa; grifos no original). Neste momento, o que nos interessa é perceber como as categorias nativas que compõem a particular linguagem dos códigos do sistema torrente constroem sutis e versáteis alianças (ou associações) com aquilo que denominamos de “filosofia ecológica”. Assim, como podemos ver abaixo, as redes BitTorrent introduzem no campo da informática uma complexa “linguagem da floresta”, na qual imiscui-se com um entendimento extremamente original sobre como o *modus operandi* da economia do compartilhamento na era na internet pode funcionar a partir de então. E isso se dá principalmente pela introdução do conceito “sementes”.

Uma rede de distribuição de arquivos muito popular é o sistema BitTorrent. Os nós [*nodes*] em BitTorrent são divididos em nós semente [*seed*] e clientes [*clients*]. Os nós de sementes contêm o conteúdo desejado por completo (seja por ser o provedor original, ou por ter completado um download recente do conteúdo). Já os nós de clientes se conectam com um ou vários nós de sementes, assim como com os nós do *tracker* [*tracker node*], no qual o

objetivo é direcionar os clientes que estão atualmente baixando. Cada cliente seleciona um grupo de outros clientes que ainda estão baixando, e trocam entre si pedaços do dado [*data*] obtido da(s) semente(s).

Como podemos notar, a ideia da “semente” nas tecnologias colaborativas de distribuição de conteúdo *online* surge a partir de uma referência ecológica que perpassa um novo entendimento sobre o que consiste um arquivo ou um dado de computador. E nas “redes torrente” de distribuição, uma semente nada mais é do que um arquivo completo disponível em algum “nó”. Vale observar que em redes de comunicação (ou na linguagem da ciência da informática), “nó” significa um ponto de conexão, mas ele “também pode representar um elemento de uma árvore de busca binária ou um vértice de um grafo”⁴⁹. Deste modo, os “nós de sementes” são conexões realizadas com qualquer dispositivo que possua o conteúdo desejado pelos “clientes” (ou “semeadores”, se preferirmos uma linguagem mais adequada); enquanto que os “nós de clientes” são conexões realizadas com qualquer dispositivo que busca realizar as transfências dos dados. Analisemos mais detidamente alguns conceitos da tecnologia BitTorrent, tais como eles se expressam entre especialistas em tecnologias de rede. (MARIN; MONNET; THOMAS, 2011, p. 61, tradução nossa):

BitTorrent introduz uma específica terminologia para descrever a arquitetura de rede:

- a multidão [*swarm*]: o conjunto que todos os pares [*peers*] que estão baixando ou compartilhando um arquivo;
- a parte: uma parte do arquivo;
- o *tracker*: um servidor centralizado que possui um conhecimento bruto sobre a multidão. Ele conhece os pares e as partes que cada um possui, na qual é usado apenas para propósitos estatísticos;
- o cliente: um par que não possui todas as partes de um arquivo. Um cliente é portanto todas os pares que estão tentando baixar todas as partes de um arquivo;
- o semeador [*seeder*]: um par que possui todas as partes de um arquivo. Quando um cliente completa um download, ele se torna um semeador;
- o sanguessuga [*leecher*]: o cliente que está apenas baixando. Na maior parte do tempo, um sanguessuga é simplesmente um cliente que não possui nenhum pedaço para compartilhar. Assim como um sanguessuga pode ser simplesmente um cliente egoísta.

⁴⁹ Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nó\(redes_de_comunicação\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nó(redes_de_comunicação)) (Acesso em 26 de maio de 2016).

A complexa terminologia das “redes torrentes” não pode ser entendida apenas como exercícios retóricos ou a partir de suas associações meramente técnicas. A partir deste debate, nós queremos demonstrar de que modo a linguagem do *software* conjugada a uma complexa arquitetura de rede permitiu um entendimento alargado do que significa um arquivo ou um dado de computador. Debater essas questões é forçar a abertura da caixa-preta que compõe esta tecnologia. Com isso, nós queremos tentar descrever o surgimento e a consolidação destes novos artefatos, tendo em vista a “regra metodológica” expressa por Latour (2000, p. 14), que consiste em procurar abrir as caixas-pretas das tecnologias, antes que elas se tornem asserções indiscutíveis.

A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai. [...] Ou seja, por mais controvertida que seja sua história, por mais complexo que seja seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou acadêmica para a sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira.

A partir desses elementos, fica claro para nós a importância desta grande lição metodológica proposta por Latour. A melhor forma de refletirmos sobre “fatos e máquinas” é abrindo suas caixas-pretas, ou seja, temos que adentrar em suas controvérsias. Deste modo, ao invés de procurarmos o gênio inventor ou os “verdadeiros iniciadores” desta nova ideia, nós nos reservamos a pensar sobre as controvérsias que essa nova tecnologia suscitara. Em resumo, ela pode ser apresentada através do desafio de garantir a forma mais eficiente para a realização de transferências de arquivos de computador através da internet. E, como já pontuamos anteriormente, em meados de 2001, foi exatamente Bram Cohen (então com 26 anos de idade)⁵⁰, que lança o primeiro *app* da história da internet a conceber esse entendimento sócio-técnico: isto é, a ideia que arquivos de computador podem ser melhor compartilhados ao serem transformados em sementes, e seus usuários em semeadores. Em termos gerais, isso significa dizer que foi Cohen o responsável por plantar e semear a primeira semente digital. O que nos leva a pensar que talvez

⁵⁰ Em sua página pessoal na internet, Cohen autodenomina-se (em um banner no topo da página, ao lado de uma fotografia sua) o “inventor do BitTorrent”. Fonte: <http://bramcohen.com/> (Acesso em 26 de maio de 2016).

ele tenha sido o primeiro cyberagricultor da história da internet. De todo modo, vale destacar que tais observações possuem apenas efeitos retóricos.

Tendo como base estas observações, nós acreditamos que chegamos no ponto fulcral desta grande controvérsia, e para isso tivemos que (ainda seguindo a orientação metodológica proposta por Bruno Latour) esvaziar a caixa-preta das sementes digitais e nos indagarmos sobre a única coisa que importa, ou seja, “o que se põe nela e o que dela se tira”. Neste caso específico, é a própria concepção do conceito “semente” que ganha um visível destaque na resolução das controvérsias que perpassam a economia do compartilhamento através da internet. E abrir esta caixa-preta significa tentar traçar as associações a partir dos agentes e artefatos mobilizados nesta rede sócio-técnica.

Assim, nossa tentativa de refletir sobre a história do surgimento do conceito “sementes” no mundo da informática segue modelos e caminhos bem particulares, já que projetamos essa discussão não apenas a partir de uma linha cronológica, mas tendo como base os usos e as práticas de mobilizações desses novos e estranhos artefatos. Quinze anos após o lançamento do primeiro aplicativo baseado no sistema torrente, algo nos autoriza a pensar que tal método cumpriu o prometido e continua oferecendo um modo seguro, anônimo, descentralizado, colaborativo e eficiente de dispersão de dados através da internet⁵¹. Para tanto, não apenas aplicativos tiveram de ser inventados, mas também (e talvez principalmente) novas formas de solidariedades, de economias, de capitais, de sujeitos, de artefatos e de sociedades. E como observa Latour (2000, p. 209, *italicos no original*), “[...] a única questão que realmente importa é: *esta associação é mais fraca ou mais forte que aquela?*”.

Postos diante de tais correspondentes, podemos notar que as sementes emergiram diante de uma complexa controvérsia sócio-técnica, que pode ser observada quando pensamos a respeito dos desafios que as pessoas enfrentavam para compartilhar e trocar dados, informações ou arquivos através da internet. Até meados de 2001, grandes experimentos realizados por diversos agentes já haviam sido testados, e todos eles (de uma forma ou de outra) haviam fracassado em algum

⁵¹ Como destacamos anteriormente, as estatísticas de uso de tais plataformas nos autorizam a pensar que os milhões de usuários mensais destas tecnologias e o extenso volume de dados transferidos entre os usuários através destes sistemas comprovam a eficiência e robustez deste método de compartilhamento.

sentido⁵². Mas foi o sistema torrente o método mais eficiente, especialmente pela sua capacidade de criar novos grupos e novos objetivos que culminaram na emergência de um novo tipo de solidariedade. E no centro desta controvérsia sócio-técnica encontra-se desenvolvido o germe da ideia que nesta tese denominamos “semente digital” – um novo e estranho artefato (ou capital, como veremos mais à frente) que pode ser bem melhor explicitado através de suas características e formas de uso, do que através da explicitação de seus conteúdos meramente retóricos, técnicos, metafóricos ou narrativos.

3.2 Arquivos digitais enquanto presentes (ou sementes)

Meusdeuses, que maravilha. Baixando [...]. Isso é uma raridade. Se alguém tiver semente e disponibilizar desde já agradeço. Valeu (Grupo: Membros / fevereiro de 2015).

semente por favor!! (Grupo: Membros / setembro de 2013).

Aproveitem que a semente tá pipocando! (Grupo: Projetores / agosto de 2013).

A realização desta pesquisa perpassou inúmeros desafios, mas nenhum suscitou em nosso experimento algo tão problemático quanto aquela “cegueira inicial” que nos impediu (por um determinado momento) de ver ou denominar as coisas a partir dos sentidos próprios dados pelos agentes em campo. E este problema fica bem melhor demarcado quando pensamos a respeito da gênese do conceito “sementes digitais” inseridos nos limites desta pesquisa. Assim, se no tópico anterior nós tentamos abrir a caixa-preta da ideia de semente no campo da informática, – a partir

⁵² Um bom exemplo desses fracassos pode ser visto quando analisamos a história do *software* Napster. Lançado em 1999 por um estudante norte-americano de 19 anos de idade, Shawn Fanning, o Napster logo se tornou uma grande sensação na internet, principalmente por permitir a troca de arquivos (especialmente músicas no formato .mp3). Pela primeira vez na história da informática, compartilhadores de arquivos tinham diante de si uma ferramenta robusta que rapidamente agregou milhões de pessoas. Em termos gerais, o método de funcionamento deste *software* se assemelha ao da tecnologia BitTorrent em diversos aspectos, exceto em um ponto chave: o Napster ajudava pessoas que buscavam arquivos de músicas a se conectarem através de redes P2P, mas ele utilizava uma espécie de “servidor central” para realizar tais conexões. Assim, muito brevemente após o seu lançamento, o *software* começou a receber ameaças de processo por violações de direitos autorais. E apenas dois anos após a sua difusão (em meados de 2001), seus servidores foram fechados e as pessoas não mais puderam se conectar para realizarem as trocas on-line. De acordo com Merriden (2001), analisar a história e o desenvolvimento da plataforma Napster é importante porque ela se apresenta enquanto uma “força irresistível” que ajudou a divulgar o poder extraordinário das tecnologias de distribuição de conteúdos em massa.

de seus significados mais conectados à linguagem dos códigos de computadores (*softwares*) – no presente tópico os rumos mudam um pouco de direção. Continuaremos abrindo a caixa-preta desta tecnologia, mas desta vez tendo como base suas implicações em novas alianças constituídas entre diversos agentes inseridos nesses novos espaços relacionais. E um desses espaços é exatamente a comunidade Oásis.

A perspectiva, de agora em diante, será cada vez mais a confusão de fronteiras. Também não pretendemos amarrar esses conceitos em definições fechadas, pois se assim procedêssemos correríamos o risco de novamente fechar a caixa-preta desta tecnologia. Isso significa que, em termos conceituais, não nos interessa muito “definir a natureza das alianças: os elementos são humanos ou não-humanos? São técnicos ou científicos? São objetivos ou subjetivos?” (LATOURE, 2000, p. 209). Do mesmo modo, também não nos interessa determinar uma classificação precisa de tal termo a partir de seu modo de enunciação legítimo. O que poderemos notar é a habilidade de tal conceito de projetar diferentes perspectivas: seja enquanto uma metáfora surgida a partir de um neologismo sugerido por esta tese; seja enquanto uma categoria nativa manipulada pelos próprios agentes (os *cyberagricultores*) em situações de campo; ou seja enquanto uma tentativa de ocultação de segredos, com o objetivo de garantir proteção e anonimato à comunidade Oásis e seus membros. Como veremos ao longo deste tópico, os modos de enunciação deste conceito assumem características distintas, ambíguas e díspares. Em alguns momentos, o conceito “sementes digitais” é operado em campo enquanto metáforas ou imagens de pensamentos mais borrados ou imprecisos, seguindo narrativas poéticas e sensíveis do pensamento e da ação – as “sementes digitais” enquanto conceitos ou fatos científicos. Ao mesmo tempo, tais sementes podem ser percebidas, descritas e experimentadas por estes agentes de um modo mais vivo, preciso ou objetivo – as “sementes digitais” enquanto objetos técnicos, que são devidamente armazenados e trocados através do cultivo e semeio.

Nesta linha de raciocínio, seguimos Latour (2000, p. 217) ao percebermos não ser aproveitável realizar alguma distinção que viesse a favorecer dicotomias entre “fatos científicos” e “objetos técnicos” (ou “artefatos”). Isso significa dizer que o nosso problema levantado neste tópico – que consiste em tentar debater o que significa (em termos conceituais) uma semente digital – é o mesmo problema levantado por Bram

Cohen quando este (em meados de 2001) tentou convencer pessoas de que transformar arquivos de computador em sementes poderia ser um método eficiente de dispersá-las mundialmente.

Agora é fácil perceber por que, desde o começo deste livro, não foi feita nenhuma distinção entre o que é chamado de fato “científico” e o que é chamado de objeto “técnico” ou artefato. Essa divisão, embora tradicional e prática, desmembra artificialmente a questão de como formar alianças para resistir a controvérsias. O problema do construtor de “fatos” é o mesmo do construtor de “objetos” [...].

Em termos gerais, as discussões e os debates sobre a natureza das sementes digitais geralmente emergiam no fórum Oásis em duas situações específicas: primeiro, quando alguma pessoa apresentava (através de uma postagem) uma nova semente à comunidade; segundo, quando os cyberagricultores desta comunidade debatiam questões relativas às estratégias de semeio e dispersão destas sementes. Em ambas as situações, destacamos o entendimento de que os “artefatos” plantados na comunidade Oásis seriam uma outra “coisa”, além de bens culturais, mercadorias digitais, códigos binários ou dados informacionais; ou seja, tais artefatos poderiam se apresentar também enquanto “presentes” (dádivas) ou mesmo enquanto sementes, que estavam inseridas em uma específica economia do compartilhamento baseadas em práticas de semeio e cultivo através da internet.

[...] contamos com o bom senso de todos para ajudar a semear o que foi baixado. iniciativas como a do Mutirão [Oásis] ajudam a diminuir o índice de torrents mortos no fórum. e você ainda pode solicitar ao postador de [determinada semente] para voltar a semear, caso esteja sem sementes (Grupo: Moderadores / fevereiro de 2013).

Tem apenas uma semente 🙄 Se alguém puder ajudar no semeio eu agradeço! (Grupo: Membros / março de 2016).

Os torrents vivem à base de sementes (Grupo: Conselheiros / abril de 2011).

Paciência ao baixar, que inicialmente sou a única semente (Grupo: Tradutores / março de 2016).

Como podemos notar, o acesso às sementes na comunidade Oásis se dá através do ato do semeio. E as sementes são semeadas para que possam ser baixadas através do sistema torrente. Seja para obter a semente ou apenas para

oferecer, todas as pessoas necessitam minimamente dominar algumas artes do cultivo no universo da cyberagricultura. Entretanto, para compreendemos isso de modo mais aprofundado precisamos pensar quais são algumas características que ajudam a tornar as sementes digitais objetos técnicos tão especiais para os cyberagricultores da comunidade Oásis. Vale destacar novamente que tal comunidade pode ser melhor descrita como um grande banco (ou casa) de sementes, no qual desde 2006 seus membros seguem aprendendo e aperfeiçoando técnicas e estratégias mais eficientes de cyberagricultura através das redes P2P. E tudo isso é feito em nome desta “missão” que se apresenta como sendo a de nunca permitir que as preciosas e selecionadas sementes cultivadas no Oásis sequem ou morram.

A missão de democratização do saber já estará se cumprindo. Acho que a questão é identificar qual é a missão do fórum, os valores [...] (Grupo: Membros / abril de 2013).

Toda semente plantada (ou postada) no Oásis possui algumas características que servem basicamente para definir a qualidade do arquivo compartilhado, isso se levarmos em conta alguns atributos essencialmente técnicos, por exemplo: tipo de extensão do arquivo, tamanho, resolução etc. De todo modo, também podemos perceber outras características que circunscrevem esses arquivos que podem ser cruciais para alcançarmos um melhor entendimento do que seja uma semente digital para as pessoas envolvidas nesta rede de socialidade, por exemplo: o ano de lançamento destas sementes em outros mercados simbólicos ou o país de origem destes singulares objetos. Obviamente que é possível termos acesso a outros atributos definidores que compõem as sementes digitais compartilhadas no Oásis, mas expôr alguns deles poderiam pôr em xeque nossa tentativa de ocultamento dos tipos de bens ou das mercadorias digitais que são compartilhadas. Assim, mais uma vez reforçamos nossa *estratégia de ocultamento*, tendo em vista que muitas das sementes que circulam pelo Oásis também podem assumir a característica de uma “mercadoria” ou de um “bem cultural” copiado, ilegal ou pirateado.

Tendo como base estas características, faremos agora uma análise mais detida destes artefatos, tendo como ponto de partida os tipos de associações que os agentes que frequentam a comunidade Oásis possuem com tais objetos “técnicos” ou artefatos. Para tanto, iniciaremos nossa discussão a partir de um conjunto especial de

sementes que denominamos “sementes presentes”. O conceito *presente* coaduna com a ideia de que o compartilhamento de sementes digitais no fórum Oásis está sensivelmente apto a ser qualificado enquanto um “sistema de dádiva”, expresso através de sofisticadas práticas definidas enquanto “dádiva-troca” (MAUSS [1925], 2003).

Para entendermos de forma mais clara esta afirmação, basta pensarmos na seguinte ideia. Desde julho de 2001, quando a primeira semente digital foi plantada por Bram Cohen (o criador do “sistema torrente”), milhares de pessoas começaram a adotar esse método de compartilhamento de arquivos. Deste momento em diante, várias sementes digitais foram sendo criadas, dispersas e semeadas através do sistema torrente. Em julho de 2006, algumas pessoas extremamente entusiasmadas com esta “nova tecnologia de semeio” resolveram criar um espaço online na qual fosse possível selecionar e guardar algumas dessas sementes que estavam sendo plantadas pela internet à fora. Estas sementes selecionadas (ou permitidas) iriam compor (para esse agrupamento específico de pessoas) o mais belo e precioso jardim de toda a internet. Tal espaço seria tão precioso e valioso, que ele mais se assemelharia a um *imenso oásis no deserto*, do que a um “fórum virtual”, a um “site” ou mesmo a uma “comunidade”. E o que tornaria esse lugar tão singular seriam exatamente as tais “sementes digitais”. Assim, toda semente digital plantada no Oásis é (em termos conceituais) um presente, que está atrelado a uma complexa economia que pode ser expressa como um tipo de particular de “sistema-dádiva”. Como podemos observar no trecho em destaque, uma pessoa agradece uma “análise gostosa” feita por outra pessoa de uma semente que ela ofereceu “como presente” à comunidade.

Nossa, que análise gostosa de se ler, para quem postou [a semente]. Penso que para os outros também, mas quem posta [a semente], ainda mais, quem oferece como presente, fica meio resabiada. Será que acertei? Que bom que a turma tem gostado. (Grupo: Conselheiros / junho de 2014).

Nesta linha de raciocínio, o Oásis é uma comunidade que se destaca na internet exatamente por não aceitar qualquer tipo de semente digital em seu banco de sementes (ou de dados). Toda semente oferecida no Oásis é analisada e testada por alguns membros responsáveis pela moderação, e apenas ficará disponível para *download* e *upload* após um procedimento padrão de checagem. Em meados de junho

de 2016, existiam algo em torno de 19,200 sementes digitais disponíveis (não necessariamente saudáveis, ativas ou semeadas)⁵³ no Oásis, sendo elas variações de diversos tipos, tamanhos e formas, provenientes de inúmeros países e carregando os mais diversos tipos de conteúdos.

Por outro lado, também pudemos perceber um grupo especial de sementes que foram selecionadas e classificadas como “recomendadas pelo fórum”. Desde maio de 2015, membros da moderação do Oásis decidiram criar um destaque especial para algumas sementes (até junho de 2016, apenas 24 no total) que foram consideradas especiais (a partir de alguns critérios que serão debatidos mais à frente). Tais sementes receberam essa “honraria” porque foram reconhecidas nelas algumas das principais qualidades buscadas pelas pessoas que frequentam este fórum online. Sempre que o fórum recomenda uma nova semente, ela fica disponível (por um período de tempo limitado) em destaque na página principal da comunidade. Após isso, elas passam a compor um tipo de “lista especial” no Oásis, que tem por objetivo reunir o maior número possível de cyberagricultores para ajudar a garantir que essas tais sementes continuem sendo semeadas continuamente.

A ideia de apresentar um estudo mais detido das 24 *sementes recomendadas* pela equipe de moderação da comunidade se deu em decorrência de alguns fatores, no qual o principal talvez tenha sido a grande quantidade de sementes presentes existentes no fórum. Como veremos, mesmo que nem todas essas sementes presentes estivessem de fato disponíveis (já que muitas delas estavam “secas” ou mesmo “mortas”), sempre era possível reunir um número muito grande de informações sobre elas (o que foge ao escopo desta pesquisa que não se pretende um experimento puramente estatístico ou quantitativo). De todo modo, um estudo mais detido a respeito das sementes recomendadas pela equipe de moderação não apenas foi possível, como nos revelou algumas características importantes desses singulares artefatos deliberadamente escolhidos como os mais valiosos a partir de critérios bem particulares.

E se existem aquelas sementes consideradas extremamente valiosas e dignas de apreço e cuidado, também existem aquelas sementes consideradas

⁵³ Como veremos no próximo capítulo, muitas sementes digitais antes saudáveis, vivas e ativas podem rapidamente tornar-se secas e indisponíveis para *download* se não forem corretamente semeadas e compartilhadas.

banidas, excluídas, desagradáveis ou mesmo de mau gosto (até meados de junho de 2016 existiam exatamente 302 no total). Dentro da comunidade, tais sementes fazem parte de uma lista denominada “[Sementes] não aprovadas no [Oásis]”, e uma vez nesta lista dificilmente poderão ganhar terra e ser plantadas na comunidade, já que na maioria das vezes a decisão da moderação pela exclusão de tais sementes é irrevogável. Condenadas ao ostracismo, os destinos das tais *sementes banidas* se encerram na porta de entrada do Oásis. Mas, em termos categóricos, uma observação mais atenta de seus atributos também nos revelou algumas características importantes que serão debatidas mais à frente.

Deste modo, nossa estratégia metodológica neste tópico consistiu em realizar um estudo de alguns atributos que caracterizam as sementes digitais que circulam pelo Oásis tendo como ponto fulcral de análise três dimensões gerais: primeiro, a partir de algumas características que compõem as *sementes presentes* (as mais gerais e abundantes, cerca de 19,200 no total, mas não menos preciosas ou importantes); segundo, a partir das sementes qualificadas como *sementes recomendadas* (extremamente importantes e valiosas, apenas 24 ao todo desde a criação do fórum); terceiro, a partir das *sementes banidas* ou consideradas como “não aprovadas” ou “não recomendadas” (302 no total).

Vale destacar que o nosso “passeio esquizo” pelos jardins da comunidade Oásis nos revelou algumas características importantes sobre tais objetos técnicos e sobre alguns modos de socialidades dominantes entre essas pessoas. Em termos gerais, as ideias provenientes desses *insights* ecológicos surgiram a partir do entendimento de que os artefatos compartilhados, guardados e catalogados neste fórum são “outra coisa” além de “meros objetos técnicos”. Além disso, tal afirmação também deságua na ideia de que tais artefatos também não seriam simplesmente “mercadorias” ou “bens culturais”, pois ao adentrarem naquilo que denominamos de “economia do compartilhamento”, tais objetos passam a apresentar uma nova constituição ontológica em consonância com algumas articulações teóricas que Bruno Latour e Vincent Antonin Lépinay (2009) denominam de “economia dos interesses apaixonados”.

Nesse sentido, jamais seríamos capazes de imaginar que os artefatos compartilhados no Oásis poderiam ser entendidos somente a partir de suas

expressões ou linguagens informáticas. Isso porque tal linguagem assume um caráter imperativo e funcionalista que poderia vir a descaracterizar algumas nuances dos *modus operandi* da economia do compartilhamento em seus aspectos mais sensíveis e particulares. Dito de outro modo, não iríamos muito longe neste experimento se apenas destacássemos que (para a máquina e para suas expressões sensíveis) qualquer coisa que venha a ser compartilhada no Oásis não passaria um código binário, com algumas especificações técnicas decodificadas por uma máquina (em suma, um dado, um arquivo). É óbvio que, mesmo nos limites deste experimento, essa informação é importante. Mas o que estamos sugerindo é que talvez não pudéssemos fazer muita coisa somente com essa perspectiva enquanto guia de reflexão.

Para tanto, foi preciso realizarmos um mergulho mais aprofundado nos modos de vida desses agentes, para que outros elementos pudessem finalmente ganhar espaço e novas vozes pudessem surgir em nossas narrativas. E assim como Henry D. Thoreau, que se dedicou até os últimos minutos de sua vida à complexa tarefa de tentar “aprender a linguagem dos campos e das florestas” (NABHAN, 1993), também nos lançamos neste empreendimento intelectual e sensível que consistiu em tentar perceber e “ser afetado”⁵⁴ (FAVRET-SAADA, 2005) pelas linguagens das florestas e dos campos digitais. Aos poucos, o fórum online Oásis começou a produzir contornos vivos e poéticos que nos instigaram a buscar (através dos *instantâneos [snapshots] da floresta*) toda a graça e poesia de tal linguagem da floresta ou mesmo cyberecológica.

Thoreau se tornou obcecado com o “aprendizado da linguagem daqueles campos” alguns anos imediatamente antes de sua morte. Para ele, a floresta era um livro esperando para ser lido: apenas alguém deveria dedicar tempo suficiente para capturar sua gramática, para aprender os ritmos de suas sintaxes. [...] É incrível o quão longe Thoreau ultrapassou apenas tirando meros instantâneos da floresta [*snapshots of the forest*] que estavam diante de seus olhos [...]. Mais do que qualquer outro botânico de seu tempo, Thoreau deixou de meramente nomear as árvores – os substantivos da floresta – para traçar os seus verbos: os pássaros, roedores e insetos que polinizam as flores ou dispersam sementes, e todos os outros agentes que formam a estrutura da floresta. É uma língua difícil de aprender (NABHAM, 1993, p. xvi, tradução e grifos nossos).

⁵⁴ Ou seja, como sugere Favret-Saada (2005, p. 161), a reconsideração do *afeto* enquanto categoria antropológica assume novos e especiais contornos, especialmente quando salientamos sua forma de comunicação “não verbal, não intencional e involuntária, ao surgimento e ao livre jogo de afetos desprovidos de representação”. Deste modo, ao percebemos as sementes digitais enquanto “estranhos artefatos” pretendemos com isso traçar linhas distintas de perspectivas que assumam operações de conhecimento que desafiem categorias de entendimento e de representação vigentes.

Portanto, nossa atitude diante de tal situação não pôde ser outra, a não ser nos inspirarmos nos experimentos de Henry D. Thoreau em sua difícil tarefa de tentar compreender a linguagem dos campos (suas gramáticas, ritmos e sintaxes), principalmente através da *busca viva e ativa* pelos agentes que moldam e experimentam aspectos sensíveis da cyberecologia vivenciada pelos compartilhadores de sementes digitais através da internet. De modo análogo, nós salientamos que, através de nossos “passeios esquizos” pela comunidade Oásis, foi possível realizarmos nesta pesquisa um experimento que nos ajudou a **traçarmos** um pouco melhor as “linguagens cyberecológicas” que compõem uma complexa gramática existente na internet. Inicialmente ela flui em *softwares*, mas rapidamente se transforma em uma “caixa-preta” (dado o alto grau de adesão dos usuários deste sistema) e se dispersa de modo geral moldando práticas (a “cultura do semeio” através da internet), fabricando novas alianças (o uso das redes digitais e das máquinas informáticas nesta “economia do compartilhamento”) e apresentando novos, estranhos e híbridos artefatos (as “sementes digitais”).

E tudo isso foi capturado através de *snapshots* – ou, se preferirmos seguir com uma categoria nativa mais comumente utilizada, *screenshots* (ou capturas de tela) – não apenas de detalhes das sementes digitais compartilhadas, mas de conversas, trocas de mensagens e outros arquivos que compõem a maior parte dos dados etnográficos desta pesquisa. Durante nove anos de participação, fomos nos deixando levar por vivências em longas e incontáveis horas de passeios e caminhadas pelos jardins da comunidade Oásis, sem deixar de perpassar (mas não obrigatoriamente) uma extensa comunicação direta com diversos membros em longos debates públicos e privados. E foi através destes passeios que fomos realizando as “capturas de tela” que resultaram em um banco de informações (privado) sobre a comunidade Oásis composto por mais de 800 páginas (ou notas)⁵⁵. Mais uma vez, a imagem de pensamento que sobressaía em nossa imaginação ao realizarmos esse experimento era a de Thoreau buscando conhecer essa “linguagem das florestas e dos campos” em suas pesquisas na floresta da Concordia (Missouri).

⁵⁵ Utilizamos o *software* Evernote para compor este privado banco de dados digitais. Tal aplicativo nos foi útil para organizar e catalogar dados e notas etnográficas que foram coletadas através de capturas de tela de conversas, debates e discussões que consideramos relevantes para esta pesquisa. O aplicativo Evernote pode ser baixado gratuitamente através do seguinte endereço: www.evernote.com (Acesso em 26 de junho de 2016).

Ele [Thoreau] conhecia as florestas de Concordia como a palma de suas mãos. Caminhadas diárias, anos de mapeamento de terra e comunicação com outros naturalistas locais permitiram a ele conhecer [...]. Apesar de seu conhecimento detalhado das paisagens locais, Thoreau em última instância estava atraído por este campo de pesquisa porque ele era cheio de inesperados [...]. O que faltou em treinamento e tecnologia para o Thoreau ecologista, ele compensou em sua capacidade de manter atenção prolongada para as dinâmicas da terra e em seu considerável talento para pensar metaforicamente. As mais amáveis passagens em seu tratado sobre as sementes são aqueles na qual seu profundo reservatório de conhecimento literário brota em sua ciência (NABHAM, 1993, p. xvi-xvii, tradução e grifos nossos).

Diante dessas reflexões, pensamos que as sementes digitais podem se apresentar a partir das mais diversas perspectivas, por exemplo: enquanto conceitos ou metáforas (sem valer-se da clássica distinção pensada entre categoria nativa e conceito científico); enquanto linhas de comando de linguagem de computador ou dados informacionais (toda semente digital não deixa de ser um arquivo executável, que é decodificado por máquinas informáticas); enquanto mercadorias e bens culturais (condição que se expressa especialmente através da posição desafiante da cyberagricultura à própria lógica de existência das mercadorias e dos bens em suas formas neoliberais); enquanto presentes, honorarias ou sensibilidades (constituição expressiva dominante ou legítima que circunscreve tais artefatos nos modos particulares de como pessoas que frequentam o Oásis vivenciam a economia do compartilhamento através da internet); enquanto uma singularidade viva ou mesmo híbrida, regida por uma específica ecologia (ao ponto das sementes se apresentarem enquanto “saudáveis” ou mesmo “mortas”, dependendo do grau de envolvimento e de colaboração das pessoas na germinação de cada uma); por fim, enquanto capitalismo (na qual são manobrados através de trocas substanciadas em uma economia dos interesses apaixonados).

Por fim, destacamos que diante desta *confluência de perspectivas* sugerimos que abrir a caixa-preta das sementes digitais significa sermos apresentados à essa confusão de fronteiras. Certamente, as ideias em torno das sementes digitais que circulam pela comunidade Oásis não são homogêneas e podem apresentar-se de modo ambíguo ou mesmo estranho. Estas disparidades são extremamente importantes, pois elas favorecem o entendimento de que não há inércia no processo de difusão de uma caixa-preta.

[...] a caixa-preta se move no espaço e se torna duradora somente através da ação de muitas pessoas; se não houver mais ninguém para adotá-la, ela acabará, desaparecerá, por maior que seja o número de pessoas que a tenham usado antes. [...] Em suma, *há sempre muitas pessoas passando o objeto adiante, mas as pessoas não são sempre as mesmas* (LATOURE, 2000, p. 227-228, itálicos no original).

É extremamente possível que pessoas fora da comunidade Oásis ou provenientes de outros bancos de sementes existentes pela internet contrariem alguns elementos desta relação extremamente particular estabelecida entre os membros deste fórum e seus artefatos mais preciosos, ou seja, as suas sementes digitais. Entretanto, o que nos interessa nesta pesquisa não é classificar (em termos supostamente “gerais”) o que significa uma “semente digital”, mas perspectivar a respeito de uma *experiência relacional* vivenciada por nós (durante um específico período de tempo) na comunidade Oásis. Logo, ao debatermos sobre as características que compõem as sementes que existem pelo Oásis, sempre levamos em conta nossos encontros (planejados ou fortuitos) com tais artefatos. O entendimento geral partiu do pressuposto de que para compreender as sementes digitais seria preciso traçá-las. Entretanto, como podemos observar no QUADRO 05, seria talvez uma tarefa impossível analisar todas as conexões e alianças estabelecidas por milhares de pessoas associadas à milhares de sementes digitais.

QUADRO 05: Divisão por quantidades dos três tipos de sementes

Tipo de semente	Quantidade (junho de 2016)
Sementes presentes	19,200
Sementes recomendadas	24
Sementes banidas	302

FONTE: Pesquisa direta do autor.

E a saída deste impasse foi a opção pelo movimento, através da traceabilidade. A partir deste caminho teórico-metodológico nós conseguimos conduzir melhor nossos *passeios esquivo* pela comunidade Oásis. Assim, deixamos de apenas questionar sobre as sementes, e passamos a apreciá-las, a tocá-las, a experimentá-las e, talvez o mais importante, a semeá-las. Seguiremos nossos relatos

apresentando algumas características que singularizaram as sementes na comunidade Oásis, a partir de três diferentes grupos: as sementes presentes, as sementes recomendadas e as sementes banidas.

3.2.1 As sementes presentes

Deslumbrado, como sempre. [Cita o nick de um membro], não sei mais nem o que te dizer, nem sei como agradecer. Acho melhor ficar paralisado, olhando as screens e torcendo para que [a semente] chegue logo na minha alma (de novo)... (Grupo: Agitadores / novembro de 2012).

[Esta semente] é oásis, que definição precisa! Tenho esta pérola [...], e faz muito tempo que procuro digitalizado. Mostrei [esta semente] muitas vezes em comunidades rurais do sertão da Bahia e a comunicação é muito direta [...]. Grato, gratíssimo caro [Cita o nick de um membro]! (Grupo: Membros / junho de 2008).

Neste tópico, faremos uma breve análise a respeito de um conjunto bem especial de sementes existentes no Oásis, que denominamos nesta tese de *sementes presentes*. Em um sentido estrito, todas as sementes disponíveis no Oásis estão dentro desta suposta “categoria”. Isso significa dizer que falar sobre as sementes presentes é falar sobre as sementes disponíveis (de um modo geral), tendo como referência o modo como elas se apresentam nesta comunidade. E talvez aqui esteja a raiz do desafio desta empreitada. Como seria possível falarmos sobre coisas tão distintas e particulares sem cairmos em generalidades vazias de conteúdos, de dados e de informações? E de qual modo seria possível traçarmos os rastros de cerca de 19,200 sementes digitais plantadas na comunidade Oásis desde julho de 2006⁵⁶?

Anteriormente destacamos que todas as sementes que são compartilhadas no Oásis são antes testadas e avaliadas por um corpo extremamente especializado de pessoas que se encarregam desta atividade. Uma das grandes missões destas pessoas no fórum é exatamente averiguar e constatar se as novas sementes que

⁵⁶ Vale destacar que as trajetórias eminentemente sociais das sementes não apresentam movimentos fixos ou permanentes, pois tais objetos se apresentam antes como *artefatos vivos*. Isso significa dizer que uma semente digital pode apresentar-se enquanto bem semeada ou cultivada (nos termos nativos, ela é denominada “semente saudável”), ou mesmo enquanto uma semente seca ou morta. Isso nos trás mais um desafio metodológico, devido ao fato de que as trajetórias dos movimentos de dispersão de tais sementes estão em constante mudanças. Assim, uma semente digital considerável saudável hoje, pode apresentar-se morta ou seca amanhã. Discutiremos de forma aprofundada tais implicações no próximo capítulo desta tese.

estão sendo oferecidas atendem a alguns critérios e requisitos mínimos de qualidade, ou se a tal semente viola algumas das “regras de postagens de sementes” deste espaço. Tudo isso reverbera na constituição da criação de um conjunto especial de arquivos (o tipo mais abrangente no fórum) que foram denominadas nesta tese de “sementes presentes”.

Optamos pelo uso de tal conceito porque ele consegue abarcar (através de suas amplas possibilidades semânticas) duas perspectivas que gostaríamos de destacar: primeiro, a ideia do “presente” enquanto “presença”, ou seja, de algo que está à vista, que se encontra disponível em algum lugar – e que poderia vir a ser manuseado, armazenado, dispersado etc.; segundo, a ideia do “presente” enquanto dádiva, ou seja, como algum artefato vinculado às pessoas e que se expressam em um complexo sistema de prestação e contraprestação que assumem características bem próximas dos “sistemas dádivas” analisados por Mauss (2003 [1925]). Seja enquanto “presença” ou enquanto “dádiva”, as sementes presentes fazem seus movimentos incessantes de dispersão através do Oásis, mas esses movimentos não ocorrem de forma aleatória, ou sem algumas limitações impostas por regras morais e de direito exclusivas e específicas. Como observa Mauss (2003 [1925], p. 202, grifos nossos), a respeito do exame dos vínculos provenientes das “alianças espirituais” realizadas por pessoas e coisas nas economias morais do estilo “troca-dádiva”:

Em tudo isso há uma série de direitos e deveres de consumir e de retribuir, correspondendo a direitos e deveres de dar e de receber. Mas essa mistura íntima de direitos e deveres simétricos e contrários deixa de parecer contraditória se pensarmos que há, antes de tudo, mistura de vínculos espirituais entre as coisas, que de certo modo são alma, e os indivíduos e grupos que se tratam de certo modo como coisas.

Diante destas rápidas observações, podemos nos indagar: que tipos de regras morais estão vinculadas às alianças estabelecidas entre semeadores(as) e sementes digitais no Oásis? Quais são esses “direitos e deveres de consumir e de retribuir” que se impõem aos membros que aceitam os “termos de uso da comunidade” e decidem se engajar na experiência da cyberagricultura de selecionadas e específicas sementes? A realização destes questionamentos nos ajudou a desvendar algumas zonas de perspectivas referentes ao universo das sementes presentes no Oásis. Em tudo isso está guardada uma tentativa de debater elementos característicos

das sementes digitais postadas, sem que tenhamos que nos deter em dados generalizantes ou puramente estatísticos⁵⁷.

Como sugerimos anteriormente, nossa pesquisa privilegiou as linhas erráticas dos traçados das sementes digitais. Sempre que possível, em nossos encontros com tais artefatos nos permitíamos (dentre outras práticas) coletar, tocar, experimentar, comentar, criar e semear as tais sementes. Mas para chegarmos a esse entendimento geral do que significa uma semente, foi necessário nos debruçarmos com bastante atenção aos “direitos e deveres de dar e de receber” impostos aos membros. Em suma, tentaremos expor a seguir quais as instruções que definem essa regulação da entrada e do fluxo de sementes no fórum. Acreditamos que o debate em torno dessas razões discriminatórias serão uma importante via de acesso à questão central que norteia este capítulo, qual seja: O que constitui uma semente digital e como podemos descrevê-las e compreendê-las?

No dia 3 de janeiro de 2007, exatamente às 9 e 37 da noite, foi criado e publicado o *primeiro conjunto de regras e diretrizes gerais da comunidade Oásis*. A publicação foi postada em um subfórum intitulado “Regras e Normas: Regras importantes para um melhor funcionamento do fórum”. Tal tópico possuía registrado, no dia 10 de julho de 2016, um total de 60.150 visualizações, sendo um dos tópicos mais visualizados do fórum. Basicamente, tal tópico é apresentado para todas as pessoas que entram no Oásis, e todas precisam ainda confirmar que estão cientes das normas e regras que estão sendo apresentadas naquele momento. Tal mensagem foi publicada online cerca de seis meses após a criação do fórum (em julho de 2006). Ela se apresenta como um “tópico fechado”, ou seja, não há como qualquer pessoa responder, debater ou comentar este tópico neste espaço – para isso, ela terá que se deslocar para outros fóruns ou subfóruns do Oásis. Como poderemos notar, tais diretrizes normativas começam apresentando uma justificação das razões deste conjunto de regras estar sendo estabelecido naquele momento.

⁵⁷ De todo modo, observamos que em diversos momentos foi possível utilizarmos de forma satisfatória elementos estatísticos que nos ajudaram a compor uma narração sobre as sementes digitais no Oásis. Entretanto, tais observações tiveram que ser trabalhadas com cuidado, principalmente quando levamos em conta que tais dados poderiam pôr em risco nossas estratégias de ocultamento dos tipos de bens culturais que são compartilhados. No próximo subtópico deste capítulo, apresentamos alguns dados estatísticos que nos ajudaram a entender melhor as sementes digitais que circulam no Oásis.

Tal justificação aparece em uma espécie de preâmbulo que antecede os doze pontos que compõem essas normas de uso da comunidade.

Pessoal,

Esquivamo-nos ao máximo de criar regras para o fórum, mas, percebendo que algumas coisas precisam ser esclarecidas e visando um melhor funcionamento da comunidade, chegamos à conclusão de que não poderíamos mais fugir dessa necessidade. Portanto, ficam estabelecidos como regras do [Oásis] os seguintes pontos: [...] (Grupo: Controller / janeiro de 2007).

Posto enquanto uma “necessidade”, a criação deste conjunto de regras pode ser pensada enquanto uma estratégia para tentar garantir aquilo de denominam de “um bom funcionamento da comunidade”. Apesar da “esquiva inicial”, membros da moderação do fórum entenderam naquele momento (início de 2007) que era preciso esclarecer e estabelecer as regras do Oásis. Em termos objetivos, tal termo é composto por doze pontos escritos com o uso de exatamente 3,150 palavras (algo em torno de 170 linhas de texto em uma página da *web*). De tempos em tempos, a moderação se reserva ao direito de mudar as regras do fórum, e faz isso apenas editando o mesmo texto que vem sendo ao menos uma vez apresentado à todas as pessoas que frequentam o Oásis desde o momento em que tais regras foram criadas. Em termos objetivos, as “regras do fórum” é exatamente o primeiro tópico de discussão que todas as pessoas visualizam quando iniciam suas *jornadas espirituais* pela comunidade, pois ao criarem uma conta todos os membros são apresentados à tais regras, e ainda precisam confirmar que estão cientes da existência desse conjunto de normativas e de diretrizes.

As regras que são submetidas às pessoas que frequentam o Oásis se apresentam enquanto um tema polêmico e controverso dentro deste fórum. Elas são vistas por algumas pessoas como “regras rígidas”, mas nem por isso deixam de ser consideradas louváveis ou essenciais no processo de organização (ou “arrumação”) do fórum. Uma pessoa chegou a afirmar que sem as regras no Oásis “nada funcionaria”, enquanto outra observa que as regras visam especialmente “arrumar as postagens de sementes”.

É um assunto que gostaria de mencionar, mas sem querer que vocês pensem que eu seja bajuladora. O [Oásis] é muito arrumado. Há regras rígidas a serem seguidas, quanto às postagens de [sementes] [...]. É tudo muito bem cuidado. De vez em quando, a gente lê um Verdinho [Veterano] dando um chega pra lá em alguém que infringiu uma das regras. E aceita-se numa boa, pelo menos aparentemente 🤔, pois se sabe que um dos objetivos do fórum é manter-se sempre top de linha. E, com a ajuda de todos, tem-se conseguido, né? (Grupo: Conselheiros / abril de 2011 / grifos nossos).

O [Oásis] tem regras para milhares de coisas - e, sem essas regras, nada funcionaria (Grupo: Projetores / março de 2013).

Em outra postagem, um dos membros da moderação do fórum deseja “bem-vindos” e “mal-vindos” para novos membros, destacando na primeira categoria àqueles que chegariam para semear e na última àqueles que viriam para “desrespeitar as regras do fórum”. Vejamos:

Bem-vindos todos os novatos que chegam para contribuir, comentar, fazer sugestões, postar [sementes], traduzir [...] e semear. Principalmente para semear. Não, não... principalmente para elogiar a brilhante equipe de moderadores e administradores do fórum. 😊 Mal-vindos todos os novatos que chegam para flodar, reclamar de tudo, somente baixar e não semear sequer um bit, achar que aqui é a casa da mãe-joana onde pode falar e fazer o que quiser, desrespeitar as regras do fórum e não aceitar as regras de boa convivência da vida em comunidade (Grupo: Veteranos / março de 2013).

Não é nosso objetivo neste momento debater minuciosamente todos os doze pontos que compõem o conjunto de regras do Oásis, pois reconhecemos que este é um tema delicado e extenso que envolvem vários aspectos da socialidade entre tais agentes. É por essas razões que resolvemos discutir esse assunto de forma dispersa por toda a tese, sempre atento às implicações das regras do fórum em diversos aspectos das experiências relacionais entre os(as) cyberagricultores(as). Entretanto, destacaremos com um pouco mais de atenção algumas das principais regras que pretendem estabelecer e regular a postagem das sementes digitais neste espaço. Vale destacar que tais regras são deliberadamente impostas a todas as pessoas, e a desobediência de seus termos pode chegar a provocar a expulsão do membro.

Dos doze pontos existentes no tópico “Regras do Fórum”, exatamente sete deles fazem alguma menção direta àquilo que denominamos de regulação de postagens de sementes presentes no Oásis. E é sobre esses pontos que iremos nos

debruçar a partir de agora. Com isso, pretendemos traçarmos algumas características que singularizam as sementes digitais postadas no Oásis, no sentido de possibilitar um escopo de análise mais preciso a respeito daqueles artefatos compartilhados que são compreendidos enquanto preciosos e valiosos presentes.

O primeiro e o segundo ponto das “Regras do Fórum” referente à regulação das sementes no Oásis se apresenta logo na apresentação da “proposta do site”:

Proposta do site: Compartilhar [sementes raras, antigas, alternativas, fora do circuito comercial] [...]. Como a intenção é primar pela qualidade, pretendemos atingir um público que tenha essas características de gosto e aceitação. [...] (Grupo: Controller / janeiro de 2007).

E segue:

Sabemos que não é possível postar apenas [boas sementes] e isso tem uma explicação bem clara: As pessoas possuem gostos e percepções diferentes a respeito das coisas e o que agrada a uma pessoa pode facilmente não agradar a outra. No entanto, [...] [sementes classificadas ou francamente bizarras e trashes], que extrapolam o bom gosto comum, serão [consideradas] sempre ruins pelo [Oásis], pois acreditamos que não irão agradar à grande maioria dos usuários da nossa comunidade. Logo, pedimos que você não poste [sementes] que seguem essa linha, pedimos que tenham bom senso ao postar [uma semente]. Se postar, não estranhe se o post for ocultado. Temos limitações de espaço, de largura de banda e, principalmente, temos uma proposta clara a respeito da linha que pretendemos que o fórum siga (Grupo: Controller / janeiro de 2007).

Como podemos notar, a noção de “boa semente” no Oásis está atrelada a uma complexa filosofia do gosto e das percepções. Uma boa semente está em consonância com uma certa representação legítima atrelada a um suposto “bom gosto” ou o “bom senso”⁵⁸. Além do mais, tais sementes se contrapõem às chamadas “sementes bizarras” ou *trashes* (lixos)⁵⁹, que são proibidas ou banidas deste espaço. Mas se o esclarecimento da proposta do site parece resumir ou definir melhor as

⁵⁸ Neste momento, gostaríamos de salientar que essa filosofia ou sociologia do gosto – na qual entendemos o trabalho de pesquisa coordenado por Pierre Bourdieu (2007) e publicado no livro denominado “A distinção” como um texto seminal sobre este tema – nos interpelou grandes questões de pesquisa. Entretanto, nos termos de exposição dos dados desta pesquisa não nos interessa muito identificar ou debater estas questões no sentido de constituição de uma “crítica social do julgamento do gosto” nos termos expostos por Bourdieu.

⁵⁹ Debateremos sobre essas questões no subtópico referente às sementes banidas.

coisas, tudo parece ficar mais complicado ao avançarmos na tentativa de compreendermos de fato quais são essas “boas sementes”.

Um detalhe na descrição do site nos chamou a atenção, quando esta apresenta que um dos objetivos do fórum é primar pela “qualidade”. Isso rapidamente nos remeteu a estabelecermos uma correlação com o próprio *slogan* da comunidade: “A verdadeira semente está aqui”. Entretanto, é interessante notarmos o reconhecimento (por parte dos feitores das regras) da impossibilidade de garantir que apenas “boas sementes” cheguem às terras do Oásis. Nesse sentido, não necessariamente poderíamos imaginar que todas as sementes presentes no fórum estariam embebidas por este potente vínculo a um “espírito de riqueza”, já que sempre existem os “presentes de mau gosto” ou mesmo os “indesejados”.

Mesmo que o princípio básico da economia do compartilhamento no Oásis venha a designar que todas as sementes postadas sejam distribuídas enquanto dádivas ou presentes (tendo a intervenção explícita da proibição do capital econômico e das transações financeiras nestas relações⁶⁰), talvez seja um erro assumir que por esta razão todas as sementes no Oásis venham a ser definida enquanto “preciosidades” ou “raridades”. Em nossa pesquisa de campo, constatamos diversas situações em que pessoas criticavam ou mesmo reclamavam de certas sementes postadas. Em um caso bem interessante, uma pessoa da equipe de moderação (Verdinho) chega a denominar “porcaria” a semente que ele mesmo tráz à comunidade; em seguida, destacamos uma pessoa que critica as postagens de sementes consideradas “pseudo-cult” no fórum; por fim, uma pessoa reconhece a presença de muitas sementes ruins, mas acaba admitindo que nem por isso o Oásis deixa de ser considerado um paraíso na internet.

Lógico que eu estava emitindo a minha opinião. Só lamento ter postado essa porcaria que [...] tem embutida uma filosofia para consumo imediato (e não para reflexão). A impressão que tenho é que, hoje em dia, o que interessa mesmo é o impacto do momento, e nesse sentido acho que [essa semente] cumpre com os pré-requisitos [...] (Grupo: Veteranos / fevereiro de 2013).

[...] o objetivo do fórum é postar [sementes] de qualidade, mas já baixei [muita semente] pseudo-cult aqui que é uma porcaria [...] (Grupo: Membros / janeiro de 2009).

⁶⁰ Já explanamos anteriormente que não é permitido a venda de sementes digitais no Oásis. De todo modo, o fato de um artefato poder ser comprado ou vendido não elimina suas características estritamente dádivas. De acordo com Mauss (2003 [1925], p. 295): “As coisas vendidas ainda têm uma alma, ainda são seguidas pelo antigo proprietário e o seguem”.

Aproveitem esse oásis, novatos. Aqui também tem [muita semente] ruim. Mas em comparação com a merda que é a internet hoje em dia, isso aqui é o paraíso. Ou quase... abs (Grupo: Projetores / março de 2013).

Por outro lado, podemos notar que em muitas postagens fica latente o entendimento de que o Oásis seria um lugar especial, exatamente por selecionar (por alguns critérios de estabelecimento de uma propensa qualidade) as sementes que ficariam disponíveis no fórum. No primeiro depoimento destacado abaixo, tal pessoa observa que tais sementes chegam a carregar uma certa “aura”. Isso faz com que as sementes digitais incorporem neste universo uma “aura” fascinante. Essa afirmativa fortaleceria nossa asserção de que tais artefatos possuem características marcantes que se expressam de forma bem particulares em sistemas de circulação de presentes em economias do tipo “troca-dáviva”. Já que nestes sistemas o que está em jogo é a criação de “alianças proveitosas”⁶¹ entre as pessoas e os objetos.

[...] engraçado como [uma semente postada no Oásis] adquire uma aurea [aura] que [a torna] interessante. isso diferencia o nosso fórum. porque a seleção [das sementes] é cuidadosa, aqui [a semente é pré-selecionada] por sua qualidade, de maneira que cada postagem é também uma recomendação (Grupo: Agitadores / março de 2012).

Considero que das coisas mais importantes do forum é a qualidade dos arquivos (Grupo: Membros / março de 2013).

Por isso o espaço do [Oásis] é tão especial. Ele reúne uma seleção maravilhosa de [sementes], [todas] de alta qualidade e [traduzidas], e reúne também um grupo absolutamente apaixonado por [semente], uma galera que discute e se respeita, que gosta de buscar sempre mais. Isso é muito especial. Fico muito grato de poder fazer parte deste fórum, mesmo não postando nada, mas, enfim, me sinto parte da família. Felicidades ao [Oásis], e vida longa! (Grupo: Agitadores / julho de 2012).

Quando refletimos a respeito da possibilidade de compreensão das sementes digitais enquanto *dávivas compartilhadas*, podemos perceber que tal entendimento pode ser expresso de três formas: primeiro, enquanto um presente dedicado, ou seja, enquanto uma semente que foi oferecida especialmente para

⁶¹ Ainda de acordo com Mauss (2003 [1925], p. 303), as *alianças proveitosas* podem ser compreendidas como o resultado mais imediato em decorrência da troca de presentes entre pares. Tais alianças são a base da socialidade e das vivências cotidianas; ou seja, àquilo que funda a relação principalmente perante a obrigação de retribuir os presentes compartilhados. Em suas palavras: “No fundo, do mesmo modo que essas dávivas não são livres, elas não são realmente desinteressadas. São já, em sua maior parte, contraprestações, feitas em vista não apenas de pagar serviços e coisas, mas também de manter uma aliança proveitosa e que não pode sequer ser recusada [...]”.

alguma pessoa em particular (ou mais de uma); segundo, enquanto uma semente postada no fórum e expressamente concebida como um presente para todos os membros (sem nomeações particulares); terceiro, enquanto uma homenagem ou oferecimento daquela dádiva à própria comunidade Oásis.

Vejamos como essas ideias se expressam nesses três comentários selecionados abaixo: primeiro, uma pessoa foi ao fórum agradecer uma semente digital que foi lhe oferecida em homenagem enquanto um presente de aniversário; segundo, uma pessoa do grupo Tradutores oferece uma semente e dedica esta postagem a cada amigo que compartilha com ele o “prazer pelas [sementes]”, isso sem citar uma pessoa em particular; terceiro, uma pessoa [o próprio pesquisador] oferece à comunidade uma nova semente e dedica esta postagem ao próprio Oásis.

Pois é! Sempre digo que presente que se ganha é pra ser aberto na hora, na frente de quem lhe deu o dito cujo. Foi o que fiz: baixei [...], de imediato, [essa bela semente], onde os desafios, desentendimentos e a vontade de vencer são figuras destacadas. [Bela semente, dolorosa, engraçada, desafiadora e muito boa]. Agradeço a querida [cita nick de um membro] esse belo presente de aniversário. Beijos na minha querida amiga e guru [das boas sementes] (Grupo: Agitadores / junho de 2014, grifos nossos).

Bom, hoje eu completo 6 anos de casa e não podia deixar a data passar batido. Já espalhei em diversas postagens, no decorrer desse tempo, o meu amor pelo fórum e não me canso de reafirmá-lo em cada novo tópico, tradução ou conversa amiga. É muito bom ser grato pela existência de um lugar tão especial, com queridos tão presentes. Foram 6 anos de muitas parcerias, descobertas e detalhes que somaram e ampliaram minha experiência de vida, em diversos sentidos. Não é exagero: eu não seria quem sou, sem o [Oásis]. Devo muito a todos, e dedico a postagem a cada amigo que já dividiu comigo um bom pedacinho do prazer [pelas sementes]. Que venham mais anos, alegrias, [boas sementes], e uma longa vida ao [Oásis]! (Grupo: Tradutores / julho de 2014, grifos nossos).

Esse é nosso presente de aniversário ao fórum! PARABÉNS [OÁSIS]! Nossa história está apenas começando. (Membro: valentim / Grupo: Agitadores / julho de 2014, grifos nossos).

Consideramos essa discussão relevante porque através dela pudemos tentar estabelecer quem são os agentes que recebem os presentes e as dádivas compartilhadas no Oásis e de que modo os presentes são ofertados. Nossa objetivo foi apresentar de que forma as pessoas que são agraciadas pelas *sementes presentes* estão envolvidas nas alianças neste complexo mercado simbólico. Entretanto, vale observar que mesmo que as sementes sejam oferecidas enquanto um presente dedicado à uma só pessoa, na verdade são todos e todas que terminam por de fato

receber o presente e constituir a “dívida” e a “obrigação de retribuir”. Vale destacar que é vedada a distribuição de sementes através de postagens ou tópicos privados⁶², o que faz com que todas as sementes compartilhadas no Oásis sejam públicas e acessíveis a todos as pessoas. Assim, mesmo os presentes mais íntimos compartilhados no Oásis são públicos e podem ser acessados e recebidos por todos e todas; ou seja, todas as pessoas passam a de fato terem que “executar os contratos reais” de retribuição dos presentes a partir das lógicas particulares vivenciadas por tais agentes. E um desses mais importantes mecanismos é a obrigação de retribuir a dádiva recebida, mas não qualquer presente ou de qualquer forma. Como observa Mauss (2003 [1925], p. 193):

Diversos temas – regras e ideias – estão contidos nesse tipo de direito e de economia. O mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que obriga a retribuir o presente recebido. [...] veremos claramente que força leva a retribuir uma coisa recebida e, em geral, a executar os contratos reais.

Em resumo, nós tentamos ao longo deste subtópico comentar as sementes presentes do Oásis a partir de uma dupla perspectiva: pelas suas características dadivosas e materiais – elas podem ser armazenadas (com isso, é válido perceber que elas ocupam um “espaço físico”, geralmente em algum risco rígido de computador), e podem ser dispersas enquanto presentes (na qual são estabelecidas vinculações éticas e morais que “obrigam” as pessoas a retribuírem). Como vimos, observamos que o debate em torno de alguns elementos que compõem o conjunto de normas e regras que regulam a entrada de sementes na comunidade foi crucial para traçarmos um rápido esboço do que constitui uma semente digital neste fórum. Em termos gerais, notamos que tais objetos não podem ser compreendidos somente enquanto “arquivos de computador”, mas enquanto sementes presentes ofertadas como dádivas exatamente por possuírem e carregarem uma “aura”. E tal julgamento se expressa através desse “controle de qualidade” exercido pela equipe de moderação ao regular a entrada das sementes no fórum. Vimos também a respeito

⁶² Objetivamente, não há nenhuma proibição técnica que impeça uma semente de ser enviada enquanto um “arquivo anexado” através de uma troca de mensagem privada entre membros. Em muitas situações, pessoas com dificuldades de criarem sementes digitais para compartilharem na comunidade pedem auxílios de pessoas mais experientes que se encarregam de criar a semente, enviar ao interessado, que finaliza a postagem de apresentação de determinada semente no fórum. Contudo, é sempre a postagem ou oferecimento público de sementes que demarca o verdadeiro sentido do compartilhamento de sementes digitais no Oásis.

da obrigação de retribuir, mas também pudemos observar que no Oásis não se retribui qualquer coisa ou de qualquer forma, pois existem as sementes consideradas “bizarrras” ou “*trashs*” (muitas delas se tornam sementes banidas). Por outro lado, existe um outro tipo de semente que são consideradas extremamente valiosas pelos membros desta comunidade e é sobre elas que vamos nos deter no próximo subtópico deste capítulo.

3.2.2. As sementes recomendadas

[...] Peguei [essa semente] quando você comentou algo lá no fbook [Facebook], mas ainda não tinha visto. Que bom! Agora vou nesse novo e superior release. Lindíssima recomendação para a retomada deste destaque. Dá-lhe [Oásis]!!! (Grupo: Tradutores / maio de 2015).

Que maravilha! Super curti esse lance da Recomendação! Baixando já! (Grupo: Tradutores / maio de 2015).

Recomendação do [Oásis]? Baixando já!! (Grupo: Agitadores / maio de 2015).

Sugestão aceita. baixando e logo mais semeando. Obrigado. (Grupo: Membros / maio de 2015).

Um outro tipo de semente circula pelo Oásis. A partir de agora, vejamos algumas características que compõem as chamadas *sementes recomendadas*. As primeiras perguntas que devemos ter em mente ao iniciarmos esse debate poderão ser as seguintes: por que essas sementes são recomendadas e quais são as pessoas responsáveis por tais recomendações? Debateremos dois segmentos de análises a essas indagações: uma mais direta e outra que concebe um debate mais aprofundado em torno dessas singularidades digitais. De início, anunciaremos que tais sementes ascendem à condição de recomendadas por se destacarem enquanto boas versões de sementes extremamente raras e que apenas membros selecionados pela equipe de moderação possuem a permissão de recomendar alguma semente. No caso das sementes presentes, qualquer pessoa do fórum está apta a oferecer uma semente à comunidade, mas as coisas mudam de termos quando pensamos sobre esse tipo especial de oferecimento de sementes digitais. Vejamos abaixo uma postagem realizada por um dos membros da equipe de moderação que esclarece algumas características que compõem as razões de existência das sementes recomendadas.

Este post marca o início de uma ação que pretendemos desenvolver aqui no fórum. Os mais antigos devem se lembrar que as "Recomendações do [Oásis]" já existiram no fórum mas, por uma razão ou outra, foram interrompidas. Vamos tentar novamente praticá-las, inicialmente com os membros da equipe que administra o fórum recomendando [as sementes] e depois, paulatinamente, chamando a todos os membros para participar - vamos divulgar oportunamente como poderá ser feita a participação. [A semente recomendada sempre será bem semeada], em boa versão e com as [traduções] revisadas. [Cita o nome de uma semente], por exemplo, já havia sido [postada] aqui há alguns anos, e volta em forma de upgrade. Obrigado a todos! (Grupo: Veteranos / maio de 2015 / grifos nossos).

Como podemos notar, uma semente recomendada assume essa característica exatamente por ser uma dádiva que se destaca entre os outros tantos presentes. Elas se destacam por serem consideradas “boas versões” (ou “*releases*”⁶³) de específicos conteúdos culturais digitalizados previamente selecionados, e tal qualidade é auferida a partir de duas diferentes perspectivas: primeiro, pelas qualidades consideradas estritamente grandiosas dos *conteúdos sensíveis* que cada uma dessas sementes carregam individualmente (o que levaria muitas pessoas a classificarem tais objetos enquanto coisas “espetaculares”, “pérolas” ou mesmo “obras-primas”); segundo, pela excelente qualidade técnica do *release* (ou versão) da cópia ofertada (ato concebido através de um processo conhecido como *ripagem*⁶⁴). Como podemos notar, para ser considerada uma semente digital recomendada, tal artefato necessita possuir uma *combinação sensível de perfeição* em ambos os atributos descritos. Observemos as postagens abaixo que foram realizadas em forma de comentários em diferentes sementes recomendadas no fórum:

Uma obra-prima que conheci graças a este fórum. Recomendo! (Grupo: Membros / junho de 2016).

Só os céus sabem o quanto amo [esta semente], meu amigo! E bastante feliz por vê-lo aqui nesta cópia! (Grupo: Agitadores / janeiro de 2016).

É [uma grande semente] e essa cópia [...] é muito boa, clara, limpa [...] Grande postagem. Abraços. Carpe diem. (Grupo: Agitadores / março de 2012).

Há tantos elementos importantes, humanitários e poéticos dentro de [uma semente tão simples e grandiosa como essa] que é impossível enumerar. Vou

⁶³ A partir de uma tradução literal, o termo *release* significa liberação, lançamento ou oferecimento de qualquer tipo de conteúdo ou produto. Toda semente digital oferecida no Oásis também pode ser entendida enquanto um *release* de algum dado digitalizado, que nasce a partir de uma *ripagem* de algum conteúdo original previamente selecionado por tais agentes.

⁶⁴ A ação denominada “*ripagem*” pode ser entendida como uma das etapas do processo de constituição de uma cópia de algum conteúdo digitalizado. Tal ação consiste em elaborar modificações no conteúdo original que permitam a criação de uma cópia sem restrições de acesso ou chaves de proteção que visem impedir a livre circulação de tais arquivos.

apenas agradecer aos amigos do fórum pela oportunidade de recomendar e compartilhar [esta semente] na melhor qualidade possível [...] (Grupo: Conselheiros / março de 2016).

Só aqui no [Oásis] achamos essas pérolas. Valeu mesmo! (Grupo: Membros / outubro de 2015).

Se diariamente o Oásis pode chegar a receber em média algo em torno de três ou quatro sementes presentes⁶⁵, as recomendadas não passam de uma ou duas por mês (no máximo). Nesse sentido, o ato de recomendar sementes é uma ação proposta pela equipe de moderação do fórum para estimular a dispersão de sementes consideradas de extrema qualidade, raridade, importância e bom gosto. Além do mais, tais sementes assumem tal condição de destaque exatamente por possuírem características técnicas superiores, o que levariam alguns membros do Oásis às classificarem enquanto *upgrades*⁶⁶, *rips* exclusivos⁶⁷ ou postagens de superior *release*. Outra característica que singulariza as sementes recomendadas é exatamente o grau de excelência no modo como tais objetos são ofertados ou oferecidos na comunidade. Para isso, grupos específicos de pessoas que se especializaram na *arte de postagem de sementes no fórum* assumem esta pretenciosa missão de oferecer (da melhor forma e na melhor qualidade possível) sementes digitais. Vejamos abaixo uma sequência de comentários postados em um tópico sobre uma semente recomendada:

Essa baita postagem me fez lembrar daqueles releases incríveis que você trouxe há alguns meses e que, por sinal, foram revisitados com grande frequência durante esse "tempo livre" que tive. Comentei com o [cita o nick de um membro] há pouco tempo que não há sensação melhor de ver como as coisas aqui não param... não importa o tempo que passe! Mais uma vez obrigado por trazer [outra ótima semente] [...] (Grupo: Tradutores / junho de 2015).

Absolute nonsense!? [A semente certa] para estes dias. Obrigado, [cita nick da pessoa responsável pela postagem] (Grupo: Agitadores / junho de 2015)

⁶⁵ Essa informação foi determinada após uma catalogação realizada por nós por um período de dois meses, entre maio e junho de 2016. Durante esse período de sessenta dias, nós contamos e registramos todas as sementes digitais que foram oferecidas no Oásis, e a partir daí realizamos uma média geral da quantidade oferecida no fórum diariamente.

⁶⁶ Um *upgrade* de uma semente digital nada mais é do que o oferecimento de um *release* com qualidade superior (em termos técnicos) de alguma semente já existente no fórum.

⁶⁷ *Rips* ou ripagens exclusivas são cópias oferecidas especialmente para os membros deste fórum. Ou seja, são cópias de sementes digitais que não existem (a mesmo a priori) em nenhuma outra comunidade.

[Semente] Fenomenologicamente [perfeita]!!! Gratidão [cito nick da pessoa responsável pela postagem]! (Membro: valentim / Grupo: Agitadores / junho de 2015).

Nossa senhora!!! Não tem uma vez que eu não entre aqui no [Oásis] e não encontre uma perola tipo essa! Só posso agradecer a todos por manter o melhor fórum brasileiro de [sementes] de todos os tempos! Vida longa ao [Oásis]! (Grupo: Membros / junho de 2015).

Em um sentido específico, ter a possibilidade de recomendar uma semente no fórum é visto por alguns membros como uma grande oportunidade, ou mesmo como um privilégio. Através de nossas observações em campo pudemos notar que os membros do grupo “Veteranos” (ou verdinhos) são as pessoas encarregadas de conceberem tal privilégio aos demais membros do fórum (ou a eles mesmos). Muito desse processo acontece através de comunicações particulares entre a equipe de moderação e a pessoa convidada a recomendar uma semente, então não poderemos explicitar de modo bem preciso como de fato tais situações se desenvolvem. Entretanto, notamos que apenas pessoas consideradas dedicadas a esse coletivo possuem o privilégio de recomendar a todos e todas uma semente digital. Na troca de mensagens abaixo, um membro do grupo Moderadores (PESSOA A) agradece a dois membros do grupo Veteranos tal oportunidade que acabara de lhe ser concebida. Em resposta, quem agradece de volta é um desses Veteranos (PESSOA B), e cita como razão desta oportunidade o grande envolvimento deste membro no fórum. Vejamos:

PESSOA A: Com mais uma recomendação do fórum, trago [a semente] que faz jus aos meus avatares. 😊 Agradeço ao [cita os nicks de dois membros Veteranos] por dar o privilégio do post a mim. Obrigado! (Grupo: Moderadores / junho de 2015).

PESSOA B: Nós é que agradecemos! Sua dedicação ao fórum é tremenda, cara. E parabéns pelo post! (Grupo: Veteranos / junho de 2015).

Em um outro caso, um membro do grupo Tradutores agradece a uma dupla de membros do grupo Veteranos a oportunidade que lhe foi concebida de recomendar o *upgrade* de uma semente já existente no fórum. Tal cyberagricultor afirma que espera que as outras pessoas que aceitarem a indicação do presente se sintam tão *afetadas* (ou “*impactadas*”) por essa semente quanto ele mesmo se sentiu.

Este upgrade foi postado em decorrência do convite que [cita o nick de dois membros do grupo Veteranos] me fizeram para que eu indicasse [alguma

semente]. [...] Agradeço aos dois pelo convite e ao [cita o nick de um membro do grupo Veteranos] por toda a ajuda. Espero que aqueles que aceitarem a indicação sintam-se tão impactados por [essa semente] quanto eu me senti (Grupo: Tradutores / junho de 2016).

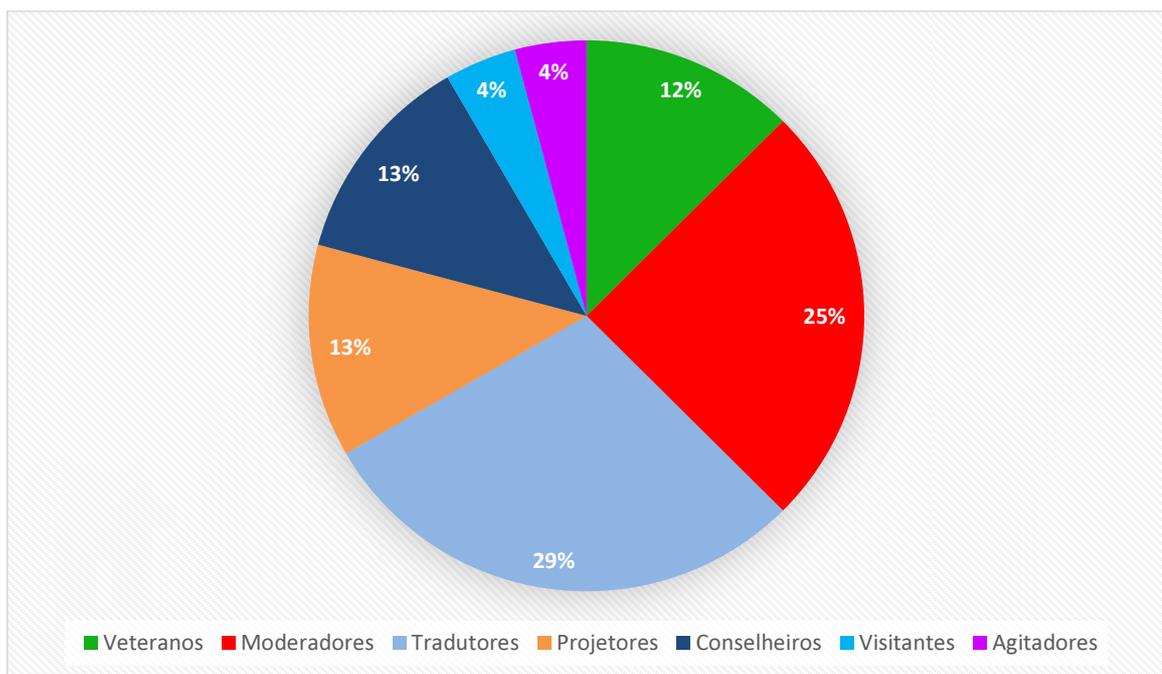
Como vimos, uma das bases da economia do compartilhamento é a própria ação da doação e do oferecimento. Entretanto, no Oásis (ou em alguns outros locais onde predominam “sistema dos presentes”) é sabido que não se oferece qualquer coisa ou de qualquer forma. O ato de apresentar ou oferecer corretamente uma semente consitui-se como algo tão importante entre tais agentes, que podemos imaginar que essa atividade chega a ser separada em duas diferentes linhas de atuação: de um lado, estariam aquelas pessoas que teriam a habilidade de descobrir, caçar ou traçar os rastros das tais preciosas sementes, como se tivessem um senso ou faro para descobrir em outros fóruns ou comunidades novas sementes para serem oferecidas (sempre devidamente traduzidas) aos membros do Oásis; do outro lado, podíamos perceber aquelas pessoas com habilidades louváveis e reconhecidas em preparar uma postagem de oferecimento destas sementes à toda a comunidade, sempre levando em conta as regras de postagens de sementes estabelecidas pelas “Regras do Fórum”.

Mas, se o ato de recomendar sementes pode ser visto como uma condição de privilégio dentro do fórum, podemos nos indagar quem são essas pessoas e de quais grupos elas são provenientes. Além do mais, podemos nos indagar que tipos de artefatos são esses e as razões de serem considerados tão preciosos e valiosos para esses agentes. Como desta vez estávamos diante de uma quantidade bem menor de sementes (apenas 24 sementes haviam sido recomendadas até julho de 2016), foi possível neste tópico nos aventurarmos em pequenos correspondentes estatísticos que nos possibilitaram debater algumas características das tais sementes digitais recomendadas. Tais correspondentes foram importantes porque nos ajudaram a traçar vínculos estabelecidos entre os doadores, os donatários e os artefatos compartilhados. Eles não apenas revelaram importantes características quantificáveis das sementes recomendadas, como lançaram luzes que nos informaram a respeito das alianças realizadas nesta comunidade entre as pessoas e as coisas doadas.

Então, para continuarmos nosso debate, voltemos à questão: quem são as pessoas responsáveis pelas recomendações de sementes no Oásis? Nesse

momento, vale rememorar a discussão debatida no capítulo anterior a respeito do sistema de classificações presente no Oásis que distiguem os membros de acordo com suas *performances* e *participações* na comunidade. Isso porque mais uma vez será de uma importância crucial termos em mente que é a partir deste complexo sistema de classificações que se arquiteta os princípios das hierarquias e das composições das zonas exclusivas de privilégios, incluindo a possibilidade de alguém vir a ser um oferecedor de sementes recomendadas. Ao observamos o gráfico abaixo (GRÁFICO 02), podemos perceber que os grupos dos membros que mais realizaram recomendações no fórum foram exatamente: Tradutores (29%); Moderadores (25%); Conselheiros e Projetores (13%); Veteranos (12%); Visitantes e Agitadores (4%).

GRÁFICO 02: Porcentagem referentes aos grupos no qual estão inseridas as pessoas que realizaram recomendações de sementes no fórum.



Fonte: Pesquisa direta do autor (julho de 2016).

Como pudemos observar, os privilégios concebidos aos membros que mais recomendam sementes estão de alguma forma articulados com o *desempenho das performances* de tais pessoas em coletar e oferecer de forma correta tais preciosidades no fórum. Nesse sentido, são exatamente os membros do grupo “Tradutores” os responsáveis pelo maior número de recomendações de sementes.

Iremos realizar um debate mais aprofundado sobre este tema específico no próximo capítulo, mas podemos adiantar que este fato talvez decorra em razão da obrigatoriedade do acompanhamento das *traduções de sementes* para todos os conteúdos compartilhados em idiomas estrangeiros no Oásis.

Em termos gerais, a regra que impele a obrigatoriedade das traduções de sementes em todas as postagens no Oásis é reconhecida pelo próprio Manual de Regras como um dos pontos chave que diferencia o Oásis de outros “sites de torrents”⁶⁸. De acordo com este ponto, não faz sentido hospedar no Oásis sementes sem traduções, já que essas sementes já podem ser consideradas armazenadas em outros “excelentes sites de torrents” (por exemplo, o famoso e polêmico site *The Pirate Bay*⁶⁹). Além do mais, também fica expresso neste ponto o entendimento de que o Oásis não possui muito espaço (em relação ao volume de hospedagem de dados) para armanezar esses “torrents”. Assim se apresenta uma das principais razões levantadas pela moderação para justificar a ação de seleção de sementes.

4 [Traduções]: Em português, seja do Brasil ou de Portugal, mas sempre em português e, de preferência, Português do Brasil! As [traduções] são obrigatórias! Postagens de [sementes em traduções] serão ocultadas e o autor comunicado para que providencie as [traduções]. Por quê? Simples. Existem excelentes sites de torrents para baixarmos [sementes sem traduções], como o thepiratebay.com, demonoid.com e o isohunt.com, por exemplo. Não faz o menor sentido postar [sementes sem traduções] aqui no [Oásis] se esses torrents já estão hospedados nesses sites citados anteriormente. Não é a proposta do site disponibilizar [sementes sem traduções]. Não possuímos muito espaço para armazenar esses torrents, o que nos obriga a sermos ainda mais seletivos e não vemos motivo nenhum para fazermos um site igual a muitos que já existem por aí. Não é nossa intenção reinventar a roda. Além disso, é sempre importante dar o crédito das [traduções] a quem as ripou ou traduziu quando [a semente for postada]. (Grupo: Controller / janeiro de 2007, grifos nossos).

Mas o campo da produção de regras e normativas que efetivamente controlam a entrada de sementes no Oásis continuam produzindo suas próprias

⁶⁸ A expressão “sites de torrents” pode ser compreendida como uma tentativa de caracterizar diversos fóruns ou comunidades na internet especializados em oferecer sementes digitais para compartilhamento.

⁶⁹ O site “The Pirate Bay” (TPB) talvez possa ser considerado o mais famoso “site de torrents” existente na internet. E apesar dele também ser especializado no oferecimento de sementes digitais para compartilhamento, não podemos entender que esta comunidade tenha muito em comum com o Oásis em seus aspectos mais específicos. E talvez a grande diferença esteja sustentada na não exigência da criação de identidades ou perfis virtuais para que as pessoas possam acessar, baixar ou compartilhar as sementes digitais existentes no TPB. Como já debatemos no capítulo anterior, no Oásis não é permitido o anonimato, ou seja, todas as pessoas precisam criar um perfil público para que possam desfrutar dos conteúdos existentes no fórum. Enquanto que no TPB é possível navegar e baixar sem necessariamente exigir das pessoas a criação de perfis.

especificações da *arte do cultivo* de tais artefatos. Nesse momento, prestemos atenção nas atribuições ainda delegadas às pessoas que postam sementes por lá. O trecho destacado abaixo (ainda do “Manual de Regras”) expõe de forma um pouco mais qualificada o entendimento de que é responsabilidade dos membros postadores examinar e checar (antes de oferecer determinada semente ao fórum) a qualidade das traduções de tais artefatos. Com isso, pretende-se evitar erros de gramática ou erros técnicos (por exemplo, falha de decodificação ou dessincronização) que poderiam vir a prejudicar o acesso das pessoas a essas traduções.

4.1 Não existe nada pior do que baixar [uma semente] durante horas e, quando terminar, descobrir que as [traduções] estão dessincronizadas ou mal traduzidas. Não é nada bom para a comunidade. Então, confira se a [tradução] que você está postando é realmente a [tradução] correta para o release que você postou. Procure revisar as [traduções], pelo menos passando-as em um corretor ortográfico (por exemplo, aquele do Microsoft Word). Baixe [a semente toda] antes de postar aqui para ter certeza de que está tudo certo (Grupo: Controller / janeiro de 2007).

Como vimos, o ponto quatro do “Manual do Regras” do Oásis deixa bem explícito algumas normas e diretrizes, especialmente referentes à esta ação caracterizada como “traduções de sementes”. Tais diretrizes constituem basicamente a normalização da regra geral em relação às traduções: todas as sementes em língua estrangeira postadas no Oásis devem obrigatoriamente ser apresentadas traduzidas. Em muitos momentos, as sementes já são ripadas pelos postadores com suas respectivas traduções (o que muitos denominam como “traduções oficiais”), mas podem ocorrer situações na qual os próprios membros da comunidade precisam criar suas próprias traduções de suas sementes antes de oferecê-las à comunidade (no fórum, essa ação é denominada “traduções exclusivas”). Assim, os Tradutores são, em certa medida, aquelas pessoas responsáveis por fazer valer esta regra que poderia ser pensada como uma das mais imprescindíveis e obrigatórias regras de postagem de sementes do Oásis. Diante deste fato, poderíamos afirmar que os membros do grupo Tradutores poderiam ser assim classificados por suas habilidades consideradas primorosas na arte de transformar uma *semente dispersa* (no sentido de não catalogada, sem informações, sem traduções) em uma semente presente, recomendada, ou seja, digna de uma dádiva a ser ofertada.

Em sentido estrito, os membros do grupo Tradutores talvez possam ser compreendidos como os *mestres das ofertas*, das boas sementes. E tal “habilidade de tradução” talvez seja melhor apresentada se for refletida não apenas a partir de uma referência semântica ou gramatical (no sentido de efetivamente produzir a tradução de um texto linguístico), mas através de uma *prodigiosa alquimia conceitual* que concebe a arte da criação de sementes digitais a partir de qualquer arquivo de computador. O sentido de “tradução” aqui explorado provém da capacidade de tais agentes em transformar uma simples mercadoria ou um arquivo de computador qualquer em um *presente potente*, extremamente raro e permeado por *sensibilidades*. Isso porque o Oásis é o reino dos presentes, das oferendas e das dádivas; por esta óbvia razão, nele não há espaço para “mercadorias” (no sentido atribuído pela razão neoliberal a esses objetos). Nesse sentido, para uma mercadoria digital ter espaço no Oásis, ela precisará ser traduzida e transformada em uma dádiva-semente. E essa transformação necessita garantir a realização da *mudança espiritual* embebida na constituição ontológica desses artefatos, já que mercadorias são proibidas no Oásis. Basta um simples sinal de que alguma semente digital seja uma mercadoria, e ela será banida definitivamente do Oásis.

Outra característica importante que ressaltamos é essa pretensa “aura espiritual” das sementes recomendadas. Tal perspectiva pode ser percebida através da ideia que envolve o conceito “*release exclusivo*”, atribuído ao resultado do processo de constituição de uma cópia ofertada. Nos termos expostos por esta pesquisa, um *release* significa o resultado de uma *ripagem*, realizada a partir da transformação de alguns tipos de conteúdos digitalizados⁷⁰ em um outro tipo de arquivo (de menor tamanho e com qualidades reduzidas). Com o processo de *ripagem* é possível criar – através da compactação e do uso de um tipo especial de ferramentas denominadas *codecs* – um *release* (ou seja, uma cópia) de um arquivo que pode chegar a ser 90% menor (em termos de tamanho) do que a fonte original. E se o processo for bem executado, a perda de qualidade atribuída ao *release* criado será quase mínima. Através do processo de *ripagem*, as pessoas tentam garantir a melhor qualidade de uma cópia de um arquivo com a menor quantidade de *bits* possíveis. Isso por uma

⁷⁰ Geralmente esse processo é realizado em materiais que contenham conteúdos de áudio e de vídeo, mas a *ripagem* pode abranger diversos tipos de arquivos.

razão óbvia: quanto menor ou mais leve for as sementes digitais, mais fáceis e ágéis serão o processo de seu semeio e sua dispersão.

Para entendermos melhor esta ideia, basta termos em mente que o processo de ripagem não pode ser reduzido necessariamente à criação de uma cópia de um conteúdo a partir de uma fonte original. Isso porque a ripagem tende a criar um outro tipo de arquivo, bem diferente (em seus mais amplos aspectos) daquele que ele tende necessariamente a copiar (por mais que a ripagem pareça ou tenha por finalidade emular de forma idêntica o arquivo-fonte). Nesse sentido, vale destacarmos que existe um conjunto especial de regras que pretendem estabelecer parâmetros normativos de regulação das regras de ripagens dos arquivos que irão compor as sementes digitais. Isso significa dizer que certas técnicas de ripagens, determinados tipos de arquivos e o uso de específicos *codecs* são de fato obrigatórios a todas as sementes presentes no Oásis.

Por razões que perpassam as nossas *estratégias de ocultamento*, optamos por não revelarmos informações detalhadas sobre o processo de ripagem de conteúdos digitalizados pelos membros deste fórum. Isso em razão dos acordos que foram feitos entre nós e a equipe de moderação (e outros membros, em geral) durante o momento inicial de negociação das possibilidades de realização desta pesquisa. De todo modo, poderemos apresentar alguns dados (de forma mais genérica) que serão extremamente importantes em nossa tentativa de melhor apresentarmos as sementes digitais a partir de suas expressões técnicas de composição dos releases.

É exatamente o ponto 3.5 do “Manual de Regras” que expressa algumas exigências correspondentes a qualidade dos releases postados no Oásis. Notadamente, podemos afirmar que a comunidade não permite a postagem de cinco tipo (ou extensões) de arquivos. Contudo, consideramos importante notarmos que esta proibição ocorreu apenas mais de dois anos após a criação do fórum. O movimento é bem parecido com o que ocorreu no processo de criação das regras gerais do fórum: primeiro acontece a vivência e a experiência, depois é que os processos de regulações são anexados. Isso é importante de ser destacado porque salienta que o processo de criação das regras nesta comunidade não pode ser observado como algo fixo, mas como um caminho ou movimento fluído e que estão em constantes transformações. Vejamos:

3.5 - QUALIDADE DOS RELEASES POSTADOS: A partir de 22/10/2008 não será mais permitida a postagem de releases que possuam qualquer uma das seguintes características: [cita cinco tipos de arquivos ou extensões proibidas] [...] (Grupo: Controller / janeiro de 2008).

A definição desses tipos de arquivos proibidos advém da necessidade de tentar garantir (a partir do momento de definição deste interdito) que apenas sementes de qualidade reconhecidas enquanto *superiores* repousem pelo Oásis. Deste momento em diante (janeiro de 2008), tais pessoas entenderam que as sementes digitais carregavam coisas muito preciosas para serem apresentadas de qualquer forma, ou seja, em ripagens de menor qualidade. Deste modo, criou-se no Oásis um grupo específico de pessoas especializadas em sempre zelar pela extrema qualidade dos releases postados. Tais pessoas são reconhecidas por possuírem a capacidade de ripar arquivos, e por sempre respeitarem as regras quanto ao uso dos *codecs*, extensões e formatos de arquivos permitidos.

Nesses aspectos, membros mais dedicados a esta atividade no fórum desenvolveram um tipo especial de release denominados “rips exclusivos”, que nada mais são do que releases lançados por membros do Oásis para serem compartilhados exclusivamente no Oásis. Vale destacar que (apesar do termo exclusivo) nada impede esses *rips* de seguirem outros caminhos e serem compartilhados fora do Oásis. A marcação simbólica que advém do termo “exclusivo” serve apenas para demonstrar que tais membros realizaram tal ripagem visando exclusivamente garantir o oferecimento de tal dádiva aos membros desta comunidade específica. Assim, não é incomum notarmos os *nicks* das pessoas que realizaram tais *rips exclusivos* ou o próprio nome da comunidade Oásis atrelados aos títulos desses releases. Especulamos que essas ações aconteçam porque tais pessoas desejam atrelar alguma identidade ou marca criativa aos releases que elas mesmas produzem para circular pela internet. Dito de outro modo, isso é apenas mais uma forma de pessoas e coisas se misturarem em seus caminhos e em suas específicas trajetórias.

Seguindo esta linha de pensamento, podemos afirmar que os releases exclusivos são muito apreciados pelos membros do Oásis. Eles são interpretados como atos de extrema gratidão e zelo (especialmente para com o fórum), exatamente por suas produções exigirem dedicação e domínio de uma específica *expertise*. Além do mais, o ato de ripar conteúdos também requer computadores potentes, e a

realização de uma única ripagem pode levar muitas horas para ser concluída. Dentro deste cenário, membros capazes de criar os próprios releases dos conteúdos que irão ser compartilhados possuem muito mais chances de vir a ser agraciados com a possibilidade de recomendar uma semente. Observamos que este ato pode ser entendido como uma boa oportunidade para alguém ofertar (da melhor forma possível) um novo release exclusivo que tal indivíduo acabou de criar (seja sozinho ou em colaboração com outros membros). Nossas observações detalhadas das 24 sementes recomendadas no fórum nos mostraram que exatamente metade delas (50% do total) podem ser classificadas enquanto releases exclusivos, ou seja, enquanto ripagens de conteúdos criadas por membros do Oásis especialmente para essa comunidade e seus usuários.

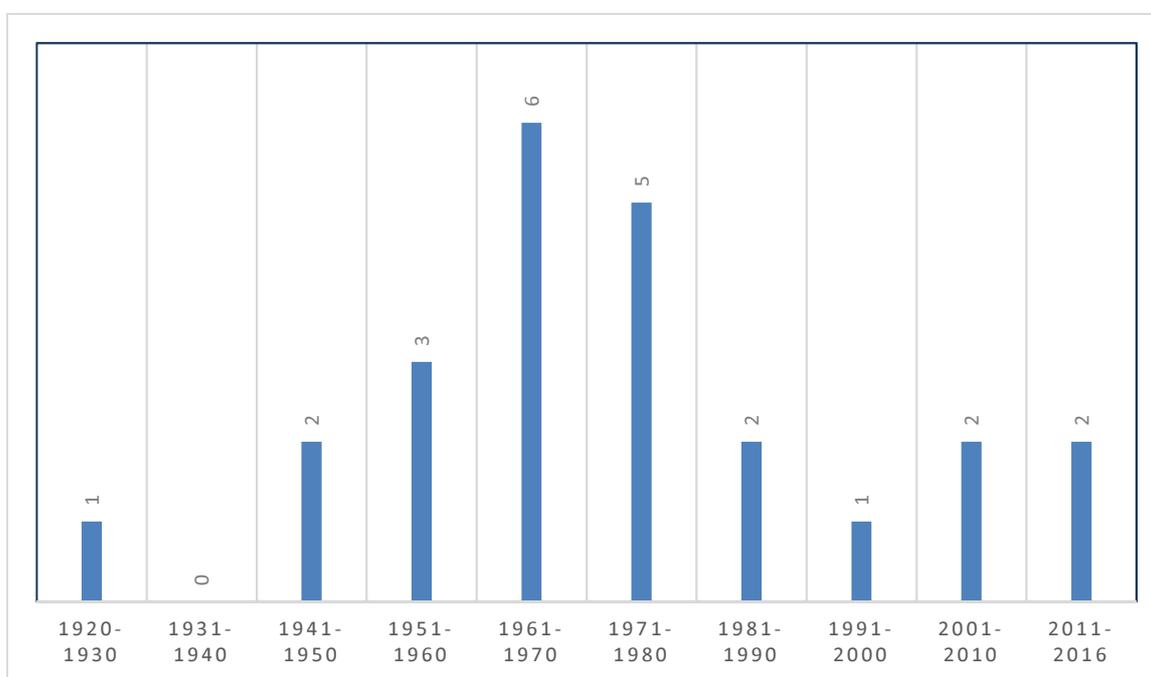
Outro aspecto importante a respeito dos *rips* considerados de extrema qualidades são uns tipos de releases conhecidos como “upgrade”. De acordo com nossas próprias investigações, pudemos observar que cerca de 79% das sementes recomendadas no Oásis podem ser qualificadas enquanto este tipo de arquivo. Neste fórum, um *upgrade* é um release em uma melhor qualidade de alguma semente já existente na comunidade. Nesse sentido, a importância do upgrade está associada à sua capacidade de perpetuar a “qualidade do antigo”, ao invés de um pretensão culto à novidade. Em um certo sentido, a ideia é garantir que o Oásis não seja um local para abrigar releases de conteúdos recém-lançados. Isso se aplica como uma regra geral, e tal diretriz entende que o mais importante é tentar garantir a alta qualidade do release compartilhado.

[...] Compartilhar lançamentos não é o objetivo do fórum e, por esse motivo, não vemos a necessidade de termos um release de qualidade inferior pelo simples fato de ser lançamento. [Sementes] com essas características serão imediatamente [ocultadas] pela equipe de moderação e assim ficarão por até 48 horas, quando serão [deletadas], ou até que o autor do tópico ou outro membro disponibilize [uma outra semente] para substituição (Grupo: Controller / janeiro de 2008).

Mas o que tais pessoas entendem enquanto lançamentos? E por que tais novidades são consideradas indesejáveis? Como acabamos de ver em mais uma citação do “Manual de Regras do Oásis”, tais diretrizes expressam de forma bem clara que “compartilhar lançamentos não é objetivo do fórum”. E se tais releases de novidades costumam ser acusados de *rips* com qualidade inferior, isso acontece

porque muitas vezes tais ripagens ignoram os lançamentos oficiais de tais conteúdos por parte de seus editores ou criadores. Por esta razão, muitos desses *rips* são versões de conteúdos incompletos ou não finalizados de produções alheias. E, como vimos, tais conteúdos são banidos ou proibidos no fórum. Assim, todas as sementes compartilhadas no Oásis precisam ser referenciadas por sua data oficial de lançamento, tendo como referência o ano na qual tais conteúdos foram disponibilizados em mercados formais. Analisemos o GRÁFICO 03 abaixo:

GRÁFICO 03: Ano de referência das datas oficiais de lançamentos das sementes recomendadas no Oásis.



FONTE: Pesquisa direta do autor (julho de 2016).

Tal gráfico apresenta uma correlação estatística entre as chamadas datas oficiais de lançamento dos conteúdos das sementes e a quantidade de sementes recomendadas no fórum divididas em um período de dez décadas (nesse caso, entre 1920 e 2016). Como pudemos notar, a semente com data de lançamento oficial mais antiga do fórum foi lançada na década de 20 do século passado, e nenhuma semente da década de 30 desse mesmo período havia sido recomendada por algum membro do Oásis. Nas duas décadas seguintes, exatamente duas sementes da década de 40 e três sementes da década de 50 haviam sido recomendadas. Mas é da década de

60 de onde provém a maior quantidade de semente recomendadas no Oásis (no caso, seis sementes, ou $\frac{1}{4}$ do total de 24). E o outro período que corresponde a data de lançamentos oficiais das sementes mais admiradas no fórum é exatamente a década seguinte (1971-1980), com cinco sementes deste período na seleta categoria “recomendadas”. Nas décadas seguintes, podemos notar um relativo equilíbrio (predominando um acentuado decréscimo) na quantidade de sementes recomendadas provenientes destes períodos, com uma variância mínima entre uma ou duas sementes de cada década.

Com isso, entendemos que as sementes que os membros do Oásis classificam enquanto ideiais desafiam a “lógica dos lançamentos” de releases de conteúdos em cerca de 60 anos retrospectivos, em relação aos dias atuais (meados de julho de 2016). Pensemos mais uma vez na importância do *upgrade* e principalmente o que isso revela sobre o Oásis. De um modo geral, os cyberagricultores valorizam muito mais *releases* de maior qualidade de conteúdos antigos (especialmente aqueles lançados da década de 60 ou 70 do século passado) em detrimento aos *rips* de conteúdos de obras mais atuais (década de 80 em diante). Nos comentários selecionados abaixo, um dos membros do grupo Tradutores levanta a voz na comunidade contra aquilo que denomina de “hegemonia dos lançamentos recentes”. Em suas palavras, o ato de recomendar sementes pretende estimular o compartilhamento e semeio de conteúdos mais antigos no fórum. Isso em razão da “invasão” das novidades entre as sementes mais baixadas no Oásis.

Ver [essa semente] na listinha de [sementes mais baixadas] é a maior prova de que o retorno das Recomendações do Fórum foi uma excelente medida. Sempre bom ver essa lista ser invadida por [uma semente] que não seja dos últimos 3 anos... 😊 (Grupo: Tradutores / maio de 2015)

Coisa linda! Mais uma recomendação do fórum entrando na lista [das sementes mais baixadas] e quebrando a hegemonia dos lançamentos recentes. 😊 (Grupo: Tradutores / julho de 2015).

Mais uma recomendação do fórum que sobe para a lista [das sementes mais baixadas, desafiando a lógica dos lançamentos e títulos mais populares... 😊 (Grupo: Tradutores / agosto de 2015).

É muito importante observar que logo no primeiro comentário tal membro expõe uma crítica ao que podemos entender como um predomínio das sementes

lançadas nos “últimos três anos” (ou seja, os últimos lançamentos ou novidades do momento) entre as mais baixadas do fórum. Tal constatação poderia sugerir que muitas vezes o apelo pela valorização das sementes mais antigas não atingiria a maioria dos membros da comunidade do mesmo modo. E uma das consequências desse fato seria exatamente a relativa baixa adesão dos membros (de um modo geral) a aceitarem como presentes essas tão preciosas dádivas mais antigas. Isso pode ser observado através da análise do registro da quantidade de *downloads* da semente recomendadas mais baixada, em comparação a quantidade de *downloads* da semente presente (ou seja, não recomendada) mais aceita. Nos extremos, a semente recomendada mais baixada pelos membros do fórum havia sido recebida exatamente 674 vezes; enquanto que a semente presente mais aceita havia sido baixada exatamente 5,500 vezes (QUADRO 06).

QUADRO 06: Comparativo entre as quantidades das sementes presentes e as sementes recomendadas mais baixadas no fórum.

Tipo de semente	Ano (lançamento)	Quantidade de <i>downloads</i>	Quantidade de comentários
Semente presente comum mais baixada	2011	5,500	516
Semente recomendada mais baixada	1974	674	48

FONTE: Pesquisa direta do autor (julho de 2016).

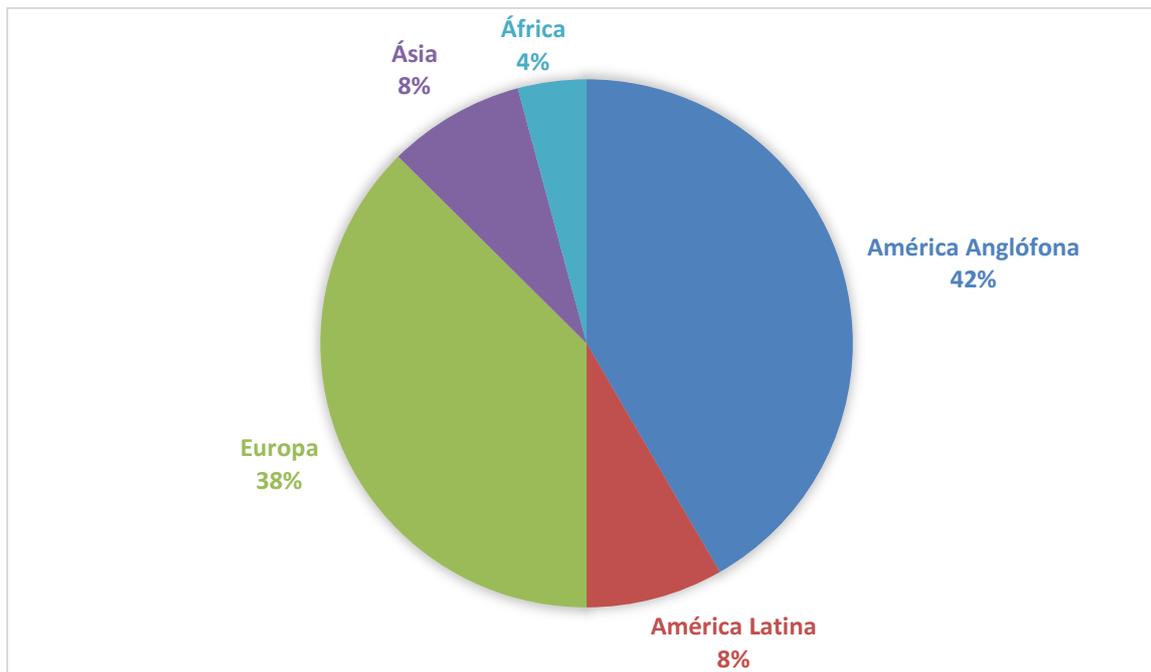
Apenas a efeito de comparação (QUADRO 06), uma simples consulta aos registros de *download* de uma semente dos “últimos três anos” plantada no Oásis nos mostrou que tal semente contava com um número de *downloads* extremamente alto em comparação à semente recomendada mais baixada no fórum (no caso específico, estamos falando de uma semente lançada oficialmente em 2011). Até meados de julho de 2016, tal semente havia sido baixada 5,500 vezes. Deste modo, esse apreço pela novidade concebida enquanto “hegemonia das sementes recentes” se confirmam quando relacionamos e pensamos quantitativamente esses números. Por mais que não tenhamos trabalhado com tais dados de forma abrangente, podemos entender que tais números nos informam sobre algo bem particular a respeito do universo das sementes digitais existentes no Oásis. Nessa linha argumentativa, podemos também ampliar o escopo de compreensão das formas de trocas nessa comunidade ao pensarmos sobre as relações dessas pessoas com as tais sementes, a partir da

observação quantitativa de seus envolvimento em debates, comentários e discussões públicas referente à postagem de cada um desses arquivos. Se ainda observarmos o QUADRO 06, poderemos notar que a semente presente mais baixada no fórum se destaca em relação à semente recomendada mais baixada por ter gerado uma discussão dez vezes maior em termos de comentários e de bates (ou seja, 516 comentários contra 48 [até meados de julho de 2016]). Com isso, podemos inferir que mesmo o ato de recomendar sementes proposto pela equipe de moderação do fórum não garante um maior envolvimento dos membros em torno desses específicos artefatos.

Em seguida, tentaremos compreender outra característica crucial que compõem os *regimes de existências* das sementes recomendadas no Oásis. Estamos nos referindo aos tamanhos dos arquivos, em termos de capacidade de armazenamento de dados em unidades computacionais conhecidas como *bytes*, *megabytes* ou *gigabytes*. Como já havíamos comentado anteriormente, quanto mais leves e pequenas forem as sementes, mais rápidas e de forma mais eficientes acontecerão o seu semeio e dispersão. Entretanto, sementes muito pequenas poderão ter problemas em relação à qualidade dos arquivos, o que obrigatoriamente leva os membros do Oásis a procurarem e valorizarem sementes um pouco maiores ou mais “pesadas”, mas que venham sempre a garantir a opção pelo release de melhor qualidade do conteúdo compartilhado. No Oásis, a maior semente recomendada possui um tamanho de 9,87 *gigabyte*, e a menor semente recomendada possui 699 *megabyte*. Em média, as sementes recomendadas do Oásis possuem um tamanho de 3,85 *gigabyte*.

Por fim, debateremos a última característica que destacamos como cruciais para entendermos o que significa uma semente digital primorosa para tais agentes. Estamos nos referindo aos países de onde provém os conteúdos das sementes digitais recomendadas. Nossas pesquisas apontaram (GRÁFICO 04) que 80% das sementes recomendadas provinham da América Anglófona (42%) e da Europa (38%). De resto, 12% das sementes recomendadas vieram da América Latina, 8% vieram da Ásia e 4% vieram da África. Quando nos defrontamos com esses dados, podemos observar uma absoluta predominância (em termos geográficos) de sementes provenientes da chamada América Anglófona (mais especificamente dos Estados Unidos) e de países da Europa.

GRAFICO 04: Demarcações continentais de onde provém as sementes recomendadas mais baixadas no Oásis.



FONTE: Pesquisa direta do autor (julho de 2016).

Contudo, essa concentração ou hegemonia de recomendações provenientes desses países contrasta quando observamos o *grande acervo geral* de sementes do Oásis. Pois é possível observar um grande esforço de diversos membros em dispersar sementes digitais que expressem o conteúdo do mundo inteiro (respeitando o princípio da pluralidade geográfica e cultural). Mesmo que os Estados Unidos e a Europa sejam os vetores culturais dominantes no Oásis, é destes países de onde provém os conteúdos mais rejeitados no fórum (debateremos isso com mais propriedade no próximo subtópico deste capítulo). Deste modo, a *valorização da pluralidade geográfica e cultural das sementes existentes* nesta comunidade é expressa em diversas situações. Por exemplo, observemos os três comentários selecionados abaixo: primeiro, em julho de 2005 um membro agradece a postagem de uma semente nipônica no fórum, que irá levar essa pessoa a lavar seu “rosto e alma”; segundo, uma pessoa critica as sementes produzidas enquanto “megaproduções” e agradece as belezas sutis das sementes iranianas; terceiro, uma pessoa comemora a chegada da primeira semente do Sudão no Oásis.

[...] É sempre lindo ver seu empenho [pelas sementes nipônicas] e a maneira como o portal logo fica repleto de boas opções exclusivas. Esta recomendação ficou espantosa com a tamanha qualidade de release. Parece ser daqueles que vai me lavar o rosto e alma. Muito obrigado! (Grupo: Tradutores / julho de 2015).

Fiquei muito feliz encontrar esse fórum e principalmente saber que outras pessoas conseguem ver a sutileza que existe [na semente iraniana]. Com pouco dinheiro eles conseguem passar emoção, humanidade... Arrepiam mesmo. Contrário de mega produções onde gastam fortunas e não passam de [sementes baseadas] em efeitos e com frases sem efeito.

Pelo menos por aqui, nunca causaram efeito. Obrigada 😊 (Grupo: Membros / outubro de 2008).

Do Sudão, gente! Primeiro sudanês [no Oásis]! (Grupo: Conselheiros / fevereiro de 2016).

Em resumo, apresentamos brevemente algumas características que compõem o *universo sensível* das sementes recomendadas no Oásis. Como sublinhamos no início deste subtópico, nós tentamos garantir a possibilidade de traçar algumas características gerais que poderiam vir a ampliar o nosso entendimento do que significa uma semente digital valorosa para os membros deste fórum. Deste modo, ao nos debruçarmos sobre as 24 sementes recomendadas, foi possível traçarmos um perfil um pouco mais claro e objetivo do que significa essa pretensa “qualidade” para tais agentes. Como podemos observar neste comentário abaixo, o recado da equipe de moderação dado a todos os cyberagricultores é bem expressivo a respeito da regra geral que singulariza o ato de postagem de sementes no Oásis: “não postem tudo o que encontrarem por aí”.

O [Oásis] não é um fórum de quantidade, mas de qualidade. E de nada adianta termos [semente] de excelente qualidade se não conseguirmos [baixá-las]. Portanto, não tenham pressa em postar, não postem tudo o que encontrarem por aí, por mais que [a semente] seja reconhecidamente [boa]. Confiram se [os detalhes] estão em harmonia antes de postar! (Grupo: Controller / janeiro de 2007).

Como afirmamos no começo desde capítulo, desde 2001 (graças ao lançamento da tecnologia BitTorrent) milhares de pessoas passaram a criar e a dispersar pela internet arquivos digitais através de um método com inspirações ecológicas denominado “sistema torrente”. Através deste método, passou a ser possível semear sementes através da internet, na qual tais sementes poderiam carregar qualquer tipo de conteúdo que pudesse ser digitalizado (ou seja, ripado) e

decodificado por máquinas informáticas. Deste modo, desde 2006 cerca de 50.000 pessoas se reuniram em um fórum online com o objetivo de selecionar, agrupar, organizar e semear determinadas sementes digitais que existem em outros espaços pela internet, ou mesmo sementes exclusivas criadas pelos próprios membros da comunidade. Entretanto, é nesse momento que podemos destacar o princípio fundante deste fórum: “não postem tudo o que encontrarem por aí, por mais que [a semente] seja reconhecidamente [boa]”. E é exatamente essa busca viva e ativa pelas “sementes de qualidade” que se configura como o ponto fulcral destas redes de socialidades.

Poderíamos conjecturar (apenas em vista de criação de uma *imagem de pensamento* para essa ficção antropológica) que as sementes digitais mais valorizadas nesta comunidade (ou seja, aquelas consideradas por um grupo seletivo de pessoas como as “verdadeiras sementes”) apenas definem as sementes digitais no Oásis em alguns aspectos de seus termos. Isso em razão da *lógica do sistema de recomendação de sementes* está conjugada a complexos princípios de hierarquias e de recompensas, inacessíveis para a maioria dos membros. Vale observar que nenhuma das pessoas do grupo “Membros” (ou seja, o grupo na qual pertencem a maioria das pessoas do Oásis), tiveram o privilégio ou oportunidade de recomendar alguma dádiva no fórum.

É a partir dessa asserção que podemos tentar compreender como a recomendação de sementes pode apresentar o seu efeito contrário. Ou seja, quando pessoas recusam a semente recomendada enquanto um precioso presente ou mesmo quando denigrem a oferta através do questionamento público da dádiva enquanto um precioso presente. Isso pode acontecer de dois modos: primeiro, quando pessoas recusam a semente através do não envolvimento com o presente ofertado (isso pôde ser constatado através da análise direta da quantidade de *downloads* de cada uma das 24 sementes recomendadas, além da análise da quantidade de comentários realizados no tópico de apresentação de cada uma dessas sementes específicas); segundo, quando pessoas questionam publicamente a qualidade dos preciosos presentes recomendados. Obviamente que tais atitudes podem provocar alguns incômodos, principalmente quando observamos que as sementes recomendadas são (na maioria das vezes) ofertadas por membros da equipe de moderação da comunidade.

Analisemos o caso abaixo, na qual uma semente digital recomendada (a única proveniente do Brasil) é denominada por alguns membros como “fraca”, “lixo”, “bosta”. Tais adjetivações foram imediatamente condenadas pela equipe de moderação, mas mesmo isso não impediu outras pessoas de expressarem (com outros adjetivos mais “eufemistas”, como observa o autor do comentário abaixo) que tal semente seria de péssima qualidade.

Entre o "[fraca]" e "uma bosta", eu vou chamar [essa semente] de juvenil, para ser eufemista. Juvenil [...] na história. Juvenil bem chato e verde. Pior, aquele juvenil sem futuro, que é melhor começar de novo. Mas obrigado por postar (Grupo: Agitadores / julho de 2015).

[...] voltei para falarmos [da semente]. Achei a mensagem [da semente] um pouco rasa [...] Valeu [cita nick de membro que recomendou tal semente], tinha que ser [uma semente] sua para nos possibilitar essa reflexão. Você sempre se superando (Grupo: Membros / outubro de 2015).

Como vimos, o ato de criticar uma semente recomendada publicamente é feito através de complexos e sutis jogos linguísticos, na qual o uso de eufemismos (“semente juvenil”, “semente rasa”) expõe a necessidade que tais pessoas possuem de negar o presente, mas de *valorizar o ato da oferta através do reconhecimento público da ação do postador* (ou seja, a atitude de oferecimento da dádiva). Em ambos os comentários citados há pouco, podemos perceber que tal recusa ou comentário crítico feito à semente é procedido de palavras de agradecimento ao membro responsável pela postagem de tal semente no fórum. Tal atitude confirma essa percepção de que faz parte das etiquetas das economias do tipo “troca-dádiva” a vinculação especial entre o doador e o presente recomendado. Assim, é como se fosse o próprio postador (ou, em outras palavras, sua alma ou sua essência) que se oferecesse enquanto presente quando tais pessoas ofertam de forma muito solene tais artefatos. E receber tais presentes significa aceitar uma certa “essência espiritual” de tais pessoas, pois como nos lembra Marcel Mauss (2003 [1925], p. 200, grifos nossos): “a coisa dada não é uma coisa inerte”.

Compreende-se logicamente, nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois, aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente, essa essência, esse alimento, esses bens, móveis ou imóveis, essas mulheres ou esses descendentes, esses ritos ou essas comunhões, têm poder mágico e religioso sobre nós. Enfim, a coisa dada não é uma coisa inerte.

Por fim, finalizamos este subtópico (e seguindo a linha de reflexão proposta por Marcel Mauss) com a seguinte indagação: Se entendemos que a coisa dada carrega uma essência do donatário, o que ocorre quando tais coisas são negadas ou mesmo proibidas de existirem nesta comunidade? Dito de outro modo, debateremos no próximo e último subtópico deste capítulo alguns efeitos decorrentes do ato proveniente da ação de banir algumas sementes do fórum.

3.2.3 As sementes banidas

Que saco essa discussão! [...] (Grupo: Veteranos / agosto de 2008).

Pode? Claro que não. Não pode. (Grupo: Conselheiros / agosto de 2009).

Rapaziada, é simples, essa internet é muito grande, tem lugar pra tudo nela. O [Oásis] não é tão grande quanto a internet então não dá pra aceitar tudo aqui. [...] (Grupo: Tradutores / dezembro de 2010).

Não, por favor! Vai desvirtuar o site. (Grupo: Membros / março de 2008).

Debatemos anteriormente sobre o processo de seleção de sementes como uma das grandes características que singularizam a comunidade Oásis perante outros grupos online que também pretendem realizar o acesso das pessoas às sementes digitais. Tais grupos ou comunidades são conhecidos na internet como “cena torrent”, demarcando mais uma vez a importância do método cyberagrícola (denominado nesta tese “sistema torrent”) como um dos preferidos para o funcionamento da economia do compartilhamento de conteúdos através da internet. A partir de uma perspectiva generalista, pudemos observar que tais comunidades se dividem em basicamente dois tipos: àquelas que aceitam sementes com qualquer tipo de conteúdo – por exemplo, o site The Pirate Bay; ou àquelas em que é realizado uma seleção ou aprovação das sementes que são compartilhadas. E é bastante aparente a adesão do Oásis a esse segundo tipo de comunidade, na qual são realizadas checagens dos conteúdos das sementes depositadas no fórum. E tal característica une tais membros a partir de uma perspectiva em comum de gosto e interesse por determinados e selecionados “conteúdos”.

Ao longo de todo este capítulo, nós tentamos expor algumas características definidoras das sementes digitais de um modo geral, mas também tentamos

compreender aquilo que está contido nesses arquivos em seus aspectos eminentemente técnicos, morais e espirituais. Assim, falar de sementes digitais no Oásis é versar sobre grandes riquezas que carregam símbolos de honra e prestígio, através de um intercâmbio de presentes extremamente valiosos. Deste modo, as observações que Mauss (2003 [1925], p. 195) atesta a respeito do “sistema das dádivas” (em suas palavras, o “potlatch propriamente dito”) nos informam muitas características sobre a circulação de sementes digitais no Oásis, principalmente ao salientarmos o *mana* (ou seja, o espírito da coisa dada) como um dos elementos essenciais definidores desses artefatos. Dito de outra forma, o *princípio da eficácia simbólica* que atesta a autoridade das sementes digitais enquanto dádivas (ou seja, enquanto coisas edificadas por signos de riqueza e honra inseridos em uma particular economia) se perpetua a partir do “movimento de dispersão” livre e irrestrito desses artefatos via “redes torrente”. Como postula Mauss, é o movimento que gera o *mana* das dádivas (ou seja, a “obrigação absoluta de retribuir as dádivas”); e isso pode ser atestado de forma clara quando pensamos sobre o movimento de dispersão das sementes digitais. Vejamos:

A seguir, dois elementos essenciais do potlatch propriamente dito são nitidamente atestados: o da honra, do prestígio, do *mana* que a riqueza confere, e o da obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder esse *mana*, essa autoridade, esse talismã e essa fonte de riqueza que é a própria autoridade.

Contudo, neste subtópico discutiremos sobre as sementes digitais a partir de uma perspectiva que projeta imagens um pouco diferentes dessa riqueza atestada por Mauss, já que iremos nos referir às sementes de mau gosto, indesejadas ou mesmo proibidas de existirem neste fórum. A exclusão de tais conteúdos resguarda essa tentativa de garantir que apenas “as verdadeiras sementes” cheguem ao Oásis. Em um sentido estrito, é muito difícil debatermos sobre elas, porque tais sementes nem ao menos existem no fórum. Isso devido ao fato delas terem sido (em algum momento de suas breves carreiras) banidas ou desaprovadas na comunidade pelos membros da equipe de moderação (de forma irrevogável). De todo modo, tais sementes assumem uma existência sombria no fórum, principalmente ao projetar uma *aura malgrada* que invoca uma instraponível zona classificatória que pretende (em última instância) criar uma barreira que servirá para bloquear a entrada das “más sementes” no fórum. Assim, nos indagaremos neste momento: Quais são as principais

características das sementes banidas do Oásis? Quem são as pessoas responsáveis por tais seleções? Quais os propósitos destas pessoas com a criação desta classe especial de conteúdos proibidos? E como poderemos adequadamente falar delas, tendo como foco os propósitos limitados desta pesquisa?

Mais uma vez, nossas *estratégias de ocultamento* de algumas informações que poderiam vir a revelar os tipos de arquivos compartilhados no Oásis nos impedem de expor de forma aberta mais detalhes sobre os conteúdos indesejados no Oásis. De todo modo, isso não prejudicará o entendimento das questões que levantamos. Visto que o nosso objetivo neste momento será restrito a tentar demonstrarmos como tais interditos constroem estas redes de socialidades online em busca da dispersão das sementes digitais perfeitas e dignas de serem semeadas. Assim, se as sementes digitais existentes no Oásis podem se apresentar enquanto *artefatos vivos* que carregam a honra e outras virtudes produtoras das pessoas doadoras, também não podemos deixar de notar a existência das más sementes, ou seja, daqueles conteúdos classificados enquanto coisas desprezíveis e desagradáveis (em alguns momentos, como veremos mais à frente, tais coisas são até mesmo identificadas enquanto fezes).

Obviamente que neste momento estamos nos reinos dos pólos opostos, nas linhas antípodas de classificações. Então devemos ter em mente que enquanto as sementes presentes ou as sementes recomendadas podem assumir a posição de coisas sagradas ou verdadeiros presentes, as sementes banidas englobam e espírito das coisas sem valores, indesejadas ou mesmo malditas. Essas distinções são levadas tão à sério no Oásis, que em janeiro de 2008 a equipe de moderação criou uma lista denominada “[Sementes] não aprovadas no [Oásis]”. Em meados de julho de 2016, tal lista continha o nome de 302 sementes digitais (ou conteúdos) que não poderiam ser compartilhados no Oásis. Tal lista vêm sendo editada desde a data de sua criação, e apenas membros da equipe de moderação decidem quais sementes entrarão na lista das sementes banidas ou “não aprovadas”.

Em termos práticos, uma semente banida pode ser compreendida enquanto uma semente que carregaria algum *conteúdo sensível* proibido de ser compartilhado no Oásis. Assim, o que pode ser classificado como interdito não é exatamente a semente em si mesma, mas os conteúdos estéticos, espirituais e expressivos que tais artefatos carregam. Existem uma série de critérios que precisam

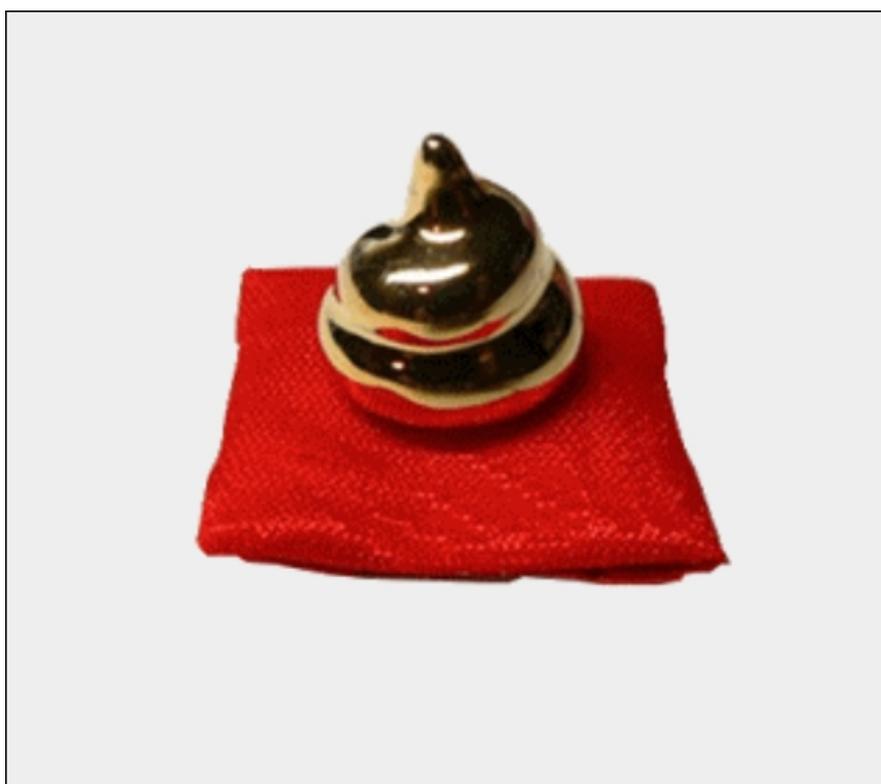
ser observados pela pessoa que está postando a semente antes de oferecê-la à comunidade. O primeiro requisito recomenda que todas as pessoas que pretendem postar uma semente no fórum façam uma consulta à “lista das sementes não aprovadas”, com o objetivo de verificar se tal semente consta nessa lista (e caso conste ela não poderá ser oferecida no fórum). O segundo requisito consiste em observar uma lista de critérios que se desdobram em duas categorias: primeiro, os critérios que regulam as sementes que não serão aceitas (sob nenhuma hipótese); segundo, os critérios que apontam as sementes na qual suas permissões estão sujeitas à avaliações (recomenda-se um contato prévio da pessoa à equipe de moderação para uma consulta sobre a possibilidade de oferecer tal semente no fórum).

Talvez sejam essas as razões que fizeram da “lista das sementes não aprovadas” um dos tópicos mais acessados do Oásis (cerca de 19,240 visualizações até julho de 2016). Assim, é fácil percebermos como a presença das sementes banidas assumem uma posição de destaque nos aspectos mais gerais da socialidade entre esses agentes. Isto pode ser compreendido a partir daquilo que um dos membros da equipe de moderação classifica de “compromisso com a boa semente”. E tal “compromisso” se afirma a partir da exposição pública e recorrente das sementes banidas. Em certo sentido, o objetivo é que tais sementes não possam “ser esquecidas e cair no anonimato”; ou seja, a proteção contra o esquecimento acontece exatamente a partir da exposição massiva de seus nomes em uma organizada lista, mas também a partir do deboche e da ridicularização de tais artefatos e de seus conteúdos sensíveis. Como podemos ver no exemplo abaixo, uma pessoa da equipe de moderação comenta sobre as “piores sementes” (por isso, “inesquecíveis”) lançadas no ano de 2012, tendo como foco suas características eminentemente negativas, classificadas como “fedor”.

E mais um ano se foi, e muita obra foi largada pelo caminho, mas as inesquecíveis, não tanto pela qualidade e sim pelo tamanho do monte e fedor, não poderiam ser esquecidas e cair no anonimato. Sim, porque nós temos um compromisso com [a boa semente], por isso que apontamos o caminho para você NÃO fazer besteira e cair inocentemente no conto [das “más sementes” [...]] (Grupo: Moderadores / abril de 2013).

De fato, essa questão é um pouco mais complexa e por esta razão merece mais atenção. O que estamos diante neste momento é de uma sessão de escárnio (ou “zueira”⁷¹) através de uma premiação denominada “Prêmio Kri-kito”, que pretende homenagear as piores obras lançadas durante o ano (no caso, o ano 2012). São os próprios membros do Oásis que votam e decidem essas homenagens aos piores e às sementes malsãs. O prêmio é simbolizado através de fezes humanas em uma almofada vermelha e é denominado Merde D’Or (Merda de Ouro). Uma imagem compartilhada no tópico de discussão sobre tal premiação mostra a zombaria e o escárnio proveniente do ato de “zoar”, principalmente ao representar o prêmio Kri-Kito (ou troféu) – ofertado àqueles que se destacaram por produzirem os “piores” conteúdos no ano de 2012 – como fezes humanas dourada (FIGURA 05).

FIGURA 05 – Imagem que simboliza o troféu Merde D’Or.



FONTE: Arquivo pessoal do autor.

⁷¹ No mundo online, “zueira” deriva do verbo “zoar” e significa qualquer ação de escárnio público e zombaria com o sentido de ridiculizar, debochar ou rebaixar alguém ou alguma coisa através das redes sociais online.

Vejamos uma pequena explicação do nome e das intenções do 1º Troféu Kri-Kito explicitada pela pessoa da equipe de moderação que propôs a ideia do troféu.

[...] Aliás, cabe aqui a explicação do nome do prêmio, o Merde D'Or, pois no Nordeste e interior de São Paulo, Minas e "mais ou menos por ali cumpadi", se usa muito o termo "ir obrar" ou "obrar", como em "ele foi dar uma obrada e já volta já-já" para dizer que o(a) indivíduo(a) foi defecar, a popularíssima "dar uma cagada". E foi lembrando tais termos que criamos o prêmio, para homenagear as **Melhores Obradas** de 2012 [...] (Grupo: Moderadores / abril de 2013 / negritos no original).

Após essa breve explicitação, tal tópico segue uma discussão que gerou um intenso debate com cerca de 140 respostas e mais de 1.700 visualizações de conteúdo (até julho de 2016). No geral, os membros que se envolveram nessa discussão parecem compreender o prêmio Kri-kito enquanto uma sessão de esculacho, e tal ação pretende fazer com que as piores sementes (denominadas “bosta”, “porcaria”, ou mesmo “vergonha”) sejam anunciadas publicamente e mesmo celebradas em um ritual de deboche e zombaria. Nesse sentido, tal colocação sugere que mesmo a prática do escárnio ou do esculacho no Oásis é realizada a partir de *performances solenes* – e talvez seja por essa razão que tal ação termina por nos informar coisas bastante relevantes a respeito do universo das sementes digitais e sobre os vínculos que as tais pessoas desenvolvem com tais artefatos.

Além do mais, tal momento expressa uma oportunidade de pessoas expressarem seus interesses (ou mesmo contatos) com aquelas sementes proibidas no Oásis (em razão de seus conteúdos propriamente estéticos, técnicos ou ambas as características). É como se durante esses momentos solenes o medo da contaminação e do contágio proveniente do contato com tais sementes malsãs fosse temporariamente suspenso, e com isso tais pessoas se sentissem mais à vontade para revelarem que de fato já baixaram ou compartilharam tais sementes (isso através de outras comunidades de compartilhamento de arquivos, já que todos os conteúdos apresentados na premiação Kri-kito são proibidos de serem compartilhados no Oásis). De fato, é como se o próprio ato de baixar, experimentar e debater tais sementes consideradas malsãs (ação descrita por um dos membros como “baixar porcaria”) fosse socialmente permitido a partir destas específicas linhas de etiquetas e *performances*.

Pô [...], mas o espírito do prêmio é justamente esse, o esculacho! E [...] todo mundo [baixa] porcaria escondido! 😂😂😂 (Grupo: Projetores / abril de 2013).

putz, não [baixei] nenhuma das bostas acima... e nem pretendo. com tantas coisas boas pra baixar no [Oásis] não dá pra perder tempo com obradas (Grupo: Membros / abril de 2013).

Jura q vc quer q [baixemos] pra poder votar? Se sim, "faça a cruz" e SEM FIGA.... Se vc não for ateu, ne? 😏 (Grupo: Agitadores / abril de 2013).

😏 Essa é hora do pessoal assumir as porcarias que [baixou] e que não contou pra ninguém por pura vergonha.... 😊 Estou preparando a minha lista. 😊 (Grupo: Moderadores / abril de 2013).

Nessa linha de reflexão, durante o Prêmio Kri-kito (e em outros momentos ou locais específicos do fórum) é possível celebrar a *dádiva funesta*. Durante os dois meses em que a votação ficou no ar, algumas dezenas de pessoas apareceram para debochar das tais sementes malsãs. Entretanto, vale destacar que (sob nenhuma hipótese) foi permitido ou liberado o compartilhamento de tais sementes no Oásis. Observemos que tais agentes estão mesmo levando à sério suas classificações ao apostarem que tais sementes carregam vergonha e fedor (ao invés de honra ou *mana*). Assim, tais sementes se anexam à uma zona de perigo, de desconfiança e de contaminação que nos remete às reflexões de Marcel Mauss (2003 [1925], p. 291-292) sobre o tema da “dádiva funesta”.

O perigo que a coisa dada ou transmitida representa certamente, não se percebe em parte alguma melhor do que no antiquíssimo direito e nas antiquíssimas línguas germânicas. Isso explica o sentido duplo da plagra *gift* no conjunto dessas línguas – dádiva, de um lado, e veneno, de outro. Em outro estudo examinamos a história semântica dessa palavra. O tema da dádiva funesta, do presente ou do bem que se transforma em veneno é fundamental no folclore germânico.

Mas quais tipos de conteúdos carregam as sementes banidas do Oásis? De onde elas provêm? E quais suas características essenciais? E quem são as pessoas responsáveis por tomar as decisões que permitem o acolhimento ou a rejeição das sementes oferecidas no fórum? Tendo como bases tais questionamentos, seguiremos nosso debate sobre tais sementes tendo como objeto de análise uma lista denominada “[Sementes] não aprovadas no [Oásis]”. Tal lista foi criada em janeiro de 2008, e atualmente conta com cerca de 302 nomes ou títulos de sementes negadas

no fórum. Vejamos o que uma declaração oficial da equipe de moderação afirma sobre a existência de tal lista:

Para que se façam cumprir as regras do [Oásis], eventualmente é necessário que a moderação não aprove [alguma semente postada]. A decisão é tomada após discussão e formação de consenso entre os membros da equipe, e é **irrevogável**. A lista estará sempre atualizada, de modo a evitar que [essas sementes] sejam novamente [postadas] (Grupo: Controller / janeiro de 2008).

A propósito desta lista, resolvemos destacar apenas três elementos que consideramos basilares para compreendermos algumas características que compõem as sementes banidas do Oásis (consequentemente também sobre as sementes de um modo geral). Tais indicadores serão apresentados em perspectivas estatísticas, especialmente para facilitar nossa compreensão em termos comparativos. Tal comparação será construída tendo em vista alguns elementos debatidos no tópico anterior sobre as sementes recomendadas, são eles: o ano de lançamento de tais sementes no mercado de distribuição comercial; os países onde ocorreram tais lançamentos e as línguas ou idiomas expressos que compõem tais conteúdos.

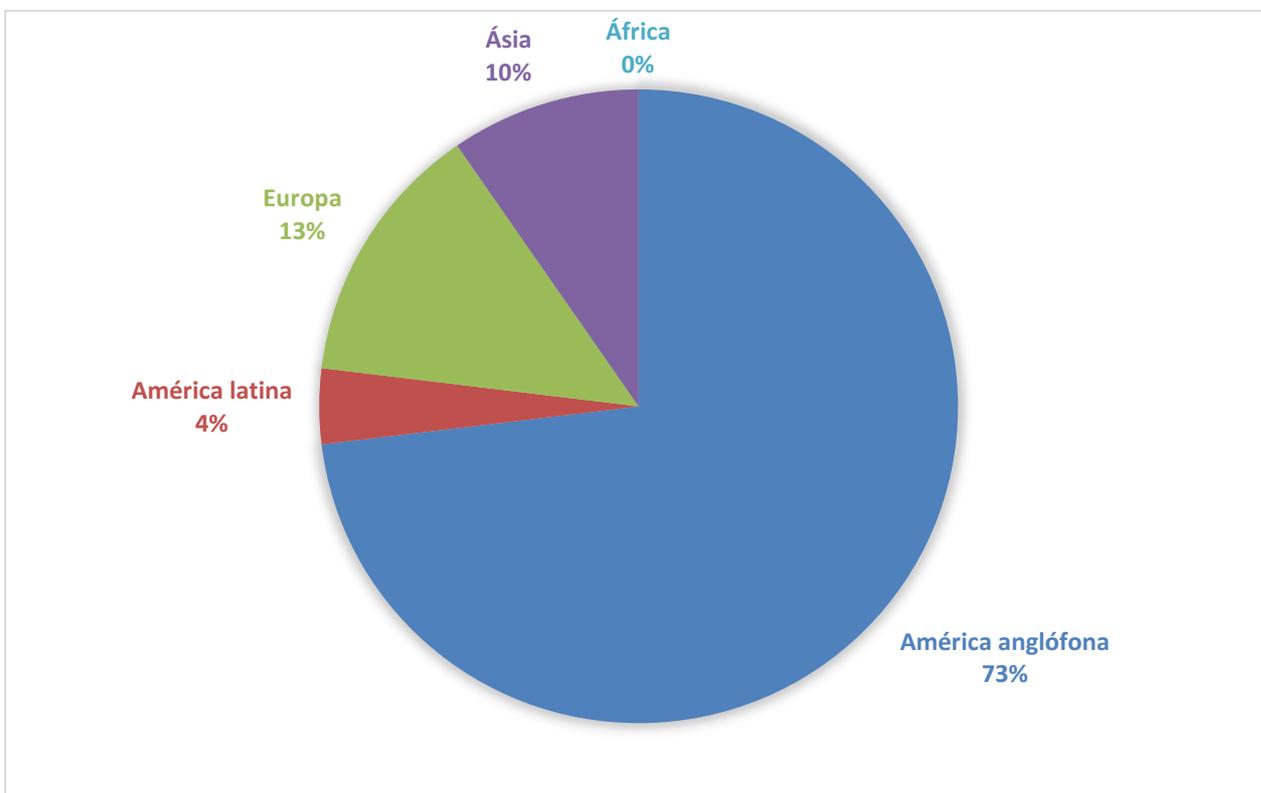
Vale destacar que optamos por debater especificamente esses três pontos, porque temos que levar em consideração que tais sementes possuem sua presença negada e obstruída no Oásis; ou seja, elas de fato não existem nesta comunidade. Isso evidencia restrições impostas às nossas possibilidades de realizarmos observações gerais que não se limitem a debater determinadas características. Por esta razão, nosso escopo de informações sobre tais artefatos fica limitado. Somado a isso, ainda temos que garantir a ocultação de informações que poderiam vir a revelar os tipos de bens que são compartilhados no Oásis. De todo modo, tais características nos ajudaram a compor um paralelo importante e revelador sobre a **economia do compartilhamento de sementes digitais** neste fórum específico. E tal empreendimento apenas foi possível porque decidimos *traçar rotas e acessos* (muitas vezes visitando outros *sites* e comunidades) que nos pudessem revelar algumas características que compõem tais artefatos.

E o ponto central desta característica pode ser definido a partir da percepção constatada empiricamente (GRÁFICO 05) que apontam a grande maioria (86%) das sementes banidas do Oásis como provenientes de países da América anglófona (73%) e da Europa (13%). Por outro lado, apenas 10% das sementes

banidas eram provenientes da Ásia, 4% da América latina e 0% da África. Ou seja, pudemos constatar através desses dados aquilo que poderíamos compreender como uma grande adesão às *sementes digitais africanas*; ou seja, as sementes digitais que carregam conteúdos culturais provenientes de países deste continente possuem uma *tolerância absoluta* dentro do Oásis. Por outro lado, a maior parte das sementes banidas do Oásis provinham especialmente de países como Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha e Inglaterra.

Este tema será debatido com mais propriedade no quinto e último capítulo desta tese, mas consideramos relevante já tentarmos elucidar um dos argumentos que consideramos centrais deste experimento. Vejamos: o princípio de seleção de sementes digitais em voga no Oásis pretende levar em conta a garantia de sobrevivência de específicos *conteúdos sensíveis* (sendo o fator geográfico um dos elementos mais relevantes nestas marcações distintivas), pois tal comunidade se apresenta enquanto uma “máquina de guerra” que pretende se firmar enquanto um contraponto (ou seja, uma linha de fuga) à dispersão de consumo de conteúdos sensíveis provenientes da América anglófona e da Europa.

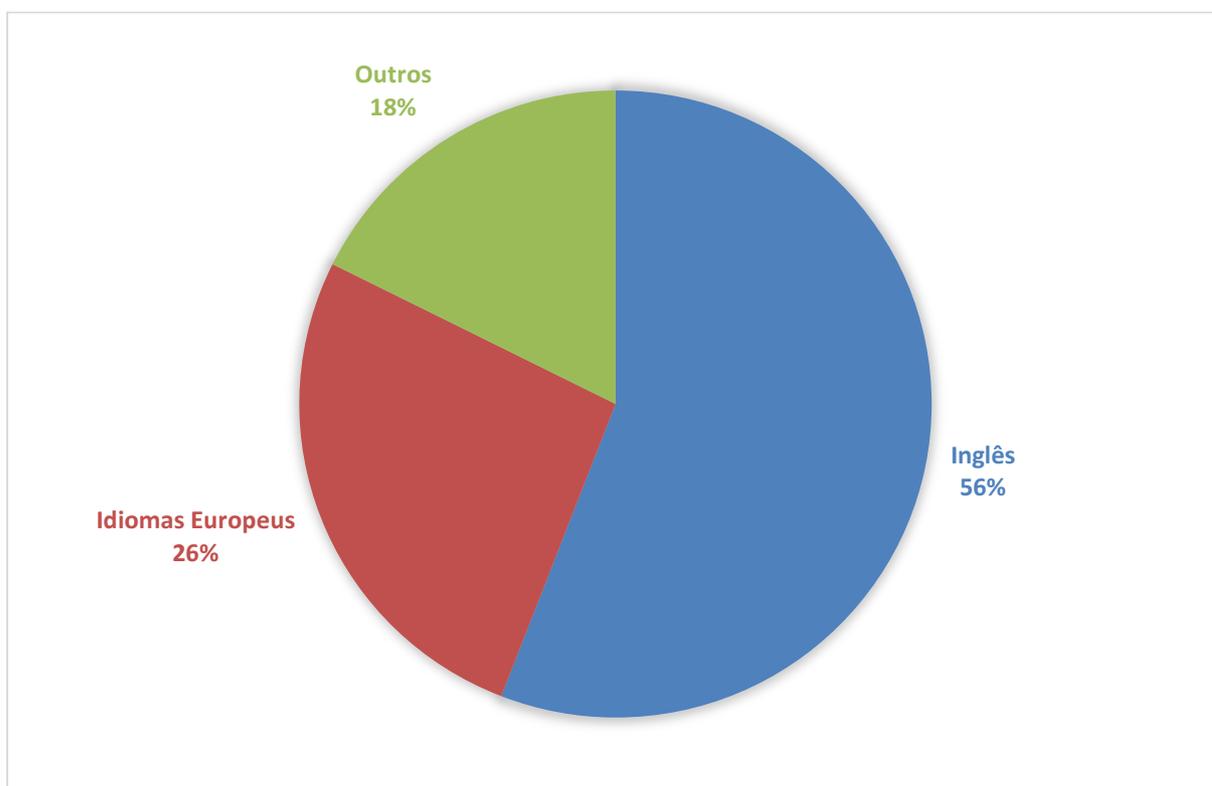
GRÁFICO 05: Locais de onde provém as sementes banidas do Oásis.



FONTE: Pesquisa direta do autor

Do mesmo modo, quando observamos as características linguísticas na qual as sementes banidas são apresentadas (GRÁFICO 06), podemos observar que há uma grande predominância de rejeição às sementes expressas em língua inglesa (56%), assim como há um número considerável de sementes expressas em “idiomas europeus” (26%) nesta categoria específica de conteúdos indesejados. Apenas a fins de comparação, vale destacar que os idiomas europeus mais indesejados no Oásis foram exatamente os seguintes: italiano, francês, sueco e alemão. Mais uma vez, nenhum idioma ou dialeto africano foi encontrado nos conteúdos sensíveis na malgrada lista das sementes banidas do Oásis. Isso sugere uma maior tolerância no Oásis a conteúdos expressos em línguas não inglesas ou europeias.

GRÁFICO 06: Idiomas nas quais são expressas as sementes banidas do Oásis.



FONTE: Pesquisa direta do autor.

Em seguida, observemos outro detalhe bastante revelador sobre as sementes banidas do Oásis. Ao traçarmos os rastros de tais artefatos, pudemos constatar que mais de 50% das sementes malsãs carregam “conteúdos culturais” lançados oficialmente em circuito comercial entre os anos que compreendem a

década 2001-2010 (GRÁFICO 07). Exatamente 173 sementes banidas no fórum (de um total de 302) foram lançadas comercialmente nesta década específica. Já apontamos anteriormente como o Oásis se destaca na “cena torrente brasileira” exatamente por desencorajar a postagem de “novidades” na comunidade. Tal empreendimento pode ser percebido quando observamos a quantidade de sementes banidas, tendo como fator estatístico de correlação diferentes décadas, desde o início dos anos 60, até os dias atuais (2016). Diferentemente das sementes recomendadas, não foi possível observarmos nenhuma semente lançada oficialmente entre os anos que compreendem as décadas de 20, 30, 40 e 50 do século passado entre as sementes banidas do fórum. Assim, tal fato confirma no Oásis uma maior tolerância a conteúdos antigos.

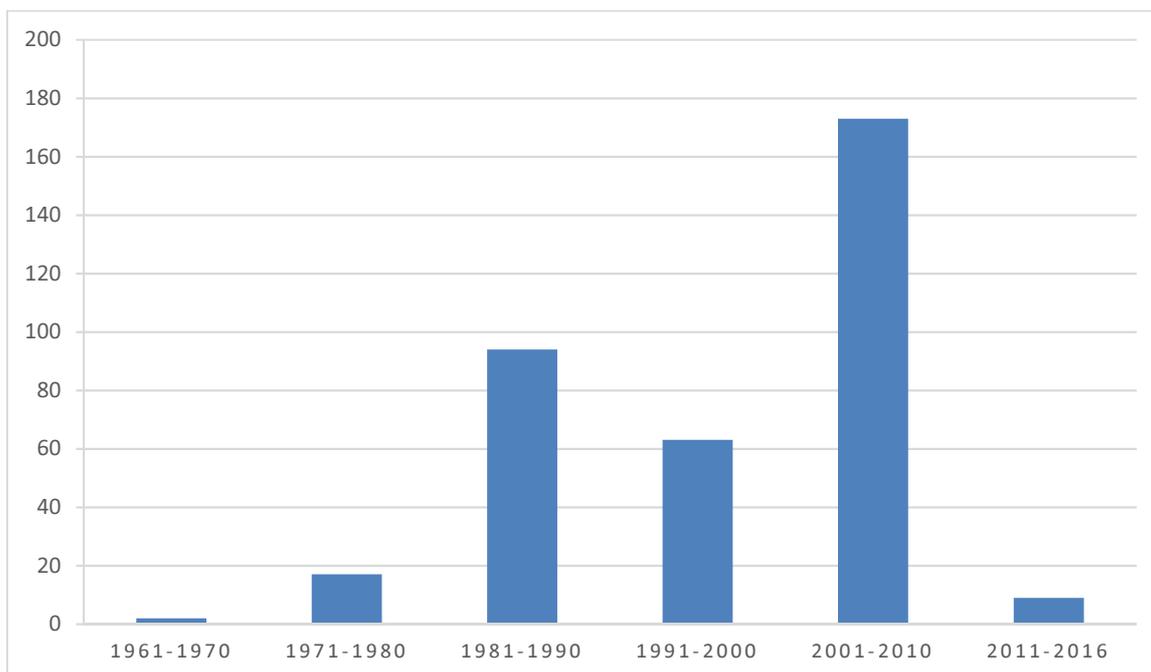
Ao nos determos mais especificamente nesses dados, torna-se evidente a alta taxa de rejeição de sementes digitais lançadas oficialmente na primeira década do século XXI. Durante uma tentativa de preparação de uma lista das melhores sementes lançadas nesta década, um dos membros do fórum chegou a classificar tal período como “década perdida para a arte, para alma”. Em outro momento, uma pessoa entende que tal década precisa ser “esquecida” devido a grande quantidade de “sementes ruins” provenientes deste período. Vejamos:

Os anos 2000 foram terríveis, década perdida para a arte, década perdida para a alma., É claro que [boas sementes] foram lançadas neste período... Isso eu não tenho dúvidas! Mas a maior parte do tempo foram anos tediosos, onde a arte ficou meio morta. Quem resolveu dormir não perdeu muitas coisas. (Grupo: Membros / julho de 2013).

Eu acho que tal década precisa ser esquecida, pois a quantidade de [sementes ruins] lançadas neste período não é brincadeira (Grupo: Membros / julho de 2013).

Assim, o GRÁFICO 07 nos sugere que sementes digitais que carreguem conteúdos culturais lançados na “década perdida” possuem uma maior probabilidade de serem recusados enquanto uma oferenda digna de ser compartilhada ou simplesmente oferecida. Em seguida, vemos a década de 80 do século XX apresentando a segunda maior taxa de concentração de sementes banidas no fórum. Por fim, também salientamos a irrelevante ou quase nula existência de sementes banidas provenientes de anos que compreendem as décadas 60 e 70 do século XX.

GRÁFICO 07: Ano de lançamento oficial das sementes banidas no Oásis.



FONTE: Pesquisa direta do autor.

Para finalizarmos essa discussão a respeito das sementes banidas no fórum, gostaríamos de brevemente comentar alguns aspectos conflituosos que emergem no processo de seleção das sementes permitidas e das sementes desaprovadas na comunidade. Em termos gerais, tal processo se dá a partir das já debatidas “regras de postagens de sementes”. E tais decisões são responsabilidades atribuídas a alguns membros da equipe de moderação, através de um processo privado e restrito que pouco tivemos acesso. No geral, as decisões da equipe de moderação que resultam no banimento ou na aprovação das sementes são respeitadas, compreendidas ou mesmo apoiadas pelos membros do fórum. Contudo, existem alguns casos em que situações conflituosas são despertadas devido a questionamentos e problematizações em decorrência da aplicação de “indevidos banimentos” à alguma semente em particular, ou à algum tipo, grupo, classe ou categoria específica de conteúdos culturais.

Eu apoio a decisão da moderação do [Oásis] em banir ou proibir certos tipos de [sementes]. Isso é importante e sem isso o [Oásis] não seria esse lugar tão especial na internet. Mas é verdade também que ocorrem deslizes e muitas [boas sementes] já foram indevidamente [banidas] da comunidade (Grupo: Membros / março de 2013).

Voltemos à discussão elaborada anteriormente, onde trouxemos algumas características que nos informaram a respeito das sementes que compõem a lista dos conteúdos não aprovados no Oásis: 73% são provenientes da América anglófona; 56% são conteúdos expressos em língua inglesa e mais da metade deles foram lançados comercialmente na primeira década do século XXI. Tais descrições nos ajudaram a compor um detalhamento descritivo um pouco mais apurado sobre tais artefatos e a demonstrar que tais conteúdos sensíveis que cada semente digital carrega não são “presenças etéreas” flutuando em um caótico ciberespaço, visto que tais sensibilidades digitais estão fortemente situadas geopoliticamente. Conseqüentemente pudemos notar que tais características que compõem as sensibilidades digitais (nacionalidade, língua, década de lançamento) são consideradas classificações importantes e por isso são levadas em conta no processo que pretende determinar quais sementes serão permitidas e quais serão banidas, quais serão toleradas e quais serão recomendadas.

Deste modo, em nossa ficção antropológica poderíamos compreender as sementes digitais enquanto *máquinas* responsáveis pelo movimento e pela dispersão de tais conteúdos sensíveis (sempre de um disco rígido a outro, parceiro por parceiro [P2P]). Isso significa dizer que todas as sementes digitais são criadas exatamente com o único objetivo de carregar e transmitir tais conteúdos sensíveis. Entretanto, tal imagem de pensamento não pretende sugerir que as sementes digitais tenham apenas “funções acessórias” na economia do compartilhamento. De fato, sementes digitais são as peças fundamentais de um sistema responsável pelo movimento e pela dispersão de *conteúdos sensíveis digitalizados*. Sem as sementes não há compartilhamento, ou seja, sem elas nenhum único *byte* de informação é transmitido através dos canais das “redes torrente”. Do mesmo modo, não existe semente digital oca, vazia ou sem algum tipo de conteúdo sensível para ser ofertado ou transmitido (seja eles de qualquer tipo, tamanho ou formato). Por essa razão, evidenciamos que envolvimento das pessoas que lidam com a cyberagricultura perpassa a busca pelo correto *semeio das boas sementes*, mas também está alicerçada pela paixão dessas pessoas a esses conteúdos sensíveis que tais objetos transmitem e projetam.

Assim, estranhos seres sociotécnicos se misturam e compõem um artefato híbrido, que desde sua criação segue sua missão que consiste em garantir a transmissão de sensibilidades digitais. E, mais uma vez, salientamos que tal

sensibilidade (ou *mana*) se afirmam enquanto uma *potência de existência* devido à ação apaixonada de tais pessoas diante daquilo que muitos classificam enquanto uma “uma missão”. Aqui a paixão atua como uma energia alquímica capaz de transformar *bits* de informações computacionais em preciosos presentes. Ou seja, as sementes digitais que circulam pelo Oásis assumem essa característica dadivosa, devido ao fato de tais conteúdos serem sempre projetados enquanto dignos presentes. Mas novamente retomamos ao debate central que perpassa esse tópico: O que acontece quando determinados conteúdos sensíveis possuem seus acessos e credencias restringidos no Oásis?

Nossas vivências pelo fórum nos mostraram diversos casos em que emergiram situações de divergências em relação à decisão da moderação em vetar a entrada de alguma semente. Pudemos observar também que a equipe de moderação nem sempre reagia da forma mais tolerante a tais impasses, e apenas se resumiam a afirmar que tais decisões eram debatidas entre tais membros que conversavam e chegavam a um consenso. Como tais decisões possuíam um caráter irrevogável, apenas o ato de pôr em debate publicamente tais vetos poderia ser o estopim para o recebimento de respostas diretivas ou mesmo autoritárias. No caso abaixo, um dos Veteranos (verdinhos) avisa a um dos novatos que ele está “enchendo o saco” por reclamar dos critérios de seleção de sementes realizados pela equipe de moderação.

Pois é, meu caro! Cada fórum privado tem as suas regras, que aí estão para serem cumpridas. [...] Se nós decidimos impor certas regras, é que existem razões para isso. Mas, vira e mexe, vem um novato como você, que não postou [uma única semente] até agora, para reclamar de nossos critérios. Sabia que isso acaba enchendo o saco? (Grupo: Veteranos / dezembro de 2010).

Posteriormente, é um outro Veterano que rebate os comentários de mais um novato que criticou os critérios de seleções de sementes realizados pela equipe de moderação do Oásis. Na mensagem em destaque, tal novato parece sugerir que os moderadores parem de selecionar as sementes e liberem a entrada de qualquer conteúdo. Mas tal sugestão não é aceita. Vejamos as razões:

Sua crítica foi: os moderadores não teriam competência para decidir por todos os outros membros [quais sementes] são [boas ou ruins], ou definir o que seja de bom ou mau gosto. Sua sugestão: os membros devem decidir o que é bom ou ruim. Ou seja, aceitamos tudo, [...] e quem decide o que baixar são os

membros. Discordamos de sua crítica (pois levamos anos para chegar a esse conjunto de regras e, acredite, o fórum melhorou muito desde que foi criado, muitos querem participar e poucos querem sair) e não aceitamos sua sugestão (pois não é o tipo de fórum que desejamos, e infelizmente para muitos isso não é uma democracia). Obrigado pela colaboração. (Grupo: Veteranos / dezembro de 2010).

Nesse sentido, o conflito se dá por uma razão óbvia, mas não aparente. O banimento de uma semente sempre resulta na *negação da partilha*, ou seja, tal ação impede a dispersão dos conteúdos sensíveis que tais sementes carregariam. Nesses casos, o que vemos é a recusa da dádiva, mas também a recusa da relação, do movimento e do vínculo. E lembremos como facilmente tais artefatos projetam a alma, a honra ou mesmo a dignidade de tais cyberagricultores. Nesse sentido, a recusa da dádiva se apresenta muitas vezes como a recusa da participação e do envolvimento. Em suma, é a própria negação da pessoa que está em perspectiva. E é exatamente por esta razão que o tema da recusa de presentes no Oásis assinala condições conflituosas ou mesmo dolorosas. Na postagem em destaque abaixo, uma pessoa novata questiona o fato de ter sido vetada de postar algumas sementes, e ela lamenta que tal ação termina por bloquear sua “chance de participar do fórum mais ativamente”.

A pouco tempo mandei uma pergunta sobre [algumas sementes] que gostaria de postar, pois tenho todos [elas] em ótima qualidade. Então tive a resposta que [todas essas sementes] ainda não poderiam ser [postadas] [...] Acontece é que os outros membros não tão ativos nunca conseguem participar das [postagens de sementes], pois são vetados e depois de alguns dias [a semente] aparece [plantada] por um [membro] super ativo. [...] E o chato disso é que os outros membros nunca tem a chance de participar do fórum mais ativamente. (Grupo: Membros / abril de 2014).

Em outra situação, membros da equipe de moderação ressaltam publicamente a proibição de postagem de um específico “gênero” de sementes no Oásis. De acordo com essas pessoas, tais conteúdos provenientes desse gênero “não são bem vistos”, por serem considerados de “extremo mau gosto”. Tais explicitações deixam manifesta a necessidade em não permitir a presença de tais artefatos no Oásis.

[Sementes] desse gênero não são bem [vistas]. O fato de haver [algumas delas no fórum] não quer dizer que vamos [aceitá-las]; [várias] já foram [deletadas] (Grupo: Veteranos / julho de 2009).

Concordo plenamente com você. São [sementes] de extremo mau gosto. Além disso, é muito fácil encontrar esse tipo de [semente] na internet. (Grupo: Conselheiros / julho de 2009).

A julgar pelas características do [Oásis] parece que esse gênero não se enquadra nos critérios. Enfim... (Grupo: Tradutores / julho de 2009).

No caso específico, tal gênero é posto sob suspeita por aparentemente conter elementos pornográficos, e tais conteúdos não são permitidos no Oásis.

É a discussão da pornografia all over again! (Grupo: Membros / julho de 2009).

Daqui a pouco virão perguntar o porquê [das sementes] pornôs não serem [aceitas]... 😂 (Grupo: Tradutores / dezembro de 2010).

Entretanto, o fato de tais conteúdos terem sido considerados de “mau gosto” às vezes gera uma repercussão negativa entre aquelas que apoiam esse tipo de gênero e lutam por mais espaços para a divulgação de tais conteúdos. Na primeira postagem selecionada abaixo, tal membro ironiza comentários que consideram “porcas” as pessoas que curtem tal gênero; no segundo, tal pessoa entende que a decisão sobre o bom ou o mau gosto é uma questão de opinião.

Ai gente, [tal gênero] é coisa de gente porca, de mau gosto. Só [baixo sementes] de arte, tomando café, com meus óculos de aro grosso. (Grupo: Membros / julho de 2009).

É, cada um tem a sua opinião, se são [sementes] de mau gosto ou não. Na minha opinião não são de mau gosto [...] (Grupo: Projetores / julho de 2009).

Por fim, uma pessoa do grupo “Conselheiros” avalia como agressiva a postura de um membro que está a colocar em debate a “pretensão” da equipe de moderação de “ditar o que é bom e o que não é”. Logo em seguida, um dos Veteranos decide fechar o tópico, evitando que novos comentários sejam publicados e encerrando a discussão.

[...] E vou lhe dizer, sua postagem até daria uma troca de bola legal, se sua abordagem fosse um pouco menos agressiva. Querer definir o que é de mau-gosto é da mesma pretensão do querer ditar o que não o é. (Grupo: Conselheiros / dezembro de 2010).

Falando em democracia, vou fechar esse tópico. Já encheu realmente o saco e deu o que tinha que dar [...] (Grupo: Veteranos / dezembro de 2010).

Nesse sentido, a ação que ocasiona a proibição de determinadas sementes no fórum perpassa uma certa “filosofia do gosto” que não iremos explorar com a devida atenção que este tema suscita. Isso em razão dos objetivos desta pesquisa não se propor a debater ou mesmo a adentrar nas particularidades das sementes (ou melhor, dos arquivos) postados no Oásis. Neste capítulo, nós tentamos explorar apenas algumas características gerais que compõem esses artefatos, haja vista que tais objetos constituem um denominador comum que unificam desejos e expectativas dos membros. Lembremos que o Oásis também pode ser descrito enquanto um banco de sementes, e que o empenho diário de tais pessoas se vincula a uma tentativa de fazer certos arquivos “circularem”. Contudo, além do movimento, da dispersão, uma das perspectivas importantes que compõem tais arquivos é exatamente a preservação de determinados “bens culturais”, considerados dignos de serem resguardados.

Mas quando determinados arquivos são rejeitados, parece-nos claro avaliar que tal ação poderá ocasionar alguns conflitos. Isso em razão dos presentes e sementes compartilhadas serem consideradas verdadeiras expressões de dignidade e nobreza. De todo modo, o perigo do oferecimento da “dádiva funesta” ainda persiste e tal fantasma ainda assombra tais membros. E assim não é incomum encontrarmos postagens que desafiam a perspectiva dominante que pretende criar uma normativa consensual em torno o valor do simbólico que tais artefatos carregam. Dito de outro modo, se o Oásis conclama salvaguardar apenas “as verdadeiras sementes” (como podemos observar ao lembrarmos do lema do fórum), tal perspectiva é constatemente posta em dúvida por pessoas que publicamente desafiam esse consenso ao criticar ou mesmo ridicularizar a presença de certos arquivos no fórum. Nos exemplos abaixo, uma pessoa debocha da presença de certos arquivos postados no fórum (que em seu ponto de vista não deveriam ser aceitos); em outro momento, uma pessoa afirma sentir “desgosto” ao ver um arquivo “tosco” ofertado na comunidade.

[...] mas sinceramente, aqui no [Oásis] aceitam cada coisa... caramba [...] tenha dó (Grupo: Membros / julho de 2009).

Esse [arquivo] é tosco... dá desgosto vê tal [semente] postada por aqui. Desculpe-me a sinceridade. (Grupo: Membros / janeiro de 2010).

Por outro lado, apesar do conflito explícito que tal tema suscita, o que observamos no geral é um certo predomínio de entendimento e respeito às regras que compõem o fórum. Nessa perspectiva, estas pessoas entendem a importância do banimento de sementes não como um ato de censura, mas sim como uma característica vital que singulariza o Oásis diante de outros fóruns de compartilhamento de arquivos via redes P2P. Pensar em seleção de sementes, significa pensar em regras que devem ser respeitadas, assim como na filosofia geral que centraliza os objetivos desta comunidade. As postagens citadas abaixo são bem expressivas quanto a este tema: em um primeiro momento, uma pessoa afirma que o Oásis “está bom do jeito que está”; enquanto que outra classifica o fórum enquanto “porreta”; por fim, um membro não economiza nos adjetivos classifica o Oásis enquanto “perfeito” e “paraíso”.

Não sei bem. Acho que está bom do jeito que está [...] (Grupo: Agitadores / março de 2008).

[...] sei lá meu... acho o [Oásis] porreta do jeito q tá... [...] (Grupo: Projetores / agosto de 2008).

sou a favor de que as regras do [Oásis] continuem como estão. não se muda o que já é perfeito. aqui é o paraíso no meio de tanta porcaria que tem pela net o [Oásis] está aí para nos redimir do pecado da imagem estéril [...] (Grupo: Agitadores / dezembro de 2010).

Em relação aos termos que compõem a decisão final sobre quem decide quais sementes serão postadas e quais serão banidas, pudemos observar que tal escolha é de responsabilidade da equipe de moderação. Contudo, não consiste um objetivo deste capítulo debater pormenores que venham a tentar compreender as razões que justificam o banimento ou a aceitação das sementes, já que tais decisões são funções de administradores do fórum. Mas pudemos observar que tais membros discutem esta ação em conversas específicas (como foi destacado a mim através de uma mensagem pessoal). Contudo, também me foi exposto que os critérios de seleções das sementes aprovadas consistem em assuntos privados dos moderadores e isso era algo que não me dizia respeito. Ficava assim claro para nós que tal assunto perpassa uma esfera “indizível” e que insistir nesse tema poderia provocar reações desagradáveis, já que tais pessoas já haviam afirmado que não estavam confortáveis em serem inquiridas sobre um tema tão polêmico e delicado.

Em resumo, neste capítulo fizemos uma discussão sobre as sementes digitais através da busca pelas caracterizações de seus principais aspectos sócio-técnicos. Buscamos seguir uma linha argumentativa que tentasse classificar esses “itens” não apenas como bens culturais ou como mídias informáticas, mas sim como preciosas “sementes” dotadas de um extenso valor simbólico. Desta forma, imaginamos que pensar a economia do compartilhamento a partir da sementeação enquanto seu aspecto central perpassa um fino exercício de pensamento e tal relato requer uma experiência imaginativa. Assim, mergulhar nas especificidades da prática do compartilhamento de arquivos através da internet essencialmente enquanto sementeação de sementes digitais requer um certo tom de sensibilidade, inventividade e experimentação. Assim, após essa breve descrição sobre a “natureza das sementes digitais” trocadas no Oásis, tentaremos no capítulo a seguir relatar quais as principais características que compõem a “natureza desta economia”.

4. SOBRE A DISPERSÃO DAS SEMENTES DIGITAIS: ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO E ESTRATÉGIAS DE SEMEAÇÃO ONLINE

Mais isso supõe, em primeiro lugar, *que toda coisa é uma sociedade*, que todo fenômeno é um fato social (TARDE, [1895] 2007b, p. 81, itálicos no original).

[...] *tudo* em economia é irracional [...]. E isso porque ela é feita por paixões [...] (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 24, itálicos no original / tradução nossa).

No capítulo anterior, debatemos alguns elementos constitutivos dos artefatos que podemos classificar como a verdadeira razão de ser da comunidade Oásis. Como vimos, as sementes digitais (entendidas enquanto preciosos presentes compartilhados entre pares) se apresentam enquanto valiosas relíquias que podem ser pensadas enquanto um fator de unificação que englobam específicas práticas de socialidades entre cyberagricultores online. E é a partir deste papel centralizador e unificador que as sementes digitais assumem um centro de relevância política que se interpõe na criação de uma complexa e específica economia. Denominamos nesta tese tal processo de *economia do compartilhamento*.

Assim, neste capítulo pretendemos lançar um olhar mais apurado a respeito dos modos de funcionamento e de existência de tal economia, principalmente ao escolhermos como ponto fulcral de análise a natureza prodigiosa que emana das práticas e das vivências cotidianas exercidas por aquelas pessoas que fazem tal economia de fato acontecer. Dito de outro modo, as questões centrais que nortearão este capítulo serão as seguintes: Como podemos compreender a economia do compartilhamento de sementes digitais através da internet? Quais os principais *modi operandi* que alicerçam as práticas e definem o substrato essencial das ações que demarcam os modos de fazer da sementeação online? E como podemos compreender os princípios éticos e normativos que fundamentam tal economia?

Como veremos ao longo deste capítulo, a nossa intenção de compreendermos tais ações a partir do disputado e abrangente termo *economia* possui um efeito teórico expressamente denso nesta *ficção antropológica*. E antes de avançarmos, consideramos válido demarcarmos nossa posição teórica que pretende esclarecer alguns pontos importantes que servirão para evitar desentendimentos a

respeito do modo como compreendemos tal conceito. Em primeiro lugar, as bases da teoria da economia política aqui engendradas estão alicerçadas na “mudança que [Gabriel] Tarde propôs à teoria da economia política” (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 4, tradução nossa). Nesse sentido, muitos dos termos e classificações teóricas que utilizaremos ao longo deste capítulo (por exemplo, valor, trabalho, capital, acumulação etc.) necessitam de específicas análises descritivas, já que tais conceitos podem assumir dentro dos princípios da economia política proposta por Tarde significados totalmente diferentes dos modos usuais de percepção de tais conceitos na sociologia, ou mesmo na economia⁷². Em segundo lugar, tal acepção nos impele a buscar um quadro analítico mais preciso de interconexões com a proposta desta pesquisa, isso devido ao fato de Gabriel Tarde conceber em sua obra seminal *Psychologie économique* (1902) a existência de **vinculações expressivas entre economia e ecologia**, especialmente ao conceber a existência do *capital-semente* como o principal modelo analítico de compreensão de propagação dos mercados e das trocas entre indivíduos.

Durante todo esse capítulo, discutiremos conceitos da *antropologia econômica* referentes a essa abordagem específica do conhecimento proposta por Tarde e por ele denominada de “ciência dos interesses apaixonados”. De todo modo, tal discussão será alicerçada a partir de alguns importantes textos de comentadores que se propuseram resgatar a antropologia econômica quase esquecida proposta por Tarde há mais de um século, especialmente o texto de Bruno Latour e Antonin Lépinay denominado (em nossa tradução) “A ciência dos interesses apaixonados: uma introdução à antropologia econômica de Gabriel Tarde” (LATOURE; LÉPINAY, 2009). Como não nos aventuramos nos textos originais (em francês)⁷³, quase todo o

⁷² Maurizio Lazzarato (2002) interpõe em sua obra “Poderes da invenção” (tradução livre) que os princípios da “psicologia econômica” proposta por Tarde podem ser compreendidos como uma forma de contrapor a hegemonia e os equívocos da economia política tradicional. Debateremos alguns elementos desta crítica ao longo deste capítulo.

⁷³ O livro *Psychologie économique* é um grande compêndio dividido em dois volumes lançado originalmente na França em 1902. Tal livro nunca foi traduzido para nenhuma outra língua e sua última reimpressão aconteceu em 1925 (WÄRNERYD, 2008). Apenas no início do século XXI, tal obra foi escaneada e publicada online em um repositório digital. Em 2007, um número especial do periódico *Economy and Society* publicou pela primeira vez em inglês trechos traduzidos deste livro (TARDE, 2007a). De todo modo, vale destacar que as dificuldades de acesso ao conteúdo desta obra ainda não foram completamente sanadas. Tais dificuldades impossibilitaram o nosso acesso ao conteúdo original de tal documento. No que concerne às dificuldades de acesso a tal obra, talvez a implicação mais nefasta de tal cenário tenha sido a omissão e o silêncio de economistas e cientistas sociais que por quase um século optaram por simplesmente silenciar ou mesmo fingir que tal livro nunca tenha sido escrito ou mesmo existido.

conteúdo referente a essa “estranha ideia de ciência e de política” (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 4, tradução nossa) que será debatida nesta tese perpassará os entendimentos propostos especialmente por Latour e Lépinay. Nesse sentido, logo nas primeiras páginas do livro introdutório desses autores podemos notar uma longa e precisa justificativa que deixa claro as razões da importância de prestarmos mais atenção à economia dos interesses apaixonados. Vejamos como tais autores concebem a economia política proposta por Tarde:

À primeira vista, parece difícil levar a sério as divagações deste sociólogo que não tinha discípulos; que trata conversas entre ociosos como "fator de produção"; que nega o papel central atribuído ao pobre e velho trabalho; que distingue, na noção de capital, a "semente" ou "germe" (o software) do "cotilédone" (o hardware), para a vantagem do primeiro; que segue, com igual atenção, flutuações no preço do pão e variações no prestígio de figuras políticas, utilizando instrumentos na qual ele nomeou “medidores de glória” ["glorimeters"]; que não utiliza como um exemplo típico de produção, como todo mundo faz, uma fábrica de agulhas, mas a indústria do livro, prestando atenção não só para a divulgação dos livros em si, mas também para a difusão das idéias contidas em suas páginas; que aborda a questão do biopoder, como se economia e ecologia já estivessem interligadas; que se move sem problemas de Darwin a Marx e de Adam Smith a Antoine-Augustin Cournot, mas sem por nenhum momento acreditar nas divisões habituais da ciência econômica; que está interessado em luxo, moda, consumo, qualidade, rótulos e recreação tanto quanto na indústria militar e na colonização; que continuamente usa exemplos encontrados no mercado de arte, na difusão de idéias filosóficas, na ética, e na lei, como se tudo isso tivesse igual importância na produção de riqueza; que pensa ciência, inovação, inovadores, e até mesmo a ociosidade como a base da atividade econômica; que gasta um tempo considerável seguindo linhas de trem, cabos de telégrafo, imprensa de publicidade, crescimento do turismo; que, acima de tudo, não acredita na existência do capitalismo, e não vê no século 19 o aumento aterrorizante dos cálculos frios e do reino da mercadoria, mas, pelo contrário, que define o crescimento dos mercados como paixões; que felicita os socialistas por terem criado uma nova febre de associação e organização (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 2-3, tradução nossa)

Como podemos observar, são diversos os caminhos e as implicações expressas pelas rotas possíveis advindas da antropologia econômica proposta por Gabriel Tarde. Tais “divagações” resultam em questões teóricas e epistemológicas complexas, na qual seria impossível (no contexto desta tese) dar enfoque a todas elas sem cairmos em abstrações vazias de conteúdo. Nesse sentido, optamos por debatermos tais princípios tendo como ponto de partida a seguinte questão: De que modo a economia dos interesses apaixonados proposta por Tarde nos ajuda a compreendermos a economia do compartilhamento de sementes digitais através da internet? Diante de tal cenário, o que está em perspectiva é exatamente nossa recusa

em debatermos tal conjunto de proposições distante do corpo empírico que baliza esta ficção antropológica. Será através dos traçados erráticos e esquivo desta economia e de seus agentes em processo que seguiremos as possibilidades de conexões dos fluxos, agenciamentos e mecanismos de produções de diferenças. Como nos lembra Barry e Thrift (2007, p. 511, tradução nossa): “Para Tarde, a pesquisa de experimentação científica demanda uma extraordinária atenção ao detalhe e à singularidade do exemplo”.

A antropologia econômica de Gabriel Tarde perpassa diversas questões, e em nosso olhar alguns elementos desta teoria foram fundamentais para a produção de efeitos de conhecimento sobre o universo dos cyberagricultores online. A partir deste arazoado inicial, elegemos duas perspectivas presentes na antropologia econômica de Tarde que foram extremamente relevantes para a compreensão dos *universos possíveis* dos compartilhadores de sementes digitais que frequentam a comunidade Oásis: primeiro, a interconexão entre **economia e ecologia**, especialmente através da compreensão do caráter germinal da economia e de seus elementos constitutivos; segundo, a compreensão da importância do papel das **paixões** enquanto um mecanismo fundamental na produção de agenciamentos nos modos particulares de vivências daquilo que denominamos de economia do compartilhamento através da internet.

4.1 A vida germinal das economias: o capital-semente, o capital-germe e o capital-cotilédone

Sejamos exagerados com o risco de passar por extravagantes. Nessa matéria em particular, o temor do ridículo seria o mais antifilosófico dos sentimentos (TARDE, [1895] 2007b, p. 90, grifos nossos).

Uma peculiar imagem de pensamento chama atenção no modo como Gabriel Tarde concebe a economia política. Tal perspectiva em quase nada se assemelha aos modos de retenção dos conteúdos e das abordagens usuais referentes a esse “domínio do conhecimento” (seja em suas abordagens clássicas liberais ou marxistas). Antecipadamente devemos esclarecer que Tarde nem ao menos concebe o “fenômeno econômico” como um domínio em si mesmo. Entretanto,

consideramos válido imaginarmos que sua análise crítica a respeito das “teorias do capital” constituiu definições inovadoras a respeito dos empreendimentos e dos processos de entendimentos dos princípios da economia política. Como sugere Lépinay (2007, p. 527, tradução nossa): “[...] ‘economia’, como tal, não faz muito sentido para Tarde; não é um domínio em si mesmo e ele se aproximou de fenômenos econômicos em termos de um quadro [*framework*] que ele tinha desenvolvido a partir de uma leitura inovadora da cosmologia de Leibniz”.

Em certo sentido, não seria um erro sugerir que Tarde siga na contramão e que sua oposição gesta o nascimento de uma abordagem inovadora importante para compreendermos as dinâmicas das economias contemporâneas. E uma dessas mais importantes inovações talvez esteja relacionada com as recorrentes **metáforas dos organismos vivos** utilizadas por Tarde como um modo de apreensão da *natureza das economias*. Em tal quadro analítico, a proposta que ganha corpo e assume um lugar de destaque pode ser logo analisada quando sua antropologia econômica nos leva a pensar a respeito da “vida germinal das economias” como a principal fonte inerente de produção de valor. De acordo com Lépinay (2007, p. 527-528, tradução nossa), o que está em jogo é a centralidade que Tarde concebe “ao momento de inovação, literalmente um momento de vibração, e à raiz dos processos inovativos [...]”. E prossegue: “Esta vida germinal das economias é a fonte de todas as mudanças, mas quando é acumulada ela perde sua vibração e se torna capital morto” (LÉPINAY, 2007, p. 528, tradução nossa).

Deste modo, sublinhar a respeito da natureza das economias no quadro analítico proposto pela antropologia econômica de Gabriel Tarde é conceber a importância dos “momentos de inovação” (ou vibração) na qual germinam as reais possibilidades de vinculações a paradigmas que concebem atividades econômicas enquanto sequências vivas, orgânicas, germinativas. Nesses quadros analíticos, capitais são concebidos enquanto sementes que pulsam vida (se estiverem vivos, vibrantes e saudáveis); ou, ao contrário, o capital pode assumir também um caráter moribundo e definhar até a morte (principalmente ao perder sua vibração ou movimento ao ser acumulado). Tal perspectiva sugere que podemos vincular a Gabriel Tarde uma nova definição do modo de apreensão das dinâmicas econômicas, especialmente através de seu modo peculiar de pensar sobre conceitos como capital, trabalho e acumulação.

Contra a redução do capital, quer seja ao trabalho ou, na verdade, a qualquer outro fator, Tarde abre os motivos por trás da acumulação e da germinação de novas ideias de capital. O fascínio pelo capital em si que permeia os escritos de Marx é substituído por uma investigação do que impulsiona os capitalistas na busca por novos empreendimentos (LÉPINAY, 2007, p. 533, tradução e grifos nossos).

De todo modo, ao conceber o caráter germinativo do capital, Tarde faz um denso mergulho ao *evidenciar as composições do capital-semente*. A partir de suas nem sempre precisas definições, podemos conceber duas divisões sutis que tornam seu modo de pensar tal conceito um pouco mais complexo: primeiro, o capital-germe (capital essencial ou software); segundo, o capital-cotilédone (capital auxiliar ou hardware). Tais elementos apresentam uma referência botânica que pretende reforçar o *caráter orgânico constitutivo* presente em tal imagem de pensamento. Antes de tentarmos apresentar (de forma um tanto resumida ou mesmo apressada) tais elementos, vejamos o modo como Latour e Lépinay (2009, p. 50, tradução nossa) imaginam o impacto desta “imagem botânica e bucólica” apresentada por Tarde na economia política do século XIX e do século XX:

"Capital-cotilédone"! Podemos apenas imaginar Lenin, em Zurique, lendo Tarde e rindo de modo hilário desta ridícula imagem botânica e bucólica. O quão longe é esta imagem dos gigantes e poderosos martelos, das fábricas esfumaçadas, das oficinas, das greves e das barricadas que, naquele momento, acendeu o espírito dos revolucionários. Mas espere! Espere! A história ainda não está terminada. Aqueles que passam hoje em frente aos restos enferrujados de ruínas industriais ou que colocam flores na frente dos monumentos erigidos em honra das vítimas das revoluções deveriam ler com maior atenção o que diferencia, de acordo com Tarde, "capital auxiliar" do "capital essencial."

O desafio que temos em mãos neste momento nos pressiona a buscarmos cautela nos modos de exposição das definições desses diferentes elementos constitutivos da antropologia econômica tardiana. Isso devido ao fato de que não há na obra *Psychologie économique* (ou em nenhum outro escrito deixado por Tarde) uma definição precisa do que seria de fato o capital-germe ou o capital-cotilédone⁷⁴.

⁷⁴ Vale destacar que a obra *Psychologie économique* é considerada por muitos leitores e comentadores um dos escritos mais difíceis e complexos elaborados por Gabriel Tarde. Em tal obra, o autor movimentava praticamente todos os seus principais conceitos (por exemplo, mônodas, inovação, imitação, difusão etc.), além de apresentar aos seus leitores um grande escopo de novas ideias (por exemplo, capital-germe e capital-cotilédone). Além disso, o supracitado livro foi o último lançado pelo autor em vida. Tarde veio a falecer apenas dois anos após a publicação deste conteúdo (em 13 de

As definições propostas por Tarde referenciadas a partir desta *imagem botânica do capital* apresentam uma análise crítica das principais teorias do capital presente na economia política clássica. Mas mesmo que não possamos encontrar uma definição clara e precisa das diferenças entre o capital-germe e o capital-cotilédone, ainda é possível arriscarmos uma tentativa de compreensão. E é na esperança de tornamos as coisas um pouco mais claras que apostamos nesta longa citação (LÉPINAY, 2007, p. 527, tradução e grifos nossos):

Neste contexto, as ideias mais claramente articuladas de Tarde para cientistas sociais com interesse em economia podem ser encontradas nos capítulos finais do Vol. 1 de *Psychologie économique* quando discute trabalho, dinheiro e capital, e onde ele avança uma análise crítica das teorias do capital juntamente com uma desafiante oposição entre capital-germe e capital-cotilédone. De acordo com Tarde, capital-germe, ao contrário do capital-cotilédone, não pode ser entendido em termos da noção de acumulação. A mera acumulação de estoque, para usar os termos de Adam Smith, não leva em conta a natureza muito específica do capital em economias. A nova definição de capital proposta por Tarde abre o palco para uma teoria do trabalho muito diferente do que a articulada pela maioria dos economistas clássicos. O trabalho perde a centralidade [que tal conceito assume] na economia política clássica; entra o germe como um modelo para entender a dinâmica das economias. Tarde livra o trabalho de todas as virtudes que a economia política clássica – tanto nas suas versões liberais quanto nas marxistas – anexa a esta noção. No entanto, como eu argumento, a definição do germe está longe de ser clara. Tarde às vezes equaciona com capital-humano, mas mais frequentemente ele associa a capital-intelectual. A mais óbvia tensão em sua definição gira em torno da diferença entre capital-germe enquanto potencialidade de diferenciação e do capital-germe enquanto operador de compatibilidade.

Como podemos ver, Tarde buscou compreender as dinâmicas da formação dos processos econômicos a partir de uma abordagem que pretende conceber as variações das intensidades vibracionais associadas ao capital-semente. Contudo, suas implicações teóricas concebem o capital-semente a partir de uma específica formação distintiva: o capital-germe e o capital-cotilédone. Tal imagem de pensamento nos permite imaginarmos um *mundo econômico* um pouco diverso daquele concebidos a partir das teorias econômicas clássicas. Isso devido ao fato de que na antropologia econômica proposta por Tarde, o que garante a centralidade do movimento das dinâmicas sociais nos mercados não é apenas o capital (acumulado, estocado) ou mesmo o trabalho enquanto uma força bruta (repetitiva); ao contrário, a partir de tal nova definição de capital Tarde pretende conceber as possibilidades

maio de 1904, em Paris, aos 61 anos de idade) e talvez essa seja a razão por trás da obscuridade presente nesses conceitos.

germinativas de um variado e complexo conjunto de ideias que nascem na mente de gênios que projetam invenções e garantem os fatores de diferenciação dos bens e dos processos econômicos. “O germe toma forma na mente individual dos gênios” (LÉPINAY, 2007, p. 528, tradução nossa).

Sendo assim, fica um pouco mais claro as razões que levaram Tarde a conceber uma das propriedades do capital-semente (nesse caso, o *capital-germe*) enquanto capital-humano, ou mesmo enquanto capital-intelectual. O que está em foco neste quadro conceitual é a importância da “teoria da invenção” para as análises propriamente econômicas, tendo como ponto central de destaque a capacidade multiplicativa dos bens e dos processos subjacentes a essa atividade. Dito de outro modo, a perspectiva que ganha destaque neste quadro conceitual é a capacidade do germe de existir através da diferença; ou seja, ao nos lembrarmos de uma máxima tardiana presente em suas articulações conceituais gerais, o germe existe enquanto diferença porque *existir é diferir* (TARDE, 2007b).

E se o germe existe na mente dos indivíduos, é óbvio que tal propriedade do capital-semente apenas pode ser observada a partir dos encontros inovadores das mentes dos inventores com todos os fluxos de agenciamentos disponíveis no mundo social. “A mente é um germe e um germe é uma mente” (LÉPINAY, 2007, p. 529, tradução nossa). É nesse sentido que Tarde concebe a mente ou o cérebro dos inventores como um local privilegiado de captação dos “pontos altos de intensidade” e de multiplicidade dos bens e dos processos econômicos. Assim, é a partir das “mentes dos inventores em ação” que podemos conceber a mais alta capacidade germinativa das ideias e dos fluxos inerentes do capital-semente.

Quando Tarde aponta para o cérebro enquanto o próprio local da invenção, ele corta com uma complexa fábrica, mas ele respeita o ponto de maior intensidade. Dentro do fluxo de pensamentos que atravessam a mente de [Thomas] Edison, o germe permanece como uma solução única para as várias restrições que pesam sobre o gênio. É por isso que Tarde tantas vezes associa mente e germe: é tanto uma redefinição do que a mente é (intersecção e interferência de uma série de entradas reunidas inesperadamente) como uma descrição do germe. A mente do inventor em ação difere do que a mera repetição da série de ideias já disponíveis produziria. Da mesma forma, o bem de investimento oferecendo um novo processo para uma indústria também difere do que já existe no mercado. Acumulação não faz plena justiça ao que acontece ao redor do germe, já que acumulação mobiliza apenas um processo repetitivo. Assim, o capital não pode ser reduzido a acumulação como tal. De fato, [acumulação] é um substrato que precisa existir para o capital exercer a sua ação, mas uma análise da acumulação em si mesma não pode fornecer nenhum *insight* para

uma compreensão das dinâmicas do capital (LÉPINAY, 2007, p. 530, tradução e grifos nossos).

Se a acumulação não mais ocupa o papel central que tal ideia possuía em outras vertentes conceituais, isso não nos autoriza a dizer que ela se torna totalmente irrelevante na antropologia econômica proposta por Tarde. De todo modo, ao definirmos que o germe permite a criação dos bens a partir da vibração, da multiplicidade e da diferença, tal perspectiva muda de figura ao refletirmos a respeito do papel da acumulação, do armazenamento e do estoque do capital. Assim, o capital acumulado assume uma nova forma nos esquemas conceituais propostos por Tarde. E mais uma vez é a partir de uma referência natural ou ecológica (a semente e suas propriedades germinativas) que tal autor concebe sua complexa economia política. Nesse momento, Tarde concebe a acumulação de capital a partir de um substrato (ou tecido) que exerce uma função de reserva nutritiva nas sementes: estamos nos referindo aos cotilédones.

Ao nos determos na ecologia que perpassa a germinação de sementes, podemos inferir que os cotilédones apresentam uma aplicação fundante no processo de crescimento e maturação das plântulas. Tal substrato funciona enquanto um tecido nutritivo que contém uma ou mais “folhas primordiais”. Se uma semente estiver com o seu cotilédone danificado, imaturo, seco ou enfermo, a semente não poderá realizar seu processo germinativo natural e simplesmente não se desenvolverá. De todo modo, tal reserva nutritiva acumulada assume apenas uma função *auxiliar* na vida das plantas como um todo. Isso porque logo após os cotilédones desabrocharem suas folhas primordiais, as plântulas já poderão absorver nutrientes e energias de fontes ambientais diversas (por exemplo, água, solo, luz solar etc.) e concluir seu processo maturativo até se tornarem uma planta madura (BASKIN; BASKIN, 2001). Após essa breve explanação sobre a função dos cotilédones na estrutura fisiológica das sementes, podemos nos indagar o seguinte questionamento: De que forma a acumulação (entendida enquanto *capital-cotilédone*) pode ser compreendida enquanto um fator de produção na economia da natureza proposta por Tarde?

Para tornarmos tal discussão um pouco mais clara, vejamos como Gabriel Tarde (*apud* Latour e Lépinay, 2009, p. 49-50, tradução nossa) concebe a produção efetiva de sua teoria do capital tendo como ponto de referência a morfologia de

sementes. Além de distinguir na noção de capital-semente o germe do cotilédone, consideramos válido destacarmos sua distinção a partir de suas funções tendo como referências seus dispositivos classificados enquanto “essencial” e “auxiliar”.

Em minha opinião, há dois elementos a ser distinguidos na noção de capital: primeiro, essencial, capital necessário: ou seja, todas as invenções dominantes, as principais fontes de toda a riqueza atual; segundo, auxiliar, capital mais ou menos útil: os produtos que, nascidos a partir dessas invenções, ajudam através dos meios de estes novos serviços a criar outros produtos.

Estes dois elementos são diferentes mais ou menos da mesma maneira que, em uma semente de planta, o germe difere dessas pequenas fontes de nutrientes que os encobrem e que chamamos de cotilédones. Cotilédones não são indispensáveis; existem plantas que se reproduzem sem eles. Eles apenas são úteis. A dificuldade não está em percebê-las, pois quando a semente é aberta podemos notar que eles são relativamente grandes. O minúsculo germe está escondido por eles. Os economistas que viam o capital como consistindo apenas na poupança e na acumulação de produtos anteriores são como os botânicos que veriam uma semente como sendo inteiramente composta de cotilédones.

Vejamos que tal percepção criada por Tarde segue na linha de criação de uma imagem de pensamento que tende a identificar nos processos econômicos o espírito do germe (capital essencial), em contraste com aquela força bruta, relativamente sem autonomia e incapaz de mudar o curso efetivo da vida de uma semente (ou melhor, uma entidade); ou seja, o capital-cotilédone (capital auxiliar) se apresenta enquanto uma força motriz (podemos pensar no *trabalho* e nos seus processos repetitivos) que constituem uma certa inércia, principalmente ao compararmos o papel do germe e sua ampla capacidade de multiplicação e principalmente de diferenciação. Vejamos como Latour e Lépinay (2009, p 53-54, tradução nossa) descrevem a composição desses dois tipos de capitais. Vale destacar que para Tarde o que importa na análise germinativa do capital é o seu movimento, ou seja, suas trajetórias.

O trabalho enquanto uma força bruta, então, assemelha-se fortemente ao “capital-cotilédone” – capital secundário. Estas duas espécies compartilham a característica de serem incapazes de desviar sua trajetória autonomamente. Qual a razão para esta falta de autonomia? Paradoxalmente, é porque eles possuem uma tendência na qual são *muito puros*, e isso significa que são incapazes de mudar suas rotas. [...] Assim como o trabalho em estado bruto, o capital-cotilédone é um exercício de pensamento, um caso limite que é de fato muito difícil de encontrar no campo da antropologia econômica.

E se o capital-cotilédone e o “trabalho em estado bruto” podem ser considerados enquanto “exercícios de pensamento” difíceis de serem encontrados na antropologia econômica, isso acontece porque tais noções estão constantemente sendo postas em xeque pela potencialidade inventiva da ação enquanto uma “diferença categórica”. Trabalho e acumulação (capital-cotilédone) são entendidos enquanto repetição, mas tal movimento é constatemente desafiado pela lógica da invenção, da diferença e da multiplicidade (capital-germe).

Mesmo que qualquer trabalho seja uma série de pequenos desafios a serem enfrentados localmente, no meio de um processo tedioso principalmente de repetição existe uma diferença – uma diferença categórica – entre invenção e repetição. A acumulação está do lado de repetição. Ela em si mesma não introduz mudanças na economia (LÉPINAY, 2007, p. 530, tradução nossa).

Tal caracterização botânica do capital subjacente à teoria tardiana da germinação econômica dificilmente poderá ser expressa de modo apressado sem que corramos o risco de cair em deslizamentos e desentendimentos que terminariam por ofuscar nossa tentativa de nos aproximarmos da teoria de tal autor. E isso acontece devido a dois grandes problemas: primeiro, o curso ministrado no *Collège de France* (1901-1902) que originou a publicação dos manuscritos do livro *Psychologie économique* mobiliza uma ampla gama de conceitos caros ao vocabulário do autor (o que poderia causar problemas em neófitos não familiarizados com seus escritos); segundo, Tarde muitas vezes adota nesta obra uma estratégia que perpassa uma indefinição conceitual, ao invés de uma adoção clara e precisa de suas ideias e aportes teóricos (HUGHES, 1961). Contudo, para os fins específicos desta pesquisa, gostaríamos de apenas frisar de que forma pudemos conceber a existência do capital-semente nos modos de funcionamento das práticas e das trocas na economia do compartilhamento online.

Como destacamos ao longo de toda esta tese, a economia do compartilhamento de conteúdos online através das redes torrente se difunde (a partir de meados do ano 2001) tendo como operadores centrais de ação a dispersão de sementes digitais. Tal sentido (captado enquanto uma potente categoria nativa auscultada em diversos níveis sensoriais através de nossa pesquisa de campo) alarga as possibilidades de entendimento de como podemos caracterizar as definições do que seja um arquivo de computador. Assim, arquivos de computador agora

compreendidos enquanto sementes (ou melhor, capital-semente) se apresentam enquanto *máquinas dispersivas* de específicos conteúdos sensíveis que existem armazenados nos computadores e discos rígidos dos agentes inseridos nestas redes de socialidade. Nesse sentido, sugerimos que tais conteúdos armazenados ou estocados nos discos rígidos dos computadores pessoais de cada um desses agentes podem ser compreendidos tendo como referência a imagem de pensamento descrita por Tarde e denominada capital-cotilédone. Enquanto tais conteúdos estejam apenas armazenados, eles apresentam uma certa inércia exatamente por serem incapazes de germinarem e se dispersarem.

Por outro lado, tais agentes operacionalizam o capital-germe (mais outro conceito caro à antropologia econômica tardiana) na prática ao adotarem a estratégia que permite o movimento e a dispersão entre pares de tais conteúdos através das redes torrente. Contudo, tal movimento exige um fator de operacionalização inventivo e o capital-germe assume a centralidade da inovação desta específica economia. Nos modos operacionais de ação da economia do compartilhamento através da internet, o capital-germe carrega em si mesmo a dimensão de profusão do movimento, da dispersão. Isso devido a um fato simples de ser destacado: o germe-capital apenas será criado por agentes que desejem movimentar o capital-cotilédone armazenado em seus computadores. E é através desta miríade de operações sensíveis que serão analisadas nos próximos subtópicos deste capítulo que compreendemos as bases morais e práticas que caracterizam a economia do compartilhamento online.

Entretanto, não podemos deixar de destacar nossa surpresa ao nos darmos conta de como uma teoria elaborada no início do século XX que caracteriza o caráter germinal do capital seria capaz de nos oferecer potentes *insights* que foram cruciais para elaborarmos um entendimento um pouco mais apurado a respeito do universo da troca de arquivos através da internet. Dito de outro modo, ainda nos espanta percebemos como uma antropologia econômica que se recusa enquanto uma teoria econômica⁷⁵ encontraria ecos (exatamente um século depois) de enunciação que

⁷⁵ Destacamos que para Tarde a economia não pode ser pensada enquanto um domínio do conhecimento em si mesmo, assim como para ele parece absurdo pensar “o social” como um destes domínios. Deste modo, o objetivo de Tarde ao repensar as bases da ciência econômica não era exatamente funda uma nova disciplina, mas contribuir para a elaboração de conceitos e estratégias metodológicas que permitissem aos cientistas traçar as invenções e as inovações, assim como os bens e seus movimentos nos fluxos da vida cotidiana (BORN, 2007).

afirmaria seus conceitos a partir de seus próprios termos. Nesse momento, estamos nos referindo estritamente ao conceito capital-semente. Será que Tarde imaginaria que Bram Cohen, o inventor do sistema BitTorrent, ou seja, a primeira pessoa a conceber a existência prática de uma semente digital, iria (um século depois da publicação de seu livro sobre o capital-semente) conceber a criação de uma complexa e inventiva “economia do conhecimento” que seria completamente baseada na prática do compartilhamento de sementes através da internet? Em outras palavras, será que Tarde seria capaz de conceber um momento na história da humanidade na qual a tecnologia da informação (amplificada pelas redes informáticas) poderia um dia conceber uma complexa economia totalmente baseada na profusão do capital-semente? Obviamente que, separados por um século de desenvolvimento e difusão de tecnologias, apenas podemos conjecturar a respeito de tais questões. Vejamos como Latour e Lépinay (2009, p. 3, tradução nossa) pensam a respeito destas problemáticas, tendo como horizonte a atualidade da antropologia econômica proposta por Tarde no seu livro *Psychologie économique* face àquilo que compreendem enquanto “extensão das técnicas de digitalização” provenientes do avanço do uso de computadores e de redes sociais online no início do século XXI.

Escrito em meio à primeira grande era da globalização, lidando com todas as inovações tecnológicas da época, tomado pelos problemas morais e políticos das lutas de classe, profundamente envolvido com a biosociologia, fundada em métodos quantitativos que no momento só poderiam ser sonhados, mas que hoje tornam-se disponíveis graças à extensão das técnicas de digitalização, [...] parece-nos espantoso que nós estejamos apresentando este trabalho, um século mais tarde, no meio de outro período de globalização, em um momento de crise moral, social, financeira, política e ecológica. Este *apax* não é oferecido como uma simples esquisitice que pode interessar apenas historiadores econômicos, mas sim como um documento que será essencial para alcançarmos uma compreensão alternativa do nosso passado, e, portanto, do nosso futuro.

Até o momento, discutimos brevemente características que pretendem apresentar alguns conceitos elaborados por Tarde e sua teoria germinal do capital. Em nossa discussão, enfatizamos com especial atenção o que tal autor entende quando se refere ao capital-semente, além de algumas propriedades do capital-germe e do capital-cotilédone (entendidos como uma discussão vinculada aos principais desdobramentos desse conceito). Assim, nosso objetivo com tal discussão foi tentar apresentar de que forma **economia** e **ecologia** se confundem e se misturam na antropologia de tal autor, ao invés de cada uma dela se apresentar enquanto um

domínio em si mesmo. Nessa esteira de pensamento, nós tentamos apresentar de que forma “Tarde concebeu as relações entre as ciências sociais e as ciências naturais, ou, em suas palavras, as relações entre os domínios social, vital e físico” (BARRY; THRIFT, 2007, p. 511, tradução nossa). Em sua proposta interdisciplinar, Tarde imaginava tais domínios a partir de paralelos, ao invés de organizados hierarquicamente.

[...] a sua abordagem procurou imitar o que ele considerava ser os argumentos dos cientistas naturais contemporâneos. Tarde não intencionou demarcar o social a partir do biológico, do material ou dos fenômenos psicológicos, mas sim definir as analogias e as relações entre os diferentes domínios.

No entanto, uma das razões que tornam o programa de Tarde para a sociologia bastante difícil de pôr em prática, é que ele exige enormes recursos. Tarde não só defendeu a necessidade de uma atenção ao detalhe, mas a recolha de informação pormenorizada ao longo do tempo, e em muitos locais específicos. A este respeito, uma certa forma de programa tardiano para investigações sociais está apenas começando a ser realizado, embora seja suscetível de ser realizado não principalmente por pesquisadores acadêmicos, mas por corporações, agências de pesquisa de mercado, governos e reguladores. Trata-se não apenas da produção de estatísticas, como Tarde imaginava, mas de um conjunto de técnicas, incluindo mídias interativas e pesquisas etnográficas [...] (BARRY; THRIFT, 2007, p. 521, tradução nossa).

Como podemos observar nesta relativa longa citação, uma das razões que talvez justifiquem o ressurgimento de Gabriel Tarde e da adesão de diversos pesquisadores ao “programa tardiano para investigações sociais” seja a sua demanda para as experimentações, além de sua extraordinária atenção ao detalhe e à singularidade do exemplo. Contudo, acreditamos que pode haver um certo exagero nas concepções que demarcam a existência de uma “antropologia econômica” em Gabriel Tarde. Do ponto de vista da radicalidade e da originalidade do pensamento deste autor, tal proposta seria muito ingênua e até mesmo anti-tardiana, principalmente ao lembrarmos das suas críticas elaboradas às “teorias ambiciosas e estéreis” e aos “abusos literários” cometidos por filósofos que optam por um “ponto de vista cômodo, que consiste em ver falsamente a criação de um ser novo no fenômeno [...]” (TARDE, 2007b, p. 56).

A tradição conceitual da sociologia está repleta de teorias e de abordagens que defendem uma concepção orgânica de sociedade. Tais análises biológicas se propuseram a debater questões sociais a partir de uma concepção que tenta

compreender a sociedade enquanto um organismo. Este debate está radicalmente atrelado aos primórdios do nascimento da sociologia e da antropologia enquanto ciência (especialmente na Europa e nos Estados Unidos) e aqueceu boa parte da discussão dentro desta disciplina que remonta o final do século XIX, até meados do século XX (PATTEN, 1894). “A teoria orgânica da sociedade é acolhida por quase todos os sérios pensadores da atualidade. Todo mundo parece pronto para declarar, embora muitas vezes com algumas reservas, que a sociedade é uma organismo [...] (LLOYD, 1901, p. 577, tradução nossa). De acordo com Parker (1921), o francês Auguste Comte (1798-1857) e o britânico Herbert Spencer (1820-1903) foram dois pensadores que abordaram em suas teorias o conceito denominado “organismo social” (embora tal conceito possua significações bem diversas nessas duas tradições intelectuais). Gabriel Tarde não ficou de fora desse debate, e uma parte importante de seus escritos se propõe a discutir de que forma a sociologia poderia se constituir frente ao conhecimento produzido pelas ciências naturais. Em sua concepção, Tarde (2007b, p. 71) admite “a complexidade das sensações e a perfeita legitimidade de sua explicação por fatos fisiológicos [...]”.

Contudo, apesar de admitir a explicação das “sensações” (para não dizermos “fatos sociais”) a partir dos “fatos fisiológicos”, Tarde (2010, p. 93, tradução nossa) postula que a criatividade da sociologia não poderia estar subjugada à biologia, ao seu vocabulário ou às suas metáforas. No trecho em destaque, tal autor critica a possibilidade de compararmos as evoluções das sociedades a partir de analogias que compreendem o “desenvolvimento de sementes”. Vejamos:

A sociologia não mais precisa ser subjugada à biologia, dando a si mesma ares científicos ao empregar por empréstimo os métodos, a estrutura e até mesmo o vocabulário da biologia, esbanjando metáforas abusivas apreendidas da anatomia e da fisiologia, ao imaginar as transformações históricas das sociedades como similar ao desenvolvimento de uma semente, na qual, através de um rigoroso e pré-determinado ciclo de estados embrionários, alcança a maturidade, velhice e finalmente a morte após ter se reproduzido em uma nova semente que seguiria o mesmo rumo. Não. Para estabelecer ciência social não é necessário conceber a evolução das sociedades desta maneira, com uma fórmula comparável ao tipo de itinerário planejado no avanço que as companhias ferroviárias propuseram e impuseram aos turistas. Não que eu rejeite analogias e comparações (que na verdade eu usei em grande quantidade), mas aqui precisa ser dito que os termos da comparação foram pobremente escolhidos. O análogo de um ser vivo, que se reproduziria de acordo com uma fórmula constante de evolução, não é uma nação concebida enquanto um todo ou mesmo considerada em um dos seus aspectos gerais (linguagem, governo, religião e por aí vai).

Ademais, nada nos obriga a resolvermos estes problemas [...].

À primeira vista, Tarde parece pôr em questão a eficácia de sua própria analogia explicitada no seu livro *Psychologie économique*. Um dos segmentos analíticos centrais desta obra consiste na analogia das transformações econômicas a partir da lógica do desenvolvimento de uma semente. De todo modo, é exatamente os termos desta comparação que (em outro texto) Tarde considera como “pobremente escolhidos”, além de ser explicitamente categórico ao postular um preciso “Não” ao negar a subjugação da sociologia à biologia através do uso de “metáforas abusivas”.

Como podemos compreender tal negação? E como podemos justificar diante de tal crítica a eficácia conceitual das analogias ecológicas presente em sua obra? Antes de mais nada, seguimos com Tarde seu argumento preciso que evoca o não fechamento desta questão – em suas palavras, “nada nos obriga a resolvermos estes problemas”. De todo modo, arriscamos uma resposta a essas indagações. O que Tarde critica não é a possibilidade de pensarmos a economia ou a sociedade a partir do desenvolvimento de uma semente, mas sim os perigos expostos pelos resultados advindos destas analogias. Ao retomarmos a citação recentemente exposta, Tarde afirma que “o análogo de um ser vivo [...] não é uma nação concebida enquanto um todo”. Disso podemos concluir que a hipótese monadológica apenas sustenta tais analogias a partir da criação e difusão da *lógica infinitesimal*.

Contudo, quanto mais mergulhamos nas profundezas microscópicas ou mesmo ultramicroscópicas do infinitamente pequeno, lá descobrimos sempre germes vivos e organismos completos, nos quais a observação ou a indução nos levam a reconhecer os caracteres da animalidade ou os da vegetação, já que os dois reinos se confundem *in minimis* (TARDE, 2007b, p. 75, itálicos no original; grifos nossos).

Pensemos na sociedade como um organismo a partir da proposta tardeana, na qual “germes vivos e organismos completos” se agenciam e se multiplicam a partir de zonas infinitesimais. Certamente que a teoria monadológica possui um amplo diálogo com a biologia, a anatomia e a fisiologia de um modo geral. Contudo, jamais podemos (nem por um único segundo) pensar que a “sociedade como um organismo” tardeana possui alguma relação com a concepção positivista e funcionalista difundida por Comte ou Spencer (além de obviamente seus discípulos). Assim, ao invés de Friedrich Hegel (1770-1831) e sua filosofia da totalidade, é de Charles Darwin (1809-1882) e sua teoria da evolução que advém uma das principais fontes de inspirações da hipótese monadológica. E isso se dá exatamente em razão dos “esforços

acumulados de cientistas e teóricos perfeitamente atentos” e da aposta de tais agentes na experimentação e na empiria, ao invés da proliferação de teorias estéreis e vazias.

O real apoio que a doutrina da evolução fornece às hipóteses monadológicas se mostraria bem mais evidente ainda se considerássemos esse grande sistema sob as novas formas que está em vias de adquirir e que já começam a se esboçar. Pois o próprio evolucionismo evolui. Evolui não por uma série ou um concurso de tateios cegos, de adaptações fortuitas e involuntárias aos fatos observados, em conformidade com procedimentos de transformação que em geral ele comete o erro de atribuir à natureza viva, mas sim pelos esforços acumulados de cientistas e teóricos perfeitamente atentos, conscientemente e voluntariamente ocupados em modificar a teoria fundamental para ajustá-la da melhor maneira possível aos dados da ciência que lhes são conhecidos, e também às idéias preconcebidas que lhes caras (TARDE, 2007b, p. 63).

Nesse sentido, podemos conjecturar de que forma Tarde contribuiu de forma satisfatória para a constituição desses atentos ajustes que possibilitaram modificações fundamentais da teoria evolucionista enquanto um “grande sistema” teórico. De acordo com Latour e Lépinay (2009, p. 45-46, tradução nossa; *itálicos no original*), a metafísica da diferença concebida por Tarde permitiu a constituição de um *darwinismo social invertido*. De acordo com tais autores, a visão enganosa da biologia concebida por sociólogos evolucionistas rapidamente transformou o evolucionismo social em um grande veneno, especialmente a partir da ideia generalista que culminou na naturalização da luta pela vida. Assim, para caminharmos com Darwin seria necessário extraímos tais venenos provenientes da visão mefistofeliana (em referência ao demônio Mefistófeles) que centraliza a corrupção dos espíritos e dos corações humanos, principalmente ao conceber a natureza dos conflitos (sejam eles no campo da economia ou da sociedade em geral). Vejamos:

Se há uma coisa que Tarde não permitiria, é a justificação da guerra pela sobrevivência do mais forte: esta recusa aplica-se a plantas e animais, bem como aos homens. Isso não quer dizer que os conflitos não existiriam. Ao contrário, eles representam metade do livro [Psychologie économique]. Ele nunca se entregaria aos prazeres de uma ecologia harmoniosa na qual faria apelo para a grande paz da natureza para se livrar da baixez humana. Os conflitos estão em todos os lugares, mas nada os guiam; não há nenhum contexto que garantiria a sobrevivência do mais apto. [...]. Para Tarde, naturalizar não significa diminuir, mas, pelo contrário, elevar a atividade econômica para o nível de proliferação, multiplicação e invenção, que irá tornar possível explicar o *conteúdo* dos bens e não apenas a *forma* da troca.

Em resumo, a antropologia econômica proposta por Gabriel Tarde se apresenta a partir de uma referência conceitual um pouco diversa das principais correntes da economia política clássica (seja em suas versões liberais ou mesmo marxistas). Ao longo de todo este tópico, nós tentamos definir alguns importantes elementos conceituais que se vinculam a tal proposta. Vimos também de que forma as invenções e as inovações assumem uma centralidade em sua proposta teórica e que forma a biologia lança importantes luzes que ajudam Tarde a focar na importância do capital-semente (talvez um dos novos conceitos mais importantes propostos por Tarde em sua obra *Psychologie économique*). E é a partir do de tal conceito que Tarde desdobra sua noção ecológica do capital, principalmente ao caracterizar as diferenças entre o capital-germe e o capital-cotilédone. Por fim, debatemos de que modo Darwin influenciou Tarde ao conceber o seu darwinismo social invertido. E diante de tais formulações, realizaremos no próximo tópico um debate mais aprofundado a respeito de um dos principais elementos constituidores de sua doutrina: referimo-nos à economia esquentada pelas pulsões das paixões, pelas experiências colaborativas e pelas redefinições do valor dos bens e dos artefatos em jogo.

4.2 A economia dos interesses apaixonados: sementes digitais, paixões compartilhamento online

A paixão, que se revela e se consome por nossos atos, podia revelar-se e consumir-se por uma infinidade de séries de ações diferentes (TARDE, 2007b, p. 197).

Neste tópico gostaríamos de enfatizar dois elementos conceituais constituídos na antropologia econômica de Gabriel Tarde que determinam um desempenho importante nas práticas de socialidade e nos agenciamentos coletivos no universo dos cyberagricultores de sementes digitais online: primeiro, a redefinição proposta por Tarde a respeito da “teoria do valor” na “economia dos interesses apaixonados”; segundo, o lugar das paixões nas relações e nos modos de existências nesta específica economia do compartilhamento. Antes de tudo, vale destacarmos uma dimensão crucial desta relação que pretende justificar o entendimento básico de que a economia do compartilhamento online se apresenta enquanto uma “economia dos interesses apaixonados”, nos termos propostos por Tarde. E tal entendimento

está alicerçado nas *raízes quantitativas* das fontes das riquezas que perpassam essa economia, estejam elas em suas dimensões subjetivas, irracionais ou mesmo emocionais.

Tal entendimento se justifica a partir de uma redefinição do que significa economia, suas razões e dimensões epistemológicas. Assim, a “economia dos interesses apaixonados” proposta por Tarde pretende literalmente “descongelar” o frio e previsível continente criado pela ciência econômica ocidental em meados do século XVIII. Tal ciência (ou campo) econômico se fortaleceu a partir de significativos erros epistemológicos, expressivamente aqueles entendimentos que conjecturaram um momento na história da economia que permitiram os seguintes deslocamentos: a paixão para a razão; o irracional para o racional; as trocas tradicionais para os mercados neoliberais. Nesse sentido, Latour e Lépinay (2009, p. 14, tradução nossa) denotam a existência de um “erro de temperatura” nas interpretações convencionais do “campo econômico”. E o lugar central de tal erro está exatamente nessa tentativa (expressa pelo campo econômico clássico) de “racionalizar” as paixões e esfriar os corações dos agentes. “O campo econômico, inventado no século XVIII, não descobriu um continente; ao invés disso, ele foi construído do zero, ou melhor, foi organizado, foi conquistado e foi colonizado”.

Assim, o “erro de temperatura” determina um elemento central na antropologia econômica proposta por Tarde, isso devido a um argumento relativamente simples: segundo Tarde, em nenhum momento da história da humanidade é possível apontarmos uma razão histórica que justifica o surgimento dos “cálculos frios” (advindos da lógica racionalista) que pudessem ser capazes de simplificar, reduzir ou mesmo esfriar os “interesses apaixonados” dos agentes em suas ações de trocas econômicas⁷⁶. O campo econômico, ao inventar o *homo economicus*, possibilitou um campo de interconexões e interpretações epistemológicas a partir da criação de uma zona racionalista estéril e incapacitante, principalmente ao tentar promover o esfriamento das paixões através da exclusão daquilo que a ciência dos interesses apaixonados considera como a zona principal de

⁷⁶ O argumento em análise deságua em uma conclusão um pouco chocante, que infelizmente não poderemos adentrar nesta tese. Ele perpassa o entendimento proposto do Tarde que concebe uma ciência econômica a partir do ponto de vista que se situa no enquadramento conceitual que vislumbra a não existência do “regime capitalista”. Para um debate mais aprofundado a respeito de tal perspectiva ver o subtópico “Nunca existiu um ‘regime capitalista’” (LATOUR; LÉPINAY, 2009. p. 59-65).

atuação da economia: as paixões de intensidades sem precedentes. Não é o fortalecimento e o advento da razão econômica, nem muito menos o triunfo do racionalismo o grande profusor das energias e das interconexões criativas no complexo mundo dos bens e das invenções. Nesse sentido, para Tarde o *homo economicus* inventado no século XVIII não passa de um ser mutilado sem nada de humano em seu coração, além do abstrato desejo de acumular a qualquer preço. E é exatamente essa abstrata e simplificadora imagem de pensamento que a “economia dos interesses apaixonados” pretende desafiar.

O que então é economia? Agora nós podemos definir enquanto uma “ciência dos interesses apaixonados”. De todo modo, Tarde não está dizendo que o cálculo da razão econômica se encontra distorcido, sequestrado ou perturbado por paixões, coalizões, contaminações e rumores na qual impedem seus cálculos de estarem corretos; ele não está afirmando que se, por algum milagre impossível, formos capazes de nos livrarmos da confusão irracional, nós poderemos enfim recuperar a razão econômica. Não. *Tudo* em economia é irracional, *tudo* em economia é, poderemos dizer, extra-econômico (no sentido cotidiano da palavra) (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 24, tradução nossa; itálicos no original).

Como podemos notar, é exatamente a dimensão irracional que equaciona e direciona as potencialidades conceituais da “ciência dos interesses apaixonados” proposta por Tarde. Nesse sentido, a sua pretensão consiste em tentar uma aproximação com elementos que usualmente não faziam parte das discussões no campo da economia, com o objetivo de “fazer os ciclos dos interesses apaixonados girar em torno de um diferente sol, um sol que resplandeça luzes e queime – ou seja, um sol traga luzes porque queima” (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 26, tradução nossa). Mais uma vez fortalece o entendimento de que há um “erro de temperatura” que precisa ser evitado. A ideia é esquentar os corações, através das aproximações com uma certa “filosofia do desejo” que promova uma vinculação da ciência econômica com determinadas derivações conceituais antes evitadas ou menosprezadas. E o argumento se fortalece na medida em que a ciência dos interesses apaixonados se estabelece enquanto um experimento eminentemente empírico, que pode ser melhor observado através do olhar cuidadoso, “bem de perto”.

Assim, se a ciência econômica foi em diversas situações acusadas por Tarde de esfriar as paixões e distanciar-se das relações, a sua alternativa epistemológica contra esse “continente congelado” prevê exatamente um contato

aproximado com esses complexos e difusos mundos, campos ou sociedades; ou seja, o mundo subjetivo e irracional, que não mais pode ser limitado a partir de falsas e abstratas divisões (por exemplo, simbólico e material, orgânico e artificial), finalmente encontra um caminho e um *locus* de enunciação a partir de uma teoria econômica que pretende “penetrar no mais íntimo dos seres”.

[Gabriel Tarde] reconhece que há na física, na química, ou na biologia, excelentes razões para tomar as associações de entidades a partir do exterior como nuvens estatísticas, sujeitas a forças externas que os governam. Mas se essa perspectiva é adotada em muitos casos, é porque não podemos chegar suficientemente perto, pois não somos capazes de penetrar em seus seres mais íntimos (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 28, tradução nossa).

Com isso, Tarde conclui que não há nenhum ganho epistemológico em tomarmos fenômenos econômicos a partir de uma perspectiva distanciada, sendo que em diversas situações somos extremamente capazes que nos aproximarmos e de olharmos “bem de perto” os agentes inseridos em suas redes de socialidades, na qual fluem os mais íntimos desejos, aspirações e emoções em torno de infinitas “associações de entidades”. E é exatamente neste ponto crucial de análise que somos capazes de resumirmos um pouco deste complexo programa de pensamento proposto por Tarde no início do século XX. A partir da discussão elaborada no tópico anterior, entendemos que a economia é antes de tudo um fenômeno vivo, na qual pulsam vibrações que potencializam o fluxo germinativo de ideias e artefatos os mais diversos. Contudo, a economia dos interesses apaixonados somente poderá ser capaz de cumprir suas pretensões epistemológicas ao mirar seus esforços teóricos e empíricos na tentativa de “capturar as ‘pulsões escondidas’ que nos conectam aos bens” (LATOURE; LÉPINAY, p. 30, tradução nossa).

Nesse sentido, remontamos o objetivo geral deste capítulo, que consiste em uma narrativa inspirada na ciência dos interesses apaixonados com o objetivo de captar as pulsões e a libido de agentes inseridos no compartilhamento de arquivos online (entendidos no contexto desta tese enquanto compartilhamento de sementes digitais). O que está em jogo neste momento são alguns dramas sutis e profundos que relacionam pessoas (no caso, cyberagricultores ou cybersemeadores) aos artefatos e bens compartilhados (ou seja, às sementes digitais). Tudo isso se mistura em uma zona indefinida de vibrações e tal atmosfera está envolta em mistérios e incertezas. Contudo, nestes fluxos misteriosos de paixões, interesses e vontades emerge em

equilíbrio inesperado que toma forma ao reconhecermos a importância das paixões nestes esquemas particulares de solidariedades que se apresenta a partir de duas perspectivas: primeiro, a paixão pelos arquivos digitais compartilhados (ou, mais especificamente, pelos conteúdos sensíveis que tais artefatos carregam); segundo, a paixão pela prática do compartilhamento online através das redes torrente (ou seja, o reconhecimento do valor e da importância da prática da cyberagricultura como um dos mais eficientes e importantes métodos de compartilhamento de conteúdo entre pares).

Já debatemos nos capítulos anteriores a respeito da importância das sementes digitais para semeadores de arquivos que frequentam a comunidade Oásis. Suas práticas de socialidade e seus modos de existências os vinculam de forma perene a esse importante agregador comum de desejos e expectativas. Cada semente digital postada na comunidade toma a forma de um valioso presente e tais artefatos são (não raramente e salvo algumas exceções⁷⁷) entendidos enquanto verdadeiras relíquias. No capítulo anterior, tentamos definir e deixar um pouco mais claro algumas características que singularizam as sementes digitais compartilhadas no Oásis. Entretanto, pouco ou quase nada foi discutido até o presente momento a respeito das particularidades e das formas da troca que compõem essa complexa economia coletiva. Ao levarmos em conta essa constatação, gostaríamos de nos dispor nos próximos subtópicos deste capítulo a debatermos alguns elementos que consideramos fundamentais ao exercício prático e ritual da sementeação de arquivos digitais online.

Ao explanarmos enfim as razões teóricas e epistemológicas que nos autorizam a entendermos as formas da troca de sementes digitais online enquanto uma forma específica de economia, nos defrontamos agora com o desafio de descrevermos alguns elementos que permeiam a vida econômica e moral dos semeadores de arquivos digitais online nos modos expressos pelos compartilhadores de sementes que frequentam a comunidade Oásis. Assim, tentaremos descrever a seguir de que forma um complexo ecossistema de tecnologias estabelecidas através de redes de computadores online conjugadas à um sistema de regras éticas e morais

⁷⁷ Como sugere Marcel Mauss, (2003 [1925]) em seu “Ensaio sobre a dádiva”, sempre irá existir a possibilidade do presente de mau gosto.

fundamentam e constituem a base da troca da economia do compartilhamento de sementes digitais através da internet.

E, como vimos ao longo deste subtópico, a “ciência dos interesses apaixonados” se revela enquanto um importante elemento teórico que baliza este experimento exatamente por nos permitir seguir as linhas erráticas das paixões de intensidades sem precedentes entre esses agentes. Em um certo sentido, consideremos uma tarefa muito difícil descrever com clareza o grau de afinidade e importância que os semeadores de arquivos online projetam aos artefatos criados e compartilhados online. Entretanto, podemos resumir essa atividade a partir da seguinte máxima: tudo o que se relaciona às sementes digitais entre os compartilhadores de arquivos que frequentam a comunidade Oásis é feito com muito esmero, dedicação e refinamento.

Dito de outro modo, cada linha de atuação em qualquer esfera produtiva dos arquivos que são postados na comunidade Oásis (seja sua criação, armazenamento ou dispersão) são realizados de forma muito solene. Isso devido ao fato dos conteúdos sensíveis que tais objetos carregam serem considerados ideários de beleza, verdade e utilidade⁷⁸. Assim, a riqueza e a glória subjacente ao ato que compreende o compartilhamento de sementes digitais na comunidade Oásis estão ligados a dois elementos específicos: primeiro, a busca por um certo ideal de beleza e perfeição artística (expressos através dos conteúdos sensíveis que tais artefatos carregam); segundo, o fortalecimento de uma específica economia e forma de troca de arquivos online devido aos seus critérios de utilidade e eficiência.

Insistamos nessa conclusão capital: não é possível amar as sementes digitais sem amar (de igual forma e medida) o *modus operandi* que baliza as operações de troca de arquivos online através das redes P2P (*peer-to-peer*). Essa hipótese é fácil de ser esclarecida devido a uma simples propriedade geral: as sementes digitais apenas existem para que determinados e selecionados arquivos de computadores possam ser dispersados através da internet de forma eficiente e descentralizada. Como já esclaremos anteriormente, o objetivo de existência das

⁷⁸ Lembremos do lema da comunidade Oásis: “As verdadeiras sementes estão aqui”. Esta característica define a busca por um ideal de beleza e singularidade, que para Gabriel Tarde pode ser compreendido enquanto um dos mais importantes esquemas de “valores” na economia dos interesses apaixonados.

sementes digitais é garantir o movimento de arquivos armazenados nos discos rígidos de computadores de cada *peer* inserido nessas redes informáticas.

Com isso, gostaríamos de salientar esse aspecto estritamente emocional e afetivo que se manifesta em cada tomada de posição dos agentes inseridos neste tipo específico de compartilhamento de bens digitais. Mas de que forma podemos “capturar” essas zonas de intensidades afetivas? Como essa específica economia (que parece funcionar ao avesso das leis que regem os mercados neoliberais) se alimenta e se nutre desse importante alimento dos espíritos humanos (ou seja, a paixão) para dar força e vazão a uma grandiosa sequência de ações que possuem como finalidade última a dispersão de preciosos e louvados presentes?

Vejamos abaixo alguns comentários de pessoas que frequentam a comunidade Oásis. Na primeira situação, um membro do grupo Tradutores responde uma postagem que trata da história deste fórum e ressaltamos em seu comentário o momento em que descreve a comunidade Oásis enquanto um local amigável, na qual predomina sentimentos como “amor” e “família”; já na segunda situação, outra pessoa do grupo Membros finaliza seu comentário sobre o Oásis pedindo desculpas por não interagir como outras pessoas, mas reafirmando seu imenso “amor, respeito e consideração” por este site (na qual demonima “querido” e “o melhor” da internet).

Bela história, o [Oásis] é de longe o mais amigável dos fóruns que participo. A coisa funciona, o pessoal semeia por consciência e não imposição, galera traz [sementes] pra ajudar e não pra ganhar ratio [bônus advindo da prática do semeio] ou nada, [Oásis] é amor. Uma família. (Grupo: Tradutores / agosto de 2008).

Parabéns pra gente, né? 😊 Parabéns pra quem semeia, divulga, comenta, assiste, traduz, ou, simplesmente, só aproveita o que o [Oásis] tem de melhor a oferecer. Entre todos os sites de [compartilhamento de arquivos], considero o nosso querido [Oásis] o melhor, tanto pelo acervo de [sementes] mais espetacular que vi na internet - quantidade, variedade e qualidade - quanto pelo fator humano, que creio ser o diferencial por aqui. É isso, não faço parte há muito tempo, não interajo como os outros, mas acreditem no meu amor, respeito e consideração imensos ao site. Vida longa! 😊 (Grupo: Membros / julho de 2014).

Tais comentários destacados também podem ser lidos como verdadeiras declarações de amor ao fórum Oásis. Na realidade, tais postagens são extremamente abundantes no fórum, principalmente nos tópicos oficiais que se destinam a

comemorar o aniversário da comunidade. Tais postagens são recorrentes anualmente, e nela podemos encontrar diversas dessas singulares “declarações de amor”. No tópico denominado “10 Anosss!” (criado em meados de julho de 2016), cerca de 140 mensagens desse tipo foram depositadas neste tópico. Entretanto, nessas postagens também foi possível capturarmos mensagens de amor não apenas ao fórum em si mesmo, mas à prática do compartilhamento e aos conteúdos sensíveis compartilhados. Nos comentários abaixo destacados, uma pessoa do grupo “Conselheiros” comenta que está baixando uma semente digital na qual o seu conteúdo é proveniente da Tailândia, e faz uma referência musical apaixonada destacando provavelmente o trecho de uma canção “O que a gente não faz por amor.” Com isso, tal pessoa pretende relacionar o ato de baixar tal arquivo como um ato de amor. Na mesma linha de reflexão, outra pessoa agradece um arquivo postado no fórum e comenta que está “baixando com amor e semeando com fervor” o arquivo compartilhado.

Baixando o da Tailândia... 🎵 O que a gente 🎵 não faz por amor...🎵 (Grupo: Conselheiros / novembro de 2012).

Maravilhoso, baixando com amor e semeando com fervor. Infinitos agradecimentos e Muita Paz, sempre 😊 (Grupo: Membros / agosto de 2014).

No mesmo caminho dos comentários destacados, uma pessoa realiza uma postagem no fórum que deriva de algo relevante que pretendemos destacar no momento: o “prazer de compartilhar”. Tal argumento foi realizado no tópico “10 Anosss!” (que tem por objetivo comemorar os dez anos de existência do site) e tal pessoa inicia sua reflexão classificando o Oásis enquanto uma “vanguarda” por desafiar “estruturas monopolizadas” que existem na sociedade. Após isso, ela dignifica o processo de produção e distribuição dos arquivos disponíveis para *download* no fórum, e faz isso ao perceber a importância do “trabalho coletivo [que] consegue garantir disponibilidade a todos, na hora do download”. Por fim, tal pessoa classifica a importância de ver “todo mundo se movimentando pelo prazer de compartilhar”. Vejamos:

[...] As vezes fico pensando que o [Oásis] é quase que uma vanguarda pra uma sociedade que não precisará mais dessas estruturas monopolizadas que existem. Isso porque, mesmo não participando no processo de produção e diretamente na distribuição, pelo trabalho coletivo consegue garantir

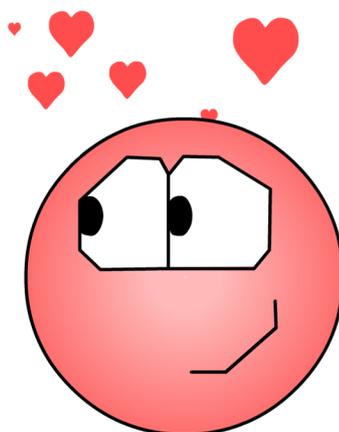
disponibilidade a todos, na hora do download, na tradução das [sementes], é tudo mundo se movimentando pelo prazer de compartilhar. E isso é lindo!

Obrigado [Oásis]! 🥰 (Grupo: Agitadores / julho de 2016).

Certamente, os elementos expressos neste comentário nos ajudam a definir com mais propriedade alguns argumentos que justificam a adesão deste complexo programa de pensamento proposto por Gabriel Tarde e denominado “economia dos interesses apaixonados”. A partir desses comentários (e de outros que serão expostos mais à frente) podemos notar de forma expressa a adesão visceral desses agentes a uma esfera afetiva que perpassa uma suposta economia libidinal. Tais comentários expressam ainda um vocabulário que atende a definições ajustadas a uma específica economia dos prazeres. Assim, expressões como “amor”, “afeto” e “paixão” são vocabulários usados por tais agentes para definir suas ações e práticas nesta comunidade.

Até mesmo a linguagem essencialmente informática internacionalmente conhecida como *emoticons* (palavra derivada da junção dos termos em inglês *emotion* [emoção] e *icon* [ícone]) são acessados por tais agentes para reforçar de forma expressa essa recorrente linha afetiva e emocional que perpassa a economia do compartilhamento online. No último comentário em destaque, notamos que tal pessoa faz uso de um *emoji* (outra denominação característica deste tipo de linguagem cibernética) que expressa afeição e singeleza, denominado a partir de uma figuração de um rosto encoberto por múltiplos corações (FIGURA 06).

FIGURA 06: *Emoticon* utilizado para expressar afetividades e emoções na comunidade Oásis.



FONTE: <https://en.wikipedia.org/wiki/Emoji>

Longe de assumirem uma posição acessória na linguagem cotidiana utilizada pelos membros do fórum, os *emoticons* e os *emojis* geralmente se destacam exatamente pela sua posição central e de extrema relevância. Não raro, em algumas situações podemos visualizar mensagens depositadas no fórum escritas somente através desses ícones. Existem ao todo 23 *emoticons* disponíveis no fórum (QUADRO 07). Tais *emojis* são ícones padrões disponíveis no *script* do fórum (denominado Unreal Portal) adotado para hospedar o *site*.

QUADRO 07: Guia de *emoticons* disponíveis na comunidade Oásis.

Caracteres tipográficos	Sentimento/Ação	Emoticon
:mellow:	Brandura	
:wub:	Amorosidade	
:angry:	Raiva	
:(Tristeza	
:unsure:	Insegurança	
:wacko:	Confusão	
:blink:	Assombro	
:ph34r:	Discrição	
:angry2:	Raiva (2)	
:blush:	Vergonha	
:)	Alegria	
<_<	Desconfiança	
-_-	Indiferença	
:huh:	Dúvida	
^_^	Fofura	
:o	Espanto	
;)	Piscadela	
:P	Sorriso (língua de fora)	
:D	Sorriso	
:lol:	Gargalhada	
B)	Sorriso (óculos escuro)	
:rolleyes:	Timidez	
:excl:	Advertência	

FONTE: Pesquisa direta do autor.

Nesse momento, gostaríamos de destacar de que forma essa específica linguagem é cotidianamente utilizada por membros do Oásis para expressar sentimentos, emoções e atitudes diante de situações as mais diversas. De acordo com Francisco Yus (2014, p. 526, tradução e grifos nossos), os *emoticons* podem ser entendidos como uma linguagem um pouco mais aproximada das possíveis expressões que seus usuários pretendem demonstrar em seus atos comunicacionais e seus ícones (apesar de suas afeições faciais minimalistas) podem vir a expressar “declarações menos propensas a eventuais mal-entendidos”.

Emoticons não são redundantes ou irrelevantes. Ao contrário, eles executam uma ampla gama de possibilidades ou funções que proporcionam um acompanhamento de texto mais relevante ao usuário destinatário. [...] Em todas essas funções, *emoticons* desempenham papéis interessantes que deixam o texto comunicado na Net um pouco mais próximo dos sentimentos, emoções e atitudes que o usuário exprime enquanto os digita. Portanto, esses *emoticons* fazem declarações menos propensas a eventuais mal-entendidos.

Na mesma linha de raciocínio, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2016, p. 396) concluí em seu artigo que *emoticons*, *emojis* e *stickers* não são apenas ilustrações, pois seus significados estão associados a uma complexa rede de sentidos. Mais uma vez, consideramos válido destacamos a importância estrita dos *emoticons* na esfera comunicativa de sentimentos e emoções de usuários de fóruns e aplicativos online.

O crescente uso dos *emojis* é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica em determinados contextos de interação, mas, ao mesmo tempo, fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções. As imagens são sempre mais fortes e é muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo “eu te amo”.

Em resumo, a linguagem das emoções expressa através dos *emoticons* (e seus derivados), na comunidade Oásis, caracteriza apenas mais um desses amplos aspectos que singularizam a economia do compartilhamento de arquivos através da internet enquanto um sistema de intensos sentimentos. Sob nenhum aspecto, podemos caracterizar que as postagens e os comentários realizados no fórum (mesmo aqueles expressos através dos aparentemente mais simples e banais ideogramas) assumem um caráter irrelevante diante de outras interações simbólicas

(como aquelas realizadas através de atos comunicacionais face a face). Ao contrário disso, veremos ao longo deste capítulo que tal economia perpassa uma ampla intensidade de interesses apaixonados que se ligam através de um “enxameamento de conexões [*swarming of attachments*]⁷⁹, que são de fato a substância da economia política” (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 79, tradução nossa).

É por este motivo que optamos por refletir sobre esta rede de relações tendo como visto alguns princípios estabelecidos pela economia dos interesses apaixonados, proposta por Gabriel Tarde. E se para tal pensador o “enxameamento de conexões” se estabelece enquanto a principal substância da economia política, tal perspectiva apenas se fortalece na medida em que abrimos mão da solidez e da reificação de conceitos (por exemplo, “abstração comercial”, “fetichismo da mercadoria”, “racionalização”). Gabriel Tarde prefere abrir mão desses conceitos caros à economia política, apenas pare ter a possibilidade de seguir (ou melhor, traçar) as redes de conexões e suas técnicas de inovação, produção, comercialização e comunicação, na qual fluem bens e artefatos, serviços e inovações (ou seja, capitalmente). Mais uma vez, o argumento é mesmo relatado anteriormente: não podemos imaginar um momento na história da humanidade em que a “racionalização comercial” favoreceu um esfriamento das paixões. Como sugerem (mais uma vez) Latour e Lépinay (2009, p. 60, tradução nossa):

Nunca passamos do encanto antiquado do câmbio para a abstração comercial. Para Tarde, portanto, não há aumento na abstração, nem fetichismo da mercadoria, nem diminuição das paixões ou aumento da frieza. Passamos do passado para o presente através de um maior entrecruzamento, através de um maior entrelaçamento de distâncias, através de um envolvimento mais intrincado das novas técnicas de inovação, produção, comercialização e comunicação.

⁷⁹ Rick Falkvinge (2014, p. 10, tradução nossa), um político e escritor sueco conhecido internacionalmente por ser o fundador do primeiro Partido Pirata, escreveu um interessante livro na qual pretende compreender como podemos adentrar no poder do enxame e subverter lógicas corporativas e hierárquicas. Em suas palavras: “Uma organização enxame é um esforço colaborativo e descentralizado de voluntários que vista de fora aparenta hierárquica ou uma estrutura organizacional tradicional. Elas são construídas por um número pequeno de pessoas [...] [mas], permitem a cooperação de um grande número de voluntários com um objetivo comum em quantidades não possíveis antes que a internet estivesse disponível” (p. 10). Como podemos observar, é possível estabelecer uma relação entre as estruturas organizacionais do tipo “enxame” e as redes colaborativas digitais online. Sob esse aspecto, podemos pensar a comunidade Oásis enquanto uma organização do tipo “enxame”. Adentraremos essa característica de forma mais acentuada no próximo capítulo desta tese.

É por esta razão que Bruno Latour e Vincent Lépinay postulam que Gabriel Tarde antecipa em seu livro “Psychologie économique” uma importante discussão sobre redes [*networks*] e suas implicações no campo da economia política. De acordo com tais autores, Tarde renunciou essa discussão que seria amadurecida mais de meio século após o lançamento de seu livro, especialmente com Immanuel Wallerstein⁸⁰ e Fernand Braudel⁸¹. Contudo, nesse momento nos interessa a discussão proposta pela economia dos interesses apaixonados para o campo da antropologia econômica. E mais uma vez, enfatizamos esse entendimento proposto por Tarde de que seria um erro vislumbrarmos a existência de um momento na história da humanidade no qual uma “flecha irreversível”⁸² tenha atingido a sociedade em cheio e transformado as relações sociais por completo. Assim, Gabriel Tarde também antecipa o argumento proposto por Latour (1994) em sua obra “Jamais fomos modernos”, principalmente por não apostar no “aparecimento repentino da modernidade e da abstração” (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 61, tradução nossa).

Em resumo, neste tópico tentamos tornar um pouco mais claro alguns elementos que constituem a “ciência dos interesses apaixonados” proposta no início do século por Gabriel Tarde em seu livro “Psychologie économique”. Com efeito, tentamos ainda demonstrar de que forma tal sistema filosófico nos serviu de guia intelectual em nossa tentativa de compreensão do fenômeno em debate nesta tese: ou seja, a economia apaixonada executada a partir de redes online de colaboração, com o objetivo de compartilhar arquivos digitais em um fórum na internet. O nosso esforço de compreensão destas redes de cooperação enquanto um fenômeno estritamente econômico (denominado por nós de “economia do compartilhamento”) se estabelece a partir do entendimento de que tais redes anexam práticas, ações e

⁸⁰ Sobre esse debate, ver o conceito “*modern world-system*” [moderno sistemas-mundo] proposto por Immanuel Wallerstein (2011 [1974]) em meados da década de 70.

⁸¹ Fernand Braudel, um dos idealizadores da “Escola de Annales”, se dedicou ao tema da economia e também pode ser considerado um dos precursores da teoria dos sistemas-mundo. A respeito deste debate, ver “Civilização material, economia e capitalismo” (1995[1979]).

⁸² O argumento da flecha é o mesmo proposto por Latour em sua discussão de abertura do livro “Jamais fomos modernos” (1994, p. 14). “Se hoje há tantos contemporâneos que hesitam em empregar este adjetivo [moderno], se o qualificamos através de preposições, é porque nos sentimos menos seguros ao manter esta dupla assimetria: não podemos mais assinalar a flecha irreversível do tempo nem atribuir um prêmio aos vencedores”. Do mesmo modo que não podemos de forma satisfatória compreender que a sociedade foi de algum modo “modernizada”, também não podemos pensar que ela tenha sido “economizada”; ou seja, não podemos nos fazer crer (de forma satisfatória) em um momento histórico no qual a busca pelo lucro tenha dominado todos os cálculos das probabilidades em detrimento das paixões e de diversos interesses intersubjetivos.

subjetividades através de um complexo entrelaçamento que permitem conexões inesperadas entre pessoas e coisas, entre tecnologias e práticas, entre saberes e experiências.

Assim, foi através destas associações que pudemos nos lançar em uma aventura intelectual que nos permitisse compreender as relações de troca a partir de um ponto de vista bem específico; ou seja, aquele que é capaz de compreender que a “economia não diminui a temperatura e a subjetividade das paixões (LATOUR; LÉPINAY, 2009, p. 62, tradução nossa). E se nos esforçamos ao longo desta tese em classificar a “alta temperatura” subjacente às ações simbólicas e práticas que fundamentam a economia do compartilhamento online, é porque gostaríamos de desafiar uma importante corrente filosófica dentro da teoria social que associa de forma contínua o mundo virtual e suas interações mediadas por computador a partir de uma perspectiva anódina, desenraizante ou mesmo desestabilizadora. Para alguns desses autores, uma sociedade altamente conectada não passa de uma sociedade que perdeu qualquer capacidade de pensar e agir diante de um verdadeiro futuro público. Como sugere Zygmunt Bauman (2005: p. 96-97):

Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida [...] é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter. Isso tudo já se segue ao que conversamos até aqui. Mas se é essa a condição em que todos nós temos de conduzir, a contragosto, os nossos assuntos do dia-a-dia, seria insensato culpar os recursos eletrônicos, como os grupos de bate-papo da Internet ou as “redes” de telefones celulares, pelo estado das coisas. É justamente o contrário: é porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos para fazer exatamente isso nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotado por milhões.

Diante dessas observações, nossos achados empíricos desafiam essa lógica postulada por Bauman. Não obstante, como pudemos observar no segundo capítulo desta tese, o “negócio das identidades” na comunidade Oásis (expressos através de avatares, grupos, *nicks*, fotos de perfis e outras expressões simbólicas) revelam que a constituição e a demarcação de uma personalidade ou “*selfie* virtual” entre tais agentes se apresenta como uma das principais atividades entre membros que levam à sério o ato cotidiano de compartilhar e trocar arquivos digitais online. Assim, essa perspectiva que nos leva a imaginar a internet enquanto um aparelhamento da desagregação acelerada, ou mesmo enquanto um “mundo fluido”

conjugado a partir de engajamentos frios e instantâneos, é constatemente desafiada pelas lógicas de socialidade entre os semeadores de sementes digitais online.

Como vimos, existem na comunidade Oásis pessoas que há mais de uma década sustentam perfis virtuais (talvez a expressão mais próxima do que Bauman entenderia enquanto uma “identidade”) e tais personalidades estão associadas a um complexo emaranhado de relações e vivências simbólicas. Como sugerimos ao longo deste tópico, a temperatura das paixões que esquenta os corações e os espíritos dos cyberagricultores online é fortalecida cotidianamente através de entusiasmos e irradiações que se configuram a partir de suas linhas facilmente discerníveis: primeiro, o amor pelos objetos e pelos presentes compartilhados; segundo, a exaltação da prática do compartilhamento através de redes torrente (ou P2P) enquanto o método mais eficaz de dispersão desses arquivos.

Em resumo, é exatamente contra essa corrente de pensamento (que vislumbra a internet e as relações estabelecidas através desta ferramenta enquanto frágeis ou descompromissadas) que nossos dados empíricos desafiam de forma potencial. Ao longo de vários anos, as redes torrente de trocas de arquivos se tornaram tão complexas que é possível até mesmo vislumbrarmos o surgimento de estranhos artefatos denominados “sementes digitais”, além de um específico aparato tecnológico e moral que serve de base para a fecundação, maturação e dispersão destas singularidades digitais. De todo modo, a indagação que permanece nesse momento pode ser resumida da seguinte forma: Mas como as redes de sementeação online funcionam na prática? E é exatamente a partir deste breve e importante questionamento que daremos continuidade aos próximos tópicos deste capítulo. A partir de agora, tentaremos expor alguns elementos cruciais que definem a sementeação online, tendo em vista nossa tentativa de relacionarmos tal economia enquanto uma *paixão de intensidades sem precedentes*, na qual somente pessoas com os corações e os espíritos esquentados pelo amor e pelo prazer de compartilhar são capazes de vivenciar em toda a sua potência expressiva. Assim, será a partir da busca errática, guiada pela pesquisa empírica e exposta através dos “traçados digitais” (LATOUR, 2010) que buscaremos expor algumas conexões que efetivamente “reúem e conectam indivíduos, suas ideias e suas paixões” (LATOUR; LÉPINAY, 2009, p. 86, tradução nossa).

4.3 “Manual de Sobrevivência no [Oásis]”: tutorial para entrar no “mundo torrent”.

Eu não Tô entendendo nada! 😞😞😞😞 Como eu baixo um arquivo aqui?
GENTE SOCORRO!!!! (Grupo: Membros / março de 2009).

A comunidade Oásis é um fórum online. O uso deste espaço e de suas ferramentas requer algum tipo de *expertise* ou de conhecimento técnico que perpassam diversos tipo de habilidades. Tais conhecimentos variam desde atividades mais simples (por exemplo, como postar um comentário em uma postagem), até mesmo atividades mais complexas que exigem uma série de recursos e habilidades (por exemplo, como postar uma semente digital no fórum). Para tornar as coisas um pouco mais acessíveis, membros especialistas estão a todo momento abrindo tópicos, respondendo comentários e compartilhando tutoriais que têm como objetivo ajudar a “quem está entrando no ‘mundo torrent’”. Como podemos perceber no comentário abaixo (elaborado por uma pessoa do grupo “Veteranos”, ou seja, um desses especialistas), ainda no ano de 2006, exatamente dois meses após o lançamento do fórum.

[...] Tem havido um número muito grande de pessoas me mandando MP [mensagem privada] perguntando sobre como fazer isso [usar o sistema de compartilhamento via torrent] teu tutorial veio justamente pra acabar com a dúvida de quem tá entrando no "mundo torrent" agora (Grupo: Veteranos / setembro de 2006).

A partir deste comentário, algo nos chama atenção: quando pensamos a respeito do ato de compartilhar arquivos digitais através da internet, existe de fato algo que podemos denominar (usando a expressão citada neste último comentário em destaque) de “mundo torrent”. E se podemos imaginar que tais ações podem ser compreendidas enquanto um “mundo”, isso se justificaria através das amplas variações, multiplicações e invenções que se irradiam enquanto possibilidades advindas através do uso desta tecnologia. Assim, o uso do sistema torrente enquanto uma projeção de um complexo ecossistema tecnológico foi exatamente o que possibilitou da criação do “mundo torrent”.

Diariamente, cerca de três pessoas (em média)⁸³ adentram na comunidade Oásis. Algumas dessas pessoas já chegam no fórum com concepções incorporadas de determinadas regras que compõem o site ou do modo de operacionalização da sementeação online; por outro lado, outras pessoas adentram no Oásis completamente alheias e neófitas, sem nenhuma ideia básica de como funciona o fórum, e conseqüentemente a prática do compartilhamento através de redes P2P. Entretanto, podemos vislumbrar que, apesar dessa óbvia discrepância observadas nas pessoas em relação ao grau de conhecimento e de incorporação das habilidades que correspondem o exercício da prática da economia do compartilhamento online, a grande maioria das pessoas que adentram à comunidade Oásis já manifestam ao menos uma grande paixão ou interesse em comum: ou seja, *o amor pelo conteúdos compartilhados no fórum*. Dito de outro modo, são os arquivos digitais e seus conteúdos sensíveis que atuam como um denominador comum que unificam as paixões dos neófitos e dos especialistas, dos inexperientes e dos *experts*.

Como podemos observar no relato de um novato na comunidade a respeito de sua experiência no início de sua entrada no fórum, tal pessoa descreve que chegou na comunidade alheio a quase tudo (“eu passei alguns meses tentando entender como tudo isso funciona”), exceto ao reconhecimento de que este fórum é taxado como “o maior site brasileiro para baixar [sementes raras]” e de que seu acervo é composto por “[arquivos] que [são impossíveis de] encontrar em outro lugar”. Ou seja, o desconhecimento de tal pessoa diante dos modos de funcionamento da comunidade não foram um empecilho para o seu aprendizado, isso em decorrência de seu “encanto” diante da seriedade e do “imponente” acervo de arquivos (“disponível livremente”) que tal pessoa encontrou diante de si naquele instante.

⁸³ A fonte desses dados viera a partir de uma pesquisa direta do autor. Entre os dias 13 de agosto a 13 novembro de 2013, foi realizada uma contagem diária da quantidade de novos membros que adentraram no fórum. Vale destacar que o método de ingresso de tais membros durante o tempo de realização da referida investigação foi o “convite”. Contudo, consideramos que a quantidade média de pessoas que ingressam pela primeira vez à comunidade Oásis poderá sofrer uma grande variação durante os meses julho e dezembro (com um significado aumento da quantidade de novos membros durante esses meses). Isso devido ao fato de que nesses meses geralmente a comunidade costuma “abrir suas portas” em comemoração à duas datas consideradas especiais pela equipe de moderação: no mês de julho é celebrado o aniversário do fórum; no mês de dezembro é celebrado a virada do ano. Em termos práticos, isso significa a exclusão da necessidade do uso de convites para novos membros adentrar na comunidade. Assim, durante um limitado período de tempo (geralmente uma semana), qualquer pessoa poderá criar um perfil no fórum sem a necessidade de uso de convites. Para tanto, tal registrado é completado apenas através do cadastro de um endereço de *e-mail*, e da aceitação dos termos de uso do fórum.

Meu primeiro encontro com o [Oásis] foi na faculdade. Um grande amigo meu é um usuário ativo do fórum. Ele é um entusiasta deste fórum e sempre me falava dele, contava as histórias... até que um dia o [cita nick da pessoa] me ofereceu um convite e eu resolvi entrar, primeiro apenas na timidez, só observando. 😊 Eu não curtia redes sociais, nem Facebook, Twitter... essas coisas... mas quando eu soube que o [Oásis] era considerado o maior site brasileiro para baixar [sementes raras] eu fiquei doido... porque aqui tem [semente] que é impossível encontrar em outro lugar. O acervo do [Oásis] é imponente, coisa incrível mesmo... (e só de pensar que tudo isso está disponível livremente é de se espantar ainda mais)... então apesar de eu não saber como baixar direito, depois que eu entrei eu vi que o negócio era sério e me encantei totalmente, paixão á primeira vista! Eu passei alguns meses tentando entender como tudo isso funciona. Foi difícil, mais como eu queria muito [as sementes] que eram postadas, não pensei 2x e passei logo a tratar de aprender. No início eu apenas baixava [as sementes] que a galera postava e não comentava e nem trocava ideia, depois comecei a postar nos fóruns e daí então não parei mais. VIDA LONGA AO [OÁSIS] (Grupo: Membros / janeiro de 2010).

Na mesma direção deste comentário, outro membro relembra a sua experiência inicial de encanto com o Oásis, a partir de sentimentos que classifica enquanto “grandeza” e “choque inicial”. Em suas palavras, o seu espanto ao conhecer o fórum foi tão grande que lhe causou um “choque inicial” (o que acarretou o seu afastamento do fórum por alguns meses). Em princípio, consideramos válido percebermos em que sentido essa perspectiva objetivada através da percepção da “grandeza disso tudo” pode atuar como um fator intimidador ou mesmo inibidor que impedem novos usuários de progredirem com suas vivências iniciais na comunidade (“por conta desse choque inicial, acabei deixando o [Oásis] de lado”). Entretanto, é exatamente o desejo de explorar o acervo dos arquivos armazenados no fórum e a percepção da comunidade enquanto um espaço de vivências familiares que estimulam tais pessoas a perderem a timidez e progredirem em suas experiências.

No começo, eu nem sabia pra onde ir. Eu me assustei (sim, essa é a palavra) com a grandeza disso tudo. Eu nunca havia participado de fórum algum que parecesse com o [Oásis] e mal sabia o que era torrent. Por conta desse choque inicial, acabei deixando o [Oásis] de lado. Não comentava, mas tampouco baixava - porque eu não sabia como. Meses depois, achei o Manual de Sobrevivência [do Oásis], aprendi o que era torrent, aprendi a semear e passei a baixar, mas ainda sem comentar. Nem sei o motivo, não lembro. Talvez (possivelmente) eu tenha ficado inibido com tanta gente participativa, com tantas piadas internas em posts e com tanta familiaridade que os membros tinham uns pelos outros. Pois bem, ainda não sou um exemplo de usuário, mas a cada dia me sinto mais à vontade por aqui. Cada um tem seu tempo, não é mesmo? Enfim, espero que desses vários novos membros, saiam muitos tradutores, agitadores, semeadores e quaisquer outras espécies (?) que sejam boas para a vida longa do fórum (Grupo: Membros / março de 2013).

Dentre os diversos tutorias e guias informativos existentes no Oásis, um destes nos chama atenção e assume uma posição de destaque no fórum: trata-se do guia intitulado “Manual de Sobrevivência no [Oásis]”. Tal guia foi iniciado em abril de 2011, e foi idealizado por uma pessoa do grupo “Conselheiros”. Até meados de janeiro de 2017, tal guia se apresentou enquanto um tópico com cerca de 490 interações e comentários, além de uma segunda versão intitulada “Manual de Sobrevivência 2 – O Resgate!”, lançado em setembro de 2013 (desta vez mais tímido quanto ao número de interações, com pouco mais de 90 comentários até janeiro de 2017). A proposta de tal guia consiste em se apresentar como uma espécie de tutorial introdutório interativo, na qual novatos e especialistas podem a qualquer momento consultar para esclarecer dúvidas a respeito de diversos temas, situações e ações existentes no Oásis.

Como muitas das habilidades exigidas aos membros do fórum denotam um alto grau de entendimento técnico especializado sobre a arte do semeio online, isso pode acarretar um certo distanciamento ou afastamento dos membros neófitos. Em diversas situações, o nível de desconhecimento das estruturas de funcionamento das tecnologias de semeio online são tão distantes das categorias de entendimento de alguns usuários do fórum, que mesmo os tutoriais mais detalhados não são suficientes para ajudar os membros a realizarem tarefas básicas. Para tais pessoas, o “mundo torrent” se apresenta enquanto um mundo obscuro e de difícil penetração, como podemos observar neste comentário realizado por um membro neófito:

Olá. Acabei de me registrar. Estou surpreso com a imensa quantidade de [sementes] aqui no [Oásis]. No entanto, não entendo nada de downloads. Mesmo com esse [tutorial] continuo não entendendo... (Grupo: Membros / janeiro de 2008).

E tal situação acontece em decorrência de um fato simples de ser observado: a “linguagem demasiadamente técnica” exigida pelo alto grau de operacionalização de funcionamento do fórum atua enquanto um fator de supressão e de inibição da ação de membros novatos ainda não familiarizados com a prática da sementeação online. Nesse sentido, o “Manual de Sobrevivência no [Oásis]” atua enquanto um “tutorial com linguagem mais entendível para os novatos e mesmo para velhatos [membros mais antigos]”. Apesar de ser um manual escrito quase que em sua totalidade por uma pessoa veterana, o “Manual de Sobrevivência” preza por uma

linguagem acessível e convidativa. Em um certo sentido, o próprio local do fórum escolhido para hospedar o “Manual” (no caso, o “Boteco [Oásis]”) já sugere o caráter descontraído e amigável do tutorial. Como podemos observar na postagem destacada abaixo (aquela que inaugura e explica os conceitos gerais que justificam a existência do “Manual”), a ideia deste tutorial é criar um espaço no Oásis no qual seja possível aos seus membros “fazer perguntas aparentemente bobas”; ou seja, a ideia é criar um ambiente amigável e familiar, onde qualquer indagação ou dúvida possa ser sanada e debatida entre pares.

Eu havia pedido licença [...], para fazer um tutorial com linguagem mais entendível para os novatos e mesmo para velhatos que, não adianta, não compreendem a linguagem demasiadamente técnica ou fluente de quem domina o assunto. Quer ver eu me pelar de medo? É eu pedir explicação para alguém e a resposta ser "ah, é facinho". Até UTI móvel eu chamo, pois sei que vou enfartar. Vocês já notaram como passamos nosso telefone para quem nunca vimos na vida? Nãããããã??? Então, prestem atenção! A gente passa numa rapidez astronômica e não entende como o outro não consegue anotar um número tão fácil. Claro que para quem tem a linha, o número é fácil. Bem, fora as vezes que, ao invés de darmos o nosso número, a gente dá o da melhor amiga, do marido, dos filhos, pois estamos mais acostumados a telefonar para eles, do que para nossa própria casa. E todos com a mesma rapidez. Então tá! Era para ser um tutorial, viu gente? Mas achei, na minha capacidade imensa de PhD em Achismo, que aqui no Boteco somos mais descontraídos e não temos tanto pejo em fazer perguntas aparentemente bobas. Podem ser bobas, não nego. Só que somos mais bobos ainda e não captamos completamente o sentido de "o que fazer". Quando acabamos entendendo, a gente se acha boba também. Mas há uma trava, que quando cai, nem acreditamos como ficamos sofrendo por coisa tão banal. Lógico, né? Depois de Colombo ter colocado o ovo em pé, todos acharam fácil.

Como podemos observar, o tópico de estreia do “Manual de Sobrevivência” apresenta uma linguagem que em nada se assemelha a um manual ou a um tutorial nos termos regulares de entendimento do que seja um escrito com este tipo de função. O conceito influente de tal tutorial é colocar em suspensão o costume e o hábito expresso através da experiência e da facilidade de alguns diante da dúvida e das dificuldades de outros. Com isso, as pessoas que idealizaram o “Manual” esperam que com ele seja possível aos membros neófitos terem um espaço na qual tais pessoas possam realizar as perguntas aparentemente mais bobas, com a certeza de que receberão ajuda especializada das pessoas mais experientes através do uso de uma linguagem notadamente mais acessível. Assim, fica claro o esforço da equipe de moderação do Oásis em tornar tal comunidade atraente e receptiva aos membros novatos e menos experientes. Neste sentido, muitos dos membros que adentram ao

fórum e chegam cheios de dúvidas e questionamentos comuns são agraciados com um *link* de direcionamento ao “Manual de Sobrevivência no [Oásis]”. E é por meio deste tópico que muitas pessoas são capazes de adentrar em uma longa conversa que já se estende por alguns anos⁸⁴, além de se deparem com um complexo tutorial que debate (essencialmente) técnicas e práticas subjacentes ao ato de semear sementes digitais através da internet.

Assim, se a comunidade Oásis pode parecer (à primeira vista) um grande mistério, é através dos tutoriais e manuais existentes neste fórum (no qual o “Manual de Sobrevivência no [Oásis]” se destaca veementemente por suas características singulares abordadas neste tópico) que é possível encontrar luz nas “paragens” e direções aos caminhos dos perdidos. Como podemos observar nas citações destacadas abaixo, é comum observarmos entre os quase 490 comentários depositados no “Manual” diversos elogios à equipe de moderação pela consecução deste guia. Destacamos ainda que a grande maioria desses elogios são direcionados a pessoa pertencente ao grupo “Conselheiros” que idealizou este tutorial. Em um desses comentários, é o próprio estilo de escrita de tal pessoa que é elogiado, principalmente por seu “estilo simples e lindo de se comunicar bem”.

Hahaha, a [cita o *nick* da pessoa responsável pelo “Manual”] é FODA! Meus parabéns! Acho que ninguém mais se perde por estas paragens. (Grupo: Projetores / abril de 2011).

tow de cara com o empenho de vcs parabens mesmo!!!! (Grupo: Membros / abril de 2011).

Já li boa parte do manual da [cita o *nick* da pessoa responsável pelo “Manual”] e estou adorando. Tive problemas com meus torrents quando meu PC foi pro conserto e me ajudaram a "recolocá-los" de volta [...] (Grupo: Agitadores / maio de 2011).

Lu querida, você tem um estilo simples e lindo de se comunicar bem. Espero que dedique esse talento pra escrever um livro. Vou querer o meu autografado. (Grupo: Agitadores / maio de 2011).

⁸⁴ O “Manual de Sobrevivência no [Oásis]”, assim como a grande maioria dos tópicos criados neste fórum, ainda se encontra aberto para atualização. Assim, a discussão aberta oficialmente no dia 28 de abril de 2011 (exatamente às 12:42 AM) ainda se estende e se prolonga. De todo modo, tal tópico já deu alguns sinais claro de cansaço ou mesmo de obsolescência. Isso pode ser justificado quando observamos que desde o dia 23 de dezembro de 2013 o tópico não recebe mais nenhum comentário ou atualização – seja de novatos em busca de auxílio; ou seja de veteranos em busca de ajudar os perdidos a se encontrarem. Uma possível razão para isso talvez seja a criação do tópico “Manual de Sobrevivência 2 – O Resgate!”, do qual falaremos sobre ele mais à frente. De todo modo, talvez seja um erro concluir que por este motivo o “Manual” tenha perdido a sua relevância, isso porque é extremamente possível que pessoas estejam fazendo uso dele sem optar por realizar qualquer tipo de comentário neste tópico e atualizar a conversa.

Em uma resposta aos diversos elogios e comentários prodigiosos, tal pessoa responsável pelo “Manual” comenta estar apenas retribuindo “os inúmeros ensinamentos” que recebeu desde que entrou no fórum.

Vixi, nada como uma boa massagem no ego assim, às 7 da matina! Ó, reparem, eu não tô fazendo nada mais nada menos do que retribuir os inúmeros ensinamentos que recebi aqui. Noooooosaaa, quando eu me lembro o quanto eu perturbei os pobres Moderadores, eu ainda fico da cor deles [vermelho]. Então, agora, quando a gente convidar alguém para o [Oásis], se esse alguém for meio leigo ou leigo e meio nos filigranas do [Oásis], vocês avisem, passem no tópico tal, para que tenha uma básica ideia do que rola.

Para finalizamos este tópico elencamos o surgimento do manual intitulado “Manual de Sobrevivência 2 – O Resgate!”. Tal tutorial (criado pela mesma pessoa que idealizou a primeira versão do “Manual de Sobrevivência”) foi criado com o objetivo de atualizar a primeira versão do “Manual”. De acordo com tal pessoa, o fórum Oásis é marcado por um pujante dinamismo, o que acarreta sempre uma “mudança de roupagem do fórum”. Com isso, atualizações são sempre necessárias:

Meus estimados colegas do fórum, há um tempo, escrevemos um Manual de Sobrevivência que, infelizmente, ficou defasado, pois o [Oásis] é muito dinâmico e está sempre antenado às mudanças que facilitem a vida de seus membros. Não sei bem se isto é verdade, mas achei um bom começo, para justificar a abertura de um novo tópico, ainda mais depois da recente mudança de roupagem do fórum. Acho que mister se faz um novo Manual, para concentrarmos as dúvidas aqui e daqui encaminharmos as pessoas para os tutoriais, ou explicaremos no nosso belo linguajar Tabajara a maneira mais simples de encontrar o caminho das pedras. Então pronto! Tem dúvida? Coloque aqui. E tentaremos responder de modo claro e simples. E vamos que vamos. (Grupo: Conselheiros / setembro de 2013).

Assim, daremos continuidade a nossa tentativa de descrição dos mecanismos basilares de funcionamento da arte da semente online. De todo modo, afirmamos que será a partir do “belo linguajar Tabajara” (usado nos “manuais de sobrevivência” como a linguagem ideal para ajudar membros perdidos a encontrarem “o caminho das pedras”) que nós nos inspiraremos a falar sobre tais assuntos. E é por este motivo que recorreremos a estes manuais para tratarmos das complexas questões que se seguem. Como já foi justificado ao longo deste tópico, este foi o modo que encontramos para falarmos sobre esses assuntos (que são muitas vezes entendidos como discussões estritamente técnicas) de forma mais acessível e até mesmo poética.

4.4 A semente online: torrentes de dados e dispersão de sementes

Pra mim, no começo do fórum, eu me indagava a exaustão: "que diabos é semear?" Depois fiquei com cara de idiota sabendo que era algo tão banal.



[...] (Grupo: Agitadores / maio de 2009).

O compartilhamento de arquivos digitais (nos modos praticados pelos membros da comunidade Oásis) se fundamenta através de determinados modos de operações e regras morais bastante específicas. Em termos técnicos, observamos que tais operações ganharam corpo a partir de uma “mudança de paradigma” na estrutura da rede mundial de computadores. Tal mudança pode ser observada na emergência de uma arquitetura que alguns engenheiros computacionais denominam de “Web 2.0” (PACCITI; AKBARINIA; EL-DICK, 2012, p. xi, tradução e grifos nossos). Mas o que seria a Web 2.0 e qual sua relação com a economia do compartilhamento de arquivos online? Em um certo sentido, gostaríamos neste momento de destacar a formulação proposta por tais autores, quando eles compreendem esta “mudança de paradigma” a partir do surgimento daquilo que denominam enquanto “arquitetura da participação”. Vejamos:

A Web 2.0 trouxe uma mudança de paradigma em relação ao modo como as pessoas acessam a Web. Antes da evolução desta Web, usuários não passavam de apenas consumidores passivos de conteúdos que eram providos a eles por meio de um conjunto de *websites*. Em poucas palavras, a Web 2.0 oferece uma arquitetura da participação onde indivíduos podem participar, colaborar, compartilhar e criar conteúdo. Aplicações da Web 2.0 entregam serviços que melhoram na medida em que mais pessoas usam, fornecendo seu próprio conteúdo e remixando-o com outros. Hoje, estão surgindo muitos *websites* que contribuíram para o pioneirismo no conceito de participação na Web 2.0.

Assim, a “arquitetura da participação” seria o miolo principal que singulariza e torna a Web 2.0 algo tão especial. E no centro desta evolução estaria a capacidade dos usuários em não mais se comportarem apenas enquanto “consumidores passivos”, visto que agora seria possível aos indivíduos “participar, colaborar, compartilhar e criar conteúdo”. E é exatamente neste momento de inflexão que emergem as complexas tecnologias P2P (*peer-to-peer*) que foram responsáveis pelo surgimento das tecnologias descentralizadas de distribuição entre pares de qualquer tipo de arquivo através da internet.

Com a Internet alcançando um número crítico de usuários, a Web 2.0 encorajou a emergência de tecnologias *peer-to-peer* (P2P) enquanto um novo modelo de comunicação. O modelo P2P está em contraste direto ao tradicional modelo cliente-servidor, na medida em que introduz papéis simétricos, na qual cada parceiro [*peer*] é ao mesmo tempo cliente e servidor. Ao passo que um rede cliente-servidor requer mais investimentos para servir mais clientes, uma rede P2P concentra os recursos de cada parceiro para o bem comum (PACCITI; AKBARINIA; EL-DICK, 2012, p. xi, tradução nossa).

Como podemos destacar, a emergência da Web 2.0 enquanto um novo modelo de comunicação baseado na “arquitetura da participação” introduz uma verdadeira revolução no modo como arquivos de computador são trocados, movidos ou compartilhados (JOHN, 2012). Tal sistema privilegiou o fluxo de dados por vias descentralizadas, e incorporou de forma autônoma a figura do “peer” enquanto um agente efetivamente participativo. De fato, esta arquitetura funciona a partir do uso de específicos *softwares* e *hardwares*, mas esta história não termina por aí. Como veremos ao longo deste tópico, as redes de trocas P2P exigem muito mais de seus usuários que aquilo que apenas os *softwares* conseguem projetar.

Isso em razão de algo muito fácil de ser demarcado: além desta específica arquitetura de rede, o sistema P2P pressupõe um complexo conjunto de regras, saberes e modos de usos que exigem tipos específicos de “compromissos” de seus usuários. Tais compromissos estão alicerçados em um complexo conjunto de práticas e regras morais, que conjugados a um específico ecossistema tecnológico, constituem a base da ação que compreende a semente online. Como podemos observar no comentário abaixo em destaque, tal pessoa pretende reforçar nos outros membros a “importância do compartilhamento através da semente”. Em suas palavras, tal ato é antes de tudo “uma questão de compromisso”, visto que sem a semente “tudo fica prejudicado”.

Amigos e amigos do [Oásis]. Eu queria apenas reforçar a importância do compartilhamento através da semente. Na verdade isso é quase como um desabafo, porque ultimamente estou percebendo muitos downloads parados e [sementes] quase impossíveis de serem [completadas]. Se a gente não semear, a outra pessoa não consegue baixar os [arquivos] e assim tudo fica prejudicado. Quem tiver dúvidas sobre como semear pode ir nos fóruns ou tutoriais buscar informações ou mesmo indagar a algum membro da moderação. Todo mundo por aqui é muito solícito e a galera gosta de ajudar, principalmente pessoas interessadas em contribuir semeando [suas sementes baixadas]. Você pode baixar e não se importar em compartilhar, não tem como ninguém fiscalizar se você está contribuindo ou não. Então tudo é uma questão de compromisso. Pensem nisso! Se ninguém semear nada irá funcionar. (Grupo: Agitadores / março de 2012).

Mas por que razão tal pessoa postula que “se ninguém semear nada irá funcionar”? E de que forma podemos pensar a sementeação online, principalmente se nos aventurarmos partir dos conceitos, expressões, vocabulários e práticas vivenciados pelos membros do fórum Oásis? Esta tentativa se torna relevante na medida em que vislumbramos que muito se sabe sobre o sistema P2P a partir dos critérios eminentemente técnicos, ou seja, tendo como base a área de domínio da própria ciência da computação. Contudo, estudos que busquem compreender como o compartilhamento de conteúdos online se fundamenta a partir das vivências e dos modos de uso dos agentes ainda são bastante incomuns.

De maneira especial, mais uma vez emerge um desafiante problema de linguagem, que repercute de forma especial nos modos de fazer da sementeação de arquivos online. Se a economia do compartilhamento através de redes P2P cotidianamente desafia especialistas e leigos, isso decorre em função de sua complexa arquitetura, que exige de seus usuários um conhecimento minimamente especializado de compreensão não exatamente de seu aparato técnico, mas de sua concepção filosófica. Dito de outro modo, o desafio é compreender o que está por trás da ideia da sementeação de arquivos enquanto um modo eficaz de compartilhamento.

Nesse sentido, podemos mais uma vez recorrer ao “Manual de Sobrevivência no [Oásis]”, especialmente os tópicos relacionados com a questão que perpassa explicitações que tentam tornar mais claro aos membros novatos e inexperientes o que significa semear um arquivo online. É interessante notar quando tal pessoa finaliza sua postagem com o seguinte comentário: “Custou para eu entender”. Contudo, tal pessoa afirma que quando as pessoas finalmente entendem o que isso significa, elas costumam soltar um sonoro “AAAAAAAhhh!!!” (que representa uma interjeição que sugere um entendimento do processo).

O que é semear? Quando a gente pergunta a uma pessoa, que quer entrar no [Oásis], se ela, a pessoa, se compromete a semear os [arquivos] baixados, ninguém admite nem saber o que vem a ser isso. Promete logo ser um semeador militante, que não faz outra coisa na vida a não ser semear. Três dias após a admissão, lá está na caixa de Mensagens: *mas o que é semear, mesmo?* A resposta é aquilo que a gente sabe: **Semear é baixar um [arquivo] e não bulir na configuração dele até que o ratio tenha dobrado.** Então tá! Obrigado(a)! Depois de dois dias: *mas o que é ratio, mesmo?* **O ratio é a proporção entre o que você já baixou e o que já enviou.** O então tá! é um pouco mais comedido. É mais um AAAAAAAAhhh!!! Bem, aqui eu confesso, falo por experiência própria. Custou para eu entender. Vou fazer parágrafos menores, para vocês terem paciência para ler, tá? (Grupo: Conselheiros / abril de 2011 / negritos no original).

Já discutimos ao longo desta tese que a sementeação de sementes digitais através de redes P2P ocorre quando pares desejam compartilhar qualquer tipo de arquivo online. Para isso, tais pessoas terão que necessariamente fazer uso de determinadas tecnologias, especialmente uma conhecida como “torrent” [torrent]. É a partir deste aplicativo que ocorre todo o processo de sementeação. Além do mais, o sistema torrent é a tecnologia responsável por fazer com que os parceiros [peers] fiquem conectados uns aos outros. Em razão deste motivo, no linguajar cotidiano deste fórum se utilizam (muitas vezes) as expressões “baixar um torrent” enquanto sinônimos para “baixar um arquivo” ou mesmo “baixar uma semente”.

Entender como funcionam as transferências de arquivos através do sistema torrent é considerado algo tão vital no Oásis, que existem incontáveis postagens que pretendem explicar aos leigos como funciona o processo. Apesar de ser considerado um assunto “espinhoso”, é a partir dos fóruns e dos debates com linguagens mais acessíveis e menos técnicas que tudo aos poucos vai ser tornando um pouco mais claro. Além do suporte dos “expertos” (membros mais experientes), que muitas vezes ajudam tirando dúvidas e respondendo comentários dos membros novatos.

Oi, turma! O propósito deste tópico é tentar esclarecer um pouco sobre o Torrent, o que fazer para manter um torrent vivo, como ajudar, como ser solidário, estas coisas que vivemos repetindo e, francamente, são poucos os que fazem. No Manual de Sobrevivência do [Oásis], apareceram dúvidas quanto ao "torrent", que tô vendo ser um assunto ainda mais... mais... mais... "espinhoso" para quem entra, do que as vias do fórum. Então, para não misturar as coisas, pois entender regras do fórum é uma coisa e entender o torrent é outra, eu pensei em abrir este tópico, para tentar esclarecer as dúvidas quanto ao dito cujo. Eu vou compilar o que já foi dito no Manual sobre o Torrent e daqui para a frente a gente coloca nossas perguntas neste tópico, apesar de já ter tutorial específico para o assunto. 🗨️ Acho que a diferença vai ser a linguagem. Também, gostaria de dizer que há informações no Google sobre o Torrent, mas como sou lerda e não entendo quando a linguagem fica um caduquim mais técnica, vamos tentar fazer um esforço e manter o linguajar para quem não nasceu com o atari [console de videogame lançado na década de 80] já obsoleto. Tomara que este seja um tópico bem esclarecedor, onde ninguém tenha receio de postar seu questionamento. A gente só pede uma lida básica no que já foi postado, para ver se sua pergunta não foi explicada antes. Não é por nada, mas é que o tópico vai depender da resposta de vários expertos, e eles já são bem ocupados, ao contrário daquela, 😊 cuja distração favorita é perturbar o descanso alheio. 😊 (Grupo: Conselheiros / agosto de 2011).

Apesar desta longa citação, mais uma vez nos perguntamos: Qual a *lógica* do sistema torrent? Sigamos nos comentários:

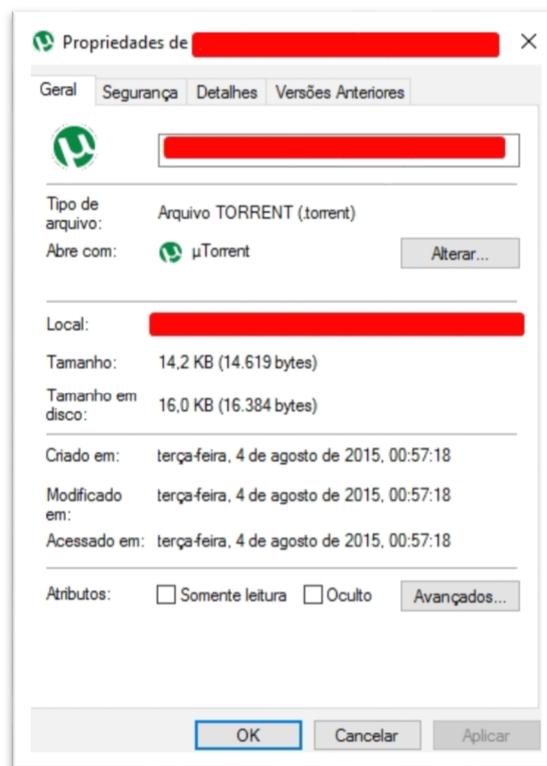
E agora, um plágio descarado, que tirei do Google, e quem escreveu foi Danilo Amoroso, no Tecnomundo [no caso, o nome correto seria Tecmundo: um site de tecnologia mantido pela empresa NoZebra Network LTDA]: O que é um Torrent: *A lógica do torrent é a seguinte: a primeira pessoa a disponibilizar um download é conhecida como o primeiro seed (ou semente, que, neste caso, pode ser interpretado como aquele que semeia). Uma segunda pessoa baixa este conteúdo e também passa a disponibilizá-lo, tornando-se um seed também. Ou seja, quanto mais seeds houver de um mesmo arquivo, mais rápidos e eficientes são os downloads, pois mais pessoas disponibilizam o arquivo.* Trocando em miúdos: a primeira pessoa, ou o primeiro seed, tem uma matriz, que ele vai compartilhar com todos do fórum. Para isto, ele cria um torrent. Esta pessoa pode usar uma ferramenta chamada "amigos" e pedir que eles ajudem a dar uma força no torrent que ele está criando, para que as sementes se multipliquem com mais rapidez e assim, quem quiser baixar o filme, faça-o com mais rapidez. [...] (Grupo: Conselheiros / agosto de 2011 / itálicos no original).

Tentaremos a partir de agora destrinchar determinados pontos vitais deste processo. Antes de mais nada, devemos ter em mente que todo “torrent” tem um início e seu preâmbulo começa quando uma pessoa que possui qualquer tipo de arquivo deseja compartilhá-lo através do sistema P2P. A primeira pessoa responsável por criar o “arquivo torrent” assume uma função muito importante neste processo, pois é a partir dela que todas as outras pessoas interessadas em baixar o conteúdo que tal “torrent” carrega poderão fazê-lo. Assim, até que outras pessoas consigam realizar a transferência completa, a pessoa que criou o “arquivo torrent” continua sendo a única na rede com o arquivo matriz completo. Entretanto, na medida em que mais pessoas conectadas a este “arquivo torrent” conseguem baixar partes ou a peça completa, elas também passam a semear e se tornam “semeadoras” deste arquivo.

Mas por qual razão alguém criaria um “arquivo torrent”? É óbvio que esta indagação poderá conter diversas respostas. De todo modo, nos arriscamos a confirmar que uma das grandes razões que justificariam esta criação está justamente na facilidade dos sistemas P2P em transferir arquivos grandes, com vários *megabytes* ou mesmo *gigabytes* de tamanho. Inicialmente, a transferência ocorre da seguinte forma: após escolher o arquivo que deseja compartilhar, as pessoas precisam associar este documento a um “arquivo torrent”. Este processo é conhecido como “criar um torrent”. O “arquivo torrent” se destaca (diferentemente do arquivo original que se deseja compartilhar) por conter apenas poucos *bytes* de tamanho. Observemos a FIGURA 07, que representa algumas propriedades de um “arquivo torrent”, e notemos que tal arquivo possui apenas 14,2 *kilobytes* de tamanho. Tal fato

representa uma característica crucial dos “arquivos torrent”: não importa o tamanho do arquivo matriz (por exemplo, 100 *megabytes* ou 200 *gigabytes*), após ser convertido em um arquivo tipo “torrent”, ele sempre irá possuir pequenas dimensões (quando pensamos o armazenamento de dados) e raramente ultrapassará 50 *kilobytes*. Contudo, este minúsculo arquivo irá conter todas as informações necessárias para que qualquer pessoa (em posse deste “arquivo torrent”) possa realizar (através do processo da sementeação) a transferência completa (ou de partes) do arquivo matriz contido neste “arquivo torrent”. Em termos práticos, o minúsculo “arquivo torrent” funciona enquanto uma pequena semente, um germe ou um embrião, que ao ser semeado e compartilhado da forma correta irá gerar uma cópia idêntica do arquivo matriz que carrega em seu núcleo.

FIGURA 07: Sistema de informações de arquivos do sistema operacional Windows exibe propriedades de um “arquivo torrent”

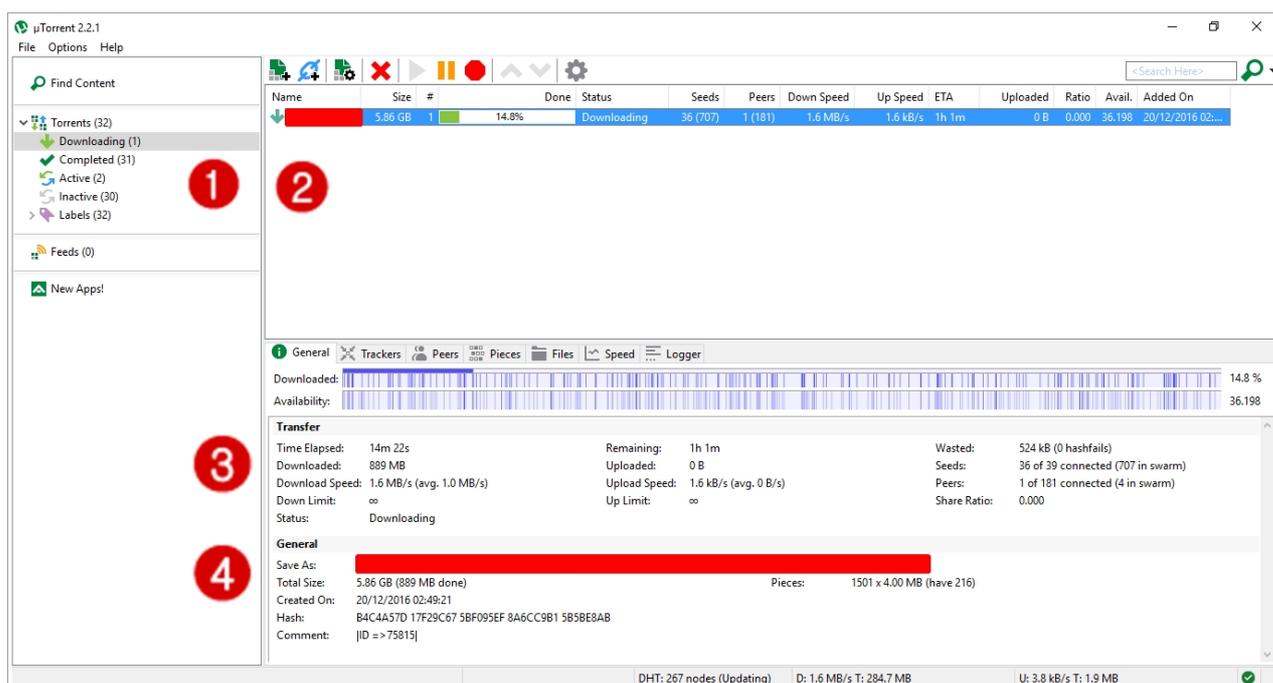


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Mas como um minúsculo “arquivo torrent” de pouquíssimos *kilobytes* de dados poderá conter em seu código informacional segmentos que permitam que tal arquivo literalmente se transforme em cópias idênticas dos arquivos matriz que ele

carrega, mesmo que tais documentos sejam infinitamente maiores do que ele? Para entendermos mais sobre este processo, precisamos agora conhecer um pouco da interface de um *software* (existem vários tipos e versões desses programas disponíveis) bastante utilizado por usuários de redes P2P para semear arquivos digitais. Como tais aplicativos são bastante complexos, neste momento seria impossível (ou mesmo desnecessário) debater cada funcionalidade presente em todas as abas do *software* de um modo geral. Entretanto, optamos por elaborar breves comentários de quatro instâncias de um desses *software*, apenas com o objetivo de termos uma visão global de como a sementeção online funciona na prática⁸⁵. Vejamos a FIGURA 08 abaixo, ela representa uma visão geral do *software* uTorrent, e é a partir dele que muitas pessoas realizam as suas transferências de dados através de redes P2P.

FIGURA 08: Interface do *software* uTorrent para Windows.



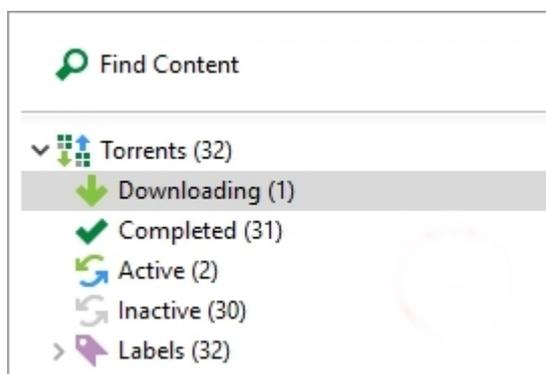
FONTE: Arquivo pessoal do autor.

A sessão (1) da imagem representa a aba que aponta o estado onde se encontram os “arquivos torrent” do usuário. No exemplo destacado (FIGURA 09), tal

⁸⁵ Por questões expositivas, denominamos cada um desses pontos do *software* “abas” e as classificamos a partir de quatro elementos, tendo como referências suas funcionalidades: “Pesquisa” (1); “Sementeção” (2); “Transferências” (3) e “Geral” (4).

pessoa está semeando 32 arquivos, sendo que 1 ainda está baixando [*Downloading*] (ou seja, tal arquivo se encontra ainda incompleto), 31 estão completos [*Completed*], 2 estão ativos [*Active*] e 30 estão inativos [*Inactive*]. A partir de tal aba, é possível aos usuários do sistema torrente regular o semeio de cada uma de suas sementes, por exemplo: torná-la ativa ou inativa, aumentar ou diminuir largura de banda de cada uma delas, checar sementes que completaram o *download* ou aquelas que ainda estão em processo. A aba “Encontrar conteúdo” [*Find Content*] serve para que usuários possam encontrar “arquivos torrent” na internet, mas vale observar que tal recurso é extremamente limitado. Isto acontece em razão dos *softwares* P2P servirem apenas enquanto servidores que possibilitam conexões entre pares. Assim, tais empresas produzem os *softwares* responsáveis pelo compartilhamento dos conteúdos, mas os “arquivos torrent” são criados e compartilhados pelos usuários do sistema. Além do mais, os conteúdos que tais arquivos carregam também não são checados pelos provedores desses ecossistemas. O que poderia ocasionar o fluxo de conteúdos protegidos por direitos autorais, do mesmo modo em que poderiam fluir por tais canais conteúdos livres ou sem restrições legais.

FIGURA 09: Detalhe da interface do *software* uTorrent. Aba “Pesquisa”



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A sessão (2) exibe detalhes de sementes que estão ativas naquele momento (FIGURA 10): sejam através de *download* (ou seja, usuários que possuam sementes incompletas e estejam recebendo dados de outras pessoas); ou sejam através de *upload* (ou seja, usuários que já possuam o arquivo completo baixado em seus computadores, e estejam mantendo seus “arquivos torrent” ativos para que

outras pessoas possam receber os dados)⁸⁶. Por razões de privacidade e segurança, ocultamos o nome do “arquivo torrent” compartilhado. No entanto, isso não nos impede de termos uma visão geral de características importantes a respeito do processo de sementeação de online (principalmente a partir de uma descrição da interface do *software* uTorrent). Assim, podemos perceber que tal pessoa pretende baixar uma semente de 5.86 *gigabytes*, e até aquele instante apenas 14,8% (ou seja, exatamente 889 *megabytes*) do processo havia sido completado (notemos isso através das abas “Size” [Tamanho] e “Done” [Terminado]). Também podemos notar na aba “Status” [Condição] que a transferência continua ativa, ou seja, ela encontra-se “baixando” [*Downloading*]. Na aba *Seeds* [Sementes], reparamos o número 36(707): isso significa que existem 707 pessoas na rede naquele momento que possuem o arquivo completo que tal pessoa busca transferir, mas o usuário em questão está recebendo dados de apenas 36 dessas pessoas. Na aba “Peers” [Parceiros], reparamos o número 1(181): isso significa que existem 181 pessoas conectadas na rede que estão baixando tal arquivo, mas que não possuem ainda a semente completa em seu sistema. De todo modo, mesmo que uma pessoa ainda não possua o *download* completo em seus arquivos, ela ainda assim estará apta a semear e compartilhar com outras pessoas pedaços (ou partes) do arquivo que tal pessoa já conseguiu completar. No entanto, ela está conectada a apenas 1 desses “parceiros”⁸⁷. Na aba “Velocidade do Download” [*Down Speed*], notamos que tal pessoa está a receber dados desse arquivo a uma velocidade estimada de 1.6MB/s (*megabytes* por segundo). Por outro lado, tal pessoa está a mandar dados dos a uma velocidade de 1.6 kB/s (*kilobytes* por segundo)⁸⁸. A aba “ETA” demonstra a estimativa de término do *download*, e no caso exemplo em questão tal estimativa prevê um período de uma hora e um minuto (1h 1m) para a transferência completa do arquivo. A aba “Uploaded” [Upado] determina a quantidade de dados que tal pessoa transferiu para outros usuários em relação a esse arquivo, e neste exemplo tal pessoa conseguiu transferir

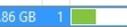
⁸⁶ Existem um número muito maior de informações exibíveis nesta aba. No entanto, privilegiamos de demonstrar apenas algumas informações que consideramos a mais relevantes.

⁸⁷ Isso acontece devido ao sistema privilegiar a conexão de pessoas que possuam a semente completa, com pessoas que ainda não possuem o arquivo completo.

⁸⁸ Nota-se com isso que o sistema P2P privilegia a velocidade de conexão do recebimento de dados (*download*) em detrimento da conexão que estabelece a doação dos dados (*upload*). Em suma, as velocidades de *download* são sempre superiores às velocidades de *upload*. De todo modo, existem possibilidades de os agentes “turbinarem” suas capacidades de rede em relação ao *upload* de conteúdos, principalmente através de uma tecnologia denominada “Seedbox” ou “caixa de sementes”. Falaremos sobre isso nos próximos tópicos deste capítulo.

exatamente 0 *bytes* de dados⁸⁹. Em seguida, a aba Ratio [Proporção] expõe a proporção entre a quantidade de dados recebidos em relação à quantidade de dados enviados. Por fim, a aba “*Avail.*” (Disponibilidade) mede o nível de saúde deste arquivo (36.198), enquanto que a aba “*Added on*” (Adicionado em) demonstra a data exata em que tal arquivo torrent foi adicionado ao sistema por tal pessoa (no exemplo, em 20 de dezembro de 2016).

FIGURA 10: Detalhe da interface do *software* uTorrent. Aba “Semeação”.

Name	Size	#	Done	Status	Seeds	Peers	Down Speed	Up Speed	ETA	Uploaded	Ratio	Avail.	Added On	
	5.86 GB	1		14,8%	Downloading	36 (707)	1 (181)	1.6 MB/s	1.6 kB/s	1h 1m	0 B	0.000	36.198	20/12/2016 02:...

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A sessão (3) também se destina a demonstrar informações sobre o processo de *download* de algum arquivo específico (FIGURA 11). No geral, a grande maioria dessas informações são repetições de características já exibidas na sessão (2), mas dispostas através de outro sistema de visualização.

FIGURA 11: Detalhe da interface do *software* uTorrent. Aba “Transferências”.

Transfer			
Time Elapsed:	14m 22s	Remaining:	1h 1m
Downloaded:	889 MB	Uploaded:	0 B
Download Speed:	1.6 MB/s (avg. 1.0 MB/s)	Upload Speed:	1.6 kB/s (avg. 0 B/s)
Down Limit:	∞	Up Limit:	∞
Status:	Downloading	Wasted:	524 kB (0 hashfails)
		Seeds:	36 of 39 connected (707 in swarm)
		Peers:	1 of 181 connected (4 in swarm)
		Share Ratio:	0.000

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Por fim, a sessão (4) resume características já exibidas na sessão (2) e (3), com exceção da aba “*Pieces*” [Pedaços] (FIGURA 12). Ela aponta a quantidade de pedaços na qual tal arquivo torrent é separado (no caso, 1.501 pedaços de 4 MB [*megabytes*] cada um deles). O ato de quebrar o arquivo em diversas partes é uma das grandes engenhosidades do sistema de compartilhamento via P2P, pois ele permite que as pessoas baixem de forma intervalada diversos pedaços do arquivo (permitindo assim contínuas pausas e interrompimento dos fluxos de semente dos dados). Fica a cargo desta tecnologia montar todas as partes (quando o sistema

⁸⁹ Isso poderia colocar tal pessoa em uma condição de *leecher* (ou seja, um sanguessuga), que é como são conhecidas as pessoas que não semeiam os dados que recebem e impedem que outras possam ter acesso ao seu conteúdo. Falaremos sobre isso mais adiante.

conseguir realizar a transferência completa dos dados) e assim tornar tal arquivo executável. Podemos observar, no exemplo destacado, que tal pessoa possui baixadas 216 dos 1.501 pedaços do arquivo que compõe este “torrent”.

FIGURA 12: Detalhe da interface do *software* uTorrent. Aba “Geral”.

General			
Save As:	[REDACTED]		
Total Size:	5.86 GB (889 MB done)	Pieces:	1501 x 4.00 MB (have 216)
Created On:	20/12/2016 02:49:21		
Hash:	B4C4A57D 17F29C67 5BF095EF 8A6CC9B1 5B5BE8AB		
Comment:	ID => 75815		

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em resumo, discutimos neste tópico algumas características que perpassam o ato de compartilhar sementes online. Tal feito foi realizado a partir de duas perspectivas: primeiro, privilegiamos a linguagem e as características usadas por membros para explicitar a “lógica do sistema torrent”, tendo como base algumas descrições realizadas por tais pessoas com o objetivo de tornar tal prática mais fácil de ser realizada (especialmente por membros do fórum inexperientes na “arte do semeio”); segundo, fizemos um passeio pela interface do *software* uTorrent (um tipo específico de aplicativo recomendado por diversos pessoas para a prática da sementeação), com objetivo de demonstrar que tais linguagens e práticas estão inteiramente associadas a um conjunto de tecnologias existentes nos *softwares* P2P.

Isso significa dizer que os modos de existências desta tecnologia (expresso através de linguagens, práticas, compromissos, éticas, modos de fazer etc.) possuem uma relação intrínseca com este complexo sistema cyberecológico. Com isso, fica claro que é através desses sistemas por onde fluem as “torrentes de dados” (espécie de substância primordial que alimenta os arquivos nos processos de sementeação). E é a partir deste fluxo informacional que ocorre o *fenômeno de dispersão das sementes*. Quanto mais os dados (*bytes* de informações) fluírem através destas redes, mais as sementes serão espalhadas e ganharão corpo. Em resumo, uma semente digital nada mais é do que um “arquivo torrent” pronto para ser semeado e sua dispersão acontece na medida em que indivíduos se interessam por seus movimentos, fluxos e dispersões. Assim, uma semente digital é um arquivo [*file*], um “arquivo torrent”, deliberadamente criado para que tal artefato seja disperso, movimentado. O que está em questão é

exatamente seus movimentos, seus fluxos. E é a partir destes movimentos que compreendemos tais “híbridos” (LATOURE, 1991) e justificamos seus elementos vitais. Se um “arquivo torrent” pode ser compreendido enquanto uma “coisa viva”, isso decorre em função de sua potencialidade em torno dos movimentos naturais comumente associados aos “seres vivos”: uma semente digital nasce, mas também morre; do mesmo modo, ela pode se apresentar enquanto “saudável” ou “frágil”. Após este breve mergulho em alguns termos técnicos impressos no ato da sementeação, passaremos adiante a uma tentativa de descrição das sementes digitais a partir de certas regras morais subjacentes a tal ato e suas implicações em determinados aspectos da socialidade vivenciados por membros do fórum Oásis.

4.5 A regra de ouro: “Semeie duas vezes aquilo que você baixar”

Seu download depende do nosso upload.... então pense nisso! (Grupo: Membros / novembro de 2008).

Uma “regra de ouro” perpassa a economia do compartilhamento de arquivos (nos modos experimentados pelos agentes da comunidade Oásis). Esta regra funciona enquanto uma “sugestão”, que baliza e sustenta a cooperação entre pares. Nesse sentido, ela está associada a uma importante vertente da economia do compartilhamento denominada “regra de proporção” (*ratio rule*), que pretende regular o nível de proporção entre a quantidade de dados recebidos (*download*), em relação à quantidade de dados doados (*upload*). Tal regra é explicitada na comunidade a partir dos seguintes termos: “Coopere, deixe semeando ao menos duas vezes o tamanho do arquivo que baixar” (FIGURA 13). Assim, a função desta regra na comunidade é estimular a cooperação. Mas como tal ação funciona na prática? Como os semeadores de arquivos vivenciam esta regra em suas vivências cotidianas?

FIGURA 13: Mensagem no Oásis sugere cooperação entre pares.

Coopere, deixe semeando ao menos duas vezes o tamanho do arquivo que baixar.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Já debatemos anteriormente que o *download* através das redes P2P não acontece a partir de robustos servidores centrais (como aqueles geridos por grandes empresas de alta tecnologia da informação). E isso decorre em razão de um motivo bem simples: é a partir dos computadores pessoais (domésticos) de cada *peers* (parceiros) inseridos nesta rede na qual se sustentam as transferências de dados. E aqui está a chave para o entendimento desta característica da economia do compartilhamento online através de redes P2P: parceiros conectados nesta rede precisam fazer com que seus computadores pessoais funcionem enquanto servidores para que outros computadores possam se conectar a eles e assim realizarem as conexões que possibilitam as transferências de dados. Para isso, tais pessoas que possuem o arquivo completo (ou pedaços deles) necessitam disponibilizar uma proporção de sua “largura de banda” (ou velocidade de conexão) para que outros parceiros possam se conectar a tais arquivos e assim receber os dados (medidos em unidades informacionais conhecidas como *bytes*).

Nesse sentido, o fluxo dos dados funciona a partir do seguinte movimento: *bytes* de informações são recebidos, e logo tais dados já estão aptos a serem compartilhados através de um processo denominado “upar” (neologismo derivado da palavra *upload*). Quanto as pessoas “upam” *bytes* de informações através das redes P2P, mais elas atuam enquanto cooperadoras nesse sistema. E é exatamente o “*Ratio*” aquele indicador responsável por medir a taxa de proporção equivalente entre a quantidade de dados recebidos (baixados) em relação à taxa de dados enviados (upados). Vejamos abaixo uma breve descrição que pretende explicar como funciona o sistema do “bendito ratio”. É importante notar que se o sistema do *ratio* não for executado de forma correta, isso poderá ocasionar a “queima” da semente e conseqüentemente a interrupção da semeadura. Vejamos:

Semear é baixar um [arquivo] e não bulir na configuração dele até que o ratio tenha dobrado. Os torrents vivem à base de sementes. Se você baixa um [arquivo] e sai do torrent antes de dobrar o bendito ratio, você interrompe a semeadura e “queima” uma semente. A bem da verdade, se você deixa até que o ratio chegue a 1000, você já repôs o que usou, mas como precisamos de fazer não só a nossa parte, como a do que não faz, é mais seguro pedir que não se mexa na configuração e nem saia do torrent até o ratio chegue em 2000. Mas... sempre tem um mas... se você não sair do [arquivo] e bulir na configuração dele, você interrompe a semeadura de qualquer maneira. 😞
Qualquer alteração que você faça na pasta em que se encontra o [arquivo]: babau semeadura. Aí, no relatório do torrent aparece: **erro**. (Grupo: Conselheiros / abril de 2011 / negritos no original).

Quando tal pessoa postula que não devemos interromper a sementeira “antes de dobrar o bendito ratio”, ela se refere à uma estratégia de ação que sugere que todos os membros do Oásis enviem (ou seja, “upem”) ao menos duas vezes a quantidade de dados baixados. Por exemplo, se uma pessoa baixa um arquivo com um tamanho especificado em 5 *gigabytes*, o ideal é que tal pessoa apenas interrompa a sua sementeira após “upar” no mínimo 10 *gigabytes* de dados. Este feito, em medidas de proporção, indicaria que um “*Ratio*” de ao menos 2.0 pontos seria o ideal para cada “arquivo torrent” baixado. Digamos que, ao seguirmos neste mesmo exemplo, uma pessoa baixe um arquivo com 5 *gigabytes* de tamanho, e resolva upar 20 *gigabytes* de dados deste mesmo arquivo. Isso significaria um *ratio* de 4.0 pontos (ou seja, quatro vezes o tamanho do arquivo matriz baixado). Como observamos no comentário previamente citado, a ideia do *ratio* é estimular as pessoas a reporem aquilo que usarem (“se você deixa até que o ratio chegue a 1000, você já repôs o que usou”). Contudo, tal reposição deverá acontecer sempre em dobro, no mínimo.

A regra de ouro postulada a partir da “campanha do 2X” (“semeie ao menos duas vezes o tamanho do arquivo que baixar”) pretende conscientizar a importância da cooperação entre pares, na medida em que estimula pessoas a enviarem (sempre em dobro) a quantidade de *bytes* informacionais recebidos.

É aquela história. Vamos, todos nós, [Oásis], tentar semear 2X no que baixamos. É a campanha do 2X ! Uma reclamação destas de vez em quando vai conscientizar cada vez mais gente, [...]. Nunca será 100%, mas o [Oásis] vai melhorando cada vez mais. Vamos lá! A quantidade de gente postando já está bem legal, muitos [arquivos] bons. Não precisa nem se esforçar muito para postar. Apenas baixar e semear. [...] (Grupo: Membros / setembro de 2007).

Neste outro comentário destacado abaixo, podemos perceber a relação da “campanha do 2X” enquanto uma “política” de uso deste fórum. Contudo, destacamos que esta singular perspectiva de entendimento, que estende o significado do ato da sementeira online enquanto um “ato político”, está alicerçada em uma compreensão alargada do que significa a cyberecologia.

[Semear] [s]ignifica compartilh[ar]. Para você semear [a semente] basta não [deletá-la] nem fazer qualquer tipo de alteração nos arquivos [dela] para que as pessoas possam baixar de você as partes que você já baixou. O pessoal daqui [do Oásis] tem como política deixar [a semente] disponível ao fazer upload de pelo menos 2x o tamanho do arquivo original, atingindo 2.0 de ratio nele.

Com efeito, a política subjacente à prática da sementeação online está (antes de tudo) orientada por questões que perpassam generosidades, afinidades eletivas e cooperações entre pares. O comentário abaixo explicita isso de forma eloquente. Tal pessoa afirma apoiar a “campanha do 2X” e destaca que costuma semear bem mais do que o dobro recomendado. Mas o mais interessante neste comentário é quando tal pessoa percebe que o ato semear é uma “questão de educação e gentileza com os outros usuários do fórum”.

Apoiado, faço questão de semear bem mais do que 2x o tamanho [das sementes] q baixo aqui no fórum. Além de ser uma questão de educação e gentileza com os outros usuários do fórum, somente dessa maneira o [Oásis] terá vida longa e próspera. 😊 (Grupo: Agitadores / abril de 2009).

Ao observamos mais um comentário de apoio à “regra de ouro” do fórum Oásis, tal pessoa destaca a “campanha de conscientização da importância de semear os torrents baixados”. Isso porque, se não houver sementeação dos arquivos, as sementes não poderão florescer, e o “vasto” e “maravilhoso” acervo de sementes digitais presentes no Oásis ficará comprometido. No exemplo destacado, tal pessoa reclama que dois arquivos que ela tentava baixar tiveram a sementeação interrompida antes de sua conclusão e isso em razão de tais arquivos estarem “sem sementes”⁹⁰. Por fim, tal pessoa destaca que “o torrent é uma corrente, baixou semeou!”.

Prezados isso é muito bom, principalmente para aqueles que adentram neste vasto (e maravilhoso) acervo! Porém a meu ver deveria haver uma campanha de conscientização da importância de semear os torrents baixados - ficando como seed até o dobro de ratio. Estou com 2 [arquivos] que baixei do [Oásis] sendo que 1 deles parou no 99,9% e outro está com está no 2% ambos com 0 seeds. Pedir para quem disponibilizou o torrent a 3 anos atrás é uma puta sacanagem, pois o torrent é uma corrente, baixou semeou! (Grupo: Projetores / março de 2013).

Por fim, finalizamos este tópico a respeito da “regra de ouro” do Oásis, na qual tentamos demonstrar de que forma o *modus operandi* do semeio online através de redes P2P articulam práticas e códigos morais bastante precisos. Como vimos, o “espírito da colaboração” pressupõe a retribuição das dádivas recebidas. Contudo, tal retribuição não acontece de qualquer forma, mas sim em dobro, triplo, quádruplo,

⁹⁰ O problema dos arquivos “sem sementes” é algo sério que compromete todo este ecossistema cibernético. Discutiremos essa questão com maiores detalhes no próximo capítulo desta tese.

quíntuplo e por aí vai. O que está em jogo é o próprio movimento, ou seja, a dispersão das sementes compartilhadas. E sem a sementeação não há *downloads*, arquivos, sementes ou presentes. Como não existem formas de controlar a quantidade de *bytes* semeados pelos usuários do Oásis, a única saída para garantir que a sementeação nunca pare de ocorrer é através das campanhas de conscientização sobre a importância do semear para a “cena torrent”. Neste sentido, por mais que os *softwares* tenham uma função crucial na economia do compartilhamento online, é a “boa vontade” e o “espírito de colaboração de cada um” que faz de fato esta roda girar e as coisas acontecerem.

Como o [Oásis] não tem tracker próprio não temos condições de controlar quanto cada usuário baixa ou sobe. Cabe então à boa vontade e ao espírito de colaboração de cada um que baixa continuar semeando ou não. (Grupo: Veteranos / agosto de 2012).

Nesta mesma direção, um outro membro do fórum postula a respeito da importância do semear os dados baixados, e relata que tal feito depende mais “do esforço pessoal e da vontade de cada um”, do que da ação e das configurações do *software* (no caso específico, o uTorrent):

Semear é fácil, não tem segredo. O programa uTorrent já vem configurado para semear sempre os arquivos, utilizando taxas ilimitadas de upload. Então se ninguém mexer nas configurações, seus downloads vão ficar sendo semeados ao infinito... O problema é que muita gente desconfigura o programa, limita o upload e até mesmo exclui os arquivos logo ao terminar de baixar (o que impede a sementeação). Por isso é importante conscientizar. Semear sempre é importante e depende do esforço pessoal e da vontade de cada um. (Grupo: Agitadores / maio de 2011).

Na verdade, o fórum Oásis está em uma campanha perpétua de conscientização sobre a importância do semeio. Isso é fácil de perceber quando afirmamos que a frase que resume tal campanha (“Coopere, deixe semeando ao menos duas vezes o tamanho do arquivo que baixar”) é uma daquelas que resumiria tal comunidade. Contudo, além da obrigação moral que sugere aos membros que devolvam em dobro (no mínimo) tudo o que recebem da comunidade, podemos enxergar uma forma de semeadores e semeadoras de sementes digitais elevaram a prática das transferências de dados a um impressionante patamar (quando pensamos o volume de dados upados através das redes P2P). Estamos nos referindo às “caixas de sementes” (ou *seedbox*) e é sobre elas que nos aprofundaremos no próximo tópico.

4.6 As “caixas de sementes” (*seedboxes*)

E[u] fiz uma busca aqui pelo [Oásis] e notei que, de fato, algumas pessoas gostariam de saber o que é um(a) *seedbox* [caixa de sementes]. Pois bem, depois de uma aula [...], acho que eu posso contar para vocês o que é uma *seedbox* e quais são as suas vantagens. [...] (Grupo: Projetores / novembro de 2012).

Após alguns anos semeando *bytes* de informações online, alguns membros da comunidade Oásis se destacam na arte do cultivo de sementes digitais. Esse destaque se reflete na capacidade superior de tais indivíduos em oferecerem sementes, principalmente através do uso de determinados suportes tecnológicos que potencializam a capacidade dispersiva de seus arquivos: tais suportes são conhecidos como “caixa de sementes” (ou *seedboxes*). Como veremos ao longo deste tópico, não podemos caracterizar enquanto uma tarefa fácil esta nossa tentativa de resumir com clareza alguns conceitos e funcionalidades desta ferramenta. E isso decorre em razão de dois motivos: primeiro, tal tecnologia pode ser vista enquanto um suporte e é considerada auxiliar nas práticas de semeio; segundo, configurar e trabalhar com essas tecnologias exige um saber técnico extremamente especializado, além de investimentos financeiros que são gastos no aluguel e na manutenção dessas “caixas”. Um tópico dedicado a debater esse tema no Oásis foi criado, e é a partir dele no qual realizamos nossos comentários sobre esse assunto. Vejamos:

[...] O QUE É? Basicamente, um(a) *seedbox* é um "servidor dedicado", isto é, um computador configurado para processar dados, permitir acesso a arquivos e permitir execução de softwares remotamente. Mas, obviamente, quando as pessoas se referem a um(a) *seedbox* aqui no [Oásis], elas estão falando especificamente de um servidor de arquivos, de banco de dados, através do qual nós podemos baixar e subir [arquivos] - com velocidades muito agradáveis. Devo dizer que um(a) *seedbox* é um serviço pago e o Firelhosting, [...] vende esse serviço. Mas você também pode comprar o mesmo serviço no Whatbox, no Seedhost, Seedbox.me, etc - basta você digitar "seedbox" na busca do Google, e vão aparecer várias "empresas" que oferecem esse serviço. No meu caso, eu comprei o Firelhosting por sugestão dos meus amigos. Existem várias opções de conta e você pode escolher a que melhor se adequa à sua necessidade. [...] (Grupo: Projetores / novembro de 2012).

A definição de uma “caixa de sementes” enquanto um servidor dedicado que tem por objetivo possibilitar o *download* e o *upload* de arquivos “com velocidades muito agradáveis” se apresenta (ao nosso ver) como a principal característica destas tecnologias. Assim, pessoas interessadas em aprender, conhecer e contratar uma ou

mais “caixa de sementes” estão à procura de altas taxas de velocidades de transferências de arquivos, não apenas para receber *bytes* velozmente, mas para enviar *bytes* de informações às outras pessoas rapidamente. E é exatamente essa característica que singulariza tais usuários, visto que os membros que usam “caixa de sementes” conseguem compartilhar seus arquivos com outras pessoas de forma muito mais ágil e eficiente. No exemplo especificado abaixo, tal pessoa afirma estar subindo dois arquivos para a sua “caixa de sementes”, para com isso ter a possibilidade de enviar dados a uma velocidade “próximas a 1MiB” (*megabytes* por segundo).

[...] VANTAGENS Por ser um servidor dedicado, a velocidade é muito superior. E, aliás, que fique claro, a seedbox é algo que fica online, na rede, não está no seu computador. A minha seedbox está lá na França [...] Reparem na velocidade e também no ratio - o ratio é alto porque a velocidade de upload da seedbox é alta, chegando a 110MiB, às vezes, quando a troca de dados é feita entre usuários que possuem seedbox. Ficaram alegres? Pois bem, eu estou subindo dois [arquivos] [...] para o [Oásis] (eles estão na minha seedbox, reparem só), [...] ou seja, mesmo que[m] não tem seedbox, vai poder desfrutar de velocidades muito altas, próximas a 1MiB, assim que eu subir essas lindezas (faço isso daqui pro fim da semana, palavra!). [...] (Grupo: Projetores / novembro de 2012).

Mas, podemos indagar, qual a importância da “banda larga” e das altas velocidades de conexões enquanto uma condição estratégica na economia do compartilhamento de arquivos digitais através da internet? De fato, quanto mais alta a velocidade de conexão, maior será a potência de transferências de *bytes*. Entretanto, quando pensamos em *upload*, temos que considerar um fato relevante: o envio de dados através das redes pressupõe um determinado sacrifício da potencialidade de conexão de uma rede. Em termos práticos, quanto mais uma pessoa “upa” dados através de sua conexão, mais a sua capacidade de recebimento de dados ficará comprometida. E é por este fato que analisamos tal feito a partir de uma determinada esfera de abnegação e sacrifício, pois “upar” (seja através de redes P2P ou não) pressupõe abrir mão de suas capacidades de recebimento de dados e de altas velocidades de navegações na internet, em razão da potência do envio de *bytes* de informações às outras pessoas.

Contudo, as “caixas de sementes” transformam redes de computadores em zonas de transferências de *bytes* com capacidades de velocidades impressionantes. Quando pensamos a relação entre as “velocidades de conexões” dos usuários e o

“tempo de *download*”, podemos imaginar que as “caixas de sementes” potencializam transferências de arquivos completos em segundos (mesmo que tais arquivos possuam centenas de *megabytes* ou algumas dezenas de *gigabytes* de tamanho). Dados comparativos exemplificados por Pereira da Silva (2012) apontam que velocidades de conexões de aproximadamente 100 Mbps (*megabytes* por segundo) são capazes de transferir um filme de DVD (com tamanho estimado de 4,7 *gigabytes*) em apenas cinco minutos; nesta velocidade de conexão, também é possível transferir um CD (com tamanho especificado de 700 *megabytes*) em apenas 56 segundos.

De todo modo, altíssimas velocidades de conexões são extremamente raras no Brasil. Tendo em vista as dificuldades de acesso à internet da população brasileira, o governo, através do Ministério das Comunicações e da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), tem tentado corrigir distorções e disparidades no tocante ao acesso da internet no Brasil. No entanto, tais ações revelam um cenário ainda muito precário quando pensamos a economia do compartilhamento online, visto que o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL)⁹¹, uma das ações do governo para tentar dirimir as dificuldades de acesso da população à internet banda larga, possui como plano estratégico de ação conectar famílias com velocidades estimadas de apenas 1 Mbps (*megabytes* por segundo). Ou seja, uma realidade ainda muito distante das redes de altíssimas potências presentes em outros contextos sociais.

Apesar de não haver consenso entre especialistas do que seria uma conexão “banda larga” (PEREIRA DA SILVA, 2012, p. 26), alguns engenheiros de redes afirmam que uma velocidade de 1 Mbps não poderia mais ser classificada enquanto “banda larga”, haja vista a “tendência de defasagem” das velocidades de conexões frente aos novos desafios e possibilidades que a rede mundial de computadores proporciona aos seus usuários.

Ainda que a velocidade seja um fator relevante e prático, sua tendência de defasagem é evidente: se no início do século uma conexão com 256 kb/s era plausível para que o usuário utilizasse a rede de modo satisfatório, o surgimento progressivo de novos aplicativos *on-line* e a expansão do conteúdo multimídia (vídeo, voz, jogos, animação, transmissões em *streaming* etc.) tornou este número rapidamente obsoleto. Embora ao final da primeira década uma velocidade de 10 Mb/s fosse razoável para um usuário comum, esta taxa também já nasceu condenada a se deteriorar nos anos vindouros.

⁹¹ A respeito do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) e suas políticas de infraestrutura e acesso, consultar: <http://www.anatel.gov.br/setorregulado/index.php/plano-nacional-de-banda-larga>.

É neste contexto em que as “caixas de sementes” assumem as suas funções. Tais tecnologias são contratadas por tais usuários, para que suas conexões de internet possuam capacidades extremamente elevadas de dispersão de dados. De todo modo, como já afirmamos no início deste tópico, contratar e configurar uma “caixa de semente” requer um conhecimento especializado em redes de internet. Tal fator é considerado tão crucial na aplicação desta tecnologia, que alguns membros do fórum recomendam que usuários que não saibam como configurar uma “caixa de sementes” nem cheguem a contratá-la, pois “vai ser dinheiro jogado fora”.

[...] P.s².: se você não souber usar a seedbox, tampouco configurá-la ou coisa do tipo, eu volto a dizer, não compre uma, vai ser dinheiro jogado fora - até porque não é algo barato, porque o pagamento é mensal (costuma ser) [...] (Grupo: Projetores / novembro de 2012).

A partir destas reflexões, podemos pensar as “caixas de sementes” (ou *seedboxes*) enquanto investimentos financeiros e intelectuais realizados por pessoas que pretendem elevar a capacidade germinativa de suas sementes digitais. Como vimos ao longo deste tópico, não costuma ser barato pagar por tais serviços, nem mesmo pode ser considerado fácil manuseá-las e configurá-las. Entretanto, o longo debate em torno desta tecnologia no Oásis confirma a sua importância para tais agentes inseridos nestas redes de trocas. E é a partir dos fóruns e dos tutoriais na qual o conhecimento a respeito desta tecnologia se difunde e especialistas e novatos no uso desta plataforma podem trocar ideias e se ajudarem mutuamente.

Bom, eu tive ajuda para configurar tudo. Muito dificilmente, eu configuraria sem ninguém me ajudar, eu acho - apesar de não ser difícil, é uma plataforma nova para mim (tudo bem que, agora, eu me acostumei; mas, aqui e ali, eu ainda tenho algumas dúvidas e eu sempre procuro os amigos para me ajudar quando eu acho que tem algo errado, mas, geralmente, não é nada). Bom, é isso, a ideia era só dar uma clareada básica no assunto. E eu realmente não teria comprado se eu tivesse que configurar e aprender a usar sozinha - como eu disse, não é tão barato assim. [...] (Grupo: Projetores / novembro de 2012).

Na sequência de comentários no tópico dedicado a debater sobre “caixa de sementes” no Oásis, uma pessoa relata “problemas pela falta de conhecimento” no assunto. Ela pede ajuda e acredita que aparentemente tenha configurado errado sua *seedbox*, apesar de elogiar a capacidade do servidor ao fazer bem o seu jogo em relação à ação que consiste “baixar/upar”.

O servidor faz o jogo baixar/upar que é uma beleza, em pouco tempo um [arquivo] levemente semeado já está baixado, chegando muitas vezes a 1.5 Mb/s. Mas, na hora de eu pegar o bendito [arquivo] do servidor pra cá pro computador a conexão cai bastante. [...] Temo que não configurei direito tanto o Filezilla quanto o Servidor. Mas o que precisa ser configurado? (Grupo: Membros / dezembro de 2012).

De todo modo, usuários que não possuam conhecimento técnico especializado, e nem condições financeiras para bancar o aluguel de uma “caixa de sementes” poderão se beneficiar desta tecnologia, principalmente se levarmos em conta dois fatores: primeiro, o fato de que usuários com *seedbox* semeiam a altíssimas velocidades, independentemente dos outros usuários possuírem as tais caixas; segundo, usuários que desejem compartilhar arquivos e não possuem *seedboxes* podem pedir ajuda a “pessoas discretas” que poderão (“no altruísmo sincero”) emprestar suas “caixas de sementes” para que tais arquivos possam ser compartilhados de forma mais eficiente.

[...] Existem almas boas, cujos "nomes" eu não vou citar porque são pessoas discretas - mas são os veteranos, em geral, que vivem ajeitando esse fórum para cima e para baixo -, que ajudam os usuários do [Oásis] a semear [arquivos] jogando os torrents em suas *seedboxes*. Geralmente, isso é feito quando alguém cria um torrent [...], por exemplo, ou quando alguém ripa algo exclusivamente para postar aqui, isso é feito porque, nesse caso, a "sementeira" está zerada - então, no altruísmo sincero de ajudar os usuários deste fórum, essas almas boas jogam esses torrents sem sementes em suas *seedboxes* e tudo se resolve. [...] (Grupo: Projetores / novembro de 2012).

Por fim, encerramos este tópico a respeito das “caixas de sementes” e concluímos que tal tecnologia confirma o caráter dinâmico e inventivo dos ecossistemas cibernéticos que compõem o semeio dos arquivos online. Assim, se o “sistema torrente” pode ser caracterizado pelo fluxo livre e descentralizado de milhões (ou mesmo bilhões) de *bytes* informacionais, seriam as “caixas de sementes” uma dessas tecnologias de dispersão responsáveis pelo fluxo massivo e torrencial dos códigos binários que compõem os conteúdos digitais. E, como vimos, as *seedboxes* cumprem aquela que poderia ser considerada a sua principal função nesse ecossistema: é através delas que os usuários da comunidade Oásis podem se beneficiar de uma tecnologia que permite o florescimento, a maturação e o movimento das preciosas sementes digitais; ou seja, tais tecnologias (apesar de auxiliares) são importantes por fortalecerem ações cooperativas.

4.7 “Semeie sempre. Comente sempre”: sobre os dois “espíritos”

[...] Reparem, quando a gente convida alguém para entrar no [Oásis], sempre fazemos a clássica pergunta: você vai deixar os [arquivos] que baixar semeando (já falamos disto, eu sei, calma!) e **vai participar nos fóruns?** [...] (Grupo: Conselheiros / maio de 2011 / negritos no original).

As condições da participação na comunidade Oásis variam a partir de diversos critérios. Já discutimos no segundo capítulo desta tese em que sentido as “performances” individuais dos membros (expressas através de seus perfis e de suas ações no fórum) projetam as condições da criação de “Grupos”, na qual são alocados tais agentes. Vimos também que existem muitas maneiras dos indivíduos cooperarem e contribuírem com o fórum. Entretanto, existem duas ações principais que podem ser compreendidas enquanto atitudes regulares exigidas de todos os membros (independentemente dos grupos na qual estejam destinados), são elas: semear e comentar.

Neste tópico, discutiremos de que forma tais ações e atitudes se revelam enquanto potencialidades para a criação de uma “ética do compartilhar”, além de debatermos as implicações deste ato para a economia do compartilhamento de arquivos online. Ao prestarmos mais uma vez atenção ao tópico intitulado “Regras do Fórum”, iremos nos deparar com dois pontos (respectivamente, o ponto 7 e o ponto 8) que versam a respeito da importância de duas ações: “SEMEIE SEMPRE” e “COMENTE SEMPRE”. Estes pontos pretendem (de maneira conjunta) regular de forma expressa a importância destas duas ações (que tomam forma a partir daquilo que tais agentes compreendem enquanto “os dois espíritos”).

O ponto “7” faz algumas observações sobre a importância do semeio, e demarca tal ação enquanto uma “obrigação” (“TODOS têm a obrigação de semear”). Ainda, tal regulamentação (“SEMEIE SEMPRE”) relaciona tal ato a algo que determina enquanto “espírito da coisa”, “espírito da internet”, ou “espírito dos adeptos do acesso à cultura livre”. Em seguida, tal ação é compreendida enquanto “cooperação” e “retribuição” para com a comunidade e com os outros membros. Ou seja, tal ato pode ser compreendido como a unidade de ação básica exigida de todos os membros do fórum. Quem frequenta o Oásis recebe este “alerta” constante, e tais recomendações não são apenas indicações, mas formulações expressas bem definidas.

7 SEMEIE SEMPRE: Nem todos postam [sementes], nem todos ripam [arquivos] e isso é absolutamente normal. No entanto, TODOS têm a obrigação de semear. Esse é o espírito da coisa, o espírito da internet e o espírito dos adeptos do acesso livre à cultura. Isso se chama cooperação! Se você baixou um [arquivo], deixe-o semeando até pelo menos duas vezes o tamanho dele. Essa é a sua contribuição para a comunidade, para que outras pessoas também tenham acesso a [esta semente]. (Grupo: Controller / janeiro de 2007).

Por outro lado, um outro tipo de atitude também é exigido dos membros do fórum: “COMENTE SEMPRE” (indica em letras garrafais o ponto 8 do “Manual de Regras” do Oásis). Os comentários preestabelecem a importância da interação entre pares no fórum e estas ações fortalecem aquilo que tais agentes compreendem enquanto “espírito comunitário”. Escrever um comentário é um ato considerado (se não obrigatório) no mínimo uma questão de boa educação e cortesia. Isto em razão da comunidade exigir que tais comentários sejam realizados de forma “sensata”, “sincera” e de “qualidade”. Além do mais, tal ato também está diretamente relacionado à uma certa “devolução”, já que a interação respeitosa e cortês “é o mecanismo que agita, interliga e incentiva” a existência desta comunidade.

8 COMENTE SEMPRE: Ora, além de termos acesso a [arquivos] raros e bons, ainda temos a oportunidade de interagir com pessoas diferentes. Mas essa interação só é possível se você comentar o que for postado. Diga se achou o [arquivo] bom, se achou ruim, faça sua crítica (sim, temos muitos usuários no [Oásis] que fazem críticas muito sensatas, sinceras e de qualidade a respeito dos [arquivos] que [são compartilhados] por aqui). Esse é o mecanismo que agita, interliga e incentiva o crescimento do espírito comunitário e de sua qualidade. (Grupo: Controller / janeiro de 2017).

A partir destas duas formulações, gostaríamos neste momento de nos determos nas expressões essenciais destes dois atos: o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura” e o “espírito comunitário”. Ora, é difícil falarmos destas duas expressões neste momento sem nos arriscarmos uma certa redundância. Isso devido ao fato destes dois “espíritos” atuarem em conjunto para a formulação da própria existência do Oásis. De todo modo, por mais que algumas pessoas não possuam “banda larga” suficiente para upar grandes quantidades de dados informacionais através de redes P2P, sempre será possível atuar na comunidade através de outras vias, caminhos e performances. Por outro lado, pessoas mais tímidas e reservadas poderão expressar sua gratidão através de formas distintas de cooperação. Afinal, o que conta é a expressão e a interação em torno do “espírito do bem comum”.

De fato, o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura” e o “espírito comunitário” se confundem e se fortalecem mutuamente, por isso é extremamente difícil falar de tais ações de forma separada. Na medida em que novos arquivos são apresentados ao fórum, novos comentários (geralmente de agradecimentos) são postados e, assim, tal círculo segue indefinidamente. Com efeito, cada nova semente digital compartilhada de forma livre gera uma nova sucessão de comentários, que por ventura fortalece instantaneamente o espírito comunitário. Contudo, esses atos possuem implicações diversas no fórum, e tais ações mobilizam zonas diferentes de instigações e interesses, como podemos observar na reflexão abaixo a respeito da importância dos comentários para os membros do fórum. Na perspectiva desse agente, comentários escritos com cautela e respeito servem para provocar boas discussões e instigam pessoas a compartilharem cada vez mais bons arquivos. Em outras palavras, o que está em destaque mais uma vez é a importância da interação.

[...] Deixar um comentário sobre o [arquivo] que foi baixado, trocar opinião, provocar (com cautela e respeito) a opinião contrária, para extrair uma boa discussão sobre o [arquivo] [...]: isto é participar nos fóruns. O [Oásis] disponibiliza [as sementes], nós entramos com os comentários. Não é necessário ser um experto no assunto. Só troca de opiniões mesmo. Se vocês soubessem quanto isso instiga as pessoas [...] ... E rende páginas de troca de figurinhas. Querem postar [sementes], tudo bem. Mas não é exatamente este o pedido que fazemos quando convidamos alguém para o [Oásis], tá? Pedimos é interação. Pronto! Fiz duas lições num só dia. Amanhã eu não trabalho. 😊 (Grupo: Conselheiros / maio de 2011).

De vez em quando, pessoas mais tímidas e que não costumam aparecer nos fóruns com comentários, críticas e sugestões realizam justificações e (não raro) se comprometem publicamente a agradecer de forma explícita o esforço daqueles que buscam ampliar o acervo de arquivos da comunidade através do oferecimento solene de sementes. No exemplo abaixo, uma pessoa agradece os aprendizados recebidos e se compromete a tornar explícitos os silenciosos agradecimentos.

Também me sinto um tanto inibido para comentar, mas tenho uma admiração imensa por este fórum. Agora que conheço um pouco da história, fico ainda mais admirado. Tenho aprendido tanta coisa por aqui. Agradeço (silenciosamente) todo dia por ter conhecido este espaço. Vou tentar agradecer, a partir de agora, de forma explícita. Obrigado a todos que ajudam a construir e manter esta comunidade. Vocês são realmente incríveis! (Grupo: Membros / julho de 2011).

Em algumas situações, pessoas realizam comentários em que agradecem as dádivas recebidas, ao mesmo tempo em que se comprometem publicamente a semear e a compartilhar os arquivos baixados. Em tais atos, são os “dois espíritos” que são fortalecidos: o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura”, na medida em que há o comprometimento público em garantir o semeio dos arquivos baixados; e o “espírito comunitário”, visto que tal “espírito” nada mais é do que a manifestação generosa e cortês expressa através de um comentário público de agradecimento.



Oi [...], não podia deixar de comentar o seu post, trabalho monumental, de muita coragem e paciência. Que bom que existem pessoas assim 😊. Já baixei muito[s] [arquivos] postados por vc. Quero deixar aqui o meu agradecimento e o reconhecimento pelo grande trabalho. O que posso fazer além disso? Deixar semeando para que outros possam tb desfrutar desta bela contribuição. grande abraço (Grupo: Membros / junho de 2011).

Quando a participação não acontece e a interação fica comprometida, é comum observamos comentários de pessoas frustadas, especialmente aquelas que se dedicam por horas à esta comunidade. No exemplo abaixo, uma pessoa observa que muitos membros baixam os arquivos e são poucos que agradecem e comentam. Em suas palavras, comentar e agradecer é uma questão de educação e participação, haja vista que as “as pessoas por trás de cada perfil” são importantes para quem está a oferecer as sementes, os presentes. Em suma, receber um comentário é para um compartilhador de sementes a verdadeira retribuição do “produto de um trabalho”.

É triste observar que muitos [arquivos] são baixados por dezenas, centenas de pessoas e os *posts* recebem tão poucos agradecimentos e menos ainda comentários. Quando se lança um [arquivo] no [Oásis] se pensa nas pessoas e nas reações que essas terão ao [experimentar] o produto de um trabalho. Quando isso não aconteça a frustração é certa. Melhor do que o botão de *Obrigado*, no entanto mais difícil, é que as pessoas sejam mais educadas e participativas. Afinal, se as pessoas por trás de cada perfil não fossem importantes não nos reuniríamos em um fórum. (Grupo: Tradutores / janeiro de 2011).

Tendo como base essas reflexões, é notório observarmos os fluxos e as cadências de tais “espíritos” enquanto articuladores de ações e práticas, além de normas, éticas e moralidades que (por fim) constituem a potência da economia do compartilhamento de sementes digitais através da internet. Assim, do mesmo modo que Max Weber (2004) estava interessado em compreender o “espírito do capitalismo”

não somente enquanto uma “técnica de vida” (mas sim enquanto uma “ética social” [*ethos*] que fundamenta valores e ações), nós compreendemos que quando tais cyberagricultores relacionam a “economia do compartilhamento” fundamentada através de “espíritos” é porque o que está em jogo com essas definições é a busca por uma certa essência da ação. Dito de outro modo, o *ethos* e o modo de ação regular que fundamenta o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura” é constituído através dessas formulações (muitas vezes explícitas, mas às vezes apenas subentendidas) que compreendem uma ética particular e um dever. Isso fica claro em diversas situações, principalmente em comentários quando membros costumam compreender o ato do semeio e a participação ativa no fórum enquanto “verdadeiras missões”:

[...] Gente... semear e participar do fórum são nossas verdadeiras missões. E isso não é tão difícil assim de se fazer. É preciso apenas foco e dedicação a tudo isso aqui. O [Oásis] é nosso, mas nós temos que cuidar dele. (Grupo: Membros / julho de 2011).

A missão [...] é semear, comentar e agradecer. [...] (Grupo: Agitadores / dezembro de 2012).

Ou seja, identificamos através da conjugação do “espírito comunitário” e do “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura” aquilo que Max Weber (2004) classifica enquanto o “*summum bonum*” (ou seja, o “verdadeiro alfa e ômega da moral”) da economia do compartilhamento de sementes online (nos modos como tais ações são experimentadas pelos cyberagricultores que frequentam a comunidade Oásis). Como vimos, tais “espíritos” funcionam enquanto “éticas máximas” e suas formulações possuem implicações objetivas nos modos de ser e de fazer quando pensamos a germinação e a dispersão de sementes digitais. Dito de outro modo, tais formulações não são apenas úteis enquanto expressões morais abstratas, visto que tais valores regulam comportamentos, ações e podem ser vistas enquanto uma “técnica de vida”. Mas o que acontece quando membros desafiam tal lógica? Se, como vimos ao longo deste tópico, o ato de semear e comentar é tão importante para a formalização deste “espírito comunitário”, como podemos compreender a ação de indivíduos que (por diversos motivos) simplesmente faltam ou mesmo negam tal lógica? É sobre este assunto que trataremos no próximo tópico deste capítulo.

4.8 Vampiros e sanguessugas: a negação da cooperação e a participação limitada

[...] Vampiros e sanguessugas, FORA! (Grupo: Agitadores / maio de 2010).

Em nenhum momento é mais evidente o sentido obrigatório e coagente da adesão visceral dos membros às “éticas particulares” que fundamentam a economia do compartilhamento de sementes digitais, do que quando pensamos a respeito do lugar dos indivíduos que (por qualquer motivo) desafiam as lógicas particulares que regulam as ações e os modos de ser da socialidade desta comunidade. De modo geral, isso pode ser observado através de duas formas: primeiro, através de membros que se recusam a semear (ou seja, a compartilhar) as sementes recebidas; segundo, através do silêncio e da não participação nos fóruns (sejam através de postagens, comentários, agradecimentos ou críticas). Neste tópico, discutiremos as implicações destes fatos, e de que forma tais membros reagem diante da negação da cooperação da participação limitada de determinados membros.

Ressaltamos que algumas destas posturas são detectadas de diferentes modos por tais membros. Em algumas situações, a “não participação” fica evidente através de alguns mecanismos presentes no fórum (por exemplo, quando nos referimos aos registros de contagem dos comentários realizados por cada membro em particular – que funcionam de modo efetivo como uma forma de demonstrar os índices de participação de algum usuário no fórum a partir da publicização da quantidade de comentários realizados); por outro lado, a “não participação” também pode ser algo de difícil evidenciamento, o que a tornaria (muitas vezes) apenas uma suposição (por exemplo, quando pensamos a respeito da dificuldade da confirmação da quantidade de *bytes* semeados por cada membro – tal ação implicaria a prática do semeio através de redes P2P à uma questão de “consciência” e “compromisso”). Em um certo sentido, todas essas questões já foram debatidas ao longo desta tese. Contudo, consideramos importante demonstrarmos (através de evidências empíricas) de que forma aqueles indivíduos que optam pela “não participação” são vistos por outros membros e como tais posturas são classificadas dentro desta comunidade. Nesse sentido, tentaremos ainda compreender por que razão tais pessoas são denominadas “vampiros” ou “sanguessugas” e quais as implicações deste fato para a economia do compartilhamento (em seus aspectos mais gerais).

Em sentido estrito, membros que frequentam a comunidade Oásis e não semeiam e nem comentam definem as principais posturas daquelas pessoas considerados “sanguessugas”. Na verdade, alguns membros chegam a denominar tal ação (ou melhor, “não ação”) a partir de um verbo (fruto de um neologismo) entendido enquanto “sanguessugar”. Assim, “sanguessugar” nada mais é do que participar do fórum e não semear, não interagir, não comentar, não participar. Pois, como vimos, praticar a interação é uma obrigação, um imperativo moral; ou seja, não interagir significa pôr em perigo o “espírito comunitário” (e isso não é algo aceitável). No exemplo destacado abaixo, uma pessoa do grupo “Conselheiros” provoca pessoas que não fazem nada, além de “sanguessugar”. De acordo com suas palavras, membros cadastrados a anos no fórum que não participam deveriam ser “desconvidados” do fórum. Vejamos:

Uma vez, eu fui a uma reunião de Pais e Mestres, na escola de meus filhos. E os mestres falaram uma coisa, que nunca mais me saiu da cabeça. "Quem está aqui não são os pais que precisariam estar". Acho que é mais ou menos por aí. Nós, que estamos sempre nos fóruns, participamos, discutimos, perguntamos, tentamos aprender, nós não precisamos ser atingidos. Nós já fomos. [...] Quem precisaria ser atingido é aquele tipo que implora por convite, entra, baixa [arquivo], não semeia, não agradece, não comenta, não interage, não nada a não ser sanguessugar (o neologismo já foi por mim patenteado). Todos os dias, eu entro nas páginas dos aniversariantes, para dar os parabéns. Fico boba de ver a quantidade de gente que entrou em 2008, a última participação foi Dezembro de 2010, e tem 3 postagens, 4. [...] Eu ia postar que fico sem-graça de escrever tanto. Mas é mentira. Adoro postar aqui. Adoro comprar briga. Adoro quando o tópico rende. Adoro uma boa polêmica. Adoro provocações. E adoro repetir adoro 😊. Francamente, se eu fosse dar uma sugestão, eu pediria um botão para desconvidar quem eu convidei e nunca deu as caras 😞. (Grupo: Conselheiros / janeiro de 2011).

Ainda de acordo com esta postagem, membros cadastrados no fórum que nunca deram “as caras”, ou ainda pessoas cadastradas a alguns anos, mas que seus contadores de comentários registram poucos ou insignificantes números, são aqueles que (em um certo sentido) carregariam o estigma da exclusão reservados aos “sanguessugas”. E seus “crimes” ou “desvios de conduta” seriam exatamente a falta de gratidão, resultado de “comportamentos mesquinhos”. Assim, membros que não comentam, ou que não participam dos fóruns com debates e postagens, se arriscam de forma latente a essa específica zona de exclusão; ou seja, o risco proveniente do ato de “sanguessugar” nada mais é do que o risco de literalmente ser excluído da comunidade (seja de forma sutil ou através de uma exclusão propriamente dita).

Apesar das “Regras do Fórum” preverem de forma explícita a obrigatoriedades das condições da participação (“Semeie Sempre” / “Comente Sempre”), as punições para quem desafia essas normas éticas não seguem o mesmo caminho. Assim, é óbvio que tais “zonas de exclusões” estão demarcadas apenas através de marcas sutis. Isso acontece em razão das punições aos desviantes não estarem (em nenhum local do fórum) colocadas de forma explícita. Geralmente, os castigos impostos se expressam através de formas sutis de desprezo e, de modo semelhante com o que acontece aos *outsiders* descritos por Elias e Scotson (2000)⁹², as presenças dos membros ingratos são apenas toleráveis, mas dificilmente tais pessoas poderão construir uma “carreira moral” de valor neste espaço.

Mas de que forma os membros do fórum expressam os sintomas da miséria da ingratidão? E de que maneira (em suas interações ordinárias cotidianas) alguns membros conseguem captar sinais que lhes deem indícios de que talvez estejam diante de membros potencialmente mal-agraçados? E como tais ações afetam as relações entre os membros respeitados e generosos, diante daqueles considerados ingratos ou mesmo indignos? Por mais incrível que isso pareça, tais marcas são expressas nos singelos (mas expressivos) “perfis dos membros”. E se entendemos tal feito como algo “incrível”, isso decorre em razão de um fato marcante que merece ser destacado: por mais resumidos e aparentemente desimportantes que tais perfis possam parecer (à primeira vista), é a partir deles em que fluem algumas marcas expressivas relevantes para membros inseridos nestas dinâmicas sociais.

⁹² As zonas de exclusão e desprezo provenientes das disputas simbólicas na comunidade Oásis precisam ser entendidas a partir de um contexto específico. Haja vista que, no Oásis, os membros “sanguessugas” são assim classificados exatamente por não participarem da comunidade e, com isso, negarem suas disputas simbólicas. Assim, dificilmente membros classificados enquanto “vampiros” são vistos na comunidade em posição de disputas simbólicas ou reivindicando algo. E isso ocorre porque na medida em que tais membros começam a participar dos fóruns através de comentários, eles já fortalecem o “espírito comunitário” e dão os primeiros passos para deixarem a condição de “sanguessugas”. Concluímos com isso que diferentemente do que relatou Norbert Elias (2000) em *Winston Parva*, o que vemos no Oásis a partir dos conflitos provenientes das hierarquizações simbólicas entre os estabelecidos (os semeadores) e os outsiders (os sanguessugas) é na verdade uma *polarização relativa de interesses*. E isso decorre em razão dos membros denominados “vampiros” simplesmente não se importarem com tais classificações, já que (mesmo sem semear e sem comentar) a comunidade ainda continua com suas portas abertas a tais pessoas. E isso significa poder usufruir de todos os presentes compartilhados, sem nenhuma responsabilidade ou senso de compromisso com os códigos morais e éticos acordados. Contudo, os membros vampiros se arriscam e (como veremos mais adiante) ainda assim poderão conhecer a pena capital, que no caso seria a expulsão da comunidade. Assim, quando pensamos a polarização dos equilíbrios de poder entre “bons semeadores” e “sanguessugas ingratos”, é óbvio que a balança sempre acaba pendendo para os donos do pedaço (ou seja, os semeadores reconhecidos enquanto os verdadeiros compartilhadores, as “boas almas generosas” do fórum).

Os perfis individuais de cada membro da comunidade revelam publicamente (ou mesmo denunciam) as intensidades dos índices de participações de cada pessoa. Basta clicarmos no ícone do perfil de qualquer membro, e logo teremos à vista (em uma aba denominada “Estatísticas”) três informações relevantes que demonstram de forma objetiva tais índices de participações: primeiro, a data de registro do usuário no fórum; segundo, a data referente à “última atividade” de tal membro (ou seja, a última vez em que tal pessoa acessou o fórum); e, por fim, a quantidade de postagens realizadas por tais pessoas ao longo de todas as suas experiências na comunidade. Quando avaliamos os índices de participação dos membros com cadastros ativos no fórum, podemos observar três tipos diferentes de indivíduos potencialmente “sanguessugas”. Observemos a FIGURA 14, nela podemos ver as estatísticas de participações de três membros (denominados MEMBRO A; MEMBRO B e MEMBRO C).

Através de uma perspectiva comparada, podemos reparar que todas essas pessoas criaram suas contas no Oásis em meados de outubro de 2008 e, do mesmo modo, nenhuma destas pessoas realizaram qualquer tipo de postagem ou comentário no fórum (ver estatísticas “Posts”). Contudo, quando reparamos na informação “Última atividade”, podemos ver que os índices de participações de tais membros variam de acordo com os seus usos distintos do fórum. No exemplo destacado, o MEMBRO A possui uma conta de registro no fórum, entretanto tal pessoa não realizou nenhum “login” na comunidade (é por esta razão que a informação referente à sua última atividade é demarcada apenas por um “--”). Já o MEMBRO B registrou-se no fórum exatamente no dia 29 de outubro de 2008, e realizou seu último “login” na comunidade apenas treze dias depois após a criação de sua conta (em 11 de novembro de 2008, às 02:12 AM). Isso significa uma experiência de participação extremamente limitada (de apenas 13 dias). Todavia, o caso mais grave da ação de um “sanguessuga” (a partir das definições expostas pelos membros deste fórum) talvez esteja exemplificada através da ação do MEMBRO C. Como podemos ver, a “última atividade” de tal membro no fórum foi exatamente em 26 de janeiro de 2017 (às 10:53 AM). Quando relacionamos a data de registro na comunidade do MEMBRO C (30 de outubro de 2008) à quantidade de postagens realizadas por tal pessoa no fórum (ou seja, zero), fica claro nesta pessoa em particular a sua atitude “sanguessuga”. As estatísticas de registros deste membro deixam publicamente à mostra que esta pessoa desafia o

“espírito comunitário” deste fórum, principalmente por fazer uso da comunidade por nove anos, e não escrever durante todo esse tempo nenhum comentário de agradecimento (que, de alguma forma, serviria enquanto uma “compensação” das dádivas recebidas). De um modo geral, as experiências de participação dos membros exemplificadas abaixo são danosas e mal vistas dentro da comunidade Oásis. Tais pessoas se arriscam a serem compreendidas enquanto ingratas e a serem expulsas do fórum. Apesar de tais pessoas possuírem cadastros ativos

FIGURA 14: Estatísticas de uso demonstram membros sanguessugas



FONTE: Arquivo pessoal do autor.

A facilidade de obtenção das estatísticas precisas (com data e hora) referentes às participações dos usuários do fórum expõem o grau de importância do “espírito comunitário” expresso através de postagens, comentários e debates públicos em torno de qualquer assunto, em qualquer tópico. De um certo modo, tais precisões estatísticas referentes aos índices de participações de cada pessoa individualmente atua enquanto um importante articulador de atos performáticos, isso ao nos atinarmos que cada comentário executado no fórum pode ser compreendido enquanto um ato comunicativo que expressa uma performance que se vincula (de modo solene) a potenciais atos generosos. Como já vimos, comentar é antes de tudo uma questão “ética” e de “educação” e é por esta razão que a opção pelo silêncio atua como um fator negativo e mesmo arriscado. Como observamos no comentário realizado abaixo,

para tal pessoa realizar um comentário já é (de alguma forma) um agradecimento, uma retribuição, uma generosidade.

Quem posta [arquivos] sabe o quanto é bom receber um comentário, alguém que baixa e diz o que achou, que dá sua opinião sobre [a semente compartilhada]. Isso pra mim é primeiramente questão de ética e generosidade (Grupos: Membros / outubro de 2011).

Vejamos outro exemplo. Neste comentário, tal pessoa expõe sua irritabilidade a respeito da ação de membros que costumam “logar” no fórum, mas não deixam “comentário nenhum”. Em seu ponto de vista, tais pessoas não precisariam “bolar comentários grandes”, mas sim qualquer mensagem que pudesse estimular outras pessoas a continuarem seus trabalhos no fórum. Assim, a opção pelo silêncio apenas demonstraria a falta de compromisso de pessoas sanguessugas que “não levam isso [o fórum] a sério”. Por fim, tal pessoa postula que membros sanguessugas são aproveitadores do trabalho e da boa fé alheia, e a única forma de remediar este problema seria através da participação e da compreensão de que o Oásis é uma “rede social”.

O caso do semeio não me é tão irritante quanto a falta de comentários [...]. Uma vez que não sabemos quem realmente semeia os filmes, acredito que todos que participam ativamente do fórum o fazem por saber o valor que isto aqui tem pra nós. Mas o caso dos comentários sabemos muito bem quem entra no fórum [...] e quem não deixa comentário nenhum mas sempre aparece na barrinha de membros logados. Tudo bem que grande parte não tem tempo pra bolar comentários grandes com a opinião sobre [a semente baixada], mas PORRA, tem muita gente que passa muito tempo logado, e nunca deixou sequer um comentário. Sem falar nos que não levam isso a sério, isso me chateia muito, são sanguessugas que se aproveitam do trabalho de quem leva a sério. Nem quero entrar na questão que a pessoa não tem tempo pra deixar comentário e fica o dia todo em redes sociais, podemos até ver o [Oásis] como uma rede social, também dá pra conversar e fazer novas amizades. Não sei o intuito de abrir o cadastro, mas eu já era a favor de uma limpeza nos membros, desde o final do ano de 2011, quando entrou muita gente e alguns só fizeram o cadastro pra nunca mais aparecer. (Grupo: Agitadores / março de 2013).

Até o momento, vimos a repercussão da ação limitada de membros considerados sanguessugas, tendo como base a baixa participação nos fóruns através de comentários e postagens. Também vimos que a pouca participação de membros no fórum é considerada danosa, por comprometer uma forma específica de ética denominada “espírito comunitário”. De todo modo, existe uma outra forma de

“sanguessugar” na comunidade Oásis (talvez mais danosa e prejudicial para a economia do compartilhamento e muito mais difícil de se precisar com clareza). Estamos nos referindo aos membros que não semeiam os dados recebidos. Na postagem em destaque, um membro do grupo “Veteranos” faz uso de sua autoridade simbólica para dizer o que pensa sobre membros que não semeiam e membros que não comentam. De antemão, tal pessoa minimiza a importância dos comentários e postagens, diante da tarefa considerada crucial para o Oásis: ou seja, o semeio. Em seu ponto de vista, ele reitera a importância da “multidão silenciosa” (que pode ser compreendida como aquelas pessoas que apenas semeiam e não costumam participar ativamente com postagens e comentários). Ainda mais, tal pessoa considera “muito errado associar membros que não comentam com ‘sanguessugas’”. Por outro lado, em sua perspectiva, membros sanguessugas são os maus semeadores, ou seja, “são membros que não semeiam o que baixam”. Vejamos:

[...] Sim, como muitos observaram, o objetivo principal de um fórum, e não apenas do [Oásis], é a interação entre os membros. Mas o [Oásis] é também um espaço de compartilhamento de arquivos via torrent, e um torrent se mantém vivo com seeders [semeadores], não com comentários. Cada um participa como pode e na medida do seu interesse, e a "multidão silenciosa" dos membros que apenas semeiam é tão importante como cada um dos membros mais ativos, entre os que postam [arquivos], traduzem ou agitam o fórum e o tornam tão divertido. Eu mesmo participo de outros sites que são também fóruns, [...] sem ser muito ativo, e ninguém nesses espaços parece se importar com isso. É muito errado associar os membros que não comentam com "sanguessugas". Sanguessugas são membros que não semeiam o que baixam, e nada garante que um membro que não comenta não é um bom semeador - assim como deve haver muito membro ativo que não semeia o que baixa. No caso de trackers públicos, como os que usamos no [Oásis], quanto mais gente baixando, maiores são as possibilidades do torrent se manter ativo. Acreditem, mais gente baixando é SEMPRE melhor. Eu acho que é isso, cada um participa e ajuda como pode e como bem entende. [...] (Grupo: Veteranos / março de 2013).

Ainda na mesma postagem em destaque, tal veterano cita o exemplo de um outro membro veterano e ressalta a sua postura mais silenciosa. Ainda sim, tal pessoa é reconhecida enquanto “um elemento chave na manutenção do fórum”. Em seguida, ele nos indaga publicamente: “Alguém aqui teria coragem de chamá-lo de ‘sanguessuga’”?

[...] Por exemplo, o [cita o nome de membro Veterano] sempre foi um membro de poucos comentários, sempre pontuais e pertinentes, mas nunca participou muito dos tópicos do boteco, por exemplo. No momento em que precisamos de uma ajuda, ele se ofereceu e hoje é um elemento chave na manutenção

do fórum, [...]. Alguém aqui teria coragem de chamá-lo de "sanguessuga"?
[...] (Grupo: Veteranos / março de 2013).

Nesta mesma direção, outra pessoa observa que a participação no fórum pode ocorrer de vários modos. Tal pessoa também minimiza a importância da “interação” através de comentários em tópicos. Contudo, em suas palavras, “a pior coisa que pode acontecer ao fórum é ter membros que não entendam que é necessário semear por algum tempo”. Ou seja, um verdadeiro sanguessuga é aquela pessoa que desafia o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura” através da recusa da prática da sementeira das sementes baixadas.

[...] pra mim, a pior coisa que pode acontecer ao fórum é ter membros que não entendam que é necessário semear por algum tempo. Ai sim, é o caso de chamá-los pelo nome: sanguessugas. Interagir você interage quando quer ou quando sente a necessidade, a participação ocorre de 'fáários' jeitos! 😊
[...] (Grupo: Membros / março de 2013).

Ainda estufiado por este mesmo debate, um outro membro afirma que dois terços dos membros convidados por ele deixam rapidamente de visitar o fórum. E em decorrência disso, tal pessoa afirma se satisfazer apenas em ver que um terço restante dos membros ainda continuam “entrando no fórum”. Assim, ele afirma não se importar se tais pessoas estão ou não postando arquivos ou comentando tópicos. Isso porque (em seu ponto de vista) alguns “sanguessugas esporádicos” podem ter sua importância no semeio e na dispersão das sementes.

[...] Mas, postando [arquivos] ou não, comentando ou não, me satisfaço ao ver que pelo menos um terço desse pessoal continua entrando no fórum. E, provavelmente, ainda baixa [sementes]. Se continuam a semear o [arquivo] depois de baixar, confesso que não sei [...]. E a probabilidade de o torrent continuar vivo com 20 sanguessugas esporádicos é maior do que com apenas 1 seeder [semeador] sem seedbox [caixa de sementes], como eu. Não que eu não entenda sua posição e a de tantos outros membros ativos e indignados com a não participação (Grupo: Tradutores / março de 2013).

Em resumo, tentamos neste tópico elaborar uma discussão que versasse sobre aquilo que compreendemos enquanto “não participação”. Dito de outro modo, tentamos discutir determinadas implicações práticas subjacentes aos limites da participação e da cooperação entre tais agentes; ou seja, tentamos perceber quais as consequências quando indivíduos desafiam as éticas normativas e os valores

máximos da *ética do compartilhar* (ou seja, aquilo que denominamos de “espírito comunitário” e “espírito dos adeptos do acesso à cultura livre”). Vimos também que a não participação cria específicas zonas de perigo e membros que não interagem no fórum ou não semeiam os dados de arquivos se arriscam a terem suas “carreiras morais” (BECKER, 2008) destruídas, principalmente ao serem classificados enquanto “sanguessugas” ou mesmo “vampiros”. Em um certo sentido, ser classificado enquanto um sanguessuga pode ser algo ruim para tais agentes, mas também pudemos notar que podem existir lugares de enunciação (ou seja, espaço) para indivíduos assim classificados. Por fim, isso nos leva a crer que as definições do que significa ser um sanguessuga para os membros deste fórum ainda são classificações em disputa.

De todo modo, esta problemática se complica quando (em determinadas situações) os destinos dos sanguessugas e dos vampiros não são decididos de forma muito amigável. Como veremos no próximo tópico, nem sempre esse lugar reservado a tais pessoas está garantido de forma plena, haja vista que não são poucos os membros que desejam a expulsão dos “vampiros”. Veremos o que acontece quando a comunidade decide “fechar as portas” e dar adeus aqueles indivíduos considerados “picaretas e aproveitadores, preguiçosos e mistificadores”.

[...] não vejo solução para este problema, pelo menos nenhuma solução plausível que não implique tracker e expulsão de vampiros. (Grupo: Membros / março de 2008).

[...] vida triste aos picaretas e aproveitadores, preguiçosos e mistificadores. (Grupo: Banido / junho de 2008).

4.9 O fechamento das portas e o corte dos 40.000 membros

[...] há banimento por aqui, pessoal [...] (Grupo: Tradutores / março de 2013).

O início da história da comunidade Oásis revela um começo bem diferente da forma como tal comunidade se apresenta hoje (exatamente dez anos após a sua criação). Em termos gerais, essa mudança atravessa características bem específicas que mudaram por completo os sentidos como tais agentes vivenciam (ao longo desses anos) suas experiências diante daquilo que compreendemos enquanto “economia do compartilhamento”. Neste tópico, faremos uma rápida observação de um momento

bem particular nessa complexa história: nos referimos ao momento em que o Oásis era um fórum aberto, sem a exigência de um sistema de convites para autenticação de novos usuários. Além disso, tal era demarca um momento anterior à criação das “regras do fórum”, e isso nos leva a crer que tais anos iniciais demarcam situações com menos exigências e compromissos (quando pensamos as formulações morais e práticas subjacentes à “ética do compartilhar”). Mas o que ocasiaram tais mudanças e quais as principais consequências desse ato? E por que razões a comunidade Oásis elaborou esse movimento de endurecimento e engessamento de seus modos de existências?

Este movimento foi objetivado essencialmente através da formalização de manuais de condutas e códigos de éticas, além de regras específicas que versam a respeito das obrigações e deveres dos membros. Durante os dois primeiros anos de existência desta comunidade, muita coisa acontecia sem muitas regras e imposições por parte da equipe de moderação. Isso talvez em decorrência do fato da comunidade Oásis ter sido criada após a expulsão de uma pessoa de uma outra comunidade de compartilhamento de arquivos online (conhecida como “Compartilhando”). Tudo aconteceu em meados de julho de 2006. De acordo com tal pessoa, o fórum “[C]ompartilhando havia se tornado um lugar chato”, devido às ações de moderação exaustivas por parte da equipe de administração (ações estas que ocasionaram um certo desânimo em diversos membros).

[...] A essa altura todos nós já andávamos desanimados, pois o compartilhando havia se tornado um lugar chato, onde tudo era motivo pra um moderador te censurar, deletar teus posts, editar, criticar, enfim, acho que se tornou infantil demais. [...] (Grupo: Veteranos / agosto de 2008).

Se a moderação do fórum “Compartilhando” já estava naquele momento associada à censura (através da exclusão de postagens e da expulsão de membros), a “ordem” ou “proposta” que iria regular a nova comunidade (ou seja, o “Oásis”) deixava claro a tentativa de criação de um espaço democrático e sem censura.

[...] A ordem era um só: manter a proposta do grupo no que diz respeito aos [arquivos] postados e termos um espaço democrático, onde tudo pudesse ser falado e discutido sem que houvesse censura. Espero que entendam que quando um [arquivo] não é aprovado aqui [no “Oásis] nada tem a ver com censura, mas sim com aquilo que foi idealizado por nós. [...] (Grupo: Veteranos / agosto de 2008).

Em outro momento, mais uma mensagem de um membro veterano (que participou do momento de criação do Oásis) relata a situação que ocasionou a sua expulsão do fórum “Compartilhando” e a constituição do Oásis enquanto um “espaço novo” para o compartilhamento de arquivos através da internet.

Aproveitando o momento histórico...achei por bem postar alguns "documentos" que fazem parte da origem do [Oásis]...conforme for encontrando vou postando por aqui...este primeiro é um email de um moderador do fórum [Compartilhando] [...] ...nesta mensagem o moderador me convida, educadamente, a deixar o fórum... isto foi o fato que nos fez começar a pensar em ter um espaço nosso... (Grupo: Veteranos / julho de 2012).

Essas situações deixam claro que se a economia do compartilhamento de arquivos digitais através de redes P2P é formalizada através de regras e códigos morais bem precisos, assim também o são aquilo que poderíamos compreender enquanto as forças morais capazes de subjugar (ou mesmo punir) aqueles que desafiam tais normas e regras. Para tanto, gostaríamos de descrever um fato interessante que ocorreu na comunidade em meados de 2008 (ou seja, apenas dois anos após a criação do Oásis): nos referimos à ação que ficou conhecida neste espaço como o “corte dos 40.000”.

Antes de avançarmos neste debate, gostaríamos de arriscar uma reflexão (que atuará enquanto um fio condutor das discussões realizadas neste tópico). Como já pontuamos a partir de mensagens postadas pelos próprios idealizadores do Oásis, a criação de tal fórum (em julho de 2006) acontecia enquanto uma resposta ao sufocamento de membros acossados em uma outra comunidade de arquivos online. A experiência de censura e expulsão de membros no fórum “Compartilhando”, desanimou algumas pessoas, e foi a partir de tais expulsões que esses indivíduos se juntaram decidiram criar um “novo espaço”. Em tal fórum, a ordem seria outra: democracia, liberdade e respeito seriam seus valores fundamentais. Contudo (apenas dois anos após a criação do Oásis) o que se via naquele instante era algo aparentemente alheio a esses valores, principalmente através da culminância de uma “pena capital” para cerca de 40,000 membros que foram expulsos desta comunidade. O que levou a situação a este ponto? E como tais membros compreenderam o “corte dos 40.000”, tendo em vista os valores afirmados pelo Oásis enquanto uma “comunidade democrática”? E quais foram os membros mais atingidos por tal corte?

Em suas tentativas de garantir um ambiente que democratizasse o acesso a bens culturais digitalizados no Brasil, moderadores que inicialmente idealizaram a comunidade Oásis a projetaram enquanto um local que fosse o mais aberto e receptível possível, além de um espaço familiar, respeitável e caloroso (vemos aqui a idealização inicial daquilo que posteriormente tais membros denominam de “espírito comunitário”). Suas intenções e expectativas perpassavam também a tentativa de garantir um local que funcionasse enquanto um banco de dados para que determinadas mídias raras e sem apelo comercial pudessem ser compartilhadas e trocadas entre pares, da forma mais livre e cooperativa possível (algo que se relaciona com o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura). Vejamos:

O [Oásis] surgiu na internet com a intenção de democratizar o acesso a obras [...] difíceis de serem encontradas no Brasil [...] por não terem sido lançadas traduzidas para a nossa língua ou por não possuírem apelo comercial. Nesses pouco mais de 2 anos de existência o fórum cresceu muito além das nossas expectativas e hoje é possível dizer que somos uma referência no que diz respeito ao compartilhamento de [arquivos]. Claro que todo este crescimento se deve à dedicação dos membros e da equipe de moderação. Aproveito para agradecer a todos. [...] (Grupo: Controller / outubro de 2008).

Tais combinações de desejos e expectativas rapidamente tornaram o Oásis uma comunidade online de “referência no que diz respeito ao compartilhamento de [arquivos]”. O resultado imediato disto pode ser observado no aumento exponencial de membros cadastrados (principalmente durante os dois primeiros anos de existência do fórum). De todo modo, os números elevados de membros cadastrados começaram a trazer problemas aos servidores que hospedam o fórum. Tais problemas começaram a acarretar falhas constantes, que ocasionavam travamentos e ameaças de suspensão (provenientes do servidor que garantia a hospedagem e mantinha a página online) das atividades da conta do fórum. Todos esses problemas advinham do consumo excessivo de *hardware*, e uma das soluções seria “partir para um servidor mais robusto, que aguente o tranco”.

Com isso tudo, como já foi dito, a navegação pelo fórum é prejudicada. Já fomos alertados pela empresa que administra nosso servidor que nossa conta será suspensa caso este problema de consumo excessivo de hardware não seja solucionado. Como não temos interesse nenhum em partir para um servidor mais robusto, que aguente o tranco, devido aos altos valores que nós já pagamos mensalmente e que seriam aumentados (e muito) no caso de migração, tivemos que tomar algumas decisões [...] (Grupo: Controller / outubro de 2008).

No entanto, como vimos, a solução que considerava o aluguel de servidores mais robustos foi logo descartada em razão do alto custo financeiro. Vale destacar que durante os dois primeiros anos (até esse fatídico momento) o fórum Oásis não exigia convites dos novos membros. Ainda era requisitado das pessoas uma espécie de cadastro para garantir suas credenciais de acesso, mas tais credenciais eram livres. Bastava aos pretensos novos membros clicar em um ícone denominado “Cadastre-se agora” (localizado na primeira página do fórum) e rapidamente sua conta já estava finalizada. Então, o que poderia ser feito? A comunidade continuava crescendo e, enquanto novos membros se cadastravam, mais a navegação do fórum era prejudicada.

A solução para tal problema veio a partir da análise da participação dos 48.025 membros cadastrados até aquela data. Assim, no dia 23 de outubro de 2008, foram expostos alguns dados estatísticos e algumas informações preocupantes vieram à tona. Do número total de usuários cadastrados, exatamente 43.316 (ou seja, algo em torno de 90%) nunca haviam realizando nenhuma postagem no fórum. Ao seguirmos na análise, pudemos constatar que: 9,8% haviam realizado apenas uma postagem (4709 membros); 7,7% haviam postado ao menos dez postagens (3706 membros); 3,1% dos membros abriram tópicos (1493 membros); 0,9% dos membros haviam postado arquivos (472 membros); 16,2% dos membros haviam logado na comunidade nos últimos 30 dias (7827 membros); e 0,1% dessas pessoas haviam realizado alguma postagem no fórum nos últimos 30 dias (82 membros).

[...] No dia 23/10 puxamos da base de dados algumas estatísticas que serviram para dar embasamento à nossa decisão. São elas:

- * **Total de membros cadastrados: 48025**
- * **Quantidade de membros que nunca postaram nada: 43316**
- * **Quantidade de membros que já postaram ao menos uma vez: 4709**
- * **Quantidade de membros que fizeram ao menos 10 posts: 3706**
- * **Quantidade de membros que abriram algum tópico: 1493**
- * **Quantidade de membros que postaram [arquivos]: 472**
- * **Quantidade de membros ativos nos últimos 30 dias: 7827**
- * **Quantidade de membros que fizeram ao menos 1 post nos últimos 30 dias: 82**

(Grupo: Controller / outubro de 2008 / negritos no original).

Ao avaliarmos as condições da participação como um dos critérios de adesão ao “espírito comunitário”, tais dados demonstravam a obviedade de que algo estava seriamente errado no Oásis. Assim, a partir das estatísticas expostas pelos moderadores do fórum, tudo levava a crer que a estagnação e os constantes travamentos de navegabilidade do *site* era resultado do alto índice de usuários registrados.

[...] Entretanto este crescimento nos traz alguns problemas técnicos contra os quais temos que estar sempre trabalhando. Já trocamos de servidor algumas vezes, ficamos fora do ar em outras oportunidades e, ultimamente, temos sofrido com páginas em branco, não carregadas completamente e fórum fora do ar constantemente. Isto acontece devido à quantidade de acessos simultâneos. Muita gente acessando o fórum ao mesmo tempo gera uma sobrecarga no nosso servidor e ele acaba não funcionando corretamente ou saindo do ar. Após muita discussão e análise de diversas soluções propostas para resolvermos este problema, chegamos a um consenso e é ele que venho aqui anunciar para vocês. [...] (Grupo: Controller / outubro de 2008).

A partir de seis critérios, a solução dos moderadores para este impasse foi “fechar” o fórum para novos membros, o que tornaria tal comunidade acessível apenas para usuários convidados por outros membros que possuíssem os preciosos convites. Além do mais, uma das soluções para estes problemas foi a exclusão de 43.316 contas de “membros inativos” (ou seja, aquelas pessoas que nunca haviam postado nenhum comentário no fórum até aquela presente data). A partir deste momento, podemos entender que a comunidade Oásis talvez tenha começado novamente uma nova história, e tal ato fundador deste novo momento está simbolizado na exclusão de quase 90% dos membros cadastrados até meados de outubro de 2008.

O [Oásis] se tornará um fórum fechado

- 1. Novos cadastros só serão permitidos mediante convites**
- 2. Os cadastros dos membros inativos serão devidamente deletados e eles não terão mais acesso ao fórum, a não ser que sejam convidados por outro membro**
- 3. Os membros receberão convites e poderão convidar outras pessoas**
- 4. Os convites serão distribuídos automaticamente, baseados em um critério que ainda está sendo discutido**

Infelizmente alguns bons semeadores podem ter seus cadastros excluídos, mas não temos outra alternativa neste momento. Um abraço, [Oásis]

(Grupo: Controller / outubro de 2008 / negritos no original).

O impacto de tal ato no fórum foi avassalador, porque deste momento em diante a equipe de moderação ficou mais atenta sobre a formalização de normas éticas, manuais de condutas e regras de comportamentos que vislumbrassem a criação de critérios mínimos para a garantia de adesão de tais agentes aos “dois espíritos” que fundamentam a “ética do compartilhar” (sobre o qual debatemos nos tópicos anteriores). Em um sentido estrito, podemos perceber que a exclusão em massa de “membros inativos” levou em consideração exatamente a inatividade de membros que (de alguma forma) desafiaram a lógica do “espírito comunitário”.

Mas como podemos compreender tal punição? E qual o recado (ou lição) que tal expulsão em massa é dada aos poucos membros que ficaram? Lembremos da discussão elaborada no tópico anterior a respeito dos sanguessugas. Através de uma tentativa de definição deste termo (tendo em vista os aspectos práticos e simbólicos do que significa ser um sanguessuga para os membros desta comunidade), podemos entender tais agentes como pessoas egoístas e mau agradecidas, não por serem incapazes de oferecer um presente, mas sim pelas suas incapacidades em agradecerem, ou em retribuírem as dádivas. Em outras palavras, um membro sanguessuga nada mais é do que um indivíduo que falha na sua obrigação de retribuir as dádivas. E se na economia dos interesses apaixonados trocar significa (antes de tudo) amar, aqueles que não cooperam, não agradecem e não retribuem são exatamente aqueles seres descartáveis que não farão nenhuma falta (ou quase nenhuma)⁹³; ou seja, quem não ama não serve à economia baseada em interesses apaixonados, o que tornaria seus perfis inúteis.

⁹³ Vale observar que a comunidade também se arrisca ao decidir excluir mais de 90% do total de membros cadastrados. A partir da experiência do Oásis que culminou no “corte dos 40.000”, podemos ver que a equipe de moderação pretende minimizar os danos causados ao justificar tal ação apenas a partir de critérios técnicos. Do mesmo modo, tal tentativa de minimização também pode ser observada ao final da nota técnica de exclusão, quando a equipe postula que “[i]nfelizmente alguns bons semeadores podem ter seus cadastros excluídos”. Ou seja, por mais que membros não comentassem ou participassem do fórum, tais pessoas reconhecem que elas possuem um lugar na economia do compartilhamento através de redes P2P. Isso em decorrência de um fato relevante que já foi previamente destacado: tecnicamente, o que faz uma semente digital se dispersar não são agradecimentos, mas o semeio correto e massivo de dados através do sistema torrente. Contudo, desafiar o “espírito comunitário” através da opção pelo silêncio e da não participação nos fóruns se transforma em um desvio muito mais grave do que aqueles que não semeiam. E isso acontece por uma razão muito simples: o ato de semear é um ato secreto, que exige discrição e privacidade. Assim, em nenhum momento será possível apontar com clareza se os membros estão semeando corretamente os *bytes*. Por outro lado, quando pensamos os índices que especificam de forma objetiva a exata quantidade de postagens dos membros no fórum podemos reparar que tais dados estão disponíveis de forma clara e nítida. Esses dados são demonstrados a partir de critérios estatísticos nos próprios perfis de cada pessoa e (não raro) podemos vê-los exibidos enquanto verdadeiras insígnias.

Assim, o fechamento das portas do fórum que culminou com a exigência de convites para novos membros, em nenhum momento serviu para desafiar a “lógica democrática” (espécie de ordem simbólica que é vislumbrada enquanto um dos objetivos gerais do fórum desde a sua concepção). Ao contrário disso, a exigência de convites apenas serviu para tornar ainda mais solenes os jogos simbólicos que perpassam tal economia. É neste sentido que um dos membros excluídos no corte dos 40.000 (por ele denominado “peneirada”) relata seu retorno triunfal ao fórum. Mas agora ele chega com a lição aprendida. A partir de sua postagem, fica claro que tal pessoa agora fará de tudo para ser um bom “cyberagricultor”. Isso significa dizer que, além de semear (em dobro) os dados recebidos, ela se esforçará em agradecer publicamente os presentes, principalmente através da difusão pública de mensagens de amor e de agradecimento ao fórum e a todos e todas que fazem a máquina da economia do compartilhamento de arquivos digitais girar. Assim, tal mensagem de agradecimento (destacada abaixo) salvaria este membro em particular de uma possível nova exclusão em massa de membros que nunca postaram nenhuma mensagem no fórum. Vejamos:

Apoiado. Nesse deserto de homens e idéias, [este fórum] é um oásis. (plagiado de algum lugar). Tenho muita honra de pertencer à comunidade. Da peneirada que houve ano passado, eu fui um dos excluídos. Aprendi a lição. Agora, o engraçado é que eu consegui me cadastrar novamente no dia 1o de janeiro desse ano. Sem convite, sem nada, só por insistência. Não houve um só dia em que não tentava. Acho que foi um bug de virada de ano, ou um presente dos moderadores de ano novo. Quem souber, me responda. Um abraço a todos! (Grupo: Membros / março de 2009).

Cerca de cinco anos após o “corte dos 40.000”, em meados de março de 2013, algumas postagens realizadas por membros pediam uma nova “limpa” no fórum, após o Oásis sofrer novos colapsos em decorrência de sobrecarga nos servidores. Entretanto, um dos veteranos explica que tal ação está descartada, principalmente em razão do fórum estar agora hospedado em “um servidor mais robusto”. Ainda, tal pessoa explica que a solução encontrada (que culminou no fechamento do Oásis) foi algo muito útil à moderação, principalmente no que concerne um maior controle dos dados por parte da equipe. Além disso, neste comentário vislumbramos mais uma tentativa de minimizar possíveis críticas que poderiam vincular a expulsão de 40.000 membros enquanto um ato fascista ou mesmo antidemocrático (exatamente por tais atitudes desafiarem os ideais normativos que justificam o nascimento deste fórum).

Ninguém vai fazer "limpa" no fórum, gente. O fórum excluiu alguns membros no passado por uma questão prática, e não para "limpar" de membros que não participam. O servidor não suportava o número de membros e mudar para um servidor mais caro ou aceitar doações não eram alternativas. Como não havia outro critério possível, apagamos as contas de membros que nunca tinham postado. Mesmo aqueles que só postaram um único comentário para nos chamar de "fascistas", para depois voltar ao completo silêncio, tiveram sua conta preservada. Hoje temos um servidor mais robusto, e com o fórum fechado podemos ter um controle maior de sua capacidade, por isso deletar [hoje] os membros que não postam não é uma hipótese muito provável. [...] (Grupo: Veteranos / março de 2013).

Observemos que tal pessoa ironiza o fato dela (e de outros) membros da equipe de moderação terem sido acusado de “fascistas” e “antidemocráticos” em razão do ato que culminou na expulsão dos 40.000 membros: “Mesmo aqueles que só postaram um único comentário para nos chamar de ‘fascistas’, para depois voltar ao completo silêncio, tiveram sua conta preservada”, afirmou o veterano sobre os membros que tiveram seus perfis salvos durante a remoção dos 40.000. Em seguida, tal pessoa defende a nova política de entrada no fórum (através de convites) como uma questão de diversificação do acesso, ao invés de restrição.

Eu tendo a atribuir isso à falta de cultura política, [...]. As pessoas perdem de vista as distinções entre esfera pública e esfera privada, entre questões políticas, que envolvem um bem comum, e questões que dizem respeito à administração de um fórum de internet fechado... o resultado disso são as indignações descabidas, as acusações despropositadas de "fascistas" e "antidemocráticos", como se a distribuição de convites no fórum fosse uma questão política. O mais curioso é que os indignados não atentaram para o fato, já diversas vezes afirmado aqui, que a nova política de acesso ao fórum visa ampliar o acesso, diversificando-o, e não restringir. (Grupo: Veteranos / março de 2013).

De fato, cada ato ou movimento executado no Oásis pode perpassar um debate em torno daquilo que podemos compreender enquanto “cultura política”, e o que está em jogo nesses debates pretende garantir o fortalecimento dos ideais originários (que são a base de existência desde fórum): ou seja, a constituição de um local na qual seria possível reunir pessoas com o interesse em comum de compartilhar (da forma mais amável, aberta e generosa possível) determinados bens culturais digitalizados. No entanto, esta comunidade possui seus limites que se expressam a partir de duas formas: os limites que se vinculam às questões eminentemente técnicas, que perpassam questões em torno da capacidade de servidores que possam garantir o pleno funcionamento do fórum; e os limites em torno das consequências

subjacentes ao ato que compreende as ausências participativas de membros mau agradecidos ou aproveitadores. Neste sentido, cada ato perpetuado pela equipe de moderação visa estabelecer uma balança que pretende perpetuar um difícil equilíbrio diante deste fato. Ou seja, tanto o “espírito comunitário” quanto o “espírito dos adeptos do acesso livre à cultura” precisam estar firmados a partir de uma estabilidade que possa garantir o pleno funcionamento do fórum (tendo como bases suas características eminentemente técnicas), assim como de um sistema que consiga garantir um comedimento entre a proporção de usuários participativos (os verdadeiros “semeadores”) em relação aos membros “vampiros” e “sanguessugas”.

A “cultura política” que baliza o Oásis pretende garantir o fortalecimento de um espaço que levaria às últimas consequências alguns “valores” subjacentes à Web 2.0, principalmente quando pensamos a respeito da importância das redes colaborativas e descentralizadas e suas funcionalidades em torno do compartilhamento de arquivos. Entretanto, existem outros “valores” que também asseguram suas zonas de importância nestas redes de socialidade online e (não raro) tais valores ganham destaques nos debates nos fóruns: por exemplo, a busca por definições precisas entre esfera pública e privada; ou entre sistemas democráticos ou antidemocráticos; ou mesmo entre centralização e descentralização do poder nas redes cibernéticas e suas implicações políticas.

Mesmo após decidir “fechar as portas” (ao adotar o sistema de convites para adesão de novos membros), a comunidade Oásis experimenta de forma decorrente e sazonal movimentos de “abertura das porteiças” (ou seja, momentos em que qualquer pessoa poderá se cadastrar no fórum, sem as exigências dos convites). Em uma dessas situações, no início de março de 2013, a comunidade recebeu um índice extremamente alto de novos membros (cerca de 6.000 novos cadastrados em apenas 24 horas). Tal movimento foi classificado por um desses membros enquanto “estouro da boiada”, em uma referência ao alto índice de novos usuários cadastrados de uma só vez. Vale destacar o ânimo e a alegria de tal pessoa ao ver tanta gente nova adentrando no fórum.

Aliás, voltando aos números. O estouro da boiada começou à 0:30, ou seja, falta pouco mais de uma hora para completar as primeiras 24 horas. Cada dia tem 600 minutos ou [86.400] segundos. E já entraram quase 6000 usuários novos. Com esses números redondos, dá uma média de 1 usuário a cada [14,4] segundo[s]!! É gente pra carai!!! (Grupo: Veteranos / março de 2013).

Contudo, o que nos chama atenção neste momento perpassa uma questão extremamente relevante para a “cultura política” nos modos experimentados pelos agentes que frequentam o Oásis. Nos referimos a uma reflexão amadurecida ao longo do tempo (principalmente por parte da equipe de moderação). Esta reflexão pretende desvincular a comunidade Oásis de um entendimento de que tal fórum seria uma “democracia”. “O [Oásis] nunca foi, não é, e nunca será uma democracia”, seria esta atualmente uma reflexão consensual entre todos os moderadores.

[...] afinal de contas, como todo moderador já disse alguma vez isso: "O [Oásis] nunca foi, não é e nunca será um[a] democracia". Abs (Grupo: Tradutores / janeiro de 2009).

À primeira vista, tal afirmação parece apontar uma eminente contradição ou mesmo uma possível corrupção dos “valores” primevos que constituíram a existência deste fórum. Contudo, tal afirmação nos exige uma tentativa de reflexão mais apurada a respeito de tal fenômeno. Assim, longe de classificarmos (como fazem muitos detratores deste fórum) o Oásis enquanto uma “sociedade fascista” (ainda mais quando são seus próprios membros mais assíduos que afirmam que tal espaço não seja uma “democracia”), o que tais indivíduos demonstram é na verdade um refinamento da compreensão e da elaboração de uma potente crítica à “sociedade democrática”. Isto posto, é a partir das reflexões de Jacques Rancière (2014) e de sua crítica à democracia que encontramos importantes *insights* que nos ajudam a compreender tal fenômeno. Deste modo, é exatamente contra o caráter ambíguo, violento e catastrófico da “democracia criminosa” (RANCIÈRE, 2014) ou da “democracia morta” (SHIVA, 2010) que tais indivíduos se arriscam a praguejar.

E, assim, é neste cenário delirante e confuso na qual fluem no Oásis os debates das mais elevadas complexidades envolvendo discussões em torno de conceitos que perpassam temas caros à “cultura política” contemporânea. Nesta linha de reflexão, é (mais uma vez) inspirado em Rancière (2010, p. 110) que nos arriscamos a compreender que o Oásis pode ser melhor compreendido (antes de uma “comunidade democrática”) enquanto uma “comunidade coreográfica”. Tal perspectiva pretende elaborar uma reflexão crítica a respeito da “condição de espectador e as determinações de tal movimento no fortalecimento de uma “verdadeira comunidade”. Assim, longe de qualquer unidade figurativa que pudesse

vir a enjaular os membros do Oásis em uma condição passiva de meros “consumidores de bens culturais”⁹⁴ (mesmo que tais “bens” viessem de forma autônoma através de redes cibernéticas), o que o conceito de “comunidade coreográfica” expõe a respeito das conexões existentes neste fórum é exatamente o entendimento que de o Oásis é um corpo vivo, ou uma comunidade viva.

Platão estabeleceu uma oposição entre uma comunidade poética e democrática do teatro e uma “verdadeira” comunidade: uma comunidade coreográfica na qual ninguém permanece como espectador imóvel, na qual todos se movem de acordo com um ritmo comunitário determinado por uma proporção matemática. Os reformadores do teatro reapresentaram a oposição platônica entre *choreia* e *theater* como uma oposição entre a essência viva e verdadeira do teatro e o simulacro do “espetáculo”.

E a partir desta reflexão encerramos este capítulo, na qual buscamos ao longo das discussões apresentar algumas características que compõem o *modus operandi* que englobam o ato da dispersão de sementes digitais através de redes P2P. Nas trilhas de algumas inspirações teórico-metodológicas provenientes da ciência dos interesses apaixonados (proposta por Gabriel Tarde), nós encontramos um lugar não apenas para pensarmos a expressividade das paixões nas ações humanas, mas também uma “nova economia política” que nos vinculasse àquilo que nosso objeto de estudo apresentaria de mais particular: ou seja, as sementes digitais enquanto um inventivo e potente mecanismo de dispersão de expressivas singularidades digitais. Com isso, vislumbramos que a força da economia dos interesses apaixonados (que emerge a partir das experiências dos compartilhadores de sementes digitais) mostra o caráter primordial de sua força na formalização de uma “nova comunidade”. Certamente uma “comunidade coreográfica” de semeadores e semeadoras que a partir do caráter dinâmico de suas pulsões e de seus desejos são capazes de promover “novas economias” e “novas sociedades”.

Pode-se negar que o desejo e a crença sejam forças? Acaso não se percebe que, com suas combinações recíprocas, as paixões e os desígnios, eles são os ventos perpétuos das tempestades da história, as quedas d’água que fazem girar os moinhos da política? O que é que conduz e impele o mundo, senão as crenças religiosas ou outras, as ambições e a cupidez? Esses supostos produtos são de tal forma forças que, por si sós, eles produzem as sociedades, vistas ainda por tantos filósofos atuais como verdadeiros organismos (TARDE, 2007b, p. 72).

⁹⁴ Vale destacar a nossa tentativa de desvinculação do conceito de “bens” à natureza essencial dos artefatos compartilhados no Oásis, isso devido à predominância utilitarista que tal ideia abrange.

Ventos sopram na comunidade Oásis. E “os ventos perpétuos das tempestades da história” constituíram neste fórum um “sistema de prestações totais” que cotidianamente invocam “a força da coisa dada”. Assim, é esta força das “coisas santas” que são compartilhadas no Oásis que se confluem como o fator aglutinador desta nova experiência gregária (ou poderíamos dizer “agrária”) e associada a ela está uma complexa “missão”. Em uma certa medida, esta nova “missão” (que consiste em abrir rotas e caminhos improváveis para que “bytes libertos” fluam de forma torrencial) intercala as razões que justificam as redes torrentes enquanto “redes de esperanças”. De todo modo, notamos que defensores de propriedades intelectuais veem com preocupações o avanço de comunidades online que se empenham em compartilhar livremente arquivos digitalizados. E é exatamente esses conflitos que nos empenharemos em tentar resumir no capítulo a seguir.

5 CYBERECOLOGIA ONLINE E LUTAS POLÍTICAS: AS SEMENTES DIGITAIS ENQUANTO BENS COMUNS DO CONHECIMENTO

[...] uma pequena fonte de conhecimento e *insight* ecológico pode se tornar um elo vital para o futuro da humanidade neste planeta (SHIVA, 2016, p. 8, tradução nossa).

O capítulo que se segue pretende apenas se justificar enquanto uma “pequena fonte de conhecimento e *insight* ecológico” (como podemos observar na citação destacada na epígrafe) e sua grande novidade se apresenta quando pensamos a existência de uma específica ecologia associada às redes de computadores e aos ambientes informáticos: denominamos nesta tese estas redes sócio-técnicas de *cyberecologia*. Apresentamos ao longo desta tese um debate que considerou a existência de uma específica forma de economia concebida através do compartilhamento de sementes digitais através de redes P2P. Apenas este fato já traria uma consideração prática que vislumbrasse esta específica “ecologia”, haja vista que tal ação prevê complexos atos que englobam (dentre outros movimentos) uma forma de germinação de tais artefatos digitais. Dito de outro modo, a correta dispersão das sementes digitais compreende a criação, o amadurecimento e o florescimento dessas singularidades. E, a bem dizer, seria a *cyberecologia* a ciência responsável por compreender os fundamentos básicos deste sistema sócio-técnico.

Em um sentido geral, compreendemos a *cyberecologia* como um domínio (ou campo de saber) em disputa e sua resolução final estaria longe de um possível consenso. Contudo, é possível (através do mergulho em uma genealogia do conceito) vislumbrarmos algumas tendências gerais que compõem a invenção deste termo enquanto uma categoria de entendimento. Antes de tudo, é preciso destacarmos que independente das volições e das transformações que tal termo engloba (tendo por vista as diferentes perspectivas analíticas), a *cyberecologia* sempre parece delinhar-se (desde a sua concepção) pelas trilhas do fenômeno da “cultura computacional” e das redes informáticas. De acordo com Dayens (1994, p. 327, tradução nossa), uma das primeiras pessoas a tentar delinhar uma perspectiva teórica para a *cyberecologia*, a “cultura informática” produz não apenas uma quebra de barreiras entre humanos e máquinas, mas também a emergência de uma nova percepção de mundo.

A cultura informática que está emergindo hoje traz consigo uma ecologia: estamos testemunhando a criação de uma ciência cujo estudo das interações entre organismos e seu ambiente natural deve incluir (e incluirá) o computador. Devemos agora abordar as questões complexas das diferenças (e das semelhanças) entre o orgânico e o inorgânico, o material e o imaterial, a inteligência humana e as inteligências artificiais, pois esta é uma ecologia de corpos mutantes (vivos ou não), onde os limites – cognitivo, físico ou sensível – se derretem, se conjugam e desaparecem. É justo supor, creio eu, que a nova coerência da nossa era é a da cyberecologia, ou seja, a ciência das interações plásticas entre organismos artificiais e naturais.

Com efeito, o artigo de Dayens esboça as primeiras linhas de uma “epistemologia da cyberecologia”, mas as bases fundadoras desta perspectiva teórica possuem raízes bem mais profundas, que variam desde o “Manifesto Ciborgue” de Donna Haraway (2009, [1990]), até a ficção *cyberpunk* de William Gibson (2016 [1974]), notadamente seu romance “Neuromancer”⁹⁵. Assim, a “epistemologia da cyberecologia” imaginada por Dayens nos provoca de forma potente, mas seu artigo – publicado ainda no início da era internet, alguns anos antes da difusão da “Web 2.0”, dos *smartphones*, dos *gadgets* e de outras singulares tecnologias que conhecemos hoje – ganha um peso diferente quando exploramos a relação simbiótica entre as pessoas e a “cultura informática” no mundo atual (mais de duas décadas após a publicação de seu artigo). Tal fato fica claro quando entendemos as razões que justificam a “arte” enquanto o *locus* privilegiado por Dayens para apreender este universo confuso, misterioso e fantástico. Com efeito, é na ficção de Gibson e nas

⁹⁵ Sobre o romance “Neuromancer”, Dayens (1993, p. 329-330, tradução nossa) escreve as seguintes linhas: “No trabalho fundamental deste movimento literário, podemos apontar em *Neuromancer* (no âmbito da ficção, sem dúvida, mais do que o de um projeto científico) a aparência de uma fenomenologia *cyborg*. Eu não vou analisar este importante livro (como vários críticos já fizeram, e bem feito), mas apenas sublinhar o fato de que *Neuromancer* é uma das primeiras obras de ficção em que o autor descreve claramente o que poderíamos considerar um *cyborg* cognitivo. No ciberespaço de Gibson, desenvolve-se uma simbiose entre a inteligência humana e a informática, e esta simbiose (fictícia) dá origem a uma fenomenologia. O ciberespaço gibsoniano está vivo no sentido de que engendra, possui um imaginário, age e existe em relação ao acoplamento de *memes* humanos e tecnológicos. A fenomenologia *cyborg* deste livro à mancha com uma melancolia mais abstrata e menos definida do que a da clássica ficção científica. Essa melancolia é também a da “máquina”, pois a tragédia gibsoniana só é possível graças ao acoplamento do homem e das máquinas. Em *Neuromancer* este “acoplamento” desenvolve seu próprio imaginário, sua própria mitologia, sua própria cultura: a ciber-ecologia. Com certeza, estamos falando apenas de ficção científica. No entanto, este trabalho marca um ponto de viragem, pois materializa (através de ficção) fenômenos que parecem estar em preparação real. Em *Neuromancer*, o imaginário *cyborg* faz sua aparição.” Com esta longa citação, nós queremos demonstrar a importância do romance de Gibson para a “epistemologia cyberecológica” proposta por Dayens – seja para projetarmos nossas associações com este romance (ou outros do movimento literário *cyberpunk*), ou para nos afastarmos deles e buscarmos novas inspirações empíricas na qual possamos pensar e apreender (em termos analíticos) estes “ciborgues”.

expressões artísticas de instalações museológicas⁹⁶ na qual este italiano fundamenta a maior parte de suas apreensões empíricas deste “novo mundo”.

Isso posto, podemos neste momento nos indagarmos em que medida a cyberecologia encontraria diferentes ecos de apreensão na “cultura informática” contemporânea. Dito de outro modo, consideramos válido apresentar de que forma agentes penetram neste “oceano ciberespacial” e dilatam sinais expressivos. Tendo como base os limites empíricos e conceituais desta tese (isto é, aquele que projeta a emergência das sementes digitais), temos de imaginar quais as consequências da profusão destes singulares artefatos codificados através de unidades binárias, mas que se apresentam enquanto verdadeiras relíquias para pessoas interessadas em suas dispersões.

Mas tal ecologia tem consequências, pois a penetração no oceano ciberespacial altera os seres vivos, codificando-os e adaptando-os às unidades binárias. Mergulhados no oceano ciberespacial, tornamo-nos, com efeito, sinais que aparecem, se dispersam e desaparecem, sinais que modificam e mudam de forma e que – como as letras de um programa de processamento de texto – nunca são gravadas definitivamente. As tecnologias ciberespaciais tornam-nos líquidos e fractais (isto é, sem dimensão e sem fim), permitindo assim a plasticidade (DYENS, 1993, p. 328, tradução nossa).

Apesar de Dyens ter captado de forma pioneira alguns *insights* importantes sobre a natureza da cyberecologia, nossas buscas pela genealogia deste conceito nos revelam um relativo descaso de pesquisadores e pesquisadores diante da potencialidade do uso deste conceito. Isso significaria que (apesar dos esforços iniciais de teóricos e pensadores) a “epistemologia da cyberecologia” seguiu durante alguns anos ocasionando pouco impacto nos debates a respeito deste tema. Mesmo na ficção literária ou no campo das artes no geral, a proliferação de tal conceito ficou durante alguns anos estagnada.

Contudo, Lavigne (2013, p. 101, tradução nossa) postula que tal fato talvez tenha ocorrido por razões que podem ser explicitadas. Quando pensamos o campo da literatura ficcional, escritoras feministas do movimento literário conhecido como *cyberpunk* já projetavam uma perspectiva cyberecológica em seus escritos. Mas

⁹⁶ Dyens (1993, p. 330) descreve uma instalação artística exibida em uma mostra chamada “Images du Futur”, em 1993. Esta instalação foi assinada por Catherine Ikam and Louis Fléri e é intitulada *L’Autre* (O Outro).

visões limitadoras e parciais atuavam impedindo que tais percepções se difundissem (apesar das inovações que tais perspectivas traziam para a compreensão da relação das pessoas com o mundo tecnocrático): “O *cyberpunk* feminista preserva o conceito do deserto pós-industrial, mas sem o tédio *blasé* de trabalhos anteriores.” Desse modo, desde a década de 70 se avolumam um grande número de romances (escritos especialmente por mulheres feministas) na qual a perspectiva de um ambiente cyberecológico [*cyber-ecological environment*] ganha contornos especiais e parece assumir uma centralidade de destaque em tais cenários (apesar do silêncio ou mesmo do desprezo de detratores).

Mas quando nos afastamos do campo da literatura ficcional e buscamos ecos dos impactos do cyberecologia nas pesquisas científicas que versam sobre aspectos da “cultura informática”, podemos logo perceber que a “ecologia cibernética” também enfrentou algumas dificuldades de adesão por parte de estudiosos destes fenômenos. Entretanto, alguns estudos parecem desafiar este silêncio, especialmente ao projetar novas definições para tal conceito. Um exemplo pode ser encontrado no artigo de ZhengYou Xia e Zhan Bu (2013, p. 1865, tradução nossa), na qual tais autores relacionam a importância da cyberecologia para uma melhor compreensão das dinâmicas relacionais no ciberespaço. Com isso, eles pretendem estabelecer a importância da compreensão das características interativas das redes de computadores a partir da perspectiva da ecologia. Assim, longe das projeções ficcionais das narrativas *cyberpunk*, neste momento é o próprio ciberespaço (enquanto uma comunidade, um ambiente) que assume a centralidade dos debates.

O ciberespaço mostra a diversidade e a complexidade do indivíduo, a interatividade organizacional e sua rede evolutiva, que é semelhante ao ecossistema natural. Portanto, nós pesquisamos indivíduo, comunidade e ambiente a partir da perspectiva do ecossistema. Neste artigo, apresentamos um modelo para o espaço cibernético através da noção ecologia cibernética. Nós redefinimos a ecologia cibernética, que é diferente da definição anterior. A noção anterior de ecologia cibernética é definida por "uma disciplina de nível de sistemas abordando as propriedades emergentes de redes de computadores e suas respostas às perturbações". A noção anterior não considerou características interativas sociais do indivíduo, da comunidade e do ambiente. Eles consideram apenas as propriedades das redes de computadores, que incluem concepção, desenvolvimento, avaliação e entrega de metodologias para avaliar o comportamento das redes de computadores diante de ataques infecciosos. Em nosso artigo, a ecologia cibernética é definida como a relação entre a interação dos indivíduos e sua organização e seu ambiente circundante (incluindo o indivíduo e a comunidade) no ciberespaço. Nós nos concentramos na propriedade interativa social do indivíduo, da comunidade e do ambiente no ciberespaço.

De forma um pouco controversa, a perspectiva cyberecológica não inspira apenas artistas, mas também pessoas da engenharia da informação interessadas em produzir mecanismos de segurança “bio-inspirados” para ambientes cibernéticos. Para a produção destas pesquisas, parte-se do entendimento de que a produção de *malwares* (isto é, os malfadados “vírus” de computadores) segue uma lógica “bio-inspirada” de mutações e adaptações. Assim, a “cybersegurança” deveria agir da mesma forma, através da adaptação dos antivírus inspirados nas ecologias naturais.

Uma nova geração de pesquisas de cibersegurança bio-inspiradas está surgindo, mas o progresso é dificultado pela falta de uma estrutura para mapear os sistemas de segurança biológica para suas analogias cibernéticas. Neste artigo, usando terminologias e conceitos da biologia, descrevemos uma ecologia de segurança cibernética e uma estrutura que pode ser usada para pesquisar e desenvolver sistematicamente a cibersegurança bio-inspirada (MAZURCZYK; DROBNIAK; MOORE, 2016, p. 13, tradução nossa).

Em resumo, apresentamos na introdução deste capítulo uma breve genealogia do conceito “cyberecologia”. Com isso, não pretendemos uma busca por uma conceituação precisa desse termo, ou mesmo alguma “epistemologia da cyberecologia”. Mas convém ressaltarmos que tal definição existe, além de que seu uso não pode ser considerado algo relativamente recente. Cabe frisarmos também que a perspectiva cyberecológica perpassa categorizações que se alargam a partir de um amplo aspecto analítico, na qual diversas áreas de conhecimento se apropriam de tal termo tendo em vista seus diferentes objetivos, metodologias e conceituações. Cabe então concluir que a sociologia e a antropologia também poderiam contribuir para o alargamento conceitual deste termo, haja vista que a perspectiva essencialmente empírica dessas áreas do conhecimento poderia dar cores, contornos e matrizes às “ecologias cibernéticas” existentes nos ciberespaços.

Assim, avançaremos nas discussões deste capítulo tentando descrever em que sentido fomos capazes de detectar um “ambiente cyberecológico” na comunidade Oásis. Além do mais, destacaremos as especificidades da cyberecologia a partir das experiências agrícolas vivenciadas pelos membros que frequentam este fórum. Diante de tal situação, apresentaremos de que forma os modos de existência desta cyberecologia desafia formulações práticas monopolistas, e em que sentido as técnicas de cultivo das sementes digitais no Oásis se constituíram enquanto estratégias de resistências contra a esterilização do ciberespaço.

5.1 O compartilhamento dos comuns e a clausura da propriedade intelectual

A economia do conhecimento tem como base, portanto, uma riqueza que tem vocação para ser um bem comum, e as licenças e os *copyrights* que supostamente servem à privatização desse bem não mudam isso: o ar de gratuidade se alastra irresistivelmente (GORZ, 2010, p. 24).

No capítulo anterior debatemos algumas dimensões que articulam uma das perspectivas chave a respeito do universo das sementes digitais compartilhadas no Oásis: a sua vocação para constituir-se enquanto um bem comum. Apesar dos esforços que pretendem garantir uma relação de troca e um fortalecimento da retribuição das dádivas compartilhadas (especialmente através das regras morais que impulsionam as pessoas a semearem os arquivos baixados), o que se concretiza, na realidade, é um sentimento de que os presentes oferecidos são dádivas livres, ou melhor, são “bens comuns do conhecimento”. E não apenas os membros do Oásis usufruem destes arquivos, haja vista que os arquivos compartilhados nesta comunidade fluem por diversos canais. Na verdade, membros da equipe de moderação estimulam os compartilhadores de sementes a também oferecerem os arquivos postados no Oásis em outros *sites* ou comunidades de compartilhamento. E isso devido a uma importante característica técnica inerente à constituição das tecnologias P2P: quanto mais pessoas conectadas à uma semente digital, mais viva e fortalecida tal semente se torna. Dito de outro modo, o grau de saúde e vigor desses artefatos é medido em razão do índice de pessoas conectadas à tais arquivos através das redes torrente.

Também já debatemos as implicações de algumas características essenciais das sementes digitais enquanto “bens culturais”. Apesar de não especificarmos exatamente os tipos de arquivos compartilhados no Oásis, parece-nos (mais uma vez) importante fundamentar que compreendemos a importância do debate estético em torno de tais bens não enquanto uma teoria da sensibilidade ou a partir de uma sociologia do gosto, mas sim a partir de uma estética que se conjuga às questões ligadas à política, à comunidade e à “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2005). Assim, o debate estético em torno dos “bens comuns do conhecimento” compartilhados no Oásis apenas nos interessam na medida em que compreendemos suas implicações nas formulações políticas do regime estético enquanto algo que dá forma às comunidades.

Do mesmo modo, apresentamos a perspectiva do “capital-semente” (outra forma de concebermos as sementes digitais compartilhadas através das redes torrente), e salientamos o seu caráter fundamental de constituir-se enquanto um “produto da mente”. Como pudemos ver, a “economia dos interesses apaixonados” proposta por Gabriel Tarde (1902), reconfigura fatores de produção e de distribuição ao pôr em evidência a circulação de ideias e de conhecimentos (ao invés da simples acumulação de bens e de capitais). Além disso, alguns aspectos da “vida germinal das economias” foram destacados nesta tese, especialmente aquele entendimento que compreende as criações e as invenções (em suma, “os bens”) essencialmente enquanto “criações da mente”. Assim, como nos lembra Lépinay (2007, p. 529, tradução nossa): “Uma mente é um germe e um germe é uma mente”. A essência do capital-semente seria exatamente esta: um “produto da mente”.

Tendo em vista essas observações, não precisamos fazer muitos esforços para compreendermos que os bens compartilhados no Oásis podem ser compreendidos (em sua forma mais geral) enquanto “bens da mente” (isto é, enquanto “bens comuns do conhecimento”). Conforme ressaltado, a base desta economia se fundamenta a partir do entendimento de que o compartilhamento das singularidades digitais (outra forma de identificarmos as “sementes”) se caracteriza a partir da perpétua busca por determinados “bens culturais”. Mas, como vimos, apenas determinados arquivos (“as verdadeiras sementes”) seriam aceitos no Oásis e o critério de seleção das sementes se constituiria enquanto uma das mais importantes características deste fórum.

Contudo, após serem aceitos no fórum, tais “bens culturais” digitalizados seriam catalogados e preparados para serem oferecidos (sempre de forma solene) a todos os membros. Após isso, constituía-se o entendimento de que tais preciosidades digitais compartilhadas pertenciam à uma coletividade (isto é, eram bens comuns do conhecimento). E, por fim, o ato de semear as sementes digitais (o método que garante a dispersão desses bens entre pares) seria uma responsabilidade coletiva, haja vista que para que tais “bens culturais” pudessem ser compartilhados *ad infinitum*, todos e todas deveriam fazer a sua parte na cultura do semeio. De um modo geral, esta é a *essência da economia do compartilhamento* e é a partir dela que cyberagricultores operacionalizam boa parte de suas vivências no Oásis.

Diante do exposto, gostaríamos de formular uma questão que será aquela considerada primordial neste tópico: como podemos compreender (em termos conceituais) um *bem comum*? Apesar das “teorias dos comuns” agruparem complexos debates⁹⁷, – além de dificilmente ser resumida (tendo em vista os objetivos limitados deste tópico) – consideramos válido apresentar algumas ideias gerais presentes no corpo teórico exposto na obra da física, ecofeminista e ativista ambiental Vandana Shiva. E seguiremos tal caminho dois motivos principais: primeiro, em razão de sua teoria conceber uma importância cabal às sementes nas lutas políticas contemporâneas (tendo em vista a crescente privatização da Terra e de seus recursos essenciais); segundo, por sua teoria se fundamentar em uma concepção alargada do que seja uma semente (ocasionando assim uma complexificação do que seja biodiversidade, agricultura e recursos fundamentais aos indivíduos em suas comunidades).

Nesse sentido, uma parte considerável das obras de Vandana Shiva (2016; 2011; 1993; 1988) se dedicam a articular uma potente crítica social em torno do enclausuramento da biodiversidade ocasionada por grandes corporações que (através de leis de patentes, *copyrights* e propriedades intelectuais) tentam assegurar o monopólio em torno das “sementes da vida”. Em um sentido específico, poderíamos (de forma apressada) pensar que Shiva estaria se referindo apenas às “sementes biológicas”, isto é, aqueles suprimentos naturais criados pela evolução natural da vida. Chamaremos nesta tese “Sementes da Terra” esses tipos especiais de “artefatos” naturais, na qual o seu arquétipo seriam as “sementes crioulas”⁹⁸. No entanto, quando tal autora se refere às “sementes da vida”, ela está alargando as nossas possibilidades de entendimento sobre a natureza dessas coisas. E isso decorre em razão de um motivo simples de ser explicitado. As mesmas leis de patentes e de propriedades

⁹⁷ Um apanhado geral a respeito das principais teorias sobre os “bens comuns intelectuais” pode ser encontrado em Vieira (2014).

⁹⁸ Sobre as lutas políticas em torno das sementes varietais, nativas e crioulas, Carvalho (2003, p. 11) observa: “Em consequência dessas tentativas de controle total sobre o ‘germoplasma’ e as demais formas de manifestação da vida, a luta em defesa das sementes ‘varietais’, nativas e crioulas tornou-se emblemática da luta pelo direito à vida e à sua diversidade. Apesar de se constatar que a onda neoliberal vem sufocando a agricultura familiar, o campesinato e os povos indígenas e procurando tragar, através de uma minoria de grandes corporações, o controle sobre todas as formas de manifestação da vida, observa-se, por outro lado, que a resistência a esse ímpeto renasce e se amplia em todas as partes do mundo com um vigor admirável de iniciativas pessoais e institucionais, públicas e privadas, da sociedade civil, dos movimentos sociais e étnicos e das organizações sindicais. Uma rede globalizada de esperanças, de iniciativas múltiplas e de ações diretas constrói a cada dia uma vivência compartilhada e pluralista a favor da vida”.

intelectuais que servem às grandes corporações monopolizarem as “Sementes da Terra”, são também utilizadas por grandes corporações para garantirem o monopólio da produção, armazenamento e distribuição das “Sementes do Conhecimento” (outro modo de nos referirmos às sementes digitais compartilhadas de forma livre e descentralizada através das redes P2P).

Face ao exposto, observamos que uma possível leitura da obra de Shiva não nos permitiria aplicar a perspectiva da “grande divisão”. Estamos nos referindo aos grandes divisores de pensamento, ou seja, aquela perspectiva que compreenderia biologia e natureza (“Sementes da Terra”) de um lado e sociedade ou cultura (“Sementes do Conhecimento”) de outro. Assim, opomos as “Sementes da Terra” e as “Sementes do Conhecimento” apenas enquanto um exercício de categorização, já que (em suma) a perspectiva ou conceito unificador destes termos seriam exatamente as “sementes da vida”. Com efeito, a teoria de Vandana Shiva nos autoriza a pensarmos as Sementes da Terra e do Conhecimento enquanto “recursos vivos”, haja vista que biologia e cultura (ou, dito de outro modo, natureza e sociedade) não se desafiariam em uma oposição. “Patentes sobre recursos vivos e conhecimento indígena são um cerco dos comuns biológico e intelectual” (SHIVA, 2016, p. xi-xii, tradução nossa).

Ao pensarmos nas “perspectivas dos comuns” (o objetivo central deste tópico), podemos perceber que a teoria de Vandana Shiva concebe em relação (ao invés de oposição) a existência dos “comuns biológicos” e dos “comuns intelectuais”. Contudo, é curioso perceber como grandes corporações fazem uso de leis de *copyrights* para garantir o monopólio das “sementes da vida” e assim garantir a desestabilização de experiências de compartilhamento livre dos “recursos vivos”. Quando pensamos nas singularidades das “Sementes da Terra”, a ameaça se define essencialmente através de mecanismos de proteção de patentes aplicadas às sementes geneticamente modificadas. Nesse sentido, aplica-se as lógicas da propriedade privada aos organismos vivos, e tais corporações assumem que a manipulação genética dessas sementes (por exemplo) lhe concedem direitos exclusivos de propriedade intelectual. Shiva argumenta que esta concepção desafia a perspectiva dos “comuns biológicos” em sua raiz, além de levar a vida (especialmente das populações mais pobres) à uma encruzilhada.

A vida em sua mais ampla variedade e diversidade está rapidamente se tornando “propriedade” de corporações através de patentes e “direitos de propriedade intelectual”. Uma patente é um direito exclusivo garantido por uma invenção. A vida, entretanto, não é uma invenção. Nós podemos modificar formas de vida, nós podemos manipular organismos vivos. Mas nós não podemos criar vida. (SHIVA, 2011, p. 4, tradução nossa).

Do mesmo modo, quando pensamos nas “Sementes do Conhecimento”, leis de patentes e de propriedade intelectual atuam ferozmente impedindo ou mesmo bloqueando o direito das pessoas aos bens coletivos do conhecimento. Em nome da propriedade privada, do lucro e do capital, vemos a negação do acesso público aos saberes e conhecimentos produzidos coletivamente. Shiva compreende que tal ação ocasiona uma privatização da cultura, do saber, além de provocar uma “monocultura da mente” (2003) e, conseqüentemente, uma “desintelectualização” da sociedade.

A partir desta linha argumentativa, Shiva não poupa esforços para expor as razões que levam os direitos de propriedades intelectuais a atuarem em desfavor dos mais pobres (ou daqueles grupos ou comunidades que reconhecem a importância dos “comuns”), já que é sempre os direitos das corporações transnacionais que tais leis costumam proteger e garantir. Com efeito, Shiva (2016, p. 10, tradução nossa) expõe duas restrições que os sistemas de propriedade intelectual (especialmente um acordo global denominado TRIPS [*Trade-Related Intellectual Property Rights*]) ocasionam aos “comuns intelectuais”: primeiro, as leis de patentes atuam privando as garantias dos direitos comuns dos bens intelectuais; segundo, tais leis atuam minando experiências que passam ao largo da lógica corporativista.

A primeira restrição é uma mudança dos direitos comuns para os direitos privados. Como o preâmbulo do acordo TRIPS expõe, direitos de propriedade intelectual são reconhecidos somente enquanto direitos privados. Isto exclui todos os tipos de conhecimento, ideias e inovações que tomam forma enquanto como “comuns intelectuais” – em vilas entre agricultores, em florestas entre pessoas tribais, ou mesmo entre universidades entre cientistas. TRIPS é então um mecanismo para privatização dos comuns intelectuais e para a desintelectualização da sociedade civil. A mente se torna um monopólio corporativo.

A segunda restrição dos direitos de propriedade intelectual é que eles são reconhecidos somente enquanto o conhecimento e a inovação geram lucros, e não quando eles atendem as necessidades sociais. De acordo com o artigo 27.1, para ser considerado um direito de propriedade intelectual, as inovações devem ser capazes de aplicações industriais. Isso imediatamente exclui todos os setores fora do modelo de organização industrial. Lucros e acumulação de capital são os únicos fins da criatividade; os bens sociais deixam de ser reconhecidos.

Tais restrições ocasionam ataques diretos à criatividade, à invenção, à comunicação e à garantia da difusão livre do conhecimento. Assim, quando “a mente se torna um monopólio corporativo”, os direitos de propriedades intelectuais tornam-se elementos vitais para a garantia dos privilégios de determinados grupos da sociedade em detrimento de outros. Não é à toa que um documento de 1996 (denominado *Economic Espionage Act* [Lei de Espionagem Econômica]) considere “os direitos de propriedades intelectuais das corporações dos Estados Unidos vitais à segurança nacional” (SHIVA, 2016, p. 4, tradução nossa). Devido a tal contexto, é a própria “árvore do conhecimento” que se encontra ameaçada diante do bloqueio aos “comuns intelectuais”.

Nós sabemos que reservatórios que não são reabastecidos logo se tornam secos. O senso comum nos informa que uma raiz de uma árvore morre ao não ser nutrida. Direitos de propriedades intelectuais são mecanismos eficientes para colher os produtos da criatividade social. Mas são mecanismos ineficientes para nutrir a árvore do conhecimento.

Em resumo, apresentamos brevemente algumas ideias gerais articuladas por Vandana Shiva em torno das distorções causadas pela execução de patentes, *copyrights* e direitos de propriedades intelectuais sob àquilo que tal autora denomina de “sementes da vida”. Vimos também de que forma tais leis negam direitos das pessoas aos chamados “bens comuns” (sejam eles os “comuns biológicos, ou os “comuns intelectuais”). “A “teoria dos comuns” presente na obra de Shiva entende a importância das sementes para as lutas políticas contemporâneas, mas sua teoria nos permite pensar complexas combinações de fatores que terminam por alargar o entendimento do que seja uma semente. Assim, identificamos em suas observações dois tipos de sementes: as “Sementes da Terra”, isto é, aquelas criadas pela evolução biológica e natural da vida; e as “Sementes do Conhecimento”, ou seja, qualquer tipo de saber fortalecido através dos fluxos livres da informação. Notadamente, ambas as sementes podem ser compreendidas enquanto “organismos vivos”. E é por esta razão que Shiva considera a aplicação de direitos de propriedades intelectuais em sementes como “moralmente reprováveis”. “A decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos cria propriedade intelectual em futuras gerações de grãos ou sementes. Isso é biologicamente e intelectualmente incorreto [...]” (SHIVA, 2016, p. xi, tradução nossa). Em consequência disso, tentaremos no próximo tópico demonstrar de um modo mais articulado como tal debate se relaciona com as sementes digitais.

5.2 As sementes digitais e a perspectiva dos bens comuns do conhecimento

Quando se trata de sementes, existe um tema de fundo que tem a ver com o relacionamento, ou melhor, com o inter-relacionamento; é um assunto de cosmovisão, que anima quem acredita que, há milênios, o mundo é uma entidade indivisível e viva, assim como o são a terra e a biodiversidade que ela produz e reproduz, justamente através das sementes (LÉON, 2003, p. 209).

Nos dois capítulos anteriores, apresentamos uma discussão que tentou vincular as razões que nos levaram a compreender as sementes digitais compartilhadas no Oásis enquanto “bens comuns do conhecimento”. Ao longo deste debate, as sementes digitais foram descritas enquanto dádivas compartilhadas entre pares. De forma geral, as sementes digitais foram descritas enquanto “presentes”, e tal acepção possui significações múltiplas que derivam conceituações importantes para a presente tese. A mais importante dela talvez seja aquela que vincula tais arquivos a “bens comuns”, isto é, aos “comuns intelectuais” (sobre o qual debatemos no tópico anterior). Apesar desta característica passar longe de ser o único elemento importante, com isso gostaríamos apenas de novamente ressaltar a vocação das sementes digitais para se afirmarem enquanto “Sementes do Conhecimento”, ou seja, enquanto um tipo especial de “bem comum” que floresce nos “ateliês comunais de autoprodução [...] interconectados em escala global” (GORZ, 2010, p. 26).

De modo geral, enxergamos no livro “Ecológica”, de André Gorz (2010, p. 25), uma interessante discussão sobre a importância crucial dos “meios de produção *high-tech*” e da cultura informática para uma transformação social radical da economia política contemporânea. De acordo com tal autor, a “economia do conhecimento” se destaca nas lutas políticas atuais enquanto o cenário do “principal conflito do momento” e sua ruptura favorece uma transformação tão radical da sociedade que tal ação enfraquece e “abala o capitalismo em sua base”. E no centro destes potentes e audaciosos conflitos florescem os “bens comuns do conhecimento”. Para Gorz (2010, p. 23), os “bens comuns” na era da informática desafiam a lógica capitalista exatamente pela capacidade de tais bens em corroerem o monopólio da propriedade privada estabelecido pelas grandes corporações. Nesse sentido, é a própria mercadoria e a obsessão materialista das grandes empresas que possuem seus modelos de gestão atacados em suas bases.

O problema com que a “economia do conhecimento” bate de frente provém do fato de que a dimensão imaterial da qual depende a rentabilidade das mercadorias não é, na era da informática, da mesma natureza destas: ela não é a *propriedade privada* nem das empresas nem dos seus colaboradores; ela não é uma verdadeira mercadoria, com sua natureza privatizável, e nem pode tornar-se uma (GORZ, 2010, p. 23, itálicos no original).

Mas como isso acontece na prática? De que forma os “bens comuns” na era da informática são capazes de desarticular modelos de negócios de grandes empresas? Para Gorz (2003), o segredo está na dimensão “imaterial” de tais bens, e em suas vocações para fluírem enquanto “bens abundantes”, mesmo que através de canais informais, ou mesmo ilícitos. Assim, bens comuns “imateriais” possuem uma vocação para se apresentarem de forma ilimitada. Com isso, caem algumas barreiras e catracas que impedem os acessos a esses bens. Se antes cada “mercadoria digital” possuía um “valor de mercado”, agora (na era da informática) a facilidade de realização de cópias permite a distribuição abundante de tais conteúdos “por um custo ínfimo”. E, assim, “bens comuns gratuitos” se apresentam desafiando as lógicas das mercadorias.

Porém tudo muda quando os conteúdos imateriais não são mais inseparáveis dos produtos que os contêm e nem mesmo das pessoas que os detêm; quando eles acedem a uma existência independente de toda utilização particular; quando, traduzidos em softwares, eles são suscetíveis de serem reproduzidos em quantidades ilimitadas por um custo ínfimo. Eles podem então se tornar um bem abundante que, por sua disponibilidade ilimitada, perde todo valor de troca e cai em domínio público como *bens comuns gratuitos* – a menos que se consiga impedir e interditar o acesso e o uso ilimitado a que se prestam (GORZ, 2010, p. 23, itálicos no original).

Mas se os bens culturais digitalizados possuem uma vocação para se constituírem enquanto bens comuns, convém ressaltar que tal característica se estabelece a partir do trabalho intenso de “pessoas que se dedicam a isso metodicamente” (GORZ, 2010, p. 26). Assim entra em cena a cyberagricultura, que (de acordo com as definições expostas por esta pesquisa) por se resumida enquanto uma ecologia colaborativa executada por pessoas empenhadas em transformar bens culturais digitalizados em potentes “Sementes do Conhecimento”. Nesse caso, vale destacar que a chave de entendimento dessa socialidade consiste na produção de “comuns do conhecimento” que tenham por objetivo apresentar-se enquanto “arquivos de domínio público”. Na “economia do compartilhamento” se estabelece uma ecologia

política que trás consigo potentes estratégias de emancipações, principalmente por tal economia negar (em sua essência) a existência da “mercadoria”. Isso significa dizer que se um “bem cultural digitalizado” (com suas restrições de acesso através de complexas políticas de controle de uso) podem muito bem expressar as condições essenciais para se constituírem enquanto “mercadorias digitalizadas”, o mesmo não poderíamos afirmar quando pensamos a respeito da natureza das sementes digitais. E isso acontece devido a uma característica muito simples de ser explicitada: uma semente digital apenas é criada, armazenada e cultivada tendo em vista o compartilhamento livre dos conteúdos que tais artefatos carregam através das comunidades de cyberagricultores. Nesse caso, é sempre essa “vocação” para se estabelecer enquanto um bem comum do conhecimento que salta aos olhos.

Atualmente, experimentamos uma explosão do uso da internet não somente no Brasil, mas também em escala global. Cada vez mais pessoas fazem uso da rede mundial de computadores não apenas para “compartilhar”, mas também para fazer negócios, ganhar dinheiro e especular. Assim, diversas empresas e corporações globais entram em cena, e trazem consigo uma ampla gama de bugigangas digitais para serem vendidas no ciberespaço. Contudo, já observamos que bens culturais digitalizados possuem (em sua essência) uma tendência para rumarem em direção à gratuidade absoluta, isso em razão dos potentes canais de distribuição e de compartilhamento interconectados em escala global.

Mas a lógica corporativista logo tratou de desenvolver algumas soluções para este problema. Uma dessas soluções seria a inclusão de uma tecnologia que visaria impedir o livre fluxo das mercadorias digitais protegidas. Através da inclusão de “cadeados eletrônicos” (conhecidos como DRM [*Digital Rights Management*]) que seriam atrelados às mercadorias digitais, as corporações tentariam travar e controlar o uso dos arquivos digitais. Assim, uma mercadoria digital com DRM teria (por exemplo) uma quantidade de acesso limitada, medida algumas vezes pelo número de cliques ou então pelo tempo na qual tais arquivos estariam disponíveis. Mesmo pessoas que tivessem legalmente pago por tais arquivos poderiam ter seus acessos bloqueados devido às políticas de restrições de uso impostas pelas empresas⁹⁹.

⁹⁹ Para uma discussão mais abrangente sobre os modos de funcionamento das tecnologias de restrições e de controle de acesso do tipo “DRM” em vídeos digitais, ver Diehl (2012).

Nesse sentido, poderíamos perspectivar que (no contexto da cyberecologia) uma mercadoria digital (ou mesmo uma semente digital) com DRM se comportaria tendo em vista algumas semelhanças que encontraríamos nas sementes geneticamente modificadas, especialmente àquelas com uma tecnologia conhecida como “gene exterminador” [*gene terminator*]. Em poucas palavras, tal tecnologia pretende fazer com que uma planta não gere uma semente capaz de produzir uma nova planta, tornando assim “estéril” todo um cultivo ou uma geração inteira de determinados cultivares¹⁰⁰. Em vista disso, não podemos imaginar a existência de “Sementes do Conhecimento” que sejam inférteis. Mas é exatamente isso o que a tecnologia DRM faz aos arquivos digitais, torna-os inférteis com o objetivo de restringir o seu acesso.

Imaginemos um livro digital que possa ser aberto em apenas um único computador; ou então um vídeo digital que se autodestrói alguns dias após sua aquisição; ou mesmo um *software* que não possa ser compartilhado. Tais cenários já existem e tudo isso ocorre em função das tecnologias DRM: os “genes exterminadores” de bens culturais digitais; ou seja, as tecnologias responsáveis por limitar a existência dos “comuns do conhecimento” na era da internet. O cenário apocalíptico e distópico que os cyberagricultores cotidianamente tentam evitar nessa “guerra fria cibernética” seria contra o fortalecimento de um ciberespaço povoado não por livres e milagrosas sementes digitais, mas sim por mercadorias digitais altamente restritas ou mesmo estéreis, na qual os seus fluxos e movimentos seriam altamente controlados por corporações monopolistas com o objetivo de sempre garantir a maior rentabilidade possível em seus negócios.

¹⁰⁰ Sobre as sementes geneticamente modificadas com o “gene exterminador” adicionado, Souza (2004, p. 53) escreve: “Outra técnica desejosa de ganhar o país é a do chamado ‘gene exterminador’ como a chamam os críticos, ou do ‘controle da expressão genética’, como a preferem chamar seus criadores. Trata-se de uma nova técnica que torna as sementes estéreis e gera a dependência dos agricultores, que terão de comprar novas sementes para o plantio da próxima safra. A justificativa dos criadores desta tecnologia é a de poupar tempo e dinheiro para os agricultores. Mas o que está subjacente é mesmo uma política de dependência econômica e tecnológica dos Estados Unidos, como no atual modelo econômico adotado pelo Brasil. De quem e de onde vem essa tecnologia? Da empresa Delta and Pine Land, adquirida pela Monsanto em conjunto com a USDA (sigla em inglês de Departamento de Agricultura dos Estados Unidos).” Quando pensamos especificamente o consumo de bens culturais digitais, lembremos que a aplicação de DRM a essas mercadorias ocasionam debates e conflitos, haja vista que a “geração de dependência” se estabelece na medida em que tais empresas possuem dificuldades em garantir o acesso perpétuo de tais mercadorias a seus clientes. Muitas vezes, tais empresas garantem apenas “licenças de uso”, que variam de acordo os termos dos contratos impostos aos consumidores. Tal ação costuma gerar frequentes frustrações, o que tem ocasionado o declínio de vendas de conteúdos digitais (BUSTAMANTE, 2004).

Mas as “sementes vivas” resistem, e os “guardiões das sementes” teimam em impedir a “mercantilização das riquezas primeiras” (GORZ, 2010, p. 25), isto é, das necessidades humanas básicas que se alastram cada vez mais em direção ao domínio público. Tais pessoas se recusam a permitirem que os bens comuns sejam maltratados e impedidos de circularem livremente, mesmo que arricando-se caírem na ilicitude e na ilegalidade. Como sugere André Gorz (2010, p. 25):

O que importa no momento é que a principal força produtiva e a principal força de rendas caem progressivamente em domínio público e rumam à gratuidade: que a propriedade privada dos meios de produção e o monopólio da oferta se tornam progressivamente impossíveis, que conseqüentemente a influência do capital sobre o consumo se enfraquece e que este pode se emancipar do mercado. Trata-se de uma ruptura que abala o capitalismo em sua base. A luta engajada entre os “softwares proprietários” e os “softwares livres” (livre, *free*, é também o equivalente inglês de “gratuito”) foi o pontapé inicial do principal conflito do momento. Ele se estende e se prolonga na luta contra a mercantilização das riquezas primeiras – a terra, as sementes, o genoma, os bens culturais, os saberes e competências comuns, constituintes da cultura do cotidiano que são os movimentos iniciais da existência de uma sociedade. Da forma que tomará essa luta dependerá o modo civilizado, ou bárbaro, com que se dará a saída do capitalismo.

Em um sentido restrito, quando afirmamos que as sementes digitais compartilhadas no Oásis (conseqüentemente os bens digitais que tais artefatos carregam) são “livres”, nossa intenção é apenas reforçar dois entendimentos: primeiro, a de que tais bens são “gratuitos”, isto é, eles possuem uma vocação para a “gratuidade” (desafiando assim a lógica das mercadorias no sistema neoliberal); segundo, a de que os aparatos técnicos (bem como saberes, práticas e conhecimentos) exigidos para tal fim são (da mesma forma) construídos e compartilhados coletivamente através das redes de comutação online de trocas de arquivos. Obviamente que tal “liberdade” também possui significados alargados que se constituem através de insinuações morais e éticas. Tais formulações pretendem estabelecer “novas consciências” sobre o que seja consumo, acumulação e produção de “bens” na era da informática.

Pensemos na “ética do compartilhar” e em suas implicações para a economia política executada nas ecologias cibernéticas. Como se pode ver, não é à toa que o consumo de *softwares* livres tenha se destacado nas lutas políticas contemporâneas como o primeiro tipo de “bens culturais” que se alastraram rumo à direção dos “bens comuns intelectuais” (JURIS; CARUSO; MOSCA, 2008; CHOPRA;

DEXTER, 2008; LESSIG, 2005). É como se ao libertarem os *softwares* das lógicas mercantilistas, *hackers* em todo lugar do planeta estivessem preparando o terreno para essa “mudança de paradigma” (O’REILLY, 2005) em relação às lógicas da criação, acumulação e distribuição dos bens culturais digitais. De fato, tal apreensão é fácil de ser percebida quando lembramos que o ambiente cibernético por onde circulam as sementes digitais são basicamente constituídos em “*softwares* livres” ou em “códigos abertos”.

Contudo, nem o fato de que tais bens culturais possam vir a circular de forma privada ou mesmo restrita¹⁰¹ através dos fóruns e comunidades online (muitas delas “quase secretas”) conseguem minimizar a “significância cultural” (KELTY, 2008) dessa mudança de paradigma. Isso porque as lógicas corporativistas das grandes empresas impõem que a “cultura livre” na era da informática seja necessariamente uma “cultura restrita”, haja vista as precauções e os cuidados que tais indivíduos precisam tomar para que não tenham seus fóruns ou comunidades fechadas, ou mesmo para que não sejam presos e condenados por pretensos tribunais de justiça atuantes em escala global.

Nesta contenda, podemos observar dois principais grupos (mais ou menos coesos) articulados antagonicamente a partir daquilo que compreendemos enquanto “duas leis”: de um lado, identificamos os “proprietários” dos bens culturais respaldados através de um violento regime de leis de *copyrights*, patentes e propriedades intelectuais, na qual tais leis são usadas para garantir direitos exclusivos de posse e de comodificação dos bens culturais digitalizados; por outro lado, identificamos aquelas pessoas que se mobilizam a partir da “Lei da Semente” [Law of the Seed], que consiste em em um complexo sistema ético e moral que pretende fortalecer a existências dos “bens comuns globais” (sejam eles de qualquer natureza).

¹⁰¹ De fato, pudemos constatar através de nossas observações empíricas que algumas comunidades de compartilhamento podem se apresentar enquanto mais restritas do que outras. Tal associação varia de acordo com diversos fatores e uma multiplicidade de motivos muito difíceis de serem resumidos com clareza. De todo modo, arriscamos afirmar que quanto mais restrito for o acesso de uma comunidade, mais restrito também será o compartilhamento dos arquivos a partir deste fórum. Em termos práticos, tal ação pode ser explicitada a partir de duas possibilidades: primeiro, as comunidades que estimulam a troca de arquivos entre todas as pessoas, e não somente entre membros; segundo, aquelas comunidades que restringem o acesso às sementes digitais compartilhadas apenas entre os membros cadastrados de cada grupo. Se uma comunidade proíbe o compartilhamento entre “não-membros”, isso significa que as pessoas precisam ter cuidado e cautela com os presentes recebidos. No caso do Oásis, essa restrição (salvo raras exceções) não se impõe; com isso, membros deste fórum são estimulados a postarem as sementes digitais compartilhadas neste fórum em qualquer local da internet.

Em um sentido específico, a “Lei da Semente” que nos referimos consiste em um documento que resultou de um grupo de trabalho realizado por membros da “Comissão Internacional sobre o Futuro dos Alimentos e da Agricultura” [International Commission on the Future of Food and Agriculture]. Tal documento foi editado pela associação “Navdanya International”¹⁰² (SHIVA; LOCKHART; SHROFF, 2013, p. 3, tradução nossa) e se apresenta enquanto uma tentativa de formalização de uma jurisprudência ética e moral em favor dos “direitos humanos, dos bens públicos e dos bens comuns” relacionados às existências das “sementes da vida”. Vejamos:

A Semente é o primeiro elo na cadeia alimentar e encarna milênios de evolução e milhares de anos de criação de agricultores, bem como a cultura do livre armazenamento e partilha de sementes. É a expressão da inteligência da terra e da inteligência das comunidades agrícolas ao longo dos tempos.

As leis ecológicas e biológicas da Semente baseiam-se nas leis perenes da natureza e na evolução baseadas na diversidade, na adaptação, na resiliência e na abertura. Também se baseiam nos princípios da jurisprudência dos direitos humanos, dos bens públicos e dos bens comuns.

Em contraste, a legislação dominante hoje, relacionada à semente, é uma violação total da Lei da Semente e dos processos democráticos sem qualquer base na jurisprudência ou na ciência. Um arsenal de instrumentos legais está sendo constantemente inventado e imposto, que criminaliza a criação de sementes, a acumulação e a partilha de sementes entre agricultores. E este arsenal está sendo moldado por um punhado de corporações que primeiro introduziram produtos químicos tóxicos na agricultura, e agora estão controlando a semente através de engenharia genética e patentes.

A “Lei da Semente” é dividida em quatro partes¹⁰³ e dispostas em 24 artigos. Todavia iremos destacar apenas aqueles artigos que dizem respeito diretamente ao entendimento de que as “sementes da vida” não devem se constituírem enquanto propriedades privadas, mas sim enquanto “bens comuns” (“biológicos” ou do “conhecimento”). Em um sentido geral, tal documento reivindica seguridade à genética e à biodiversidade das “Sementes da Terra”, principalmente ao fortalecer a importância do acesso público e irrestrito das pesquisas sobre os recursos fitogenéticos das plantas e das sementes (SHIVA; LOCKHART; SHROFF, 2013, p. 31, tradução nossa).

¹⁰² Navdanya (“Nove Sementes” ou “Nova Dádiva”) é uma rede internacional criada por Vandana Shiva. Com sede na Índia, esta rede pretende servir como uma fonte de proteção e garantia de liberdade para as “verdadeiras dádivas”, as chamadas “sementes da vida”.

¹⁰³ São elas: “Parte 1: Conservação da Biodiversidade Agrícola”; “Parte 2: Criação de Planta e Produção de Semente”; “Parte 3: Direitos dos Agricultores”; “Parte 4: Direitos de Propriedade Intelectual”.

Artigo 3 – Recursos fitogenéticos como bens comuns

Os recursos fitogenéticos para a alimentação e para a agricultura serão considerados como bens comuns.

Contudo, é exatamente no “Artigo 14” (SHIVA; LOCKHART; SHROFF, 2013, p. 35, tradução nossa) que o “direito de trocar” parece ser descrito em um tom mais afirmativo. E, assim, reivindica-se a ideia da “soberania das sementes” para demarcar a importância do intercâmbio de sementes “de qualquer variedade”, isto é, não apenas das “Sementes da Terra”, mas também das “Sementes do Conhecimento”. Mais uma vez é a perspectiva do “domínio público” que se destaca.

Artigo 14 – Direito de Intercâmbio

O dom ou o intercâmbio de sementes de qualquer variedade, ou a sua colocação no mercado, serão regidos pelos princípios da soberania das sementes. Agricultores, poupadores de sementes e jardineiros não podem ser processados ou criminalizados por qualquer atividade relacionada ao intercâmbio de sementes ou de qualquer material reprodutivo vegetal pertencente ao domínio público.

Em resumo, concluímos que a “Lei da Semente” (SHIVA; LOCKHART; SHROFF, 2013, p. 39, tradução nossa) se constitui como uma importante “ferramenta” e sua função prática consiste em exatamente atuar enquanto um catalisador de reações contra os abusos do regime de *copyright* hegemônico.

A Lei da Semente é apresentada como uma ferramenta para ser usada pelos cidadãos em todos os lugares e em todos os contextos para defender a liberdade e a soberania das sementes, além de fornecer um guia prático para o futuro desenvolvimento de leis e políticas sobre sementes. [...] Esperamos que os cidadãos em todo o mundo usem a Lei da Semente como uma ferramenta de advocacia para promover a legislação local, regional e nacional que favoreça e respeite a liberdade e a lei da semente.

Nesse sentido, a “Lei da Semente” é importante porque ela é capaz de servir enquanto uma barreira ao avanço das leis de propriedade intelectual nas “sementes da vida”, que pretendem mercantilizar aquilo que se destaca em um outro regime de troca, qual seja: do bem comum, do domínio público, do compartilhamento. Assim, seguiremos de volta ao Oásis e tentaremos demonstrar como essa cyberecologia apresentaria neste fórum os seus ecos mais potentes.

5.3 “Mutirão [Oásis]”: Os guardiões das sementes digitais

[...] Semear é elementar. (Grupo: Membros / agosto de 2008).

No dia 6 de março de 2011, às 04:01 da manhã, começava uma campanha de revitalização de “sementes secas” e de “arquivos torrents inativos”: esta campanha recebeu o nome de “Multirão [Oásis]”. Uma “semente seca” é considerada um arquivo “com problemas”, e isso devido ao fato de que não é possível baixá-lo, o que ocasiona o comprometimento do *download*. Em termos práticos, uma semente digital tem a sua transferência prejudicada quando pessoas que realizaram o *download* completo desse arquivo deixam de semeá-la. Quando isso acontece, outras pessoas que desejam receber essa nova semente não conseguem ter o correto acesso. No Oásis, dá-se a isso o nome de “secar”, “queimar”, ou “matar” a semente.

Após alguns anos de experiências de semeio de arquivos através de redes P2P, membros do Oásis constataram uma dura realidade que se impunha enquanto um desafio ao projeto coletivo de conservação de determinadas preciosidades digitais. E este desafio se caracterizava pela percepção de que após um determinado período de tempo, algumas sementes que eram oferecidas na comunidade costumavam “secar” (isto é, o seu *download* se tornava indisponível). Se no início de sua existência (ou seja, no momento em que é ofertada) uma semente digital pode apresentar um certo “vigor” (que se fortalece em relação direta com a quantidade de pessoas que se envolvem com o *download* e com o *upload* de cada arquivo ofertado)¹⁰⁴, após algum tempo as pessoas costumavam “abandonar” os “arquivos torrents”.

Acho que uma coisa de extrema importância, que já foi muito bem citada acima, é que dentro dessa enxurrada de novos usuários, a maior parte deles não tem muita idéia de como funciona o sistema de BitTorrent ou mesmo o que é ser uma "semente". Talvez a gente pudesse pensar em algum tipo de campanha massiva no sentido de educar os usuários meio que "na marra". Orientar os users a continuarem semeando o torrent após o término até 2:1 [semear duas vezes aquilo que baixar] ou mesmo 3:1 [semear três vezes aquilo que baixar] e, principalmente, orientar a não abandonar um torrent com poucos ou nenhum outro seeder. [...] Vocês também tem que entender que o mundo do torrent é complicado nesse aspecto, é bastante raro encontrar .torrents antigos ainda ativos e com muitos seeds depois de alguns meses da publicação. O próprio [KG] ["comunidade torrent" de referência aos membros

¹⁰⁴ Em outras palavras, quanto mais pessoas semeiam determinado arquivo, mais ágil será o seu processo de transferência ou de dispersão a outros membros. Isso significa dizer que quanto mais interesse uma semente digital recém ofertada despertar nas pessoas, mais eficiente será o seu movimento “parceiro a a parceiro” (ou seja, *peer-to-peer*).

do Oásis], que se propõe a ser uma "biblioteca [de sementes digitais]" (e dispõe de várias ótimas ferramentas pra assegurar o "seed eterno"), acaba ficando com torrents mortos ou lentos depois de algum tempo. Me arrisco a dizer que, apesar da grande parte dos usuários simplesmente cagar pro "semear", o [Oásis] funciona melhor que todos os outros trackers que conheço, sendo possível baixar [arquivos] que foram upados há anos atrás, em uma velocidade razoável. Provavelmente isso se deve muitas vezes aos esforços pessoais que alguns de nós fazem enquanto o resto "chupa o sangue". Então embora seja um pé-no-saco essa situação, e devamos tomar algumas atitudes para melhorá-la, os Usuários estão de parabéns =) (Grupo: Agitadores / maio de 2008).

Em um primeiro momento, o abandono das sementes antigas provocaria uma lentidão na dispersão desses arquivos, ou mesmo a morte das sementes. Há longo prazo, a morte de diversas sementes digitais resultaria em algo mais grave, haja vista que seria o próprio acervo de arquivos deste fórum que poderia se tornar indisponível. Com isso, o "Mutirão [Oásis]" foi criado com o intento de fazer com que os membros do fórum compreendam a importância de semear os arquivos, para com isso manter vivo e disponível (ou seja, em movimento) todo o acervo do fórum ("ter um acervo bom é intento de todos"). No trecho destacado abaixo, uma postagem de apresentação das intenções gerais do "Mutirão" destaca diversas ações importantes, mas talvez a mais significativa seja aquela que pretende despertar um determinado "senso de responsabilidade" em todos os membros no zelo, na preservação e no cuidado com todos os arquivos ofertados no Oásis.

[...] O [Oásis] tem uma hierarquia, é lógico, mas não podemos deixar todas as responsabilidades aos que pertençam a algum grupo que se possa pensar privilegiado. Pelo que me consta, todos os grupos têm uma cor, inclusive os novatos. E se ter um acervo bom é o intento de todos, desde o Novato até o mais alto da hierarquia, todos poderiam/deveriam doar um pouco de seu tempo e da capacidade do seu HD para esta finalidade: manter o acervo sempre no mais alto padrão. Se a gente se unir, dividir as tarefas, chamar para cada um a responsabilidade de pegar um ou mais [arquivos], [...], não seria supimpa? Lógico que vamos achar um montão de [arquivos] com problemas, vamos deixar os Moderadores doidinhos, mas, pelo menos, ajudamos de alguma forma. (Grupo: Conselheiros / março de 2011)

E como só existe uma forma do acervo deste fórum se manter ativo e saudável (ou seja, através da prática do semeio), não é por acaso que tal regime de colaboração coletiva tenha sido identificado enquanto um "mutirão". Quando refletimos sobre o plantio das sementes crioulas (ou seja, as "Sementes da Terra") observamos que o regime de mutirão se apresenta enquanto uma estratégia de

mobilização colaborativa e participativa. Pensar o mutirão é estar diante de estratégias, táticas e modelos agrícolas milenares, onde podemos identificar a comunidade enquanto o próprio corpo vivo da ação. Nesse sentido, as técnicas de mutirão são vistas enquanto saberes milenares, no qual a terra e a agricultura são responsabilidades das comunidades. O regime de mutirão estimula brigadas pedagógicas colaborativas, além de fortalecerem projetos de convivências comunitários reforçados em torno do bem comum. No entanto, é óbvio que tais experiências desafiam a arrogância e a prepotência das lógicas propostas pelo agronegócio. De acordo com Pinheiro (2003, p. 318), a importância dos regimes colaborativos de mutirões (realizados em parcerias com estudantes e as comunidades agrícolas tradicionais) está no fortalecimento de ações transdisciplinares que valorizem o respeito, os valores éticos, além da busca por liberdade e autonomia.

Essas atividades [os mutirões] permitem ao estudante atenuar a arrogância e a prepotência, da educação moderna cartesiana e linear, que é caminho para a “gaiola de hamster”, e, ao mesmo tempo, elevar a auto-estima, a cidadania e o respeito das populações visitadas. Esses universitários, em ação inter e transdisciplinar, participam como sujeito com as comunidades, também sujeitos, aprendendo e praticando a importância e o significados do feijão “sopinha”, do “ora-pro-nobis”, de comer ervas nativas silvestres; de descobrir o uso terapêutico e medicinal da flora, insetos, animais; uso industrial, técnicas ambientais e outras biotecnologias, dos remanescentes indígenas e quilombolas, açorianos e suas organizações tradicionais e modernas. Entretanto, os valores éticos, morais e espirituais de respeito à sua cidadania são o seu maior aprendizado e prática, inclusive nos Assentamentos de Reforma Agrária, onde muitas comunidades se reagruparam.

Do mesmo modo, a cyberecologia online se configura enquanto uma importante técnica colaborativa de cultivo das “Sementes do Conhecimento” através das redes P2P. Não poderemos entrar em detalhes minuciosos sobre como funciona tal técnica, mas (de um modo geral) consideramos importante apenas termos em mente que o mutirão consiste na tentativa de garantir que “sementes secas” se tornem vivas novamente através de um método de cultivo de sementes digitais conhecida como “ressemeio”. Esta técnica é feita basicamente por voluntários, que se dedicam a buscar no fórum arquivos que estejam com problemas devido a falta de sementes. Após identificá-los, tal membro se tornará “guardião” da semente seca, isso por um período de “tempo necessário para fazer uma boa semeadura”. Se por acaso a semente não for revigorada, ela deverá ser enviada para a “Quarentena”.

Então, o caminho é este:

[...]

* os voluntários aparecem

* cada voluntário escreve o nome [da semente que] pretende ser guardião durante o tempo necessário para fazer uma boa semeadura [...]

[...]

* notar se o [arquivo] está com/sem seed;

* deixar uma mensagem para quem postou o [arquivo], para ver se ele pode ressemeiar. Em caso negativo, o guardião pede ajuda aqui no tópico, para ver se alguém tem tal [arquivo] gravado em casa e que poderia ser semente.

* se, depois destas tentativas, o guardião não obtiver resposta, ele denuncia o [arquivo] e os Moderadores encarregar-se-ão de removê-lo para a Quarentena. Aí, a responsabilidade do guardião acaba, a não ser que um dos Moderadores solicite sua ajuda para alguma coisa.

(Grupo: Conselheiros / março de 2011).

Na perspectiva da cyberecologia, as características dos membros “guardiões de sementes” se desdobram em duas situações divergentes, mas complementares: em uma primeira perspectiva, um “guardião” (chamemos “guardião inicial”) é aquele membro que primeiro oferta a semente digital aos membros da comunidade, haja vista que, por ser o ofertador inicial, tal pessoa obrigatoriamente será aquela responsável por upar tal arquivo aos outros membros (ao menos por um determinado período de tempo, ou até que ao menos uma outra pessoa consiga baixar uma cópia completa do arquivo ofertado); em uma segunda perspectiva, um “guardião” pode ser qualquer pessoa que (por qualquer motivo ou razão) se sinta responsável por manter qualquer semente digital viva no fórum, e isso acontece em virtude do entendimento de que são todas as pessoas (e não apenas o “guardião inicial”) são responsáveis por cada semente plantada no Oásis.

Assim, quando alguém deseja baixar uma semente digital e sua transferência estanca, recomenda-se (de forma respeitosa e delicada) o envio de uma mensagem à pessoa que primeiro ofertou a semente no fórum. Mas, devido ao dinamismo desta comunidade e à outras questões particulares, nem sempre tais pessoas respondem ou ainda possuem tais arquivos em seus discos rígidos para ressemeiar. Assim, a solução consiste em começar uma busca pelo ressemeio das sementes secas através do regime de mutirão. Para esta busca, segue-se alguns

padrões de ação: voluntários são convocados; mensagens de ajuda são postadas (especialmente no tópico “Mutirão [Oásis]”; dias são aguardados para acompanhar a evolução do progresso da transferência desses arquivos. Se após alguns dias a pessoa interessada em uma determinada semente digital não conseguir baixá-la, recomenda-se uma “denúncia” à equipe de moderação do fórum. E isso em razão de um fato importante que merece ser observado: não interessa aos membros do fórum um amplo acervo de arquivos que não podem ser baixados por falta de sementes. Com isso, é preferível que arquivos sem sementes sejam “ocultados” na quarentena”, do que tenham apenas uma aparência de disponibilidade.

Mas a “quarentena” (que, em tese, significa a exclusão do fórum ou mesmo a declaração final de “morte” de uma determinada semente digital) seria apenas executada enquanto uma última solução, ou quando todas as outras tentativas de ressemeiar uma semente digital tenham sido esgotadas. Mas antes desta eliminação fatal das sementes secas, prevalece no Oásis a prática do mutirão de sementes digitais. Este ato, em última instância, pretende apenas ser mais uma forma de manterem vivos os presentes ofertados, além de atuar enquanto um importante mecanismo de estímulo à prática do semeio entre os membros.

Não seria errado afirmarmos que o “Mutirão [Oásis]” se constitui enquanto um dos tópicos mais importantes desta comunidade. Desde a sua criação (em março de 2011) até meados de março de 2017, tal tópico havia recebido um total de 2.790 respostas de pessoas interessadas em colaborar com o mutirão: seja como “guardiões” de sementes secas ou ameaçadas; seja como usuários interessados em completar o *download* de algum arquivo que se encontra indisponível. Em resumo, os mutirões podem ser compreendidos como mais um movimento que constata a importância e a eficiência dos métodos colaborativos e descentralizados de distribuição de conteúdos digitais entre pares. E é a partir desses movimentos que constatamos que a cyberecologia de sementes digitais através de redes P2P se assemelharia (antes de tudo) às técnicas colaborativas de cultivo milenares, do que aos métodos propostos pela grande indústria do agronegócio. Nesta específica economia dos interesses apaixonados, os mutirões são basicamente “técnicas de conversação”, o que estaria em coadunação com a perspectiva proposta por Gabriel Tarde de que a conversação poderia ser compreendida enquanto “um fator de produção essencial” (LATOURE; LÉPINAY, 2009, p. 48, tradução nossa).

Em um sentido geral, pudemos observar que o mutirão foi largamente abraçado por uma quantidade significativa de pessoas porque sua ação se baseia “na atividade fundamental do [Oásis] (semeio)”. Na postagem destacada abaixo, um membro da equipe de moderação “abençoa” esta atitude e postula que o mutirão de sementes poderá ajudar a “dar uma ótima sobrevida a vários torrents” sem sementes no fórum.

[...] A falta de seeds [sementes] é um problema constante aqui no [Oásis] e ótimos [arquivos] acabam morrendo por isso. Então, na minha opinião, este mutirão pode dar uma ótima sobrevida a vários torrents, o que só tende a melhorar o [Oásis]. Quanto à implementação do Mutirão, é verdade que a equipe [de moderação] não foi consultada, mas por ser um movimento que não muda a estrutura do fórum ou coisa parecida e, principalmente, por se basear na atividade fundamental do [Oásis] (semeio), acho que ele pode ter a nossa benção. [...] Talvez, para colocar a equipe a par do que ocorre aqui, [poderíamos discutir] a escolha [das próximas sementes] a serem “[mutiradas]”, já que, com isso, poderíamos indicar [arquivos] com poucos seeds [sementes] ou que possuem pouca visibilidade. Abraços e obrigado. (Grupo: Projetores / março de 2011).

Em resumo, o objetivo do mutirão é evitar que sementes morram por abandono ou por descaso, especialmente em decorrência da ação egoísta de pessoas que não compreendem a importância do ato de semear para a economia do compartilhamento de sementes digitais. Semear sementes digitais a partir do regime do mutirão requer senso de coletividade e consciência do papel e da importância de cada pessoa nesse específico regime de troca, haja vista que “sem sementes não há *downloads*” (como disse certa vez um dos membros). Além do mais, o mutirão atua no reforço da “ética do compartilhar”, ao exigir responsabilidade de todos e todas pelo zelo dos “arquivos torrents”, isto é, dos presentes solenemente ofertados.

Claro que o caminho nunca é tão certinho assim e tem muita gente que acaba de baixar o [arquivo] e o tira do semeio. Daí, aqueles com mais consciência, tem sempre que ficar zelando pelos torrents para que eles não morram. (Grupo: Veteranos / janeiro de 2013).

Mas, tendo em vista o fator “atenção e visibilidade”, algumas raras e preciosas sementes digitais costumam (algumas vezes) apresentarem maiores dificuldades de se manterem ativas, vivas e revigoradas. No Oásis, tais sementes são destacadas a partir de um regime especial de catalogação denominado “Dossiê [Oásis]”, sobre o qual debateremos no próximo tópico.

5.4 “O direito de olhar, de narrar e de imaginar o mundo”: conhecimento, diversidade e proteção das sementes digitais ameaçadas

As monoculturas da mente fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo. O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento das alternativas [...] (SHIVA, 2003, p. 15).

O ano de 2016 foi um momento bem especial para os membros do Oásis, isso devido ao fato de que neste período se comemorou dez anos de existência do fórum. A data precisa desta celebração foi apenas em 24 de julho de 2016, mas as comemorações e os presentes ofertados nesta data tão especial aconteceram durante todo o ano. Logo no início de 2016, um tópico típico das “grandes dádivas” foi lançado no Oásis: o “Dossiê [Arte Africana]”. Ao apresentar este Dossiê (publicado em dezembro de 2015, mas apenas liberado em 30 de janeiro de 2016) um dos membros da equipe de moderação frisa uma das características mais essenciais deste tópico especial, que está diretamente associado a um dos papéis principais do Oásis, qual seja: “o de divulgar obras que dificilmente [teríamos] acesso.”

É importante frisar que o papel do [Oásis] é, entre outros, o de divulgar obras que dificilmente [teríamos] acesso. O Dossiê [Arte Africana] nasce com esse objetivo, inaugurando as comemorações do décimo aniversário do fórum. (Grupo: Conselheiros / janeiro de 2016)

Mas o que tornaria este tópico tão especial? E por qual razão tais pessoas teriam escolhido a “Arte Africana” enquanto o tema geral de preparação deste “Dossiê” de comemoração dos dez anos do fórum? E em que consiste este “Dossiê”? De acordo com uma simples descrição geral deste tópico, os “Dossiês [Oásis]” são apresentados da seguinte forma: “Movimentos [artísticos] que marcaram época”. De forma geral, estes tópicos são diferentes das postagens convencionais, porque ao invés de ofertarem apenas um único arquivo por postagem, o que vemos é um agregado de sementes digitais oferecidos de uma única vez a partir de diferentes composições temáticas. E, como acontece no caso das “sementes recomendadas”, cada semente digital oferecida nesses dossiês se destaca por apresentarem um extremo rigor estético que define a essência deste fórum. Dito de outro modo, tais arquivos reunidos, catalogados e semeados representam a razão de ser deste fórum.

No “Dossie Arte Africana”, são oferecidos algo em torno de 100 arquivos digitalizados que discutem e apresentam aos membros do Oásis um panorama geral de alguns elementos da “arte africana”, especialmente conteúdos artísticos compromissados com a “experiência pós-colonial”, isto é, com uma estética que possibilite a tais indivíduos uma reivindicação do “direito de olhar, de narrar e de imaginar o mundo”. Vale destacar que tal projeto faz referência a um tipo especial de vinculação da estética à política, e possui como um dos objetivos centrais a tentativa de “descolonização da mente”.

Além da oferta em massa dos arquivos digitalizados sobre arte, estética e política africana, este dossiê também se destaca ao apresentar uma extensa discussão (escrita e assinada por um membro especialista nesta área de estudo) que perpassa um extremo rigor analítico e reflexivo sobre a arte enquanto possibilidade de “ultrapassagem do colonialismo”. A partir desta reflexão, tal dossiê pretende atuar enquanto um projeto político que desafie o imaginário colonial sobre a África, representado essencialmente por “problemas dos estereótipos” e por contradições “na construção dos sentidos atribuídos ao nome ‘África’”. Reproduziremos a seguir um pequeno trecho levemente modificado desta discussão¹⁰⁵.

Entre o enquadramento estrutural e o transbordamento projetivo do colonialismo, uma diversidade de possibilidades estéticas e políticas confere múltiplos sentidos ao problema crucial da descolonização da mente, tal como formulado por Ngũgĩ wa Thiong’o. Ao mesmo tempo, nenhuma tentativa de compreensão [da arte africana] será viável se não reconhecer na diversidade estético-política que os caracteriza parte da história social e política multifacetada do continente e se não buscar outras coordenadas críticas, analíticas e interpretativas, além do colonialismo e da descolonização. A descolonização da mente permanece crucial, na medida em que uma série de temas e de formas características do imaginário colonial persiste, ainda hoje, na construção dos sentidos atribuídos ao nome ‘África’, em diferentes contextos: ideias de selvageria, de exuberância natural, de pobreza irredimível, de guerras e conflitos intermináveis, de fragmentação cultural e étnica, de sensualidade etc. convivem, de modo frequentemente contraditório, na composição de estereótipos sobre a África e os africanos que circulam com ampla visibilidade [...] na[s] mídia[s] ocidentais. Um dos problemas dos estereótipos e do imaginário colonial que alimentam consiste na transformação da África e de sua multiplicidade real em algo inimaginável. Uma das tarefas que funda [as artes e as estéticas pós-coloniais africanas] [...] consiste na recusa dessa condição de inimaginável e na reivindicação do direito de olhar, de narrar e de imaginar o mundo, a começar pela própria África, a partir de alguma africanidade. (Grupo: Agitadores / dezembro de 2015)

¹⁰⁵ Tais modificações visam apenas tentar garantir uma estratégia de ocultamento das características mais particulares desta discussão, sem promover prejuízos aos debates gerais em torno do projeto político proposto por este dossiê, qual seja: o de procurar novas possibilidades estéticas e políticas.

Quando voltamos a pensar o contexto das lutas políticas em torno das “sementes da vida”, mais uma vez gostaríamos de dialogar com Vandana Shiva (2003, p. 15) e suas reflexões sobre a importância dos “movimentos voltados para a defesa da diversidade na natureza e na cultura”. Shiva postula que os movimentos em busca das diversidades promovem a propagação de alternativas em um momento no qual as “monoculturas da mente” executam um extermínio das possibilidades (especialmente daquelas que desafiam olhares e lógicas hegemônicas de existências). Assim, do mesmo modo que Shiva constatou (a partir de suas experiências com camponesas do movimento Chipko, no Himalaia) que monoculturas provenientes de sementes geneticamente modificadas de eucalipto não eram capazes de constituir florestas (SHIVA; BANDYOPADHYAY, 1986), também somos levados a pensar que a expansão de bens culturais estéreis e mercantilizados (promovidos especialmente por determinados segmentos da “indústria cultural”) não são capazes de fazer florescer a diversidade da mente.

Neste sentido, é exatamente a perspectiva da “monocultura da mente” que as sementes digitais cultivadas no Oásis desafiam. Assim sendo, a missão do Dossiê se baseia em uma configuração mais ampla que pretende traduzir uma oferta abrangente de diversos “bens culturais” que promovam uma ampliação da percepção e da imaginação. A missão consiste em garantir acessos ampliados a determinadas formas artísticas e estéticas a partir de um “conjunto heterogêneo de experiências”, e não apenas do Ocidente e de suas ramificações culturais. Tendo em vista essas observações, é exatamente por isso que as “Sementes do Conhecimento” catalogadas, armazenadas e compartilhadas no Oásis são considerados artefatos tão preciosos. Assim, talvez seja em razão deste entendimento que tais pessoas consideram esses arquivos as “verdadeiras sementes” (como sugere o lema o Oásis). O que se busca é uma expansão do conhecimento através da expansão do acesso.

Entre os fantasmas do colonialismo, os sonhos da descolonização e as diferentes formas de imaginação do comum – a partir dos encantos da vida espiritual ou da música, do trabalho de memória sobre as guerras ou da fabricação imaginativa das condições da paz – [as artes e as estéticas pós-coloniais africanas contemporâneas] constituem um conjunto heterogêneo de experiências, que é impossível reduzir a uma única configuração. O itinerário provisório apresentado acima foi baseado, em sua maior parte, nos [arquivos] disponíveis no [Oásis]. Abaixo, segue uma lista cronológica abrangente, contendo uma significativa quantidade de produções que ultrapassa a variedade já presente no fórum e indica, talvez, alguns caminhos a seguir para expandir os conhecimentos sobre esse campo tão vasto quanto complexo. (Grupo: Agitadores / dezembro de 2015)

As “monoculturas da mente” promovem uma desintelectualização do mundo, além de uma crise da percepção. A rigor, é para desafiar em sua raiz essa crise imaginativa e perceptiva que o Oásis é criado. O que está em jogo é um projeto político extremamente importante, já que o que se busca é uma multiplicação das possibilidades perceptivas através da diversidade das experiências estéticas. A mercantilização da cultura e do saber seguem a perspectiva da mentalidade monocultural, sugerem os argumentos da Vandana Shiva. E no epicentro desta tragédia está uma fábrica e uma indústria produzindo a passos largos produtos culturais estéreis que promovem esta monocultura da mente.

Há de se considerar de que forma tais argumentos atualizam uma certa “crítica à mercadoria cultural” nos modos expostos por estudiosos da escola de Frankfurt, especialmente Adorno e Horkheimer em sua importante obra “A dialética do esclarecimento” (1985 [1947]). No Oásis, esta perspectiva se fundamenta em um debate em torno das obras de artes consideradas autênticas contra aquelas obras consideradas um produto mercantilizado da indústria cultural. No exemplo abaixo, um membro define com maior precisão de que forma os bens autênticos compartilhados (em seu ponto de vista, os “marginais” e especialmente os não comerciais) rivalizam com os bens culturais taxados superficiais, massacrantes, monótonos ou mesmo “pé-no-saco”, exatamente por tais bens estarem aderidos à busca do lucro ou ao mero entretenimento gratuito.

[...] eu considero uma tática pessoal de sobrevivência num meio dominado pela superficialidade, pela efemeridade e pela mediocridade, que é a grande indústria cultural. Por outro lado, o novo, o ousado, o absurdo, o marginal muito me interessam [...]. Há pessoas que têm a sensibilidade - ou o estômago, como prefiro pensar - para reexperimentar a mesma sardinha processada e enlatada um milhão de vezes. Algumas ainda conseguem, até com alguma razão, achar algo positivo naquela sardinha cansada e monótona. Parabéns! Eu confesso que não sou essa pessoa e nem espero que minha posição seja algo como 'moralmente' defendida. Eu simplesmente não vou passar [horas diante de] algo que considero [uma obra] comercial, piegas, massacrante, repleto de lugares-comuns, enfim, com perdão da expressão, um pé-no-saco [...] (Grupo: Agitadores / fevereiro de 2013)

É verdade que tentar definir o que seja uma “obra arte autêntica” pode ser considerada (mesmo na comunidade Oásis) uma tarefa muito difícil de ser definida com clareza. Assim, é comum neste fórum observarmos longos debates em torno desta complexa questão. Abaixo destacamos um trecho de um desses intensos

debates. Inicialmente, um membro (PESSOA A) escreve que a tradição da liberdade de escolha do consumidor é o que define e regula o mercado dos bens culturais. No ponto de vista dessa pessoa, não cabia a ninguém julgar os gostos e os desejos das pessoas que consomem bens culturais mercantizados, haja vista que se as pessoas estivessem comprando estes produtos e tais empresas lucrando, era simplesmente porque tais bens foram considerados “bacanas e respeitáveis” por uma maioria que livremente escolhia comprar tais “mercadorias culturais”. Contudo, um outro membro (PESSOA B) resolve retrucar este pensamento, e é a partir de uma certa sociologia crítica inspirada na “crítica à mercadoria cultural” que este membro fundamenta a maior parte de seus argumentos. Sua avaliação se inicia com uma indagação: “Já ouviu falar em ‘Indústria Cultural’”? Assim, é a partir de uma complexa análise que perpassa vários debates em torno de diversos elementos da cadeia produtiva dos mercados de bens culturais que a PESSOA B define seus principais argumentos, por exemplo: as estratégias de *marketing* das indústrias deste setor; a produção dos artistas e das obras “descartáveis”; a falta de financiamento para a “arte de qualidade”.

PESSOA A – Sim, mas o mercado produz muito disso porque isso é muito popular e muito desejado pelas pessoas. Se muitas pessoas desejassem as coisas que você considera bacanas e respeitáveis, o mercado estaria fornecendo muito dessas coisas (pois qualquer um que entrasse no negócio venderia muito e teria muito lucro). (Grupo: Membros / abril de 2011)

PESSOA B – Acredita mesmo nisso? Já ouviu falar em um termo chamado “Indústria Cultural”? Ou melhor dizendo, você, que tanto conhece de mercado, já ouviu falar em marketing? Se essas obras são tão boas porque se investe tanto em marketing? Você sabia que a mídia precisa do marketing para sobreviver? Porquê você imagina que bandas desconhecidas aparecem não mais que de repente no Faustão, ou em Gugu e programas do gênero? Por conta de seu apelo musical? Ou porque seus empresários pagam para divulgá-las em tais programas? E tais programas cobram pelo espaço porque vivem dele. Porque você acha que as mesmas bandas começam a tocar incessantemente nas rádios? Pelo apelo musical ou porque o produtor paga para isso? Você conhece uma expressão do jornalismo que diz: “cavar uma pauta”? Cavar uma aparição em tal ou qual programa? Acho que você inverte os termos, as pessoas assimilam (o que é diferente de gostar) tais músicas porque elas ficam martelando 24h por dia em suas cabeças, ligam a TV e a música tá lá. Ou você acredita que alguém “goste” de uma música e nos anos seguintes já nem mais a escute? Você acredita mesmo que se Luiz Gonzaga tivesse o mesmo tempo na mídia e nas rádios do que “Cavaleiros do Forró” as pessoas iriam preferir esta última? E porque Luiz Gonzaga não tem o mesmo tempo na mídia do que “Cavaleiros do Forró”? Porque faleceu, porque não se pode extrair mais nada dele, porque economicamente é inviável: eu disse ECONOMICAMENTE inviável e não CULTURALMENTE inviável. E porque não se investe, então, em bandas de qualidade que ainda estão em atividade? Porque qualquer trabalho de qualidade demanda tempo e é mais caro, e nenhum artista realmente bom consegue produzir obras de qualidade o tempo todo. Então se utiliza de artistas descartáveis, desse que faz uma música do tipo: “todo mundo pro lado de lá / todo mundo pro lado de cá” e, no ano seguinte, “todo mundo pra cima / todo mundo pra baixo”. É fácil fazer

uma coisa dessa, pode-se fazer o ano todo, todos os anos. Mudam apenas o rótulo e são novamente revendidas sob o título de “novidade”. Compensa-se a baixa qualidade com altos investimentos no marketing, e, ainda assim, é mais viável. Ou seja, financiar arte ruim é, ECONOMICAMENTE mais viável do que financiar arte de qualidade. A razão de se financiar um artista em detrimento do outro, em nenhum momento é o consumidor, mas o lucro a ser obtido. É um tanto ingênuo acreditar que as empresas vão fazer investimentos tendo em vista a “liberdade do consumidor” ao invés do retorno financeiro. E, inclusive, esta é uma visão muito mais empresarial e empreendedora do que o que você está defendendo. Ou seja o mercado produz o que é rentável e, em muitos casos, é mais rentável produzir algo de baixa qualidade e produzir também o desejo (e o marketing cumpre bem o papel de produzir o desejo), do que fazer algo de qualidade. E, não fosse a sua capacidade de produzir o desejo o capitalismo já teria falido, haja vista que, com a revolução industrial, passou a produzir mais do que a capacidade de consumir. Novamente a pergunta: se essa arte é boa e as pessoas a consumirão porque seu próprio desejo as impele, porque gastar tanto em marketing? Se eu tivesse um produto que fosse consumido apenas pelo que ele é, economizaria o dinheiro para outras coisas e não para o marketing, não acha? Que empresário cego é esse que investe tanto e desnecessariamente em marketing quando as pessoas consumiriam seus produtos mesmo sem esse investimento? Você acha que todos os empresários, e inclusive os do ramo da arte, são cegos? Não seria mais provável que você esteja negligenciando uma característica importante do ramo empresarial? Novamente: se "a existência de tais obras se dá porque tem muita gente querendo pagar por elas", porque tanto investimento em marketing em cima delas? Van Gogh, Platão, Homero, Stendhal, Proust, Mozart, Beethoven, quanto investiram em Marketing? João Gilberto, Caetano, Ramones, Jimi Hendrix: quanto foi investido em marketing? E para Calypso e Luan Santana? Quem investiu mais? Se o povo realmente gosta de Calypso ao invés de Dominginhos penso que é o sucesso do segundo que deveria ser atribuído ao marketing e não o do primeiro, no entanto...Teu argumento, embora bem articulado, é muito mais a visão que os empresários dizem ter, do que visão que eles de fato têm. E isto se explica pelo simples fato desse argumento "em prol da liberdade do consumidor" não se adequar à visão empresarial e aos altos investimentos na área de marketing. Melhor dizendo, embora cheio de boas intenções para com o consumidor, o argumento em prol da "liberdade do consumidor" não se adequa à realidade dos investimentos operados pelas empresas... (Grupo: Membros / abril de 2011)

Diante disso, observa-se que os dilemas em torno das obras artísticas autênticas (face à degradação moral promulgada pela indústria cultural) se configura como um dos principais articuladores de conflitos neste fórum, especialmente quando percebemos que uma das consequências práticas deste debate está na inclusão ou na exclusão de um bem cultural deste “banco de sementes”. A seleção das preciosas sementes digitais aprovadas no Oásis constitui um dos pontos centrais de discussões neste fórum, e (como vimos) este debate está longe de um consenso. Entretanto, consideramos válida a discussão que considera a possibilidade da curadoria e da seleção de “sementes da vida” longe de uma configuração eminentemente abusiva, autoritária ou violenta; mas sim enquanto um ato de “essencialismo estratégico”.

De acordo com Beatriz Aguayo e Javiera Hinrichs (2015, p. 347, tradução nossa), suas pesquisas em uma rede de mulheres curadoras de sementes nativas (no centro sul do Chile) apontaram alguns desenvolvimentos de essencialismos neste projeto político. Estas mulheres assumem o desafio de garantir a existência de selecionadas sementes (denominadas locais ou tradicionais), frente ao avanço predatório de um regime agroalimentário homogeneizador. Contudo, tais autoras indagam neste artigo quais as consequências desta linguagem eminentemente essencialista projetada, especialmente quando tais mulheres “declarem-se a si mesmas reprodutoras da vida, mães universais e cuidadoras privilegiadas da agrobiodiversidade [...]”. Em um certo sentido, perceber a comunidade Oásis enquanto um banco de armazenamento e de conservação de específicas sementes está em correlação direta com os movimentos políticos de preservação das “sementes da vida”. Assim, o ato de selecionar as sementes que serão guardadas nesses bancos comunitários evidencia não apenas uma estratégia centralizadora, mas sim uma tentativa de garantir a diversidade cultural do planeta através da existência da proteção integral das sementes ameaçadas.

Obviamente que o movimento essencialista que leva a equipe de moderação do Oásis a separar as “obras de arte autênticas” das “mercadorias superficiais da indústria cultural” sempre poderá perpassar um certo tom violento e mistificador, já que tal ação se impõe a partir da imposição de um arbitrário cultural. Neste fórum, no qual somente as “verdadeiras obras de arte” são permitidas, tal imposição se interpõe de forma pungente através da decisão restrita e irrevogável da “equipe de moderação do fórum” (um conjunto limitado de pouco mais de uma dezena de pessoas). Apesar do ato de oferecer e ofertar as sementes que farão parte do acervo do Oásis ser uma tarefa (ou mesmo um direito) reservado a qualquer membro, cabe à equipe de moderação a realização desta curadoria final das sementes que serão selecionadas. É a partir da avaliação executada por um pequeno grupo de indivíduos que o “essencialismo” advindo da classificação das sementes permitidas toma forma.

Mas, quando analisamos a importância que este fórum reserva aos bens culturais que se propõem enquanto alternativas reais para a garantia da diversidade cultural, notamos aí um movimento de ação estratégica contra hegemônico ou mesmo contra essencialista. E um exemplo nítido do que estamos sugerindo pode ser

observado no “Dossiê Arte Africana”, um complexo conjunto de selecionadas preciosidades culturais que pretendem lançar um olhar multifacetado sobre a África a partir de matrizes estéticas que desafiem estereótipos e que promovam uma descolonização da mente. Vale destacar que muitas das “obras de arte autênticas” selecionadas para compor este dossiê são consideradas relíquias exatamente por serem ameaçadas pelo descaso e pelo esquecimento. No Oásis, a arte e a estética africana – vivenciada não enquanto um saudosismo intelectual, mas enquanto projeções de sonhos reais de experiências de descolonização – são compartilhadas livremente enquanto verdadeiras relíquias. As mensagens de valorização e de agradecimento postadas no fórum direcionadas aos membros envolvidos na fabricação deste dossiê demonstra o tom de deslumbre com que tais pessoas receberam tais preciosidades digitais:

Vocês leram a minha mente? Eu estava planejando oferecer uma disciplina sobre [arte africana] este semestre e sou surpreendido por esse dossiê. Muito obrigado !!! (Grupo: Agitadores / janeiro de 2016)

[...] Belíssimo! Obrigado pelo novo Dossiê, e parabéns a todos pelo trabalho árduo. [...] (Grupo: Conselheiros / janeiro de 2016)

Parabéns a todos os envolvidos no novo Dossiê. Ficou uma coisa linda e magnífica. Muito obrigado! (Grupo: Membros / janeiro de 2016)

Mais um projeto de excelência em nosso [Oásis]! Parabéns ao fórum e a todos os envolvidos neste Dossiê. Que orgulho disso tudo... 😊 (Grupo: Tradutores / janeiro de 2016)

É a partir desta perspectiva que desafia a “monocultura da mente” que o projeto político subjacente no ato de criação deste fórum toma a sua forma mais sublime. Assim, os desertos perigosos e estéreis que habitam os ciberespaços são confrontados em sua raiz a partir da fabricação desse oásis – extensão de multiplicidade entendida enquanto uma potente “máquina de guerra” contra a anulação das diversidades e dos projetos alternativos de vivências coletivas. Viajantes perdidos nesta imensidão dos ciberespaços se deparam com a existência deste mundo, no qual preciosos presentes (ou sementes) se dispersam de modo contínuo e vivo. Neste oásis digital, as relíquias não são apenas bens privados exclusivos dos chefes e das autoridades simbólicas, já que todos e todas podem experimentar e usufruir dos bens comuns do conhecimento compartilhados. Essa é a potência e a importância das lutas políticas em torno das “Sementes do Conhecimento”.

6 CONCLUSÃO: “SEMEAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO”

Navegar é Preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso".

Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.
Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

(Fernando Pessoa)

Certa vez, em uma de minhas caminhadas pela comunidade Oásis, deparei-me com uma “frase gloriosa” (inspirada em uma poesia de Fernando Pessoa): “Semear é preciso, viver não é preciso”. Esta frase estava exibida em um “título de membro”, no perfil de uma pessoa que frequenta o Oásis. Quando tive contato com esta frase, ainda muito antes de pensar em escrever esta tese, refleti sobre ela repetidas vezes. Era como se quisesse adentrar nela, captar seus significados escondidos. Assim como Fernando Pessoa, que afirmava em sua poesia “Quero para mim o espírito desta frase”, eu também sentia que existia algo mais profundo nesta “frase gloriosa” (que não sem razão foi escolhida como o título desta tese). Minhas reflexões me conduziam ao entendimento de que esta frase englobava o espírito de algo maior, que poderia resumir e apresentar “o alfa e o ômega” da economia do compartilhamento de arquivos digitais através da internet. Em outras palavras, o “espírito desta frase” parecia nos conduzir à uma interpretação de algo extremamente relevante, quiçá a própria definição do “espírito do compartilhamento” na Web.

Em um mergulho mais profundo nesta frase, observamos alguns elementos chave que demonstram as razões que alicerçam este entendimento. Em sua constituição mais basilar, “Semear é preciso” sugere a importância do *modus operandi* da economia do compartilhamento de arquivos digitais através de redes P2P enquanto uma experiência agrária, que se fortalece e toma forma a partir de diversas e complexas redes-sociotécnicas que terminam por constituir esse ambiente que denominamos “cyberecologia”. Formalizar esse entendimento é sugerir que a economia do compartilhamento de arquivos digitalizados transformados em “sementes digitais” em um nenhum momento perpassa a ideia de uma mera abstração metafórica. É exatamente o contrário que acontece, haja vista que as sementes digitais e toda a cultura do semeio através da internet realmente existem de fato, mesmo que suas evocações possam parecer confusas e misteriosas. Semear arquivos online é, antes de um tudo, uma estratégia de guerra e de resistência. Isso porque tal ação fortalece a cooperação entre pares, além de burlar a centralidade dos mega servidores das grandes empresas da economia da informação. Portanto, semear um arquivo online significa conectar entre pares, mesmo que de forma anônima e descentralizada. O que se conectam são pessoas, mas não somente. Isso porque o que vemos, de fato, são conexões de discos rígidos e de arquivos pessoais interconectados em uma rede que pretende o movimento e a solidariedade.

Assim, o entendimento expresso por esta frase (“Semear é preciso, viver não é preciso”), tomada em seus amplos contextos, fortalece a exigência da existência comunitária, isso em razão das redes de semeio online apenas poderem existir em solos comunitários que se afirmam recíprocos e cooperativos; isto é, para que as sementes digitais possam se fortalecer férteis e vigoradas, será necessário que elas tenham uma zona, um espaço ou mesmo um lar. É a partir deste contexto que justificamos a existência do surgimento deste *corpus* comunitário denominado Oásis (ou mesmo de outras também conhecidas como *comunidades torrent*). O Oásis é uma zona de ingerência para as sementes digitais, além de um espaço de convivência onde acontece a maior parte desta socialidade virtual. Se as sementes digitais se fortalecem enquanto o mecanismo aglutinador dos cyberagricultores, o Oásis nada mais é do que um complexo banco de sementes digitais. E, para tais indivíduos, esse espaço assume um plano sacro exatamente porque é lá onde o compartilhamento dos presentes e dos bens sagrados acontecem. Ou seja, é no Oásis onde os presentes são recebidos, os bens são retribuídos, os arquivos são catalogados e as sementes são germinadas.

Contudo, apesar dos importantes *insights* e reflexões que a antropologia das dádivas nos forneceu para a tessitura desta tese, consideramos válido compor pequenos quadros analíticos que apontam uma necessidade de uma ampliação da reflexão sobre este tema, haja vista os novos contextos nas quais as dádivas estão inseridas, além das implicações de suas complexas relações. No contexto da cyberecologia, pudemos perceber que as relações dadivosas que fundamentam os fluxos dos presentes entre pares assumem novos e imprevisíveis arranjos. Isso porque tais presentes nunca são trocados em relações de diádes, mas ofertados enquanto um “bem público” à toda uma comunidade. E o fenômeno se torna novo e interessante, especialmente quando ressaltamos o processo mágico e ritualístico que faz com que os presentes compartilhados digitalmente sejam copiados e se reproduzam vivamente. Nesse sentido, todos os arquivos digitais solenemente ofertados no Oásis visam a constituição do fortalecimento daquilo que classificamos enquanto “bens comuns do conhecimento”. A ação se constitui de um modo em que quanto mais as pessoas se envolvem com os presentes ofertados, mais vivos e ativos tais arquivos se mantêm nesta configuração relacional.

E a centralidade deste núcleo associativo está na possibilidade da difusão da cópia e em sua força de se apresentar enquanto uma “coisa dada”, trocada, ou melhor, dispersada. A ideia da dispersão foi outro conceito debatido ao longo desta tese, e nesse momento (após explorarmos de forma um pouco mais aprofundada suas implicações para economia do compartilhamento de sementes digitais online) gostaríamos de debater algumas conclusões sobre seus efeitos. Antes de tudo, postulamos que a “antropologia das dádivas” sempre esteve atenta para os movimentos das coisas a partir dos rituais das “trocas de presentes”. E tal ação ocorre em decorrência de algo simples de ser explicitado: as dádivas e os presentes trocados eram diretamente doados de uma pessoa à outra, ou ofertados de uma comunidade para outra comunidade. Nesse sentido, a circulação das dádivas invocava sempre uma ordem que garantia contatos esporádicos e permanentes entre indivíduos, tribos, aldeias e comunidades. Outro fato pertinente consiste na materialização das dádivas, que de algum modo se articula em uma objetificação compreendida enquanto “cultura material”.

Mas como podemos compreender as redes de trocas quando é o ciberespaço o palco das circulações dos presentes? E como podemos definir a natureza desses presentes quando eles se apresentam enquanto “unidades digitalizadas”? O contexto de nossa pesquisa nos leva a supor que é a própria natureza da circulação e da troca que são desafiadas por esses novos arranjos. De fato, os presentes digitalizados trocados entre pares na comunidade Oásis são “objetos materializados”, pois eles existem armazenados em discos rígidos de computadores pessoais dos membros. Com efeito, consideramos um desentendimento analítico supor que eles sejam “imateriais” apenas por serem “digitais”, pois um arquivo de computador é uma coisa tangível e por definição sua existência exige um lugar no espaço. Contudo, a novidade radical que anima os corações e impulsiona as ações daquelas pessoas inseridas na cyberecologia de sementes digitais é exatamente a facilidade desses artefatos de se reproduzirem indefinidamente através de sucessivas cópias. Assim, imaginemos que se a comunidade Oásis pode ser compreendida enquanto um jardim, as sementes digitais que florescem por todos os lados nesse espaço assumem a perspectiva de um jardim clonal, isto é, enquanto um *locus* privilegiado para o florescimento e dispersão das sementes digitais compartilhadas enquanto cópias umas das outras.

Face ao exposto, a ideia da dispersão dos presentes (ou das sementes) engloba um conceito muito mais adequado às particularidades do fenômeno das trocas de arquivos na era da internet. E isso porque as relações dádivas são assumidas por “pessoas fractais”, ou seja, são sujeitos muitas vezes sem nomes e sem rostos que se revelam nas relações cotidianas que dão base e sustentação às experiências de socialidades que constituem as trocas das sementes digitais. E a ideia de dispersão assume uma centralidade nessa discussão, principalmente quando percebemos que aquilo se dispersa (ou seja, os *bytes* informacionais que compõem os arquivos digitais) escorre sempre por caminhos imprevistos e imprevisíveis. Nunca se sabe ao certo quem recebeu os presentes e quem assume a obrigação direta de retribuí-los, e é por isso que a ideia da dispersão nos parece mais adequada do que o conceito que engloba a ideia da circulação ou mesmo da troca.

Quando os *bytes* informacionais que compõem as sementes se dispersam, isso significa que eles caminham de forma análoga aos esporos levados pelos ventos, por exemplo. E por mais que os canais das “redes torrente” assumam a função de coordenar seus movimentos, é sempre a linha do imprevisível que definem suas propagações. Dito de outro modo, se as dispersões das “Sementes da Terra” seguem (em seu estado natural) os fluxos intensos dos movimentos, as dispersões das “Sementes do Conhecimento” assumem contornos semelhantes. Por mais que se tenham um alvo, os movimentos dos “*bytes* libertos” se propagam através da dispersão por um princípio de garantia de eficiência. Assim, coordenados pelas redes, mas dispersos em suas segmentações, os *bytes* (matéria-prima de todas as sementes digitais) poderão fluir de forma torrencial sem que possam ser vigiados ou controlados.

O fenômeno das trocas de presentes nos ambientes cibernéticos também nos interpela em busca de novas dimensões interpretativas quando tentamos compreender as implicações da constituição das identidades nos espaços cibernéticos. De fato, a ideia de uma comunidade virtual povoada por “membros” nos leva a supor que cada um dos aproximadamente 60.000 perfis cadastrados no fórum (até meados de março de 2017) é manipulado por algum indivíduo. Por trás de avatares, nicknames, títulos de membros e grupos escorrem as possibilidades de definições desses indivíduos e de suas personalidades virtuais. Contudo, consideramos válido destacar que as estratégias de ocultamento de traços de personalidades de identificações civis comumente ligados ao Estado (por exemplo,

idade, grau de instrução, local de nascimento, estado civil, raça etc) tornam mais complexas solidificações que conduzam a uma impregnação de poderes e de privilégios em indivíduos. Por mais que alguns membros alcancem algumas posições consideradas de prestígio no fórum, é sempre muito difícil e complicado imaginar que essas zonas exclusivas de poderes escorram por outros ambientes.

Então permanece uma indagação: O que buscam os compartilhadores de sementes digitais? Como vimos ao longo desta, os interesses financeiros e a busca pelo lucro são incisivamente desaprovados nesta específica “economia do compartilhamento”. Entretanto, quando pensamos a respeito das influências de outros capitais simbólicos nesse agrupamento específico (por exemplo, a honra, ou a moral), observamos que é difícil que tais esferas de atuações objetivem suas implicações práticas fora deste espaço virtual. Com isso, gostaríamos apenas de postular que por mais que alguns membros se destaquem por suas efusivas e intensas performances (que perpassam suas habilidades em oferecerem presentes extremamente valiosos), existe sempre uma possibilidade misteriosa e de indefinições nessas redes de socialidade, haja vista que é possível não sabermos exatamente quem são as “nobres pessoas” que atuam na linha de frente da economia do compartilhamento. Em nossa traceabilidade digital, não tivemos um único encontro face a face que resultaram em dados relevantes para pesquisa.

Assim, a comunidade Oásis existe para que certos “bens culturais” digitalizados considerados legítimos fluam de forma torrencial entre pares. Mas nunca é possível definirmos com exatidão quem são esses pares, pois a maior parte da cyberagricultura acontece no silêncio, de modo anônimo e imprevisível (apesar de extremamente participativa e cooperativa). Por fim, concluímos que um dos traços mais importantes da cyberecoologia talvez esteja objetivada na perspectiva do “animismo maquínico”. Com isso, nunca podemos perder de vista o entendimento de que os artefatos (sejam eles digitais ou atuais, tecnológicos ou naturais) são importantes para as pessoas porque eles garantem uma continuidade (e nunca uma quebra) da experiência humana. Assim, ao postularmos que tal perspectiva formaliza antropologicamente o entendimento de que “tudo tem alma”, podemos enfim compreender em que medida arquivos de computadores podem assumir essa perspectiva sensível, viva ou mesmo sagrada. Tudo isso nos leva a supor que, longe de qualquer metáfora, uma semente digital é uma “coisa viva” porque possui alma.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AGUAYO, Beatriz Eugenia Cid; HINRICHS, Javiera Soledad. Curadoras de semillas: entre empoderamiento y esencialismo estratégico. **Estudios Feministas**. 23(2): 347-370, 2015.

ASSANGE, Julian (et. al.). **Cypherpunks: freedom and the future of the internet**. New York; London: OR Books, 2012.

BAMFORD, James. **The shadow factory: the ultra-secret NSA from 9/11 to the eavesdropping on America**. New York; London: Doubleday, 2008.

BANKS, Michael A. **On the way to the web: the secret history of the internet and its founders**. New York: Apress, 2008.

BARRY, Andrew; THRIFT, Nigel. Gabriel Tarde: imitation, invention and economy. **Economy and Society**. 36(4): 509-525, 2007.

BASKIN, Carol; BASKIN, Jerry. **Seeds: ecology, biogeography and evolution of dormancy and germination**. San Diego; San Francisco; New York; Boston; London; Sydney; Tokyo: Academic Press, 2001.

BECKER, Howard. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: sociologia**. São Paulo: Ática, 1991. p. 44-54.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed., 2005,

BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

BORN, Georgina. On Tardean relation: temporality and ethnography. In: CANDEA, Matei (ed.). **The social after Gabriel Tarde: debates and assessments**. London; New York: Routledge, 2010. p. 230-247.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: estruturas do cotidiano**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1995[1979].

BRYNJOLFSSON, Erik; SAUNDERS, Adam. **How information technology is reshaping the economy**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2010.

BUSTAMANTE, Enrique. Cultural industries in the Digital Age: some provisional conclusions. **Media, Culture & Society**. 26(6): 803–820, 2004.

CALLON, Michel. Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado. O papel das redes sociotécnicas. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 64-79.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Meneses de. **A história da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Engenharia, 2006.

CARVALHO, Horácio Martins de. Introdução. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.) **Sementes: patrimônio do povo à serviço da humanidade**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. p. 7-14.

CHOPRA, Samir; DEXTER, Scott D. **Decoding liberation: the promise of free and open source software**. New York; London: Routledge, 2008.

CLIFFORD, James. Introducción: Verdades parciales. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (eds.). **Retóricas de la antropología**. Barcelona: Jucar, 1991. p. 25-60.

DEIBERT, Ronald; ROHOZINSKI, Rafal. Beyond denial: introducing next-generation information access controls. In: DEIBERT, Ronald (et al.). **Access controlled: the**

shaping of power, rights, and rule in cyberspace. Cambridge; London: The MIT Press, 2010. p. 3-14.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. São Paulo. Editora 34, 2012.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, George. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIEHL, Eric. **Securing digital video: Techniques for DRM and Content Protection**. Springer; Heidelberg; New York; Dordrecht; London: Springer, 2012.

DYENS, Ollivier. The emotion of cyberspace: art and cyber-ecology. **Leonardo**. 27(4): 327-333, 194.

ELIAS, Norbert; SCOTSON; John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FALKVINGE, Rick. **Swarmwise: the tactical manual to change the world**. North Charleston: CreateSpace Publishing Plataform, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**. 13: 155-161, 2005.

GIBSON, Willian. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 2016 [1984].

GILDER, George. **Telecosm: how infinite bandwidth will revolutionize our world**. New York: The Free Press, 2000.

GOLDMAN, Marcio; LIMA, Tânia Stolze. Como se faz um grande divisor? In: GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 83-92.

GORHAM, Michael; SINGH, Nidhi. **Electronic exchanges: the global transformation from pits to bits**. New York: Elsevier Inc., 2009.

GORZ, André. **Ecológica**. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005,

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 [1990]. p. 33-118.

HUGHES, Everett C. Psychologie économique: an unknown classic by a forgotten sociologist. **American Journal of Sociology**. 66(6): 553-559, 1961.

JOHN, Nicholas A. Sharing and Web 2.0: The emergence of a keyword. **New Media & Society**. 15(2):167–182, 2012.

JONES, Meg Leta. **Ctrl + Z**: the right to be forgotten. New York; London: New York University Press, 2016.

JORDAN, Tim. **Cyberpower**: the culture and politics of cyberspace and the Internet. London; New York: Routledge, 1999.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Práticas ciberativistas, agência social e ciberacontecimentos. **Vivência: revista de antropologia**. 45(1): 13-22, 2015.

JURIS, Jeffrey S.; CARUSO, Giuseppe; MOSCA, Lorenzo. Free software and opening space: social forums and the cultural politics of technology. **Societies Without Borders**. 3: 96-117, 2008.

KELTY, Christopher M. **Two bits**: the cultural significance of free software. Durham; London: Duke University Press, 2008.

KENT, Mike. Strangers in the swarm. In: BRABAZON, Tara (Ed.). **Digital dialogues and community 2.0**: after avatars, trolls and puppets. Oxford; Cambridge; New Delhi: Chandos Publishing, 2012. p. 87-98.

LAMBEK, Michael. The hermetics of ethical encounters: between traditions and practices. HAU: **The Journal of Ethnographic Theory**. 5(2): 227-250, 2015.

_____. (Ed.). **Ordinary ethics**: anthropology, language and action. New York: Fordham University Press, 2010.

LATOURE, Bruno. **An inquiry into modes of existence**: an anthropology of the moderns. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 2013.

_____. Tarde's idea of quantification. In: CANDEA, Matei (ed.). **The social after Gabriel Tarde: debates and assessments**. London; New York: Routledge, 2010. p. 145-162.

_____. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. Technology is society made durable. In: LAW, John (Ed.). **A sociology of monsters: essays on power, technology and domination**. London; New York: Routledge, 1991. p. 103-131.

LATOURE, Bruno; LÉPINAY, Vicent Antonin. **The science of passionate interests: an introduction to Gabriel Tarde's economic anthropology**. Chicago: Prickly Paradigm Press, LLC, 2009.

LAVIGNE, Carlen. **Cyberpunk women, feminism and science fiction: a critical study**. Jefferson; North Carolina; London: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2013.

LAW, John. Introduction: monsters, machines and sociotechnical relations. In: LAW, John (Ed.). **A sociology of monsters: essays on power, technology and domination**. London; New York: Routledge, 1991. p. 1-25.

LAZZARATO, Maurizio. **Puissances de l'invention**. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2001.

LÉON, Irene. Mulher, vida e sementes. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.) **Sementes: patrimônio do povo à serviço da humanidade**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. p. 209-227.

LÉPINAY, Vicent-Antonin. Economy of the germ: capital, accumulation and vibration. **Economy and Society**. 36(4): 526-548, 2007.

LESSIG, Lawrence. Open code and open societies. In: FELLER, Joseph (et al.). **Perspectives on free and open source software**. Cambridge; London: The MIT Press, 2005. p. 349-360.

LLOYD, A. H. The organic theory of society. Passing of the contract theory. **American Journal of Sociology**. 6(5): 577-601, 1901.

MALKHI, Dahlia. P2P. In: KAO, Ming-Yang (Ed.). **Encyclopedia of algorithms**. Evanston: Springer, 2008. p. 611-616.

MARIN, Olivier; MONNET, Sébastien; THOMAS, Gael. Peer-to-peer storage. In: HADDAD, Serge (et al.). **Distributed systems: design and algorithms**. London; Roboken: ISTE Ltd; John Wiley & Sons, Inc., 2011. p. 59-80.

MASON, Matt. **The pirate's dilemma: how youth culture is reinventing capitalism**. New York, London, Toronto, Sydney: Free Press, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1925]. p. 183-314.

MAZURCZYK, Wojciech; DROBNIAK, Szymon; MOORE, Sean. Towards a systematic view on cybersecurity ecology. In: AKHGAR, Babak; BREWSTER, Ben (eds.). **Combatting cybercrime and cyberterrorism: challenges, trends and priorities**. London: Springer, 2016. p. 17-37.

McCOURT, Tom; BURKART, Patrick. When creators, corporations and consumers collide: Napster and the development of on-line music distribution. **Media, Culture & Society**. 25: 333–350, 2003.

MERRIDEN, Trevor. **Irresistible forces: the business legacy of Napster & the growth of the underground internet**. Oxford: Capstone Publishing Limited, 2001.

MILLER, Daniel. Sterilizing cyberspace. **New Left Review**. 51(2): 154-160, 2008.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA; CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À PIRATARIA E DELITOS CONTRA A PROPRIEDADE INTELECTUAL (CNCP). **Brasil Original: compre essa atitude**. Ministério da Justiça, 2011.

MIZUKAMI, Pedro (et. al.). Brazil. IN: KARAGANIS, Joe (ed.). **Media piracy in emerging economies**. Social Science Research Council, 2011. p. 219-304.

MOUNIER, Pierre. **Os donos da rede**: as tramas políticas da internet. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MOROZOV, Evgeny. **The net delusion**: the dark side of the internet freedom. New York: Public Affairs, 2011.

NABHAN, Gary Paul. Foreword - Learning the language of fields and forests. In: THOREAU, Henry David. **Faith in a seed**: the dispersion of seeds & other late natural history writings. Washington: Island Press, 1993. p. xi-xvii.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes de. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. 55(2): 379-399, 2016.

O'REILLY, Tim. The open source paradigm shift. In: FELLER, Joseph (et al.). **Perspectives on free and open source software**. Cambridge; London: The MIT Press, 2005. p. 461-482.

PACCITI; Esther; AKBARINIA, Reza; EL-DICK, Mana. **P2P techniques for decentralized applications**. Ontario: Morgan & Claypool Publishers, 2012.

PARK, Robert E. Sociology and the social sciences: The social organism and the collective mind. **American Journal of Sociology**. 27(1): 1-21, 1921.

PATTEN, S. N. The organic concept of society. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**. 5: 88-93, 1894.

PAVLOSKI, Evanir. **A distopia do indivíduo sob controle**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPR), 2005.

PEREIRA DA SILVA, Silvado. Internet em redes de alta velocidade: concepções e fundamentos sobre banda larga. In: PEREIRA DA SILVA, Silvado; BIONDI, Antonio (Orgs.). **Caminhos para a universalização da internet banda larga**: experiências internacionais e desafios brasileiros. São Paulo: Intervezes, 2012. p. 23-50.

PINHEIRO, Sebastião. Sementes são o saber e a liberdade. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.) **Sementes**: patrimônio do povo à serviço da humanidade. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. p. 303-321.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. O espectador emancipado. **Urdimento**. 15: 107-122, 2010.

_____. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental.org; Ed. 34, 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. What's in a copy? **Vibrant**. 10(1): 20-39, 2013.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. São Paulo: MAKRON Books, 2001.

RUEN, Chris. **Freeloading**: How our insatiable hunger for free content starves creativity.

RYAN, Johnny. **A history of the internet and the digital future**. London: Reaktion Books, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.

SHIRKY, Clay. Epilogue: Open source outside the domain of software. In: FELLER, Joseph (et al). **Perspectives on free and open source software**. Cambridge; London: The MIT Press, 2005. p. 483-488.

SHIVA, Vandana. **Biopiracy**: the plunder of nature and knowledge. Berkeley; California: North Atlantic Books, 2016.

_____. **The corporate control of life / Die Kontrolle von Konzernen über das Leben**. Kassel; Ostfildern: Erschienen im, 2011.

_____. Earth democracy: beyond dead democracy and killing economies. **Capitalism Nature Socialism**. 21(1): 83-95, 2010.

_____. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

_____. **The violence of the green revolution**: third world agriculture, ecology and politics. London; New Jersey: Zed Books Ltd., 1993.

_____. **Staying alive**: women, ecology and survival in India. New Delhi: KALI FOR WOMEN; London: Zed Books Ltd., 1988.

_____. BANDYOPADHYAY, Jayanta. The evolution, structure, and impact of the Chipko Movement. **Mountain Research and Development**. 6(2): 133-142, 1986.

_____; LOCKHART, Caroline; SHROFF, Ruchi (eds.). **The law of the seed**. Firenze: Navdanya International, 2013.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ambivalências, liberdade e controle dos ciberviventes. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil; Maracá: Educação e Tecnologias, 2010. p. 64-85.

_____. Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato. **Comunicação & Sociedade**. 30(51): 113-134, 2009.

SOUZA, Valdomiro José de. **Projeto genoma humano**: utopia do homem geneticamente modificado. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

STRATHERN, Marilyn. O que busca a propriedade intelectual? In: STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naif, 2014. p. 407-437.

_____. **Fora de contexto**: as ficções persuasivas da antropologia (seguido de comentários e respostas). São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

_____. **Partial connections**. Walnut Creek; Lanham; Oxford; New York; Toronto: AltaMira Press, 2004.

SWARTZ, Aaron. **Guerilla Open Access Manifesto**. Disponível em: https://archive.org/stream/GuerillaOpenAccessManifesto/Goamjuly2008_djvu.txt. (Acesso em 10 de fevereiro de 2014).

TARDE, Gabriel. Economic psychology. **Economy and Society**. 36(4): 614-643, 2007a.

_____. **Monodologia e Sociologia** – e outros ensaios. São Paulo, Cosac Naify, 2007b.

_____. The nature and scope of sociology. In: CLARK, Terry N. (ed.). **On communication and social influence: selected papers**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2010. p. 73-142.

_____. **Psychologie économique**. Paris: F. Alcan, 1902.

TEDLOCK, Barbara. From participant observation to the observation of participation: the emerge of narrative ethnography. **Journal of Anthropological Research**. 47(1): 69-94, 1991.

TELLES, Vera da Silva. Deslocando o ponto da crítica: indagações a partir de realidades urbanas em mutação. **Revista de Estudos Universitários**. 33(1): 13-28, 2007.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

THOREAU, Henry David. **Faith in a seed: the dispersion of seeds & other late natural history writings**. Washington: Island Press, 1993.

VALENTIM, Daniel. **Unidos pelo controle: uma etnografia das práticas de sociabilidades dos cyberatletas do futebol digital**. Dissertação (mestrado). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2012.

VEENA DAS. Ordinary ethics. In: FASSIN, Didier (ed.). **A companion to moral anthropology**. Malden; Oxford: John Wiley & Sons, 2012. p. 133-149.

VIEIRA, Miguel Said. **Os bens intelectuais e a mercantilização**. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014.

VIRILIO, Paul. **Information bomb**. London; New York: Verso, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Novos Estudos CEBRAP**. 77: 91-126, 2007.

_____. O nativo relativo. **Mana**. 8(1): 113-148, 2002.

XIA, Zheng You; BU, Zhan. Cyber computing: from plant ecology to cyber ecology. **Advanced Materials Research**. 756-759: 1865-1869, 2013.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System**: capitalist agriculture and the origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2011[1974].

WÄRNERDYD, Karl-Eric. The psychological underpinnings of economics: Economic psychology according to Gabriel Tarde. **The Journal of Socio-Economics**. 37: 1685–1702, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILSON, Samuel; PETERSON, Leighton. **The anthropology of online communities**. Annual Review of Anthropology. 31: 449-467, 2002.

YAR, Majid. **Cybercrime and society**. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications, 2006.

YUS, Francisco. Not all emoticons are created equal. **Linguagem em (Dis)curso**. 14(3): 511-529, 2014.